Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Linguística
Programa de Pós Graduação em Semiótica e Linguística Geral

HOMOSSEXUALIDADE PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA

Análise semiótica de depoimentos

EDITH LOPES MODESTO DOS SANTOS

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Semiótica e
Linguística Geral do Departamento de
Linguística da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a obtenção
do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros

São Paulo - 2010

HOMOSSEXUALIDADE PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA

Análise semiótica de depoimentos

**Edith Lopes Modesto dos Santos
(Edith Modesto)**

**A Diana Luz Pessoa de Barros,
competente orientadora e
querida amiga.**

**A Lauro Modesto, meu marido,
com muito amor.**

Agradecimentos

Agradeço aos meus professores da pós-graduação da FFLCH-USP – Profa. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros, Profa. Dra. Norma Discini, Prof. Dr. José Luiz Fiorin, Prof. Dr. Luiz Tatit, Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes – que, com grande competência e disponibilidade, me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço ao meu filho, Flavio Modesto, pelos desenhos realizados em computador. Agradeço ao meu filho, Marcello Modesto, pelas leituras críticas, diagramação e grande incentivo.

Resumo

Esta tese é sobre o preconceito e intolerância contra a homossexualidade, a partir da análise semiótica de depoimentos de mães heterossexuais e de filhos homossexuais, brasileiros.

O trabalho divide-se em introdução, quatro capítulos principais, conclusão, bibliografia e anexos.

Na introdução, delineou-se o contexto externo em que se desenvolve a dificuldade de aceitação das mães heterossexuais a seus filhos homossexuais e um apanhado geral do trabalho. O contexto interno foi considerado como o resultado do cruzamento comparativo de centenas de depoimentos analisados, de mães e filhos.

Utilizou-se, como embasamento teórico, a semiótica de tradição francesa e seu instrumental de análise e a tese divide-se como segue:

O primeiro capítulo traz a metodologia que foi utilizada e os objetivos do trabalho. O principal objetivo foi analisar como são construídos os discursos de rejeição e/ou os discursos de aceitação da homossexualidade de filhos por suas mães, heterossexuais. Em contrapartida, foram analisados os discursos dos filhos.

O segundo capítulo tratou do preconceito, de mães e dos filhos, anterior à descoberta da homossexualidade.

No terceiro e quarto capítulos da tese, relacionou-se o percurso discursivo passional de rejeição/aceitação das mães à sua influência no percurso passional de autoaceitação dos filhos e levantou-se os principais tipos de paixões e ações apaixonadas que esses discursos manifestam.

Examinou-se também a organização discursivo-passional e da enunciação de milhares de depoimentos, relacionando texto e contexto via enunciação. A partir disso, foi feito o levantamento de semelhanças e diferenças qualitativas, entre os percursos de aceitação das mães a seus filhos homossexuais, na última década (2001 a 2010).

Abstract

This dissertation deals with prejudice and intolerance against homosexuality, based on the semiotic analysis of statements of Brazilian heterosexual mothers of homosexual sons and daughters.

The study is divided in an introduction, four main chapters, conclusion, bibliographic references and addenda.

The introduction discusses the external context in which mothers develop a difficulty in accepting the homosexuality of their sons, and an outline of the whole dissertation. The internal context of the problem, on the other hand, is taken to be the outcome of the comparison of hundreds of statements, by mothers and sons.

French semiotic theory was used as the theoretical background for the analysis and the dissertation is divided as follows:

The first chapter lays out the methodology used and the objectives of this study. The main objective was to analyze how rejection and/or acceptance discourses are constructed with respect to the homosexuality of their sons by their heterosexual mothers. In tandem, the discourses of homosexual sons and daughters were analyzed.

The second chapter deals with prejudice, from the perspective of mothers and sons, preceding the unveiling of homosexuality.

The third and forth chapter explain the relation between the rejection/acceptance passional discursive trajectory of the mothers and the auto-acceptance passional trajectory of the sons. There, the main kinds of passions and passionate actions that are manifested in the discourses are listed and discussed.

Other objects of inquiry are the discursive-passional organization and the enunciation of thousands of statements, relating text and context through the enunciation. Based on that, the study maps the qualitative similarities and differences between the trajectories of acceptance by mothers of their homosexual sons in the first decade of the XXI century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS.....	12
1.1 Considerações iniciais	12
1.2 Teoria e metodologia	13
1.3 Preconceito e Intolerância	18
2. ANÁLISE NARRATIVA e DISCURSIVO-PASSIONAL DOS DEPOIMENTOS	31
2.1 Considerações iniciais	31
2.2 Preconceitos de mães e filhos, anteriores à descoberta.....	35
3. PERCURSOS NARRATIVOS E DISCURSIVO-PASSIONAIS DOS FILHOS	45
3.1 Considerações iniciais	45
3.2 Dois desafios: aceitar-se e “sair do armário”	48
3.2.1 Autoaceitação: o primeiro desafio	48
3.3 Principais efeitos passionais e acionais dos conflitos da autoaceitação	69
3.3.1 “Sair do armário”: o segundo desafio	76
3.4 Principais efeitos passionais de “sair do armário”.....	95
3.4.1 O sentimento de inferioridade e a vergonha.....	111
3.4.2 Filhos que se autorrejeitam	117
3.4.3 Filhos que são rejeitados.....	120
3.4.4 Um código de honra	125
3.4.5 Ideologia, autoestima e autorrespeito.....	130
4. PERCURSOS NARRATIVOS E DISCURSIVO-PASSIONAIS DAS MÃES	133
4.1 Considerações iniciais	133

4.2 Descoberta: o acontecimento inesperado.....	136
4.2.1 Tipos de descoberta	138
4.2.2 Principais efeitos passionais da descoberta	140
4.3 Um duplo contrato: o filho deve ser heterossexual; o amor de mãe deve ser incondicional	156
4.3.1 Negação da homossexualidade dos filhos	162
4.4 A busca cognitiva: mães e filhos querem saber.....	171
4.5 Principais efeitos passionais decorrentes dos conflitos	177
4.5.1 O medo e a vergonha	178
4.5.2 A inveja.....	190
4.6 Percursos de rejeição das mães a seus filhos homossexuais	194
4.6.1 “Políticas de exclusão”	195
4.6.2 Paixões de malquerença e atos de intolerância	198
4.7 Aceitação	226
4.7.1 Início do processo de aceitação	227
4.7.2 A culpa e o remorso	232
4.7.3 Conformação e resignação.....	238
4.7.4 Mães “saindo do armário”	246
4.7.5 Mães e filhos “fora do armário”	251
4.7.6 Aprovação e valorização	253
CONCLUSÃO	258
BIBLIOGRAFIA	261
ANEXOS	268

INTRODUÇÃO

Nesta tese, os temas escolhidos para estudo são os do preconceito e intolerância em relação à diversidade de orientação sexual,¹ especificamente contra a homossexualidade, manifestados através de depoimentos de mães heterossexuais e de filhos homossexuais.

O nosso interesse justifica-se, principalmente, pelo forte preconceito e intolerância que a sociedade brasileira ainda sente contra a homossexualidade e as pessoas homossexuais.²

A afirmação acima está apoiada, em primeiro lugar, na pesquisa de opinião pública realizada pela Fundação Perseu Abramo, em parceria com a ONG alemã, Rosa Luxemburg Stiftung, em junho de 2008 (anexo 1). O trabalho de pesquisa³ foi coordenado pelo Professor Doutor Gustavo Venturi Júnior⁴ e é um trabalho realizado com cunho acadêmico e de iniciativa mais social do que propriamente política. Os resultados dessa pesquisa foram replicados por formadores de opinião e veiculados e comentados intensamente pelas mídias, (anexo 2).

A escolha dos temas, do preconceito e da intolerância, justifica-se também pelo número de assassinatos de pessoas homossexuais, que são perpetrados no Brasil, levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), sob a

¹ A orientação sexual é o sentimento de atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra. Essa atração pode ser: por alguém do sexo oposto e, nesse caso, a pessoa é heterossexual; por alguém do mesmo sexo e, nesse caso, a pessoa é homossexual; por ambos os sexos e, nesse caso, a pessoa é bissexual. MODESTO et alii. Diversidade Sexual na Escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. São Paulo, PROSARE, MACARTHUR, CORSA, ECCOS. 2006, p. 19.

² Pessoa que se relaciona afetiva e/ou sexualmente com outra do mesmo sexo.

³ Em relação à importância de uma pesquisa de opinião (anexo1) damos a palavra a Landowski, um pesquisador social que trabalha com opinião pública (1992:19 a 43). De acordo com ele, pelo valor informativo dado ao levantamento e pelo uso de seus resultados como caução de “verdade científica” – veiculada e defendida por seus porta-vozes jornalistas e homens políticos –, podemos concluir que a “opinião pública” existe como realidade sêmio-lingüística e a expressão “opinião pública” possui um sentido sêmio-narrativo de sujeito coletivo. (1992:20)

⁴ Gustavo Venturi Junior é Professor do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (efetivo desde 2008). Possui doutorado em Ciência Política (2003) e mestrado em Sociologia (1995), ambos pela USP. Estruturou e coordenou o Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo (1997/08), onde desenvolveu pesquisas de cultura política e estudos articulados pela questão dos marcadores sociais de diferença (gênero, raça, juventude, velhice e diversidade sexual). É membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Pesquisadores de Mercado, Opinião e Mídia (ASBPM) e assina a coluna Opinião Pública da revista Teoria e Debate desde 2007. A pesquisa completa está disponível no Portal da Fundação Perseu Abramo. (Texto informado pelo autor) Currículos Lattes.

coordenação do Professor Doutor Luiz Mott. De acordo com esse pesquisador, “o Brasil é o campeão mundial de crimes de homofobia.” (anexo 3). Esses crimes de intolerância podem ser exemplificados com o assassinato, por um grupo de *skinheads*, de um jovem gay de 14 anos, no Rio de Janeiro, em 2010, (anexo 4).

Finalmente, a relação dos 78 direitos negados aos casais homossexuais também justifica o interesse pelo tema. A lista foi veiculada virtualmente pela “Central de Notícias Gays”, em 2010, (anexo 5).

A pesquisa de opinião pública, a que nos referimos, denomina-se *Pesquisa sobre Diversidade Sexual e Preconceito no Brasil - Intolerância e Respeito às Diferenças Sexuais, nos Espaços Público e Privado*. Os dados da pesquisa foram coletados através de levantamento público, em junho de 2008. De acordo com o especialista, “é a mais recente pesquisa social sobre o assunto do Núcleo de Opinião Pública (NOP)”, no Brasil:

Venturi divulga dados importantes da pesquisa:

Para definir quais prioridades a investigar, foram convidados entidades e pesquisadores dedicados ao combate e ao estudo da estigmatização e da discriminação dos indivíduos e grupos, dentro de vários assuntos – religiosos, étnicos, sociais, etc. – e, entre outros, àqueles relacionados à diversidade de orientação sexual.

Foram entrevistados 2.014 adultos nas cinco regiões do país (150 cidades), nas palavras do pesquisador para os jornais, “por especialistas, com técnica especializada em entrevista, (Anexo 2).

O pesquisador, em seus informes sobre os resultados, depois de interpretar os dados, relata que nessa pesquisa o preconceito mostra três aspectos: “o preconceito assumido”, “o preconceito velado” e o “preconceito dos outros”. Desse modo, segundo ele, mostraram-se na pesquisa aspectos de ordem cognitiva de três modos diferentes.

Sobre o preconceito velado, o pesquisador relata e comenta:

De acordo com os pesquisadores, os preconceituosos disfarçados – durante a entrevista de mais de uma hora – acabaram desvelando o que talvez escondessem até de si mesmos. Por exemplo, diziam aceitar a

homossexualidade, mas não gostariam de ter um homossexual como vizinho, colega de trabalho, ou ter que se relacionar com um médico, dentista ou professor homossexual, por exemplo.

Destacamos entre os resultados informados por Venturi aqueles que mais interessam ao nosso trabalho de pesquisa:

**a) 92% dos entrevistados concordaram com a afirmação:
“Existe preconceito contra gays e lésbicas.”**

Quanto a isso, diz Venturi:

O fenômeno de atribuir o preconceito aos outros sem reconhecer o próprio era esperado, posto que, por definição, a atitude preconceituosa é politicamente incorreta. No entanto, chamaram a atenção dos pesquisadores, neste caso, as taxas relativamente elevadas de pessoas que admitem ter preconceito contra pessoas homossexuais.

E o pesquisador levanta duas hipóteses, não necessariamente excludentes, para explicar o contraste entre o que é politicamente correto, na opinião dele – respeitar a diversidade de orientação sexual – e a confissão de o preconceito contra os homossexuais ser maior do que o preconceito étnico-racial:

A maior admissão de preconceito contra LGBTs seria expressão de um preconceito efetivamente mais arraigado, mais assimilado e menos criticado socialmente. A alta disseminação de piadas sobre “bichas”, “veados” ou “sapatonas”, por exemplo, e sua aceitação social, como atesta a presença cotidiana de personagens caricaturais em novelas e programas de TV, considerados humorísticos, também seriam evidências disso.

[...] a maior admissão de preconceito contra LGBTs tem a ver com a “natureza” da identidade sexual – para muitos vista como uma opção ou preferência –, em contraste com as identidades “raciais” ou etárias – que, de modo evidente, independem das escolhas individuais –, sendo assim não passíveis de crítica (ao menos desse ponto de vista) e, conseqüentemente, é mais incorreto discriminá-las.

Assim,

b) 31% discordam da afirmação: “ser homossexual não é uma escolha, mas uma tendência ou destino que já nasce com a pessoa”; 18% concordam somente em parte com a afirmação acima; 37% das pessoas concordam totalmente com a afirmação.

E Venturi conclui:

Ora, se eu acho que é gay ou lésbica quem quer, posso considerar sua opção um erro e punir (discriminar, rejeitar) quem a faz.

Vemos que o primeiro argumento de Venturi é social, pois relacionado à comunicação de conceitos negativos sobre a homossexualidade, conceitos que são divulgados pela mídia e reforçam o preconceito entre as pessoas.

O segundo argumento tem base biológica. Não foi comprovado cientificamente que a homossexualidade tem causa natural e espontânea, portanto, de acordo com o pesquisador, ser homossexual pode ser interpretado como uma escolha de pessoas sem caráter, que devem ser castigadas, por exemplo, com atos de intolerância.⁵

Mas a diferente orientação sexual também pode ser avaliada como uma doença:

c) 40% dos entrevistados concordam com a afirmação: “A homossexualidade é uma doença que precisa ser tratada”.

Grande parte das pessoas acredita em uma causa física (causa biológica) ou emocional para a homossexualidade, apesar de Associações e Conselhos

⁵ Desse modo, parece justificar-se a necessidade de um tipo de manipulação pela intimidação. Por exemplo, uma lei que criminalize atos de intolerância causados pela homofobia, pois, poderosa, a existência da lei possibilitará – pelo /dever-ser/ e /dever-fazer/ – mudar cognitivamente e pragmaticamente o sujeito em relação à diversidade de orientação sexual.

formados por médicos e por psicólogos, no exterior e no Brasil, terem negado essa possibilidade:

A homossexualidade não é uma doença física, nem é um problema psicológico. Em, 1973, a APA (Associação Brasileira de Psiquiatria) retirou a homossexualidade do seu “Manual de Diagnósticos e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM)”, com base em estudos, demonstrando que a homossexualidade nada mais é do que uma variação possível e legítima de manifestação do desejo sexual.

No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a não considerar a homossexualidade uma doença mental ou física.

Em 1999, foi publicada uma resolução do Conselho Federal de Psicologia que normatizou a conduta dos psicólogos quanto à questão: “... Os psicólogos não colaborarão com eventos ou serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.” (MODESTO, 2008:45-46).

d) 92% dos entrevistados concordaram com a frase: “Deus fez o homem e a mulher com sexos diferentes para que cumpram seu papel e tenham filhos”.

De acordo com os pesquisadores, esses “dados revelam o tamanho da colaboração religiosa para a intolerância contra a diversidade sexual”. O poder dos religiosos como formadores da “opinião pública”, isto é, como destinadores de um “saber” e um “crer”, é inquestionável.

e) 57% das pessoas concordam com: “As pessoas bissexuais não sabem o que querem, são mal resolvidas”.

Na opinião dos pesquisadores, “claras expressões de preconceito”.

A pesquisa de opinião não considerou o fato que apareceu em trabalho realizado por nós para o livro “Vidas em arco-íris”. Na nossa pesquisa, a maioria dos entrevistados homossexuais, assumidos, endossou a opinião desses 57%, sobre a questão da bissexualidade. A pesquisa demonstrou que, muitas vezes, o

sujeito homossexual se diz bissexual porque tem vergonha e medo do julgamento social e suas consequências, conforme vemos no exemplo:

Tiago (22 anos) – *Pode parecer preconceituoso, mas a maioria das pessoas que conheço que se autointitula bissexual é um gay ou uma lésbica enrustidos. Não têm coragem...* (MODESTO, 2006:94).

f) 23% dos entrevistados concordaram com a frase: “Mulher vira lésbica porque não conheceu um homem de verdade”.

O verbo “virar” indica um programa narrativo complexo, em que o sujeito “mulher” teria de realizar um programa de uso – “arrumar um homem de verdade” – que a levaria a um programa narrativo de base, “ser heterossexual”.

g) 45% dos entrevistados concordaram com: “Quase sempre os homossexuais são promíscuos”.

No livro “Vidas em arco-íris” (Modesto, 2006), na maioria das respostas à pergunta acerca da aventada promiscuidade dos gays, os entrevistados falam da sociedade como quem impõe as regras, discrimina e joga os homossexuais para a marginalidade.⁶

h) 50% dos entrevistados concordaram com a frase: “Casais de gays ou lésbicas não deveriam andar abraçados ou ficar se beijando em lugares públicos”.

⁶ Sobre a promiscuidade, entrevistado por nós para o livro “Vidas em arco-íris”, disse Lula Ramires, militante do Grupo CORSA - Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor, e um dos membros da diretoria da nossa ONG: GPH – Associação Brasileira de Pais e Mães de Homossexuais:

Lula Ramires (militante) – (42 anos) [...] *eu acho que as relações homossexuais são precárias porque são clandestinas, na sua esmagadora maioria... então, quando você pensa: um rapaz... Um adolescente de 15, 16 anos... Está namorando uma garota e a família sabe, os colegas, sabem, os professores sabem, no momento em que esse relacionamento se rompe, existe uma cobrança e uma pressão da sociedade [...]* No caso dos homossexuais, ninguém nem ficou sabendo que eles estavam juntos, nem que terminou... Eu acho que isso vem de condições sociais... (MODESTO, 2006:129).

i) 47% dos entrevistados concordaram com a frase: “Casais de gays ou de lésbicas não deveriam criar filhos”.

Os dois últimos resultados mostram o apoio potencial a medidas discriminatórias contra as pessoas homossexuais, manifestado nas frases.

j) 37% das pessoas que participaram da pesquisa concordam com: “A homossexualidade é safadeza e falta de caráter”

k) 34% concordam com: “Os gays são os principais culpados pelo fato da AIDS estar se espalhando pelo mundo”.

De acordo com a interpretação de Venturi, o público entrevistado conclui: [...] *se a homossexualidade não é uma característica natural do ser humano, só poderá ser uma escolha de gente sem moral, sem caráter.* [...]

Finalmente, citamos literalmente parte dos comentários e conclusões de Venturi:

Em suma, a primeira leitura desta pesquisa dá números ao que já se suspeitava: por trás da imagem de liberalidade que o senso comum atribui ao povo brasileiro, particularmente em questões comportamentais e de sexualidade, há graus de intolerância com a diversidade sexual, bastante elevados – coerente, na verdade, com a provável liderança internacional do Brasil em crimes homofóbicos. [...] (Anexos 3 e 4).

Quando Venturi diz “dá números ao que já se suspeitava”, além da credibilidade do discurso de uma autoridade em levantamentos de opinião, ele aproxima dois tipos de saber: saber intuitivo vs. saber científico. Em ambos, no saber intuitivo e no saber científico, de acordo com o quadro de valores atual, a orientação sexual diferente daquela da maioria aparece como algo negativo e passível de castigo.

Ainda justificando a escolha desse tema, como desenvolvemos um trabalho de ativismo em diversidade de orientação sexual e sempre nos interessamos por semiótica, tentamos aproximar os dois interesses: o ativismo em favor da

aceitação da diversidade de orientação sexual e a análise semiótica dos discursos de perspectiva francesa.

A figura do “viado”, o safado, imoral, pecador, doente, viciado, assim como a figura do gay, o mais inteligente, sensível, criativo, educado, bom filho, são estereótipos construídos semioticamente. Eles se reforçam na proporção do uso que se fazem deles, papéis em que os agentes de opinião – religiosos, professores, pesquisadores, militantes, médicos, psicólogos, jornalistas, artistas, desportistas – e o reforço da mídia, são determinantes. O nosso trabalho ativista (voluntário), de modo geral, é uma luta pela diminuição do preconceito, portanto também é um trabalho de prevenção a atos de intolerância que o preconceito desencadeia, principalmente dentro da família.

No entanto, a proximidade do nosso trabalho de pesquisa com os fatos sociais, com os quais entramos em contato no dia-a-dia, pede ressaltarmos que, nesta tese, como analista do discurso, não trataremos da natureza das coisas como elas acontecem na nossa vivência mas, sim, dos sentidos engendrados nos textos e pelos textos, que analisaremos com o auxílio de teoria e método.

De qualquer modo, tentar aliar a semiótica às diversas esferas de comunicação, incluindo a da militância – um fazer relacionado à Antropologia, Sociologia, História, Educação, etc. –, não é paradoxal, pelo contrário, é muito pertinente, de acordo com o depoimento a seguir:

[...] Um dia, por ocasião de um grande colóquio organizado em sua honra (isso deve ter sido por volta de 1985, em Cerisy), ele (Greimas) solenemente lembrou [...] que ele concebia a semiótica como uma disciplina “ancilar” como uma serva cuja vocação última não era outra que aperfeiçoar-se indefinidamente a si mesma (sempre em procura de refinamentos e “profundidade” na teoria) para colocar-se a serviço das outras ciências sociais e humanas... (LANDOWSKI, 1994:63)⁷

⁷ Foi Greimas semioticista? Entrevista de Eric Landowski para a Revista Santara, Vilnius, 1993. Trad. Ana Cláudia Oliveira In: *Algirdas Julien Greimas – Testemunhos*. Ana Claudia Oliveira (ed.) PUC- São Paulo/USP, 1994, p.63,

Esperamos que este trabalho auxilie de alguma maneira a alertar para a necessidade do respeito às diferenças e, ao mesmo tempo, possa trazer um maior refinamento ao instrumental teórico da semiótica.

Para dar conta dessas questões, o objetivo mais geral deste trabalho é perceber como se manifestam o preconceito e a intolerância nos discursos, do ponto de vista da teoria semiótica de perspectiva francesa.

Mais especificamente, os objetivos deste trabalho são:

- Analisar como são construídos os discursos de rejeição e/ou os discursos de aceitação da homossexualidade dos filhos por suas mães heterossexuais;
- Em contrapartida, examinar os discursos dos filhos⁸, relacionando a autoaceitação à rejeição/aceitação da homossexualidade dos filhos, por suas mães.

Assim, estamos delimitando para estudo os discursos que tratam basicamente das relações afetivo-familiares entre mães e filhos, presumindo, do ponto de vista das mães, um percurso narrativo passional possível, que vai da violência doméstica contra os filhos homossexuais – psicológica e/ou física – ao seu acolhimento.

Em decorrência, pretendemos:

- Levantar semelhanças e diferenças entre os percursos passionais de aceitação e/ou rejeição das mães a seus filhos homossexuais e os percursos passionais de autoaceitação dos filhos de sua própria homossexualidade;
- Perceber até onde a não aceitação das mães influi na dificuldade de autoaceitação dos filhos;
- Observar as possíveis mudanças na rejeição/aceitação das mães a seus filhos homossexuais, que ocorreram durante a última década, considerando que este trabalho analisa um *corpus* datado;

⁸ Considerando que a marca do masculino em Português é também a marca do genérico, para maior comodidade de leitura, usaremos “filhos” significando “filhos e filhas”.

- Comprovar a violência doméstica relacionada à homossexualidade dos filhos;⁹
- Contribuir para o desenvolvimento da teoria semiótica e do seu instrumental de análise.

Além desses objetivos, procuramos responder a certas questões mais pontuais, que nos surgiram a partir das conversas com mães heterossexuais e seus filhos homossexuais, e nos propusemos a verificar o que segue:

- a) Os jovens, gays e lésbicas, passam por um processo de autoaceitação muito semelhante ao processo de aceitação de suas mães? Se confirmada a pressuposição, no que esses processos se diferenciam?
- b) Em que medida as pessoas gays e lésbicas também são preconceituosas quanto a sua homossexualidade e qual o papel da aceitação/rejeição das mães para reforçar esse preconceito?
- c) Há preconceitos de origem sociocultural em relação ao papel de “mãe”, na nossa sociedade, que atrapalham a aproximação entre jovens homossexuais e suas mães? Se confirmada essa pressuposição, em que medida esse fato atrapalha a aceitação das mães a seus filhos e a autoaceitação dos filhos de sua própria homossexualidade?

Como embasamento teórico da tese, usamos a teoria semiótica de inspiração francesa e seu instrumental de análise. As questões teóricas e metodológicas estão descritas e desenvolvidas no capítulo 1.

Os discursos do nosso *corpus* são depoimentos, cuja temática é a da diversidade sexual, mais especificamente a da homossexualidade. Os depoimentos são em primeira pessoa, desenvolvem-se geralmente num tempo anterior ao da enunciação, isto é, no passado, e são muito subjetivos, propiciando a manifestação de paixões.

⁹ Em depoimento oral, a coordenadora do LACRI – Laboratório de Estudos da Criança, Instituto de Psicologia da USP, Dra. Maria Amélia Azevedo, nos disse que considera, atualmente, a violência doméstica contra os LGBTs uma das maiores do Brasil, entre os outros motivos de violência doméstica contra crianças e adolescentes. <http://www.ep.usp.br/laboratorios/lacri/menulacri/php>

De acordo com Greimas, o sujeito da enunciação não é apenas um simples sujeito que fabrica mensagens, enunciados, mas é também um sujeito que transmite o saber. Portanto, não é apenas sujeito de uma frase que se analisa sintaticamente em sujeito e objeto, mas também é Destinador de uma enunciação que pode ser descrita como sendo de um Destinador para um Destinatário (1974:17).

O narrador é um delegado da enunciação, portanto uma instância mediadora entre a enunciação e o enunciado e é a instância organizadora daquele enunciado. Quem nos interessa aqui é esse “narrador”, filhos e mães, construídos pelas apreciações e interpretações discursivas do “observador”, que indicam um ponto de vista.

Esta tese está dividida em introdução, quatro capítulos principais, conclusão, bibliografia e anexos:

Na introdução, delineou-se o contexto externo em que se desenvolve a dificuldade de aceitação das mães heterossexuais a seus filhos homossexuais e um apanhado geral do trabalho. O contexto interno foi considerado como o resultado do cruzamento comparativo de centenas de depoimentos analisados, de mães e filhos.

O primeiro capítulo traz o desenvolvimento da teoria e da metodologia que foram utilizadas.

O segundo capítulo trata do preconceito, de mães e dos filhos, anterior à descoberta da homossexualidade.

No terceiro e quarto capítulos da tese, foram analisados os depoimentos, respectivamente, das mães e filhos. Relacionamos o percurso discursivo passional de rejeição/aceitação das mães ao percurso passional de autoaceitação dos filhos, levantando os principais tipos de paixões e ações apaixonadas que esses discursos, de mães e filhos, manifestam.

Examinamos também a organização discursivo-passional dos depoimentos e da enunciação, relacionando texto e contexto via enunciação. A partir disso, fizemos o levantamento de semelhanças e diferenças, entre os percursos de mães e filhos, a partir de milhares de depoimentos realizados, de 2001 a 2010.

1. QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

1.1 Considerações iniciais

Neste primeiro capítulo, explicaremos como foi obtido o *corpus* para análise, faremos algumas considerações sobre a teoria semiótica, em suas linhas gerais, delinearemos a metodologia utilizada no trabalho e conceituaremos, no escopo da semiótica, alguns termos da metalinguagem semiótica que serão usados nesta tese.

Escolhemos especificamente discursos de mães e filhos. Tomamos “mães” e “filhos” – e não outros lexemas possíveis de utilização –, baseados na pressuposição que são esses dois papéis temáticos – programados e estabelecidos institucionalmente – que estão em jogo nesses discursos. Por hipótese, haveria uma íntima e importante relação entre as mães e seus filhos, suposição que foi confirmada no decorrer da análise.

Desse modo, ao trabalhar com os discursos de mães heterossexuais e filhos homossexuais, os depoimentos de mães e filhos não foram tratados como simples transferências de informações, mas pesquisamos o tipo de interação semiótica entre esses sujeitos, mães e filhos.

De acordo com os dados da “pesquisa de opinião”, vistos na “Introdução”, com as matérias veiculadas em jornais, que as confirmam e divulgam, e com o levantamento de direitos negados aos casais homossexuais em nossa sociedade, já apresentados, a sociedade em geral é preconceituosa, em outros países e, em particular no Brasil, em relação aos homossexuais (ver anexos da Introdução).

Desse modo, partimos de dois pressupostos principais:

- a) As mães têm dificuldade de aceitação de seus filhos homossexuais;
- b) Os filhos têm dificuldade de autoaceitação, também em decorrência das dificuldades de aceitação das mães e da sociedade em geral.

E, dentre outras questões importantes, escolhemos para analisar:

- a) O percurso de exclusão e/ou aceitação das mães em relação à homossexualidade dos filhos;
- b) O percurso de autoaceitação dos filhos e a busca da aceitação da sua homossexualidade por suas mães.

1.2 Teoria e metodologia

Usamos a teoria semiótica e seu instrumental para analisar discursos preconceituosos, de modo a atingir alguns resultados para o desenvolvimento da teoria, sobretudo em relação ao estudo das paixões e da enunciação relacionada às formações discursivas e sociais.

O *corpus* analisado constituiu-se de depoimentos de mães e filhos¹⁰ de 2001 a 2010,¹¹ portanto eles estão inseridos no quadro brasileiro de valores desse período e as concepções nele externadas a respeito da homossexualidade são as vigentes no nosso país nessa época. Assim, a pesquisa sobre o relacionamento entre mães e filhos é qualitativa e há um valor histórico datado nela.

Organizamos esses percursos de mães e filhos em momentos narrativos e discursivo-passionais, conforme a teoria, embora, muitas vezes, tenhamos analisado esses momentos conjuntamente, para evitar muita repetição de exemplos e de análise.

A seleção do conjunto de discursos que forma o nosso *corpus* foi muito importante para a realização dos objetivos propostos para este trabalho. O *corpus* desta tese é composto por discursos do gênero “depoimento”, uma forma de discurso enunciado, um gênero, conforme já definido, que aproxima o enunciator/enunciatário da enunciação, pela subjetividade que expressa: “Eu deponho sobre o que vivi, confesso o que sinto ou senti, falo sobre o que presenciei...”

Dois grupos de pessoas fizeram os depoimentos:

¹⁰ Considerando que a marca do masculino em Português é também a marca do genérico, para maior comodidade de leitura, usaremos “filhos”, significando “filhos e filhas”.

¹¹ Os depoimentos para o livro “Vidas em arco-íris”, de nossa autoria, foram realizados de 2001 a 2005. Os depoimentos para o livro “Mãe sempre sabe?”, de nossa autoria, foram realizados entre 2005 e 2007.

- a) Mães heterossexuais;¹²
- b) Filhos homossexuais – homens e mulheres de 12 a 54 anos.

Os depoimentos foram captados de duas maneiras diferentes:

- a) Depoimentos face-a-face e por telefone, gravados com a permissão do depoente, em entrevistas agendadas,¹³ conversas espontâneas, individuais ou em grupo. Todos esses depoimentos foram gravados e posteriormente, transcritos e impressos e estão arquivados;
- b) Depoimentos digitados, enviados pela web para o *e-mail* da nossa ONG (maes-de-homos@uol.com.br), ou para nós em particular, por mães e filhos, na sua maior parte. Todos foram, posteriormente, impressos e estão arquivados.¹⁴

Pela atividade de militância, recebemos aproximadamente 3.000 depoimentos por mês. De 2.001 para cá, os depoimentos foram organizados por assunto, em um primeiro “estudo piloto”, para serem usados para a publicação de livros de pesquisa sobre homossexualidade.¹⁵

Para esta tese, a partir desse primeiro trabalho de organização, os depoimentos foram relidos e selecionamos 840 discursos que eram mais representativos desse conjunto de textos. Entre esses, estão os depoimentos analisados nesta tese.

¹² Optamos por trabalhar com mães heterossexuais de filhos homossexuais, mas também temos algum material relacionado a mães homossexuais de filhos homossexuais. Observamos que o caráter heterossexual das mães é apenas parcialmente importante, pois as mães homossexuais, depois da fase da descoberta – que se mostra bem mais leve para elas –, percorrem um percurso passional bem semelhante ao das mães heterossexuais. Preferimos trabalhar somente com discursos de mães heterossexuais, portanto, neste trabalho, o diferencial mais importante é que, ao tratarmos da relação mãe/filho, os filhos são homossexuais.

¹³ Entre essas, estão entrevistas ao vivo realizadas com 89 homossexuais, homens e mulheres de 14 a 62 anos, que foram organizadas no nosso livro: *Vidas em arco-íris – Depoimentos sobre a homossexualidade*. RJ, Record, 2006.

¹⁴ Os depoimentos impressos estão à disposição dos examinadores.

¹⁵ Os depoimentos, de 2001 a 2007, foram organizados nos livros:

MODESTO, Edith. *Vidas em arco-íris – Depoimentos sobre a homossexualidade*. RJ, Record, 2006.

MODESTO, Edith. *Mãe sempre sabe? Mitos e Verdades sobre pais e seus filhos homossexuais*. RJ, Record, 2008.

Como temos um período de tempo fixado de recepção das mensagens e as idades dos filhos depoentes foram informadas (12 a 54 anos), outros pesquisadores poderão usar essas informações para desenvolverem pesquisas quantitativas. Neste trabalho, através da análise semiótica, procuramos ver como se manifestaram e se desenvolveram qualitativamente esses preconceitos, no decorrer do período de 2001 a 2010.

Também examinamos a interação do processo de rejeição/aceitação das mães a seus filhos homossexuais com o processo de autoaceitação dos filhos. O intuito foi trabalhar com duas perspectivas, mães e filhos, mas de forma complementar: consideramos a dificuldade ou facilidade de aceitação das mães e como os filhos reagem a isso.

Para o perfil dos depoentes, nos orientamos somente pelos dois critérios já informados, como parâmetros constantes – mães heterossexuais e filhos homossexuais –, pois os discursos selecionados são de pessoas de quaisquer religiões, ateus, ou agnósticos, diversas classes sociais/culturais e variadas profissões, além de serem cidadãos brasileiros provenientes de várias partes do Brasil. De qualquer modo, constatamos que essas variáveis não foram importantes para diferenciar maior ou menor dificuldade no processo de aceitação das mães a seus filhos homossexuais.

É um dado interessante a se considerar que a maioria dos depoimentos é de mães que procuraram a nossa ONG, portanto, já estavam no início do processo de aceitação (percurso narrativo e discursivo-passional de rejeição/aceitação). Somente uma minoria dos depoimentos considerados (em torno de 20%) foram de mães que tomamos a iniciativa de procurar, a pedido de seus filhos. E entre os textos dessas mães é que estão os depoimentos de “exclusão”.

É importante dizer que, dado o acordo de confidencialidade que rege os dois grupos – de pais e filhos –, retiramos todos os dados que possam identificar os depoentes. Desse modo, eles não só permitiram como incentivaram que seus textos fossem usados nos nossos trabalhos de pesquisa, alguns deles, publicados.

Como já dissemos na introdução, para analisar discursos *preconceituosos* e *intolerantes*, especificamente de mães heterossexuais e de filhos homossexuais e atingir os objetivos propostos, utilizamos a teoria semiótica de origem

greimasiana¹⁶ e seu instrumental de análise, sobretudo em relação ao estudo das paixões e da enunciação relacionada às formações discursivas e sociais.

A teoria semiótica francesa baseia-se numa concepção gerativa da significação, uma espécie de fluxo contínuo entre níveis de profundidade que vai desde o nível fundamental, o mais abstrato, simples e constante, passando pelo nível narrativo, até o nível discursivo, o mais concreto, complexo e variável. Esse percurso se dá no plano do conteúdo, em separado do plano da expressão, e é imanente, isto é, opõe estruturas profundas a estruturas de superfície, aparentes.

Não fizemos um apanhado geral da teoria, pois já há excelentes obras introdutórias à semiótica no Brasil, como, por exemplo, Barros (1988), Fiorin (1989), Barros (1990). Mesmo assim, desenvolvemos uma ou outra parte teórica no decorrer do trabalho, na medida em que sentimos que era necessário esse recurso.

Tendo em vista que os discursos preconceituosos e intolerantes são fortemente passionais (Barros, 1995:5), utilizamos também os desenvolvimentos atuais da semiótica a que se denomina “semiótica tensiva”. Essas inovações aconteceram a partir de intuições aventadas por Greimas e Fontanille (1993), quanto às suas noções, e com refinamento, organização e recursos de aplicabilidade, desenvolvidos e propostos principalmente por Zilberberg e Fontanille (2001).

De acordo com Fontanille e Zilberberg, no prólogo do livro *Tensão e Significação*, as propostas teóricas ligadas à semiótica tensiva e à semiótica das paixões compreendem algumas escolhas iniciais que definem um ponto de vista: ponto de vista da complexidade, da tensividade, da afetividade, da percepção. Nesse particular, a “semiótica tensiva” não pretende substituir a “semiótica clássica”, de onde provém, e cujos “estandartes” são o quadrado semiótico e o esquema narrativo canônico [...] (2001:9).

Assim, partimos do pressuposto que a aceitação da homossexualidade de um filho por sua mãe é um percurso narrativo e discursivo-passional, isto é, um percurso

¹⁶ Algirdas Julien Greimas (1917-1992). A partir dos anos 60, Greimas foi o iniciador de uma teoria semiótica de perspectiva francesa – teoria e metodologia, pioneiras, de análise da significação de discursos –, e mentor dos primeiros semioticistas, seus continuadores, alguns deles brasileiros, professores e pesquisadores da FFLCH - USP.

em que se encadeiam programas passionais complexos, organizados em uma sequência lógica.

Sentimos a necessidade de uma primeira segmentação dos depoimentos para analisá-los e ela se baseou, sobretudo, em critérios discursivos e, principalmente, de mudança temporal. A unidade e coerência discursivas – em que se alteram espaço e tempo – foram asseguradas pelos atores.

Conforme esquema a seguir, a sequência inicial dos percursos de aceitação e de rejeição das mães a seus filhos, de modo geral, está relacionada ao “preconceito anterior”, de mães e filhos. A segunda sequência é a da “descoberta da homossexualidade dos filhos por suas mães e a rejeição. A terceira sequência é a do processo de aceitação/rejeição das mães, que se subdivide em subseqüências: a) mães que se conformam; b) mães que se revoltam e terminam o percurso com um ato de exclusão; c) mães que se desesperam, mas continuam o percurso e o terminam com a aceitação.

	Sequência inicial	Sequência de rejeição/aceitação	Sequência final
Tempo	Preconceito anterior	Descoberta e durante o percurso	Final do percurso

Desse modo, do ponto de vista narrativo, temos, para as mães:

- a) Percursos de mães que partem da rejeição e permanecem nela;
- b) Percursos de mães que partem da rejeição e chegam a graus de aceitação da homossexualidade de seus filhos.

E temos para os filhos:

- a) Percursos de autoaceitação dos filhos;
- b) Percursos de filhos que, em processo de autoaceitação, buscam a aceitação da sua homossexualidade por suas mães, familiares e sociedade;

- c) Percursos de filhos que já se aceitam homossexuais e buscam a aceitação de suas mães, familiares e sociedade.

1.3 Preconceito e Intolerância

A abordagem semiótica dos discursos de mães heterossexuais e de seus filhos homossexuais exige, como todo trabalho científico, uma metalinguagem semiótica que garanta a sua inteligibilidade e precisão formal.

Este trabalho não pretende, através de uma análise léxica, descobrir os diferentes sentidos que os lexemas utilizados carregam, nem determinar seu sentido “verdadeiro”. Emprestando-os do vocabulário comum, somente pretendemos usá-los como metatermos, que nos permitam designar objetos teóricos construídos, cujos sentidos não necessariamente coincidirão com os desses lexemas da língua natural.

A partir da perspectiva da semiótica e de um vocabulário sobre a diversidade sexual, vamos dar uma explicação e uma definição semiótica para os termos e os usaremos como metalinguagem. Será como a construção de outra linguagem que possibilita uma descrição, que se postula como semiótica, através de uma metodologia. Enfatizamos que, quase sempre, a significação metalinguística dos termos que escolhemos não se identifica completamente com a significação do uso comum, pesquisada em dicionário, dos mesmos termos.

No dicionário¹⁷, o verbete “preconceito”, em suas várias acepções está, principalmente, como:

preconceito [De *pre-* + *conceito*.] Substantivo masculino.

1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; ideia preconcebida.
2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; prejuízo.
3. Superstição, credence; prejuízo.
4. Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.

¹⁷ Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. rev. e ampliada, Rio de Janeiro, RJ, Nova Fronteira, 1986.

Neste trabalho, “preconceito” é considerado uma paixão de malquerença, relacionada principalmente ao crer e ao saber, que pode se desenvolver em outras paixões, de menos tensas a mais tensas, e em atos intolerantes de “não benquerer” e de “malquerer” propriamente dito.

Por exemplo, a mãe preconceituosa crê que o filho é heterossexual e que esse é o modo correto de ser, de acordo com um simulacro de contrato anteriormente estabelecido. Quando ela descobre a homossexualidade do filho, instaura-se um sentimento de falta, um choque modal entre o /querer ser conjunto/, sempre presente nos sujeitos, e o /dever ser conjunto/, pois ser heterossexual é uma condição sexual normativa, somada ao /saber não ser conjunto/, que causa a falta. Esse sentimento de falta tem como consequência paixões de “não benquerer”: o “descontentamento”, a “insatisfação” em relação ao outro, e a “frustração” pela perda do valor, (1981:15).

Essas paixões de “não benquerer”, que são menos tensas, podem se intensificar em paixões de “malquerer” (“desespero”, “suspeita”, “aversão”, “ódio”, etc.) que levam a atos intolerantes (de “exclusão”). Entretanto, o sujeito também pode passar a ter paixões de “conformação”, “resignação” ou “indiferença”, ou seja, paixões de “não malquerer”, o grau mais baixo possível de aceitação. O “não malquerer”, embora contenha algo de aceitação, ainda é um preconceito atenuado. Assim, como veremos ao longo deste trabalho, as paixões de “não malquerer” podem levar tanto a atos de aceitação como a atos de rejeição.

O preconceito tem, portanto, uma fase passional e uma fase acional. O sentimento de falta (ou seja, a falta de ter um filho heterossexual) dispara paixões de “não benquerer” que, nos sujeitos modalizados pelo /poder-fazer/ mal e pelo /querer-fazer/ mal, levam a atos intolerantes. As paixões mais tensas de “malquerer” podem levar a atos mais intolerantes. As paixões de benquerença e malquerença, assim como os atos de rejeição e aceitação estão explicitados nos gráficos a seguir:

Paixões

Atos

As paixões de “não benquerer” e de “malquerer” podem levar o sujeito a cometer atos intolerantes de “não aceitação” e de “rejeição”. As paixões de “não malquerer” e de “benquerer” podem levar a atos tolerantes de “não rejeição” e de “aceitação”. Da mesma forma que as paixões de malquerença se intensificam, as paixões de benquerença partem de uma aceitação ainda preconceituosa de “tolerância”, passando a uma “aceitação com aprovação” até chegar numa “aceitação com valorização”. Portanto, paixões tolerantes como a “conformação”,

sendo o menor grau possível de aceitação, ainda podem levar o sujeito a cometer atos de “não aceitação”.

Partimos do princípio pelo qual cada uma das palavras da metalinguagem ocupa uma posição valorativa diferente nos discursos, além de recobrir uma extensão e adquirir intensidade, significativas, maior ou menor.

Semioticamente, propomos que a paixão do preconceito, paixão fundada na “frustração”, tenha a possibilidade de atingir todos os tipos de estágios passionais, com exceção do estágio das “paixões do benquerer”: a) estágio das “paixões do não malquerer”, isto é, preconceito atenuado, a negação do malquerer; b) estágio das “paixões do não benquerer”, isto é, preconceito mais tenso, uma negação do benquerer; c) estágio das paixões do malquerer, preconceito em grande tensão.

A paixão do preconceito pode entrar em sua fase acional a partir tanto das paixões de não benquerer quanto a partir das paixões de malquerer. Assim como as paixões, os atos também variam em graus de malevolência. Desse modo, neste trabalho, assumimos, com Barros, que por hipótese “o preconceito é a fase passional da intolerância; a intolerância é a fase acional do preconceito”, (gravado em 03/11/2010).

Consideraremos a “conformação”, uma paixão de não malquerer, como uma paixão de aceitação contida, uma aceitação sem aprovação. O “desinteresse”, “indiferença”, são paixões de “não malquerer”, mas, seu sentido de “eu não estou nem aí”, coloca-as como paixões mornas, com pouca tensão. A verdadeira aceitação aprova o outro e no grau maior de aceitação, o sujeito, além de aprovar o outro, o valoriza. Assim, podemos ter a aceitação, como um ato de benquerer, em graus: “aceitação conformada”, “aceitação com aprovação” e “aceitação com valorização”.

Os sujeitos (mães) do nosso *corpus* são tomados pelas paixões de “decepção”, “insatisfação” e “frustração”: a “decepção” é pela traição da qual se sentem alvo – uma “falta fiduciária”, ou “crise de confiança” –, quando percebem que o simulacro de contrato estabelecido com seus filhos, de que seriam heterossexuais, foi rompido; a “frustração”, “descontentamento” (tristeza, amargura, etc.) é pela perda dos objetos de valor, “falta objetal”, objetos de valor e/ou percursos narrativos sonhados, relacionados a serem mães de filhos heterossexuais, que vão noivar, casar, lhes dar noras/genros, netos, por exemplo.

O “contentamento” pela conjunção com os objetos de valor desencadeia as paixões “alegria”, “confiança”, “afeto”, “amor” e “orgulho”.

Landowski propõe formas de relação com o outro: *assimilação*, *exclusão*, *segregação*, *admissão*, (2002:3-29). Neste trabalho, adotamos como metalinguagem também esses termos, já analisados por Landowski, mas não consideramos esse “esquema semiótico” uma organização paradigmática fixa. Entendemos nele, ao contrário, pontos de referência passionais e caminhos, mais, ou menos intensos, ou extensos, que induzem a transformações passionais prováveis, um esquema de uma sintagmática intersubjetiva, isto é, de uma dinâmica de mudanças passionais que induzem a paixões de benquerer e atos de tolerância – motivados pela satisfação –, ou paixões de malquerer – motivadas pela insatisfação, frustração –, ou aos atos de intolerância, entre sujeitos, motivados pelo sentimento de falta.

(LANDOWSKI, 2002:15)

Para o pesquisador, na *assimilação*, há uma *conjunção* de identidades forçada: uma maioria obriga uma minoria a ser como ela. Na *exclusão* há uma completa *disjunção* de identidades. Na *não conjunção*, a *segregação*, não há exclusão absoluta, também não há a possibilidade de assimilar e, portanto, não há a possibilidade de tratar o outro como “todo mundo”. Assim, o diferente é segregado em guetos. Na *não disjunção*, *agregação*, o pesquisador vê qualidades que a

torna melhor do que a “conjunção”, pois preserva a singularidade cultural do outro, na convivência.

Landowski opõe a *assimilação*, “conjunção de identidades”, à *exclusão*, “completa disjunção de identidades” (2002:05). Como subcontrários, o pesquisador opõe a *agregação ou admissão* – uma “não disjunção”, aproximação entre grupos de diferentes, conservando suas características –, à *segregação*, uma “não conjunção”, com a formação de guetos, (2002:16). Na “exclusão”, passionalmente, um sujeito nega o outro enquanto tal, e o objetivo é uma completa *disjunção* de identidades, portanto a exclusão é uma ação intolerante. Para o autor, portanto, a “assimilação” seria um ato de inclusão. Neste trabalho, entretanto, consideraremos que a assimilação, apesar de ser uma não rejeição, ainda pode ser caracterizada como um ato intolerante, pois manipula o outro a desprezar suas características e ser como a maioria. A diferença de interpretação deve-se ao fato de que “inclusão” e “exclusão” são vistas neste trabalho a partir do ponto de vista da diversidade sexual, um ponto de vista diferente daquele do pesquisador. Segundo o nosso ponto de vista, a “assimilação” é uma agressão ao modo de ser do indivíduo, sendo, portanto, a “agregação” sinônimo de aceitação. Esse nosso ponto de vista é claramente exemplificado nos depoimentos abaixo:

Mãe – [...] *Meu filho tb foi (à festa). Ele é gay, mas ninguém diz, parece hétero... Não tem nenhum trejeito é a cara do irmão mais velho e tem a voz do pai...* (GPH virtual, 04/01/2010)

Filho (17 anos) – [...] *e meu pai me levou para um bordel na cidade, junto com todos os meus primos... Ficamos todos no mesmo quarto... Eu suava frio... Senti muito medo... Passei a maior humilhação da minha vida!* (GPH – 12/10/2010)

Na “assimilação”, uma *conjunção*, como vimos nos exemplos do nosso *corpus*, há a negação “pensada” da característica que marca a diferença do diferente, portanto, o outro sujeito perde a sua identidade, numa integração. O objetivo é a perfeita conjunção de identidades, uma forma de “inclusão” que, do ponto de vista da aceitação da diversidade, é um ato de intolerância camuflado, mas violento, muito usado pelas mães heterossexuais de filhos homossexuais. No exemplo, a

mãe/pai reforça a assimilação, numa manipulação para negar a identidade homossexual do filho.

Consideramos dois graus de malquerer: a) negação do benquerer; b) malquerer propriamente dito. As “políticas de exclusão” fazem parte do malquerer propriamente dito e propusemos fases de exclusão do mais distenso para o mais tenso: ações de exclusão propriamente ditas, ações de assimilação, ações de segregação, que é uma forma incipiente de aceitação.

Nas “políticas de admissão” ou “agregação”, propomos duas fases em graus de tensão: o sujeito agrega tolerando; o sujeito agrega aprovando. Na “agregação”, uma *não disjunção*, há o sentido de viver juntos como diferentes, sujeitos distintos e autônomos, mas solidários. No exemplo temos a agregação tolerante:

Mãe – [...] *Eu estou com os dois aqui em casa hoje. O que posso fazer? É meu filho, não vou jogá-lo fora pq é gay. Mas é um esforço pra mim...* (GPH virtual – 27/02/2001)

Consideramos a “segregação” como uma forma de exclusão atenuada, conforme exemplo a seguir, pois a segregação pode estar, ou a caminho da exclusão, ou a caminho da aceitação. Nas políticas de segregação, mesmo que o sujeito diferente tenha de ficar em “guetos”, ele pode conservar suas características:

Mãe – [...] *Eu aceito, quem disse que não? Eles lá, nós aqui. Eles têm os lugares deles, os bairros de gays, as boates...* (GPH, grupo presencial, 29/11/2009)

Nesse exemplo de “segregação”, um ato de intolerância, a identidade do sujeito não foi negada, mas percebe-se a formação de um gueto, uma forma de *rejeição*, um grau de exclusão do diferente, que, ao mesmo tempo, pode ser um início de aceitação.

No exemplo a seguir, vemos uma agregação no sentido de “aceitação com aprovação”:

Mãe – [...] *Hoje minha filha está ótima, assumida, namorando uma menina super carinhosa [...] na minha casa, elas podem dormir juntas, se beijar, namorar e recebem muito carinho de todos, pq conseguimos nos impor e mostrar que “toda maneira de amor vale a pena, toda maneira de amor vale amar.”* (GPH virtual, 21/11/2006)

De acordo com a “política da agregação”, as pessoas convivem, cada grupo com sua diferente identidade e modo de ser, como veremos em exemplos, no decorrer deste trabalho.

Neste trabalho, sugerimos como metalinguagem, de maior tensão para a menor, do ponto de vista do sujeito que compensa o sentimento de falta, graus de exclusão: *discriminação, rejeição e exclusão propriamente dita*. No exemplo, temos a paixão de não benquerer que leva à discriminação, a caminho para a rejeição:

Mãe – [...] *Tenho nojo dela, tenho raiva do mundo [...] Eu não aceito isso. Eu prefiro MORRER.* (GPH virtual, 22/09/2009)

As ações intolerantes solucionam a falta, mesmo que pretensamente, portanto criam distensão. No percurso narrativo, com as ações intolerantes, percebe-se maior tensão em “discriminar”, diminuindo até o ato de “excluir”, uma tentativa de resolução definitiva do sentimento de falta.

Assim, a análise dos depoimentos de mães heterossexuais e de filhos homossexuais nos levou a comparar diferenças em graus entre os metatermos que identificam ações apaixonadas contrárias: *aceitação e rejeição*. Além disso, comparamos as diferenças mais complexas, em graus, entre as ações apaixonadas.

Há duas dimensões no universo semântico, uma definida por conteúdos que o sujeito assume e neles se investe, constituindo sua personalidade, e outra definida por conteúdos que o sujeito não assume, rejeita, e que também o definem. (Greimas, 1975).

Desse modo, o sistema dos valores subjetivos, a que denominamos “valores fóricos”, relacionados à homossexualidade, assumidos ou rejeitados, implicam percursos de sujeitos passionais que levam a uma sintagmática intersubjetiva e

podem ser organizados como valores de benquerer (euforia) vs. de malquerer (disforia); não benquerer (não euforia) e não malquerer (não disforia), que incidem sobre arranjos de valores modais e podem levar ao sentimento de falta e às paixões, que levam a ações, conforme vimos.

O benquerer resulta da satisfação. Temos exemplos de paixões de “esperança”, seguidas de “satisfação”, “contentamento”, no início do “percurso de aceitação” de um filho supostamente homossexual, por uma suspeita não confirmada. O exemplo manifesta as paixões de “alívio”, “tranquilidade”, “paz”:

Mãe – [...] Hoje, meu filho namora todas que pode e consegue, ele já me disse que o que aconteceu foi uma experiência e que acabou. Estou mais tranquila [...] (GPH virtual, 08/09/2010)

Além disso, quando o processo de aceitação/rejeição de um filho homossexual chega à aceitação, no exemplo a seguir, temos a ação de “acolher”, aceitar valorizando, e o discurso manifesta paixões de benquerer: “confiança”, “afeto”, “carinho”, “amor”. Percebe-se a “alegria”, “felicidade” da mãe, pela felicidade da filha:

Mãe – Conversando com minha filha, ela me falou que esse ano o aniversário dela será diferente. Ela disse: “Esse ano, o meu aniversário terá um sabor especial para mim, parece que será o primeiro, porque, pela primeira vez serei eu mesma que estarei fazendo aniversário e todos agora sabem quem eu sou e me aceitam! Gente, chorei que nem uma boba... E ela tb... Foi muito lindo! (GPH virtual – 25/06/2010)

Consultando o mesmo dicionário usado anteriormente, verificamos as acepções do verbete ‘discriminar’:

discriminar [Do lat. *discriminare*.] Verbo transitivo direto.

1. Diferençar, distinguir; discernir: *Era quase impossível discriminar os caracteres no velho manuscrito; Cumpre discriminar os verdadeiros e os falsos valores.*

2. Separar, especificar: Discriminamos os prós e contras antes de aceitar a proposta.

Verbo transitivo direto e indireto.

3. Diferençar, distinguir, discernir: discriminar o bem do mal.

4. Separar, estremar.

Verbo transitivo indireto.

5. Estabelecer diferença; distinguir: discriminar entre o bom senso e o absurdo. [Cf. *descriminar*.]

“Discriminar” pressupõe um poder fazer mal. É um poder fazer de um sujeito que sofre a falta da organização social homogênea de sua preferência, e faz quem é diferente daquele padrão sofrer desprestígio. É um ato, resultado das paixões de preconceito, desconfiança, suspeita, etc., paixões de não benquerer, que, quando exacerbadas, geram esse ato de agressividade orientada pela falta, um ato hostil para afirmação de si próprio e diminuição do outro. Discriminar é “estabelecer diferença”, “separar”, “preterir” e pode fazer parte de percurso narrativo de um destinador-julgador intolerante. Pois, antes de estabelecer diferenças, preterir, por exemplo, há o fazer cognitivo de julgar. O sujeito crê que seus valores são melhores do que os do outro sujeito (indivíduo, grupo, instituição, nação). Essa crença constrói uma imagem negativa do outro e formam-se dois grupos: os dos melhores e os dos piores, da segregação.

Recorremos ao mesmo dicionário para pesquisar as acepções significativas comuns da ação de “rejeitar”:

rejeitar¹ [Do lat. *rejectare*.] Verbo transitivo direto.

1. Lançar fora; largar, depor:

Os vencidos rejeitaram as armas.

2. Lançar de si; tirar de si; repelir: “arrancou o casaco...; descalçou os sapatos; tirou as meias e quando se dispunha a rejeitar outras peças mais respeitáveis do vestuário, interrompi-a” (Amadeu de Queirós, *Os Casos do Carimbamba*, p. 113).

3. Lançar de si; expelir; vomitar, regurgitar:

O doente, mal ingere a comida, rejeita-a.

4. Não admitir; recusar:

Orgulhoso, rejeita qualquer ajuda.

Comparando, pelo dicionário, *discriminar* é basicamente “poder estabelecer diferenças” entre bons e maus, entre melhores e piores, entre aceitos e não aceitos, no sentido de “preferir”. *Rejeitar* significa, mais do que estabelecer diferenças, “não admitir”, “repelir”, “afastar”, ações passionais com mais intensidade e menos extensão, cada vez mais próximas da *exclusão propriamente dita*, que consideramos uma ação sem volta, diminuindo a tensão e resolvendo o sentimento de falta.

Neste trabalho, usaremos “rejeição” como um lexema guarda-chuva que abrigará tipos de rejeição em diferentes graus de tensão: “rejeitar por segregação”, “rejeitar por discriminação”, “rejeitar por assimilação” e “rejeitar por exclusão”.

Em “Semiótica das paixões”, Greimas e Fontanille nos falam da actualidade como algo situado aquém e acima do valor, uma espécie de valor do valor a que denominam “valência”. (1993:26).

Zilberberg e Fontanille partem daí para dizer que o “termo valência” dá consistência a uma constatação muitas vezes verificada na análise de discursos concretos: “o valor dos objetos depende tanto da intensidade, da quantidade, do aspecto ou do tempo de circulação desses objetos, como dos conteúdos semânticos e axiológicos que fazem deles “objetos de valor”.” Esses semioticistas terminam afirmando: “nem o conceito de valência, nem o conceito de valor são autossuficientes: eles só adquirem sentido como partes integrantes de uma semiose imanente em cujo interior a valência seria a manifestada e o valor, o manifestante.” (2001:16).

O princípio da “exclusão” e o princípio da “participação” são regimes de valências e, cada um deles, apresenta seus operadores: “o regime de exclusão tem por operador a *triagem*; o regime de participação tem por operador a *mistura*, (2001:29). De acordo com os pesquisadores, “a exclusão-concentração são as duas principais direções capazes de ordenar os sistemas de valores.” (2001: 49).

O regime da exclusão, com a triagem como operadora, produz uma confrontação tensa entre os escolhidos (mais iguais) e os excluídos (desiguais). As grandezas se opõem como “superior”, para os mais iguais, e “inferior”, para os desiguais.

O alto índice tensivo de triagem na nossa cultura, consequente da paixão do preconceito, gera mais preconceito e aumenta o número de excluídos. Por exemplo, na perspectiva da “triagem”, o fato de um jovem homossexual assumido e um jovem heterossexual estarem na mesma classe de uma escola é considerado pela maioria algo inadequado, inaceitável. Na perspectiva da “mistura”, seria considerado aceitável.

Como toda “rejeição por exclusão”, excluir um filho do convívio familiar também se refere a distribuir objetos de valor, agregar mais valor ao valor do objeto, para a sociedade. O objeto modal valorizado é o ser heterossexual e o excluído é o ser homossexual. Os sujeitos mais iguais e superiores são os heterossexuais, os desiguais e inferiores são os homossexuais.

Considerando Zilberberg, em relação aos “regimes de valências”, todas as ações intolerantes, tanto “rejeitar por discriminação”, quanto “rejeitar por assimilação”, por exemplo, fazem parte do *regime de exclusão*, cujo operador é a *triagem*. De acordo com ele, esse processo pode atingir o seu termo, levando “à confrontação contensiva do exclusivo e do excluído”.

Por outro lado, todas as ações tolerantes fazem parte do *regime de participação*, que tem por operador a *mistura* e produz uma “confrontação distensiva, do igual e do desigual” (2001:29). No assunto em exame, preferimos dizer que essa confrontação distensiva se dá entre o igual e o diferente, pois diferença não é necessariamente desigualdade.

Ainda de acordo com o pesquisador, no espaço sêmio-narrativo, há a rearticulação das valências em valores. E é quando o sujeito sensível torna-se sujeito sêmio-narrativo e percebe seu universo dividir-se axiologicamente, graças à polarização em euforia/disforia, não-disforia/não-euforia, conforme já visto. Assim surge o valor semiótico: “o valor como diferença, que organiza cognitivamente o mundo focalizado, e o valor como desafio axiológico, que polariza o próprio foco.” (2001:29).

Consideramos, neste trabalho, *intolerância* como um “lexema guarda-chuva”, um *hiperônimo* (1976:40-41), que abriga tipos de atos malevolentes, que nos aparecem em graus. Por exemplo, muito mais do que um ato de rejeição por discriminação, matar um homossexual é um ato intolerante, é um ato de exclusão, o grau máximo da rejeição.

Também, como vimos, consideramos *preconceito*, como um “lexema guarda-chuva”, um *hiperônimo* que abriga lexemas que designam paixões de “não malquerer”, “não benquerer”, ou de “malquerer”, de maior ou menor tensão ou extensão.

2. ANÁLISE NARRATIVA e DISCURSIVO-PASSIONAL DOS DEPOIMENTOS

2.1 Considerações iniciais

Como foi mostrado na “Introdução” deste trabalho, a sociedade brasileira é preconceituosa e, muitas vezes, intolerante, quanto à diversidade sexual. Na nossa sociedade, os sujeitos devem ser heterossexuais. No entanto, os discursos analisados também mostram que, mesmo que os sujeitos queiram cumprir o dever da heteronormatividade, alguns deles não podem. Desse modo, as pessoas homossexuais, quando jovens, tornam-se sujeitos virtuais para o “ser heterossexual”, mas não se atualizam, pois lhes falta o /poder-ser/. Há uma incompatibilidade severa entre as modalidades virtualizantes do /querer ser/ e do /dever ser/ e a modalidade atualizante desses sujeitos, pois lhes falta o /poder ser/.

Greimas (1975), num trabalho sobre semiótica da cultura, considera que as sociedades humanas dividem seus universos semânticos em duas dimensões:

Cultura (conteúdos que as sociedades assumem) **vs.** **Natureza** (conteúdos que as sociedades rejeitam).

A partir dessa oposição fundamental, Greimas (1975: 133) constrói um sistema de compatibilidades e incompatibilidades que aparecem como *prescrições*, *não-prescrições*, *interdições*, *não-interdições* e investe esse modelo básico com o modelo social das relações sexuais na França:

(GREIMAS, 1975:133)

Analisando o modelo que Greimas usou para a sociedade francesa, em 1975, tudo nos sugere que exista uma equivalência da nossa cultura, em 2010, à cultura francesa.

No lado esquerdo do modelo, estão as relações prescritas, do matrimônio, mas também o adultério masculino admitido (não interdito) e considerado como “normal”; no lado direito do modelo, estão as relações interditas pela sociedade, relações consideradas “anormais”, como o incesto e a homossexualidade¹⁸ (relações interditas), e o adultério feminino, que é não prescrito (não admitido).

¹⁸ Sugerimos também a pedofilia.

Como na França, em 1975, o lugar da homossexualidade na sociedade brasileira, ainda hoje, é o das *relações interditas e anormais*.¹⁹

Greimas frisa que esses investimentos semânticos, tanto no caso da cultura, quanto da natureza, são valores sociais, isto é, as relações homossexuais, por exemplo, são proibidas ou não proibidas, dependendo do país. Como veremos no anexo (Introdução – anexo 6), a homossexualidade se situa no esquema das *relações matrimoniais prescritas* (C1), em poucos países. Na maioria deles, como no Brasil, a homossexualidade se situa num outro esquema que não o das relações matrimoniais, onde somente a heterossexualidade é aceita.²⁰

No entanto, no Brasil, isso está mudando, pois já se fazem contratos de “relacionamentos estáveis” entre homossexuais, registrados em cartórios, e cerimônias religiosas em igrejas de religiões não fundamentalistas. Além disso, juízes já dão ganho de causa a alguns desses casais, quando requerem benefícios exclusivos para casais que mantêm *relações matrimoniais prescritas*, “abrindo jurisprudência”. (ver anexo 1 do Cap.2) Mesmo assim, no Brasil, o relacionamento homossexual, de *anormal e interdito* (C2), só chega por enquanto a um *relacionamento não matrimonial, não prescrito (não C1)*, como o adultério da mulher.

No mesmo trabalho, Greimas também examina essas relações do ponto de vista subjetivo, portanto passional:

¹⁹ Em pesquisa recente, pela Internet e conversando com amigos franceses, soubemos que essa equivalência permanece. Na França, ainda não foram aprovados nem o casamento homossexual, nem a lei que criminaliza a homofobia.

²⁰ No dia 15 de julho de 2010, o Senado da Argentina aprovou a lei que autoriza o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo no país.

De acordo com Greimas, os indivíduos se definem de maneira análoga à sociedade, assumindo e investindo-se de conteúdos e rejeitando outros conteúdos, que o constituem e definem:

Esta cultura e esta natureza individuais definem respectivamente relações permitidas e relações excluídas; os desejos estão compreendidos nos primeiros e as fobias, nas segundas. (1975:135)

Na análise dos depoimentos, vimos que, quando as mães descobrem a homossexualidade dos filhos, um relacionamento sexual não prescrito e temido, elas entram em conflito entre o sentimento de rejeição à homossexualidade e de

amor aos filhos; por outro lado, para os filhos também há um conflito entre desejos e rejeições: entre o “certo” e o “interdito”, entre o “desejável” e o “temível”

Assim, na conformidade entre os dois quadrados – o modelo social e o modelo dos valores individuais, para as mães, o desejável são as *relações prescritas*. É desejável que os filhos sejam heterossexuais.

Por outro lado, para os filhos, do ponto de vista pessoal, o desejável seriam as *relações interditas*, aquelas proibidas socialmente. Assim, considerando que o jovem é, a princípio, preconceituoso como todos da sua cultura, há um conflito entre desejos e rejeições, entre o que o jovem deseja e o que a sociedade e a família impõem, gerando conflitos.

Estendendo a pesquisa para a população brasileira, da qual as mães e seus filhos homossexuais são uma amostra, na relação de conformidade entre os dois quadrados, no Brasil, as relações heterossexuais são as *desejadas, admitidas e prescritas* socialmente, são as relações “*normais*”. No entanto, as relações homossexuais, de *relações temidas e interditas* (proibidas), inicia um movimento para as relações *não interditas, consideradas “normais”*, como as relações do adultério masculino.

Na nossa cultura, ser heterossexual é “desejável” – /querer-ser/ – e “indispensável” – /dever-ser/; ser homossexual é “nocivo” – /querer não ser/ e “indesejável” – /dever não-ser/ e /não querer-ser/. Se considerarmos a modalização sobre o objeto de valor, vemos que a heterossexualidade é “querida”, “desejada” e a homossexualidade é “malquerida” e “indesejada”.

2.2 Preconceitos de mães e filhos, anteriores à descoberta

Na nossa sociedade, mães e filhos são preconceituosos, entre outros preconceitos, também quanto à diversidade de orientação sexual. O sujeito manipulado pelo destinador social, com raras exceções, tenta cumprir o “contrato social” pelo qual devemos ser heterossexuais e condena aquele que rompeu o contrato e é homossexual. Por esse motivo, antes da descoberta de que o filho é homossexual, mães e filhos sentem preconceito contra a homossexualidade e continuam a senti-lo, depois da descoberta.

De acordo com Discini, no nível narrativo, não se negam ou afirmam os conteúdos *alteridade* vs. *identidade*, mas, pela ação de um sujeito essas categorias fundamentais se transformam em estruturas narrativas, (2004:92).

Para um PN de base: $S2 \rightarrow$ PN de uso (aceitar a heteronormatividade como norma) $\rightarrow (S2 \cap Ov \text{ ser submisso para ser aceito})$

Assim, consideramos um percurso narrativo anterior, em que um dos programas narrativos é o de doação de competência para /querer/, /saber/, /poder/ /crer/ e /dever/ aceitar ser e aceitar viver de acordo com a receita, “ser e agir como heterossexual”. Esse é um “PN de uso”, “ser obediente” e “ser submisso” ao modo de vida prescrito como correto, para o “PN de base”: ser aceito e ser feliz.

Nesse Programa Narrativo (PN) prévio, mães e filhos já foram sancionados, cognitiva e pragmaticamente, por sua *performance* de aceitação ou de negação das regras sociais.

Portanto, os percursos de aceitação/rejeição da homossexualidade, que sugerimos, fazem parte de percursos narrativos, em que S1 (sociedade) o sujeito de fazer, que leva S2 (jovem), sujeito de estado a manter a conjunção com o objeto de valor modal, no caso, ser e agir como heterossexual, que já recebeu investimento de valor semântico que se subentende positivo.

Como as mães amam seus filhos homossexuais e vice-versa, a partir dessa doação de competência anterior de preconceito contra a homossexualidade, é natural que os percursos de mães heterossexuais e filhos homossexuais, sujeitos em conflito, se dupliquem a partir de manipulações contraditórias. Ser preconceituoso é um estado passional fértil para a manifestação de outras paixões negativas e de atos de malquerer.

Um exemplo dos conflitos que se prenunciam:

- Os filhos terão de ir contra as regras sociais, se quiserem aceitar sua identidade homossexual;
- A mãe tornar-se-á um antissujeito no percurso do filho de busca da aceitação de sua identidade homossexual e, como destinadora-julgadora, deverá sancionar negativamente o filho, que ela ama.

- O filho, para buscar sua verdadeira identidade, terá de ir contra sua mãe (antissujeito/destinadora), que ele também ama.

Nos exemplos a seguir, a situação inicial define o sujeito pelo /não-querer ser/ e pelo /dever-não ser/ homossexual. O julgamento negativo do destinador (mãe) está explícito no discurso:

Mãe – *Eu tenho preconceito de gay. Fui educada para achar q pessoas gays tem o coração mau, são traiçoeiras, saem assediando todo mundo por aí...*
(GPH virtual, 11/02/2010)

Os filhos e filhas também são preconceituosos e assim eles permanecem, mesmo depois que se descobrem homossexuais. Os discursos a seguir, tensos, definem o sujeito pelo /não-querer ser/, /não-dever ser/ homossexual e comprovam o “preconceito anterior”. O primeiro sujeito não quer ser homossexual, está revoltado: *vou ter ódio de gay*.

Filho – (20 anos) ***Tive dificuldade em me aceitar homossexual simplesmente por causa do preconceito social. Um dia, eu cheguei e disse para mim mesmo: “Não posso ser isso. A partir de hoje, vou ter ódio de gay.”*** (MODESTO, 2006:85 – grifo nosso)

No depoimento do filho, há um ponto de vista que conduz o discurso. Instala-se um “observador”, sujeito cognitivo, delegado do sujeito da enunciação. O observador acusa a sociedade de preconceito, sem incluir o próprio sujeito da enunciação nela. A “sociedade” é preconceituosa, o sujeito não é. E é a sociedade que o impede de se assumir homossexual. Além disso, a sociedade manipula o actante sujeito pelo dever ser heterossexual, a “*ter ódio de gay*.” Cria-se um jogo veridictório entre “ser” vs. “parecer”. O sujeito da enunciação manipula o enunciatário. Implicitamente está dito o seguinte: “Eu sei que pareço ser preconceituoso, mas não sou. Quem é preconceituosa é a sociedade”. Assim, ele é um “coitadinho” manipulado pela sociedade para *ter ódio de gay*.

No exemplo a seguir, o filho já sabe que é homossexual, embora não queira e julgue que não deve. Assim, ele procura um modo de escapar disso, num /poder

fazer/ da *possibilidade, não de cura, mas de um ajustamento em direção à heterossexualidade.*

Filho (35 anos) – *Eu tinha 12 anos. Perceber que se é diferente dos amigos implica uma enorme angústia, uma enorme depressão. Eu me senti muito angustiado, pressionado, inadequado. **Eu tinha medo.** Eu achava, como muitos naquela época, que haveria **possibilidade, não de cura, mas de um certo ajustamento em direção à heterossexualidade.*** (MODESTO, 2006:50 – grifo nosso)

Nos discursos do nosso *corpus*, percebemos que, anterior à descoberta da homossexualidade, a rejeição à homossexualidade manifestava-se com os sentidos de recusar, repelir, desprezar, reprovar, não admitir, não aceitar, etc., isto é, nos textos, encontramos manifestadas paixões de não benquerer – como o preconceito de mães e filhos contra os homossexuais –, anteriores à descoberta. Por isso, o sujeito do depoimento anterior sentiu “medo” e teve “esperança” de que houvesse possibilidade de reversão.

Em

Mãe – ***Eu tinha muito preconceito.** Se eu entrava numa loja pra comprar alguma coisa, se o vendedor fosse gay, eu não comprava nada.* (GPH – gravado em reunião de pais em 28/01/2010)

manifesta-se no depoimento a paixão da aversão, uma paixão de malquerer que levou o sujeito a atos intolerantes em relação ao vendedor homossexual.

No tocante à homossexualidade, além da organização familiar tradicional, avaliada como a única positiva, há um “programa de privação transitiva” dos rituais sociais e religiosos heteronormativos – casamentos, festas de comemoração de “bodas de prata” e “bodas de ouro”, festas de batizado, e de formatura, etc. – que fazem parte dos “sonhos” dos sujeitos, principalmente das mães, e influenciam para o julgamento negativo da homossexualidade:

Mãe – *Eu sonhei tanto com o casamento da minha filha! Ela toda de branco, de braços dados com o pai, caminhando pela passarela até o altar...* (GPH virtual, março, 2008)

Mãe – [...] *Eu não vou ter netos?* [chorando]. (GPH – Reunião presencial, março, 2008)

A *performance* de aquisição de objetos de valor tão sonhados pelo sujeito (mãe) – casamento heterossexual dos filhos e ter netos – foi frustrada. Esses objetos existentes e em circulação são muito valorizados na nossa cultura, principalmente por que envolvem a transcendência (sentimento de permanência depois da morte) e a divisão de riquezas (herança). Essa é uma parte importante do simulacro de contrato entre mães e filhos que foi rompido, causando profunda “decepção” às mães.

No mesmo sentido, percebe-se o esforço do sujeito manipulado pelo /dever ser/ heterossexual no discurso da filha:

Filha (25 anos) – *Foi muito difícil para mim... Eu não podia ser assim, tinha que mudar. Então eu tentei namorar com meninos.* (MODESTO, 2006:282)

No discurso enunciado, já foi considerado o PN prévio de manipulação. A filha já é submissa às normas sociais, portanto a sua competência é pressuposta. A sua *performance* foi *tentar namorar com meninos*. Naturalmente em busca da sanção positiva implícita: dela própria, de sua mãe e das pessoas em geral. Mas, na primeira frase (*Foi muito difícil pra mim*), fica patente o conflito entre a sua identidade (pulsão individual) e as normas aceitas e ela tentou *namorar com meninos*.

Aqui já temos claramente o início de uma sequência de papéis de um sujeito narrativo, formando um percurso sintático:

Os sujeitos (mãe e filha) assumiram um sistema de valores, garantido por um destinador social, portanto se sentiam sujeitos competentes, atualizados. Eles eram sujeitos conjuntos em PNs realizados positivamente – respectivamente a mãe, com o “ser heterossexual” da filha, a filha, com seu próprio “ser heterossexual” e se sentiam sujeitos realizados.

A nossa cultura é heteronormativa: mães e filhos são levados a achar que o que é bom e correto é ser heterossexual, conforme vimos. Esse dever social vai entrar em conflito no caso dos filhos, eles não podem ser heterossexuais, e, a partir de um certo momento do processo de autoaceitação, nem querem ser, portanto há um conflito entre um dever, um querer e um poder. No caso das mães, a partir do conflito do filho, as mães, que são definidas como sujeitos do amor em relação aos filhos, também entram em conflito.

De acordo com Greimas,

[...] en sémiotique le /devoir être/ est interprété comme portant sur l'objet de valeur et le spécifiant comme "indispensable" pour le sujet d'état. De même, en logique déontique, l'"obligation" peut être interprété comme la relation entre deux sujets (ou deux instances actantielles), alors que la "prescription" sémiotique est un /devoir être/ ressenti" par le sujet e fait partie de sa compétence modale, tandis que le destinataire, source de cette "prescription", est, de son côté, caractérisé par un /faire/ factitif.²¹ (1983:97)

Como as pessoas "devem ser" heterossexuais, quem não é só pode ser uma pessoa com problemas. Eles são considerados e se consideram antissujeitos, realizando antiprogramas.

Por exemplo:

Filha1 (28 anos) – *Desde pequena eu sabia que não era igual às outras meninas, meus interesses eram outros e eu achava horrível brincar com bonecas! Na adolescência piorou, quando eu comecei a desejar beijar outra garota, ficar ao lado delas e ser gentil, abrindo as portas dos carros, como fazem os rapazes educados. Mas eu decidi que deveria ser mulher e não lésbica.* (MODESTO, 2006:280)

²¹ [...] em semiótica o /dever ser/ é interpretado como inscrito no objeto de valor, especificando-o como "indispensável" ao sujeito de estado. Do mesmo modo, em lógica deôntica, a "obrigação" pode ser interpretada como a relação entre dois sujeitos (ou entre duas instâncias actanciais), enquanto a "prescrição" semiótica é um /dever ser/ percebido pelo sujeito e que faz parte de sua competência modal, enquanto que o destinador, fonte dessa prescrição, por seu lado, é caracterizado por um /fazer/ factitivo. (Greimas, 1993:97, tradução nossa)

No depoimento a seguir, uma retrospectiva, o sujeito acreditava, quando criança, que ser gay era ser doente, mas uma doença que não causava solidariedade, nem angariava apoio, pelo contrário. Era uma doença que causava o estranhamento das outras pessoas e instigava o malquerer. Assim, o sujeito teria de se manter em segredo, como um malfeitor.

Filho2 (32 anos) – *Nessa época (criança), eu me sentia diferente dos outros, porque sabia que era gay e, como eu escutava que isso é doença, eu já tinha ligado gay igual a doente; eu, gay, eu doente. E que teria de ficar quietinho, porque, se alguém soubesse, ninguém mais ia gostar de mim.* (MODESTO, 2006:69)

Nos discursos dos filhos (Filha1 e Filho2), há ênfase num programa de competência (*saber que é gay/lésbica*), na verdade resultado de um programa de descoberta que se realizou durante o tempo: *Desde pequena eu sabia que não era igual às outras meninas - meus interesses eram outros... e Nessa época, eu me sentia diferente dos outros, porque sabia que era gay.*

Esse programa de competência (*saber que é gay/lésbica*) é pressuposto à *performance* (agir como homossexual ou se esconder); o programa pressuponente é enfatizado de modo implicativo: já que sou gay, *teria de ficar quietinho... ou ninguém mais ia gostar de mim.* A dimensão cognitiva – os sujeitos sabem, os sujeitos creem que os homossexuais são assim (*comecei a desejar beijar outra garota, ficar ao lado delas e ser gentil, abrindo as portas dos carros, como fazem os rapazes educados*) – põe em destaque o fazer persuasivo do destinador no nível narrativo (sociedade, família, colegas de escola) do percurso e o fazer do observador, já no nível discursivo.

Os dois actantes – narrador e observador – em sincretismo atorial –, mostram aqui suas distintas funções: o narrador relata e o observador encarrega-se da dimensão cognitiva do relato e interpreta os fatos. (FIORIN, 1996:107).

No exemplo:

Mãe – [...] *Essa gente é promíscua, são sem-vergonhas, viciados... Eles estão todos condenados por Deus...* (GPH – reunião presencial de novembro de 2008)

Em [...] *Essa gente é promíscua, são sem-vergonhas, viciados...* vê-se o observador aspectualizando o discurso e garantindo as transformações narrativas. A expressão “*essa gente*” é de extremo desprezo e a escolha do presente de continuidade dá à afirmação feita um significado temporal de duratividade: “Todos os homossexuais são assim, sempre foram e sempre serão.” Além disso, para /fazer-crer/ na “verdade” do que diz, o narrador/observador escolhe um forte argumento: usa a sanção negativa do destinador mais respeitado e temido: Deus.

Em

Mãe - *Ele (14 anos) queria trazer os amigos pra dentro de casa... pra me conhecer... Eu fico com pena, mas não posso aceitar. Tem os outros filhos... O pequeno tem 6 anos... Tenho medo dos amigos dele perverterem o menino... Tenho medo do que rola dentro dessas boates, tenho medo que ele leve o irmão... **Não quero que ele traga o mundo dele pra dentro da minha casa...*** (GPH virtual, 2008:39 – grifo nosso)

a mãe acredita que os homossexuais são pessoas sem caráter, que podem corromper crianças. Eles são antissujeitos, realizando antiprogramas, pois estão em conjunção com objetos e percursos valorizados negativamente, indesejados, que já existem e circulam entre as pessoas. A mãe também acredita que os amigos gays do filho são pessoas perversas que querem corromper outras pessoas. Na expressão *fico com pena* o sentimento já está próximo do medo. Na escolha do verbo *perverter* está a crença no poder dos homossexuais de levar as pessoas para o mal. O discurso insinua em *Tenho medo do que rola dentro dessas boates*, que os locais frequentados por homossexuais são perigosos, locais de corrupção e vícios.

Em *Não quero que ele traga o mundo dele pra dentro da minha casa* está patente a discriminação, estabelecer diferença, separar os desiguais, implícita a segregação (cada um no seu mundo), a caminho da exclusão, pois o garoto, já no gueto, foi despossuído de sua casa (... *para dentro da minha casa*.).

Nesse outro depoimento,

Mãe - *Sou mãe de um filho de 16 anos que me revelou ser homossexual, não sei o que fazer, ele estava indo a boate gay com esta idade, não sei o q fazer para dar apoio ao meu filho, sinto um desespero enorme como se estivesse com um peso maior que o mundo nas minhas costas, **o que fazer para reduzir a promiscuidade na vida dele, como tentar fazer que ele viva uma vida boa e digna mesmo assim.** Alguém me ajude, por favor!*
(GPH virtual, 14/02/2010 – grifo nosso)

em *reduzir a promiscuidade na vida dele, como tentar fazer que ele viva uma vida boa e digna mesmo assim* manifesta-se o julgamento negativo, realizado pelo destinador-julgador social, figurativizado e representado pela mãe, de toda a comunidade homossexual. Basta ser gay para que seja “promíscuo”, para que não tenha uma “vida digna”. No discurso, manifestou-se o julgamento negativo do destinador social e o preconceito do sujeito, através de uma paixão de não benquerer da “desconfiança”, a caminho do malquerer da suspeita, aversão.

Vemos que as pessoas da nossa cultura têm preconceito internalizado, um pouco mais, um pouco menos, e os/as jovens homossexuais também. Para muitos, ser homossexual é ser uma pessoa sem caráter, ter parte com o demônio, ser pedófilo, e assim por diante. A paixão do preconceito aumenta de tensão e se transforma em paixões de “não benquerer”, cada vez mais “não benquerer”, como a “desconfiança” que leva à “suspeita”, etc. Assim, as sanções negativas, mesmo as mais pesadas, são muitas vezes aceitas, pelos jovens homossexuais, como verdadeiras.

Por exemplo:

Filho – (17 anos) [...] *A minha grande preocupação é que darei aulas para crianças. E eu já percebo em minha família mesmo o medo de me deixar com as crianças, como se todos os gays fossem pedófilos... **Eu até fiquei inseguro, mas tenho fé que conseguirei!*** (GPH virtual, 18/02/2010 – grifo nosso)

Em *Eu até fiquei inseguro* se manifesta o poder de manipulação desses destinadores (sociedade, família), quando avaliam negativamente os

homossexuais e lhes imputam graves defeitos de carácter e problemas psicológicos.

Por outro lado, também se percebe a manipulação contrária: há um destinador 2 (parte da sociedade e o próprio filho, reflexivamente) que manipula o destinatário para querer buscar a conjunção (valor modal) com a “liberdade” e o “direito” de ser professor de crianças. Daí o conflito visto em: *eu até fiquei inseguro, mas tenho fé que conseguirei!*

Percebe-se o conflito entre os paradigmas correspondentes à classificação axiológica dos valores, do ponto de vista pessoal e/ou social, sistemas de valores aparentemente estratificados, mas em transformação. Esse conflito é gerado pela inconstante marca dos aspectos fóricos, ora euforia, ora disforia, que surgem concretizados, pois foram recobertos por objetos, desejáveis vs. indesejáveis, e são valores para um sujeito vs. para uma comunidade como um todo.

As informações sobre o plano axiológico se manifestam nas relações entre os sujeitos e entre sujeitos e objetos, fornecidas pela construção discursiva, e nos permitem reconstituir aspectos de uma ideologia imanente.

3. PERCURSOS NARRATIVOS E DISCURSIVO-PASSIONAIS DOS FILHOS

Adolescente, relacionei fatos e tive certeza de minha condição sexual. Lutei um tempo contra essa constatação, mas somente há quatro anos aliviei minha tensão em relação a essa condição. Ainda reluto em algumas coisas, todavia hoje já me assumi para algumas pessoas, colegas de trabalho e amigos verdadeiros. Penso ser esse um processo gradativo e lento. A dor que gostaria de partilhar não é exatamente a dor de me perceber homossexual e estar exposto aos preconceitos e julgamentos outros, mas sim a dor de não ter tido tempo e coragem de contar sobre mim à minha queridíssima mãe. [...] (GPH virtual – 07/11/2010)

Filho (29 anos)

3.1 Considerações iniciais

Dado o preconceito vigente contra a homossexualidade, podemos comparar a pessoa homossexual ao herói propiano que tem de passar por “provas” para alcançar o que considera seu “objeto valor”. (GREIMAS, 1975:221). Esse nosso “herói” terá de passar pelas duas provas principais, que denominamos desafios: **se autoaceitar e assumir-se homossexual** para as outras pessoas. O “herói”, vencedor do preconceito e suas consequências, será recompensado, conquistando a possibilidade de ser feliz.

De acordo com o depoimento dos filhos, tudo começa com dois grandes desafios complementares – “se autoaceitar” e “sair do armário” –, embora sua resolução dependa do sujeito e, provavelmente o leve a uma escolha entre tomadas de posição que lhe parecem excludentes:

- a) “Se eu me aceitar homossexual, não serei aceito pela minha família e pela sociedade”, mas terei a possibilidade de ser feliz;

- b) “Se eu não me aceitar homossexual, serei aceito pela minha família e pela sociedade, mas nunca serei feliz”.

Há também a possibilidade de o filho concluir que nunca será feliz, a partir das premissas a e b:

- a) Eu só posso ser feliz, se eu me aceitar como sou;
- b) Mas não posso ser feliz sem a minha mãe, que nunca me aceitaria; portanto, não há possibilidade de eu ser feliz.

Essa difícil escolha leva o sujeito a um grande conflito e a seus efeitos passionais característicos, que veremos durante a análise.

No desafio da autoaceitação, o ator é sincrético, no sentido de recobrir vários papéis actanciais, pois se desdobra em dois actantes, “ele”, sujeito, contra “ele mesmo”, antissujeito. Um deles sabe que é homossexual e tenta se aceitar; o outro não quer. Além disso, o ator também é investido dos papéis actanciais de *destinador manipulador* e de *destinador-julgador* dele mesmo.

Para Greimas, esses sujeitos se encontram em relação modal com mais de um objeto ao mesmo tempo, por isso sua existência modal dá lugar a conflitos de valores e a interrogações cognitivas e fiduciárias sobre o valor comparativo entre valores de inegável valor, ocasionando sofrerem tensões de grande importância. E os textos com esse tipo de sincretismo, são fortemente psicologizantes, portanto são muito passionais. (Greimas, 1983:102).

Por exemplo:

Filho (14 anos) – *Já me esforcei pra me aceitar assim, mas não consigo. Me ensina a ser heterossexual? Eu não posso ser isso! Já rezei tanto... E, na escola, já to passando vergonha... Como vou falar pra minha mãe uma coisa dessas?* (GPH virtual, 12/12/ 2008)

O discurso expressa a não autoaceitação da homossexualidade. A última frase – *como vou falar pra minha mãe uma coisa dessas?* – mostra que o garoto (14 anos) sabe da dificuldade das mães para aceitarem filhos homossexuais, também porque já experimenta a própria aceitação com dificuldade.

A figura da mãe se mostrou muito importante nos depoimentos, justificando a escolha para estudo do relacionamento entre mães e filhos. O ator, mãe, aparece nos depoimentos muito amado, mas, também, muito temido. Nos discursos, a mãe tem um poder imenso: ela dá competência, ela faz crer, ela faz-fazer (percurso do destinador manipulador); ela reconhece o herói, ela desmascara o vilão, ela recompensa ou pune (percurso do destinador-julgador). Ela é muito amada e tem o poder de fazer os filhos felizes ou infelizes para sempre:

Filha – (18 anos) [...] *tomei uma decisão difícil. Me aproximei muito da minha mãe e decidi esconder pro resto da vida os meus sentimentos por mulheres. Eu sei que não é o certo, mas eu tomei essa decisão pois não quero decepcioná-la depois de tanto esforço para conquistá-la. **Eu amo muito minha mãe** e acho errado o que eu sinto por mulheres...* (GPH virtual, 08/01/2010 – grifo nosso)

Geralmente a descoberta dos filhos de sua homossexualidade se dá de uma forma aspectual durativa, através de indícios, percebidos principalmente com a comparação dele mesmo com os pais, com os irmãos, com os amigos da mesma idade. Como resultado, temos uma descoberta atenuada, em comparação à descoberta da homossexualidade dos filhos pela maioria das mães, conforme os depoimentos analisados:

Filha (16 anos) – *Descobri que sou homo aos 14 anos. Tive certeza aos 15. Na verdade, desde pequena eu me achava diferente de muitas crianças e sofria bastante com isso [...]* (MODESTO, 2009:128)

No exemplo, a seguir, vemos a longa duração do processo de autoaceitação do jovem:

Filho (19 anos) – *No começo, eu achava assim: “Não posso ser homossexual, isso vai ser muito ruim para mim e para minha família...” Com o tempo aceitei isso e comecei a pensar assim: “Ok, vou ter relações com homens, mas vou casar, ter filhos e, esporadicamente, saio com homens!” Achei que tinha achado a solução. Mas, no decorrer da vida, achei que isso também não era*

correto. Então pensei: “Vou ser gay, mas ninguém vai saber.” Mas o tempo passou mais ainda, e descobri que contar para a minha família seria no mínimo justo, pra mim e pra eles. (MODESTO, 2006:85)

Uma característica dos processos de descoberta e autoaceitação dos filhos de sua própria homossexualidade é esses processos se realizarem com uma temporalidade estendida, em comparação com a descoberta e aceitação da maioria das mães.

Neste trabalho, tanto o processo de autoaceitação da homossexualidade – o primeiro desafio –, como o processo de se assumir homossexual para os outros – o segundo desafio – foram considerados sequências do percurso passional dos filhos, um recurso para organizar a análise, já que essas sequências estabelecem uma relação de dependência entre elas: quase sempre, o processo de “sair do armário” depende do processo de “autoaceitação”, mesmo quando são quase concomitantes. Dentro do segundo desafio, o “assumir-se para os outros”, o percurso mais importante é o de conseguir a aceitação da mãe.

3.2 Dois desafios: aceitar-se e “sair do armário”

Os dois desafios, autoaceitação e assumir-se homossexual para os outros, denominado vulgarmente “sair do armário”, tomam a forma de sequências narrativas (SN) dos discursos enunciados, que se iniciam com o percurso prévio de manipulação à submissão, já mencionado, que origina o preconceito anterior à descoberta. Essa manipulação, principalmente pelo /saber/, /crer/ e /dever/, é também a origem do autopreconceito que impede ou dificulta a autoaceitação dos homossexuais e a aceitação da homossexualidade pelas mães e pelas outras pessoas.

3.2.1 Autoaceitação: o primeiro desafio

O preconceito pode ser também do âmbito do “eu”, do “nós”, no “autopreconceito” de um sujeito num processo reflexivo. Os atos de intolerância (advindos da não aceitação ou da rejeição) também podem voltar-se de um sujeito para ele mesmo (como no suicídio, por exemplo).

Exemplos da dificuldade de se autoaceitar:

Filho – (15 anos) [...] *eu preciso saber de vc se tem cura para isso pra uma pessoa deixar de ser gay, mais naum adianta eu naum consigo me interessar por meninas, já tentei mas não tenho o menor tesão por menina, entende?* (GPH virtual, 21/06/2007)

Filho (22 anos) – *Desde pequeno, quando ainda nem sabia o que era “certo e errado”, o que era homo ou hétero, eu já me sentia atraído por meninos e isso sempre me afligia por não querer aceitar essa condição... Até então ter minha primeira experiência sexual e foi quando a minha cabeça ainda mais atrapalhada, desde então tenho passado por momentos de **querer ser eu mesmo, mas não conseguir**, tive apenas 3 experiências homos, sendo que namorei por 5 meses um cara e esse foi o melhor tempo da minha vida, me sentia feliz por ser autêntico, sincero comigo mesmo, de não ter que estar me escondendo de mim, mas esse relacionamento acabou há dois anos e nunca mais me envolvi com ninguém do mesmo sexo, mas sei que não sou feliz da forma como estou vivendo...* (GPH virtual, 18/05/2010 – grifo nosso)

O sujeito argumenta que, em criança, ainda não tinha o saber/poder integrar seus percursos num sistema de valores para interpretá-los e reconhecê-los como positivos ou negativos, com exceção do programa relacionado à sua sexualidade: (eu) *nem sabia o que era “certo e errado”, o que era homo ou hétero, eu já me sentia atraído por meninos e isso sempre me afligia por não querer aceitar essa condição...* Ele já se reconhecia “homossexual”, mesmo não conhecendo essa palavra, sabia sobre o seu “ser” diferente da maioria, já julgava a sua sexualidade contrária aos valores do seu destinador manipulador e se autocondenava.²² Assim, o sujeito escolheu viver como heterossexual. Seu “ser” foi sobredeterminado por modalizações veridictórias e epistêmicas e, como destinador julgador, ele interpretou que vivia na “mentira” e julgou-se negativamente: *desde então tenho passado por momentos de querer ser eu*

²² Consideramos depoimentos como esse uma prova inquestionável de que a homossexualidade não é uma escolha por sem-vergonhice, ou uma simples preferência, como gostar de chocolate, por exemplo. cremos, depois de tantas evidências, de que se trata de uma orientação sexual, tão “natural” quanto ser heterossexual.

mesmo, mas não conseguir. Por isso, tentou viver na “verdade” (ser e parecer homossexual), para ser feliz: namorei por 5 meses um cara e esse foi o melhor tempo da minha vida, me sentia feliz por ser autêntico, sincero comigo mesmo, de não ter que estar me escondendo de mim... Mas conseguiu por pouco tempo, pois a sanção negativa da sociedade pesou mais e o sujeito se sente infeliz: nunca mais me envolvi com ninguém do mesmo sexo, mas sei que não sou feliz da forma como estou vivendo...

O sujeito destinador-julgador se sancionou negativamente e se puniu pela desobediência ao “contrato” para ser heterossexual. O estatuto negativo de ser homossexual em conjunção com o sujeito definiu estados passionais de “aflição” (/querer ser/ + /não-poder ser/), de uma “insegurança prospectiva” que se realizou com a infelicidade, num percurso de intolerância reflexiva, um castigo: *nunca mais me envolvi com ninguém do mesmo sexo.*

Outros exemplos da dificuldade de autoaceitação pela crença no quadro de valores em que o destinador julga negativamente o “ser homossexual”:

Filho (24 anos) – *Eu sempre soube que eu era... Desde os seis anos de idade. **Mas sabia que aquilo era “errado”.** Tive de conviver com minha mãe me afirmando que “o maior desgosto que um filho pode dar a uma mãe é ser homossexual”. Apesar de ter mais quatro irmãos, dois homens e duas mulheres, ela dizia isso só pra mim. Na escola, eu sofria muito, pois as pessoas ficavam comentando sobre mim, perguntando às outras pessoas se eu realmente era e tudo mais. **Se eu estivesse disposto a fazer uma contagem de quantas pessoas tiveram a coragem de chegar pra mim e me perguntar se eu era gay perderia as contas após a trigésima.** [...]*
(GPH virtual, 05/10/2006 - grifo nosso).

O julgamento pesado e contínuo da mãe (destinadora-julgadora) durante toda sua infância e adolescência foi uma punição muito sofrida para o sujeito: *Tive de conviver com minha mãe me afirmando que “o maior desgosto que um filho pode dar a uma mãe é ser homossexual”.* O discurso leva a crer que o garoto não somente era gay, mas aparentava ser gay, por características de comportamento de gênero, em: *ela dizia isso só pra mim.* Além do autojulgamento negativo da homossexualidade, o jovem foi constantemente condenado pela mãe, em casa, e

pelos colegas, na escola: *Na escola, eu sofria muito, pois as pessoas ficavam comentando sobre mim, perguntando às outras pessoas se eu realmente era e tudo mais.*

A escolha do lexema “coragem” em, *Se eu estivesse disposto a fazer uma contagem de quantas pessoas tiveram a coragem de chegar pra mim e me perguntar se eu era gay perderia as contas após a trigésima*, nos permite, pelo menos, uma interpretação: o garoto sentia como uma grande ofensa, essa pergunta. A partir disso, conclui-se que ele não se aceitava gay. Nesse discurso, a dificuldade de autoaceitação é evidente e tentaremos entender melhor esse processo, no próximo item.

3.2.1.1 “Conflito identitário”

A mensagem a seguir exemplifica bem o preconceito internalizado no filho e sua consequente dificuldade de autoaceitação. No discurso, vemos um sujeito desesperado, também porque está confuso quanto à sua identidade modal:

Filho (22 anos) - Olá, eu não gostaria de me identificar por enquanto. Estou passando por uma fase realmente difícil, terminei um namoro com uma menina linda, eu sou homem, e namoramos por bastante tempo. Tínhamos ideia de que teríamos filhos lindos, um casal deles. [...] Há alguns dias, eu percebi que eu estava infeliz, eu sabia que algo estava errado na minha vida, eu estava errado, eu nasci errado, alguma coisa não funcionava direito, eu sempre soube, mas nunca cheguei a admitir isso. Minha infância e juventude foram um inferno, sempre com pessoas me julgando e me apontando, foi realmente um inferno, eu tinha vontade de me matar às vezes. Minha mãe é muito católica e desde criança eu pedia para que Deus mudasse minha vida, minha cabeça, eu chorava todos os dias, esperando pelo milagre e pedindo pra que tudo fosse diferente de alguma forma, para que eu pudesse ser feliz.

Há algumas semanas terminei meu namoro com ela, eu percebi que eu estava infeliz, que eu não sentia mais a atração física por ela que deveria sentir, percebia que eu tinha atração por meninos, eu sempre soube, mas isso era reprimido, afinal eu ando com pessoas normais e tinha uma namorada, viver aquela vida normal é um prazer enorme, uma coisa que eu

não tive na infância e na adolescência, mas que na minha juventude, minha namorada me proporcionou viver. Mas faltava alguma coisa, eu percebi que não poderia continuar com o meu namoro por muito tempo, eu tinha medo de fraquejar e traí-la com um homem depois que tivéssemos casado e, pior, depois dos filhos. E o que os outros iriam dizer pros meus filhos? Seu pai é bixa, viado... Eu não poderia permitir que eles existissem em um universo como o atual, eu simplesmente não posso. [...]. Meus pais e irmãos talvez estejam desconfiados, eu os amo bastante. Eu conheci um menino tem 2 semanas, ele atua na mesma área de trabalho que eu, e eu estou apaixonado por ele. Nós nos falamos todas as noites e sinto a reciprocidade dos nossos sentimentos. Mas quando penso nela, na minha namorada, eu fico confuso. Me sinto traindo ela, me sinto traindo minha família, me sinto traindo a Deus e à moralidade. E o pior, quando ficarem sabendo, eles vão me odiar, claro que vão me amar, porque sou parte da família, mas certamente eles vão ter nojo de mim. Minha vida social, meus amigos, professores, colegas de sala, todos vão ter nojo de mim e vão me odiar, conviver com isso vai ser tenso. Eu não sei se estou pronto, nem sei quando vou estar. As vezes penso que acabar com minha vida seria mais fácil, mas eu quero vivê-la um pouco plenamente antes disso. [...] Eu me sinto errado, me sinto com defeitos e estou me contentando que não tenho direito de ser feliz. Talvez Deus tenha um destino mais apropriado pra mim, por isso continuo vivendo, eu gosto de me sentir mártir as vezes e gostaria de viver por uma causa grande, mas no fundo eu quero e desejo ser feliz, só que não sei se isso é possível, não pra mim, não agora, eu sinto que é um pouco tarde demais, eu já destruí a perspectiva de futuro da minha ex, eu me sinto infeliz agora, e o cara com quem estou saindo tem uma namorada também e eu me sinto mal pelo que ele faz com ela... Eu sinto que estou me afundando em um abismo sem volta. Eu gostaria de ajuda, seja ela qual for, eu preciso conversar com alguém, sinto que vou quebrar em breve. Desculpem esse email grande, é que não posso recorrer a mais ninguém. (GPH virtual – 08/02/2010)

O texto apresenta um relato de conflito, muito passional, que envolve o narrador. Na primeira frase, *Olá, eu não gostaria de me identificar por enquanto*, e, no último parágrafo, *Desculpem esse email grande, é que não posso recorrer a mais*

ninguém, etc., temos recursos enunciativos criando efeitos de aproximação da enunciação.

Está revelada no discurso em exame a instância que congrega as razões explícitas/implícitas que fizeram com que o sujeito procurasse namorar uma garota: estímulo dos pais, professores, colegas, amigos, etc., que são considerados “pessoas normais”:

*[...] percebia que eu tinha atração por meninos, eu sempre soube, **mas isso era reprimido, afinal eu ando com pessoas normais** e tinha uma namorada, viver aquela vida normal é um prazer enorme, uma coisa que eu não tive na infância e na adolescência, mas que na minha juventude, minha namorada me proporcionou viver [...]*

Dessa instância destinadora é que veio, em grande parte, o “desejo” de *viver aquela vida* avaliada como *normal*, negando ser homossexual e julgando a homossexualidade como anormal, e, principalmente, veio a “necessidade” que impulsionou a ação de namorar uma garota: *Minha infância e juventude foram um inferno, sempre com pessoas me julgando e me apontando, foi realmente um inferno, eu tinha vontade de me matar às vezes*. A manipulação funcionou.

A frase *na minha juventude, minha namorada me proporcionou viver (uma vida normal)*, expressa um estado de conjunção com o objeto valor, um /poder-fazer/ proporcionado pela namorada (actante adjuvante).

De qualquer modo, uma nova axiologia foi convocada no discurso, suficientemente ampla para que o sujeito pudesse terminar o namoro com a garota e iniciar o namoro com um rapaz. No entanto, ao mesmo tempo, a axiologia anterior se fez presente e impeliu o sujeito ao /fazer não-fazer/, isto é, a não reagir contra a norma social que impõe a todos que sejam heterossexuais. E esse é o principal conflito discursivo.

A vitória do percurso do sujeito (*viver uma vida normal*) foi só “ao modo do parecer”. Uma parte importante desse /poder fazer/, que é a “orientação do desejo” para pessoas do sexo feminino, – competência de origem desconhecida – o sujeito não possuía, o que nos aponta para o futuro malogro do seu percurso narrativo.

A “orientação do desejo” para pessoas do sexo diferente do seu tornou-se um elemento antagonista, comprometendo o êxito do seu percurso narrativo, impedindo a solução eufórica para o enunciado de estado e instigando a continuação da narratividade. Na verdade, de certo modo, o sujeito (filho) passa a ser o seu próprio antissujeito, já que não consegue namorar uma garota e apaixona-se por um rapaz: *Eu conheci um menino tem 2 semanas, ele atua na mesma área de trabalho que eu, e eu estou apaixonado por ele. Nós nos falamos todas as noites e sinto a reciprocidade dos nossos sentimentos.*

E a quebra do simulacro de contrato estabelecido com a sociedade, com a família, com a namorada e com ele mesmo; o /dever-ser/ heterossexual, torna o sujeito feliz e infeliz, ao mesmo tempo. No discurso, manifesta-se um conflito, por isso o desespero. Por um lado, temos um sujeito feliz (*afinal eu ando com pessoas normais e tinha uma namorada, viver aquela vida normal é um prazer enorme, uma coisa que eu não tive na infância e na adolescência, mas que na minha juventude, minha namorada me proporcionou viver.*). Por outro, temos um sujeito infeliz: *eu percebi que eu estava infeliz, que eu não sentia mais a atração física por ela que deveria sentir, percebia que eu tinha atração por meninos, eu sempre soube, mas isso era reprimido...* E o sujeito se manifesta num conflito, modal e passional, e sente-se sem saída: *estou me afundando num abismo sem volta.*

Retomando o parágrafo:

[...] *no fundo, eu quero e desejo ser feliz, só não sei se isso é possível, não pra mim, não agora, eu sinto que é um pouco tarde demais... Eu sinto que estou me afundando num abismo sem volta. Eu gostaria de ajuda, seja ela qual for, eu preciso conversar com alguém, sinto que vou quebrar em breve* [...]

O sujeito define-se em um grande conflito. Em relação ao valor “felicidade”, é um sujeito de estado que *quer*, mas *não pode*, *nem sabe* ser feliz. Do ponto de vista de sua competência para um *fazer*, ele *deve*, *sabe* e *pode* viver como homossexual, ao modo do segredo/mentira, mas *quer* e *não quer*, ao mesmo tempo. Por outro lado, ele *sabe* e *pode ser* e viver como homossexual, ao modo da verdade (ser/parecer), mas *quer* e *não quer*, ao mesmo tempo, de acordo com

o modelo. (GREIMAS, 1983). Os efeitos de sentido desses dispositivos modais de existência são paixões que examinaremos proximamente.

(GREIMAS, 1983:54)

Um reforço importante para a “confusão” em que o sujeito (manipulado pela intimidação) se encontra é imaginar a sanção negativa que receberá dos demais, se optar por se autoaceitar. O discurso mostra, principalmente, a paixão do “medo” das consequências disso: *E o pior, quando ficarem sabendo, eles vão me odiar, claro que vão me amar, porque sou parte da família, mas certamente eles vão ter nojo de mim. Minha vida social, meus amigos, professores, colegas de sala, todos vão ter nojo de mim e vão me odiar, conviver com isso vai ser tenso.*

[...] Mas faltava alguma coisa, eu percebi que não poderia continuar com o meu namoro por muito tempo, eu tinha medo de fraquejar e traí-la com um homem depois que tivéssemos casado e, pior, depois dos filhos. E o que os outros iriam dizer pros meus filhos? Seu pai é bixa, viado... Eu não poderia permitir que eles existissem em um universo como o atual, eu simplesmente não posso. [...].

A enunciação “dos outros”, como em *seu pai é bicha, viado*, é uma enunciação reportada para criar efeito de realidade, justificando o temor do sujeito de ser descoberto como homossexual. O narrador deu a palavra aos “outros”, imaginando o que as pessoas iriam dizer a seus possíveis filhos. O conjunto de reflexões sobre o assunto parece ter sido feito no mesmo momento do ato

enunciativo. Nesse parágrafo e naqueles a seguir, estão o resumo do que convence o sujeito a não se aceitar homossexual, a “levar vida dupla”, isto é, tornar a homossexualidade um “segredo” (não parece, mas é) e viver uma vida de “mentiras” (que parece e não é), conforme quadro de Greimas, apresentado.

Vemos que as relações sujeito/objeto, antissujeito/antiobjeto, se confundem no eixo sintagmático, evidenciando o “conflito”. O filho, ora figurativiza o actante sujeito, ora o actante antissujeito; ora o antipercurso é ser e agir como um homossexual e o percurso desejado é o de parecer um heterossexual e agir como tal, ora é o inverso. E o narrador argumenta para convencer o narratário de que nasceu errado, recorrendo ao passado. O narrador tenta convencer:

- a) Aos destinadores julgadores que o sancionavam negativamente quando criança (em casa, na escola): *Minha infância e juventude foram um inferno, sempre com pessoas me julgando e me apontando, foi realmente um inferno, eu tinha vontade de me matar às vezes.*
- b) À mãe, como destinadora-julgadora, e o perigo implícito de sua sanção negativa: *Minha mãe é muito católica...*
- c) Ao pedido de auxílio do mais poderoso destinador (Deus) e desde criança eu pedia para que Deus mudasse minha vida, minha cabeça, eu chorava todos os dias, esperando pelo milagre e pedindo pra que tudo fosse diferente de alguma forma, para que eu pudesse ser feliz.

A mudança, realizada pelo sujeito como um PN de uso –, “aceitar-se e ser aceito como homossexual” – para chegar ao seu programa de base “ser feliz”, começa em: *Há algumas semanas terminei meu namoro com ela, eu percebi que eu estava infeliz, que eu não sentia mais a atração física por ela que deveria sentir, percebia que eu tinha atração por meninos, eu sempre soube, mas isso era reprimido] [...]* E continua em: *Eu conheci um menino tem 2 semanas, ele atua na mesma área de trabalho que eu, e eu estou apaixonado por ele. Nós nos falamos todas as noites e sinto a reciprocidade dos nossos sentimentos.*

Terminar o namoro com a garota e começar a namorar um rapaz por quem é apaixonado são duas ações em direção a entrar em conjunção com o ser homossexual e agir como tal, como um programa, em parte, valorizado

positivamente. Em parte, porque o sujeito está dividido e nele subsiste ainda o sentimento de julgamento negativo proveniente de uma instância de valores que são reconhecidos, ainda, por ele: *Mas quando penso nela, na minha namorada, eu fico confuso. Me sinto traindo ela, me sinto traindo minha família, me sinto traindo a Deus e à moralidade. E o pior, quando ficarem sabendo, eles vão me odiar, [...]*

Assim, o sujeito se sente pecando duas vezes: peca, porque não é o namorado adequado para a garota e crê que vai fazê-la infeliz (/não-saber ser;/ /não-saber fazer/); peca, porque não consegue se assumir homossexual, portanto não sabe fazer o que intimamente quer e sabe que deveria. Resumindo, peca pelo que fez e peca pelo que deveria ter feito e não fez. Separado dos valores, reforça-se a “insatisfação”, apresentada sob a forma de romper o relacionamento com a garota e de não se sentir feliz, namorando o garoto. E o sujeito perde a confiança em si próprio e agora só crê em Deus.

A busca do objeto de valor fracassa, o sujeito sabe ser impossível conquistá-lo e sofre os efeitos passionais da “frustração”, “insatisfação”, “descontentamento”, “infelicidade”, etc. No depoimento, o estado de tensão aumenta, gerando a “aflição” pelo /querer-ser/, “frustração” pelo /não-poder ser/, e a “ansiedade” e “inquietação” extremas, pois a conjunção se mostra quase impossível, próxima de um sentimento de falta mais tenso. Na tensão aflitiva da falta, o sujeito entra num estado passional de autoflagelação: *me sinto traindo... eles vão me odiar...* Em *me sinto traindo* e em *quando ficarem sabendo* temos o sentido da duração (extensividade) que alimenta o universo passional.

No discurso, o “arrependimento” e a “tristeza” do sujeito por não ter cumprido o contrato simulado superam a “alegria” de “estar apaixonado”. Esses são sentimentos contínuos e contrários, mas explicáveis por serem sentimentos que não passam pelo filtro da razão. Assim, o sujeito se sente infeliz por ter de simular que é heterossexual e também se sente infeliz quando resolve acabar com essa “mentira”: *eu me sinto infeliz agora, e o cara com quem estou saindo tem uma namorada também e eu me sinto mal pelo que ele faz com ela... Eu sinto que estou me afundando em um abismo sem volta. Eu gostaria de ajuda, seja ela qual for, eu preciso conversar com alguém, sinto que vou quebrar em breve [...]*

Intensificado no final do discurso, o estado passional do sujeito não apresenta nenhum término, como as “modalidades estabilizantes” do /saber/ e /dever/ poderiam lhe dar. O ator “eu” realiza papéis de sujeito e de antissujeito, instalando-se a polêmica interior. O sujeito não sabe bem o que quer e oscila entre o /dever/ individual e social, que o destinador lhe aponta, e o /dever/ de honra e respeito próprio de “sair do armário”, que uma parte do sujeito almeja. Assim, ele oscila entre o viver fingindo que é heterossexual e o assumir-se homossexual e viver como tal.

Como o destinador julgador fica indeciso, o programa narrativo permanece inacabado. O observador também não finaliza a sua “interpretação” e não pode dizer se o sujeito é merecedor do “objeto valor” “ser feliz”, pois ele não foi “realmente” conquistado. Narrador e observador só podem narrar/atestar o /saber/ sobre a veracidade de tudo que ocorreu durante o processo de idas e vindas de um sujeito insatisfeito (não-querer fazer + dever fazer; não-querer ser + saber não-poder não-ser) e nos mostram um jovem em conflito.

O /dever/, como modalidade moral e ética, que tenta representar o bem coletivo e impor limites à busca do bem individual, dando suporte ao julgamento no discurso, tem dupla interpretação no plano individual, como vimos; mas, no plano social, o julgamento ainda aprova a heterossexualidade.

O filho, no final do discurso, ao ficar tão dividido e infeliz, admite a preponderância ainda de um sistema axiológico mais amplo do que aquele que lhe permitiu terminar com a namorada e se apaixonar por outro rapaz. De certo modo, ele aceita o castigo de *se afundar em um abismo sem volta*, que lhe deu o destinador, guardião dos valores sociais. O sujeito sofre paixões de grande tensão e sugere um possível programa de liquidação da falta contra ele mesmo pela morte, que é descartado.

Esse sujeito, então, dá voz ao destinador julgador, mas, ao mesmo tempo manifesta sua função de um sujeito passional que não se deixou vencer completamente. E vemos o “eu” inconformado, pedindo ajuda ao GPH, como adjuvante: *Eu gostaria de ajuda, seja ela qual for, eu preciso conversar com alguém...*

O desafio básico do sujeito (filho), no discurso examinado acima, é a busca de sua “identidade modal”. (Fontanille, 2007) Principalmente porque o sujeito ainda

não tem condições de assumir sua identidade, apresenta-se em primeiro plano um “conflito identitário”. Para ele, ainda se abrem dois caminhos e, confuso, angustiado, ele vacila entre eles. O sujeito ainda não consegue se decidir por quem ele é, portanto não pode saber por qual caminho seguir. Mesmo assim, percebe-se no discurso, mesmo incipiente, o desejo de busca dessa identidade modal, em: *Às vezes penso em acabar com minha vida seria mais fácil, mas eu quero vivê-la um pouco plenamente antes disso... [...]*

Os conflitos, nesse discurso, são dados pelo sincretismo dos atores, já no nível discursivo. Os mesmos atores figurativizam diferentes papéis actanciais e em cada um deles o sujeito assume um diferente quadro de valores, causando o grande conflito da sua construção identitária.

Assim, baseados em Fiorin (1996), examinaremos, brevemente, as questões de pessoas e tempos verbais, recursos de natureza enunciativa do discurso que cobrem esses conflitos, aqueles que se somam e se sobrepõem ao plano do narrado. Essas noções e circunstâncias de espaço e tempo são consequências das operações efetuadas no nível discursivo, de desvendamento da enunciação e manifestação dos valores sobre os quais o texto se apoia.

A ênfase na temporalidade que se percebe, no discurso em exame, se deve à importância do tempo na discursivização das ações e paixões do processo de autoaceitação dos filhos homossexuais (aliás, também no processo de aceitação de filhos pelas mães, conforme veremos).

Nesse discurso, na primeira frase e na última, o sujeito se dirige diretamente a um interlocutor fictício (“tu”) e simula o *aqui* e *agora* de um processo de comunicação no interior do enunciado. Temos então uma *debreagem* enunciativa, reconstruindo a relação “eu”/“tu” própria da enunciação. Em *Olá, eu não gostaria de me identificar*, temos um “eu” do “agora”, um recurso de presentificação da cena e um recurso de veridicção. O “dizer verdadeiro” é reforçado no final, com o pedido de ajuda: *Eu gostaria de ajuda, seja ela qual for...* Nesses trechos, o *narrador* instala um *narratário*. O “eu” do “então” é o “eu” da história que ele relata, marcando o papel do narrador. O sujeito assume o papel do narrador e o papel do sujeito que sofre. (Fiorin, 1996:117).

Em seguida à primeira *debreagem enunciativa da enunciação*, *Olá, eu não gostaria de me identificar por enquanto*, se seguem outras *debreagens*

enunciativas para a narração dos acontecimentos passados. Embora a temporalização manifestada na discursivização das ações seja importante, como estamos considerando um processo de autoaceitação, é mais importante a evolução dos sentimentos do sujeito.

O ato de linguagem (quando a mensagem foi escrita) é o agora que se desloca pelo fio discursivo, ora em concomitância (entre narração e narrado), ora em anterioridade (evocação), ora em posterioridade (expectativa), como em: *Talvez Deus tenha um destino mais apropriado pra mim, por isso continuo vivendo [...]*

Lembramos que, como o discurso foi materializado como uma mensagem enviada por *e-mail*, a recepção da mensagem não foi simultânea à sua produção. Assim, é importante a data da mensagem (08/02/2010), pois é o meio de tornar inteligíveis os marcadores de tempo linguísticos.

Por exemplo, no texto:

“Há alguns dias, eu percebi que estava infeliz...”;

“Há algumas semanas, terminei meu namoro com ela, eu percebi que estava infeliz...”;

“Eu conheci um menino tem duas semanas [...] e eu estou apaixonado por ele. [...] Mas quando penso nela, na minha namorada, eu fico confuso.”

Em “Há algumas semanas” e em “Há alguns dias”, o discurso utilizou a gradação do tempo crônico, com imprecisão, sem a enumeração das unidades, e em duração e direção retrospectivas.

A ordenação da evolução dos estados passionais e transformações representadas no texto organizam-se do seguinte modo, tomando como marco temporal o dia em que a mensagem foi escrita (08/02/2010):

“Há algumas semanas, terminei meu namoro com ela, eu percebi que estava infeliz...”

“Eu conheci um menino tem duas semanas...”

“Há alguns dias, eu percebi que estava infeliz...”

A maior parte dos fatos narrados no discurso são anteriores ao tempo da narração, portanto evocações, de quando o sujeito tinha menos de 22 anos. Acontecem numa anterioridade em relação ao ponto de vista estabelecido pelo enunciador implícito, que podemos dividir em anterioridades, com durações pressupostas, delimitadas por traços aspectuais de pontualidade:

Primeira anterioridade:

Minha infância e juventude foram um inferno, sempre com pessoas me julgando e me apontando, foi realmente um inferno [...]

A primeira anterioridade compreende a continuidade de um tempo que começa com a infância e termina na juventude. A infância e juventude foram períodos marcados pela sanção negativa. Mas há um ponto terminativo que marca o final do sofrimento e início de uma fase mais feliz.

Segunda anterioridade:

[...] tinha uma namorada, viver aquela vida normal é um prazer enorme, uma coisa que eu não tive na infância e na adolescência, mas que na minha juventude, minha namorada me proporcionou viver.

Essa segunda anterioridade foi marcada pela aquisição de competência para saber viver como heterossexual (comportar-se, vestir-se, namorar, fazer sexo), um fazer avaliado positivamente pelo destinador julgador (a sociedade, a família, os amigos e o próprio sujeito).

O sujeito (destinador-julgador) se avaliou como uma das pessoas que vive uma “vida normal”. A questão para ele já não é somente aquela de um /fazer/ heterossexual, mas da construção de uma identidade heterossexual. Ele quer se reconhecer como um heterossexual, não tolera mais a diferença que lhe que lhe foi atribuída pelos outros e por si próprio, na “infância e adolescência”. Ele caminha pra a homogeneidade, ele quer ser como todo mundo. Nesse momento o seu “grupo de referência” são os heterossexuais. E o sujeito entra em processo de autoassimilação. (LANDOWSKI, 2002:10 a 14)

A partir de trocas interindividuais, na família e na escola, e, graças às trocas de crenças do imaginário social, todas disfóricas quanto à diversidade de

orientação afetivo-sexual, o sujeito escolheu os traços que, de preferência, serviriam para construir semioticamente (seleção e investimento semântico correspondente) a figura do seu “eu”. E ele escolheu ser como a maioria, ser “normal”, ou nas palavras de Landowski, ser como o “senhor todo mundo”.

Na terceira anterioridade, há a confissão que leva à descoberta de uma sobremodalização pelo /não-poder/ que põe um ponto final à fase da suposta heterossexualidade.

Terceira anterioridade:

Há algumas semanas terminei meu namoro com ela, eu percebi que eu estava infeliz, [...]

Mas faltava alguma coisa, eu percebi que não poderia continuar com o meu namoro por muito tempo, eu tinha medo de fraquejar e traí-la com um homem depois que tivéssemos casado e, pior, depois dos filhos. E o que os outros iriam dizer pros meus filhos? Seu pai é bixa, viado... Eu não poderia permitir que eles existissem em um universo como o atual, eu simplesmente não posso. [...]

Há, no discurso, um ponto terminativo, pressupondo que a ação de viver como heterossexual esteja concluída: *Há algumas semanas terminei meu namoro com ela...* E esse ponto terminativo irá se revelar como verdadeiro, quando o sujeito, um rapaz, se apaixonar por outro rapaz, marcando um ponto incoativo, um novo começo.

Quarta anterioridade:

Eu conheci um menino tem 2 semanas...

Depois de ter terminado o namoro com a garota, o sujeito se apaixonou por um rapaz. Assim, tudo indica que ele não voltará a namorar mulheres.

Essa fase do percurso, de um fazer que poderia ser a *prova principal* – apaixonar-se por outro rapaz – fica conturbada pela confissão da fragilidade e tem um sentido de sanção negativa desse programa narrativo de conjunção com seu objeto valor, ser feliz.

O efeito de subjetividade que perpassa todo o discurso é enfatizado na concomitância com o marco temporal, dia em que a mensagem foi escrita, com continuidade retrospectiva e prospectiva:

Eu sinto que estou me afundando em um abismo sem volta. Eu gostaria de ajuda, seja ela qual for, eu preciso conversar com alguém, sinto que vou quebrar em breve.

Em *estou me afundando...*, temos o início de afundar-se num momento anterior ao momento de referência, com uma função aspectual de um durativo continuativo e inacabado.

O actante observador, por meio da debreagem enunciativa – um fio condutor que processa as transformações do programa narrativo e integra o texto às axiologias contemporâneas –, indica que, no final, a axiologia dominante ainda é importante para o destinatário manipulado (filho): se ele terminou com a namorada e está apaixonado por um outro rapaz, porque ainda se sente infeliz?

Os recursos temporais do texto manifestam a mais evidente estratégia para marcar essas fases entre ser homossexual vs. ser heterossexual, ora para um lado, ora para outro, num discurso que traz a noção de um processo de mudança do /ser/ e do /parecer/ de um sujeito em conflito identitário, com suas idas e vindas.

Por um lado, a relação entre várias etapas do passado entre si é importante para manifestação dos sentimentos de confusão, indecisão, grande conflito, em que se encontra o sujeito: “*eu me sinto infeliz agora... eu me sinto mal... Eu sinto que estou afundando em um abismo sem volta*”. Por outro, vemos a expectativa de um futuro melhor: “*Eu gostaria de ajuda... “Eu preciso conversar com alguém...*”, numa perspectividade positiva, um resquício de esperança.

Além desse exemplo, em que o sujeito está em conflito, dividido, angustiado, sem saber o que fazer, temos, no nosso *corpus*, outros discursos de jovens em que as diferenças modais também são da “ordem do mais e do menos”, que introduzem uma hierarquia entre modalidades, inclusive desenhando, por exemplo, papéis discursivos lexicalizados: o sujeito desse discurso que acabamos de examinar, por exemplo, é o “indeciso”, aquele que não sabe o que quer. Ele está entre a dêixis do desejo e a dêixis do dever:

(Zilberberg, 2006:112)

A descoberta da homossexualidade causa “conflitos identitários” e, em decorrência, o percurso da autoaceitação é pleno de paixões.

No discurso, a seguir, há um julgamento negativo de acordo com o sistema de valores ao qual o sujeito se integrou. Ele se orienta pelo certo vs. errado e escolhe o certo, de acordo com a cultura, orientado pelo dever. Esse é um exemplo do “preconceito anterior”, já visto, onde tudo se inicia:

Filho – (15 anos) [...] *É errado... eu quero fazer as coisas certas pra naum me arrepender... Eu sei que vai passar. Eh uma questão de tempo. ESPERO!!*
(GPH virtual, 10/01/2010)

De alguma maneira, apesar de se automanipular (*Eu sei que vai passar*), esse sujeito está determinado epistemicamente pela dúvida, pois termina o discurso com a insegurança de uma “esperança desalentada”.

No discurso a seguir, novamente, o conflito é entre o desejo e o dever:

Filha (20 anos) – [...] *Vou ter que aguentar ouvir certas coisas sem poder falar nada e somente concordar, **mas acho que eu aguento... Pra mim essa é a melhor solução e acho** que é assim que vou parar de me sentir atraída por mulheres.*

Esse pesadelo tem que acabar... esse desgosto comigo mesma... cansei de viver escondida sendo anormal... (GPH virtual 10/01/2010 - grifo nosso)

O ator (filha), ainda na dúvida (*acho, acho*), parece ter escolhido um caminho, por não ter outra escolha, e demonstra momentos de conformação, com seu sentido concessivo: *Apesar de não ser o que eu gostaria, acho que eu aguento*. O sujeito escolheu a dêixis do dever, o caminho que a sociedade e a mãe apontaram para ela. A “insatisfação”, pouco a pouco, foi atenuada pela “resignação”: *cansei de viver escondida sendo anormal...*

Em *acho que é assim que vou parar de me sentir atraída por mulheres. Esse pesadelo tem que acabar... esse desgosto comigo mesma... cansei de viver escondida sendo anormal...* percebe-se que o sujeito (filha) escolhe concordar com seus destinadores porque está em conflito, uma primeira etapa da busca da sua identidade. Ela quer que sua atração por mulheres seja uma fase, ao mesmo tempo ela quer ser ela mesma, mas não pode. Novamente, o preconceito anterior causando o conflito.

A filha está “angustiada” (dividida, sem rumo), decepcionada com ela mesma, “desgostosa”, “depressiva” (infeliz, durativamente): *esse desgosto comigo mesma... cansei de viver...* Assim, como uma primeira fase do processo de autodescoberta, ela tenta fazer com que o seu /querer/ fique sujeito à força do /dever/ para cumprir o simulacro contratual estabelecido com seu destinador (mãe) e com seu arquidestinador (a sociedade). Assim, temos *mais* dever e *menos* querer, nas palavras de Fontanille, numa hierarquia modal (1981:17), e o sujeito se autossanciona negativamente.

No exemplo, temos uma dimensão deôntica (dever), na qual mãe e filha são manipuladas pela sociedade. A mãe incorpora os valores e manipula os filhos. Assim, a mãe atorializa os dois papéis actanciais: é o destinador que manipula a filha, além de sujeito manipulado, e a filha fica entre o par volitivo/deôntico, isto é, entre o desejo de ser ela mesma e o dever de ser heterossexual. A identidade modal desse sujeito (filha), em conflito, mostra um sujeito enfraquecido (“vencida pelo cansaço”, como se diz comumente). Confusa, enfraquecida, seus gradientes modais não lhe permitem ir contra seu destinador para assumir sua verdadeira

identidade: *Esse pesadelo tem que acabar... esse desgosto comigo mesma... cansei de viver escondida sendo anormal...*

O sujeito (filha) se rebela contra a sua homossexualidade e a sanciona negativamente, apesar de novamente o “acho” colocar em dúvida a escolha do seu percurso, atenuando a certeza: [...] *acho errado o que eu sinto por mulheres*. Temos no discurso em exame, além da dimensão deôntica, uma dimensão volitiva em conflito entre dois objetos: tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade são objetos que atraem o sujeito. E o sujeito resolve manter a homossexualidade em “segredo” (/ser/, mas /não-parecer/), resolvendo o conflito no nível do /parecer/, como vimos em: [...] *e decidi esconder pro resto da vida os meus sentimentos por mulheres*.²³

Os garotos, adolescentes homossexuais, em geral, sonham em conquistar garotas, a exemplo do pai e dos colegas da escola. As garotas lésbicas, muitas delas, sonham em se casar na igreja, vestidas de noivas, como suas mães, desejam ter filhos, etc.

Filha (16 anos) – *Eu vi na revista um vestido branco, de noiva, lindo, lindo! Vou guardar... Quero me casar com ele! [...] Quero ter filhos...* (GPH virtual, 10/06/2009)

As pessoas homossexuais gostariam de ter o direito de participar de rituais religiosos de casamento e outros, como qualquer outra pessoa. Assim, alguns organizam cerimônias de casamento, a exemplo das cerimônias religiosas heterossexuais, para abençoar seus contratos de parceria:

Gay militante (48 anos) – *Vamos nos casar na igreja... São 4 casais... Nós e três casais femininos... Esperamos vocês lá...* (Reunião de militantes – 03/10/2008)

²² O enunciado de estado desses sujeitos é modalizado por um outro enunciado de estado, resultando a verdade ou a falsidade das relações juntivas entre sujeito e objeto. Para modalizar o “dizer verdadeiro” desse enunciado de estado, partimos da manifestação – parecer-não parecer – e inferimos a imanência – ser ou não-ser – e realizamos um fazer interpretativo. (Greimas, 1983:54)

Além de desejos relacionados às necessidades humanas mais básicas, como a conservação da espécie, vemos nos discursos uma necessidade de “inclusão” social, resultado de todo um trabalho ativista de “inclusão” do diferente, como ele mesmo, numa “agregação” (Landowski, 2002:02-11), uma aceitação propriamente dita, isto é, com valor ético e moral.

3.2.1.2 Negação da própria homossexualidade

Depois da descoberta da homossexualidade, os filhos, tomados por uma diversidade de paixões negativas, entram na “fase da negação” de sua própria homossexualidade.²⁴ Nessa fase, aparecem programas de não crer na própria homossexualidade e programas de saber que são homossexuais, mas de esperança de poder reverter isso. O destinador manipulador determina os valores que serão visados pelo sujeito e tenta fechar um contrato fiduciário, pelo qual ele busca a adesão do destinatário quanto a ser heterossexual.

Nas mensagens a seguir, há tipos de percursos de negação da homossexualidade, pela negação do saber ou por performances que visam à negação:

Filho (22 anos) – *No começo da adolescência eu achava que era coisa passageira, que ia passar [...] (MODESTO, 2006:70)*

Filho – (20 anos) *Eu tentei deixar de ser gay com uma super dose de sexo heterossexual, mas só serviu pra me deprimir. (MODESTO, 2006:70)*

Filha (38 anos) – *Meu tempo de negação foi longo, demorou anos e anos. Nesse período tentei me relacionar com homens, mas toda relação era frustrante pra mim. E as relações heterossexuais que tive acabaram solidificando essa imagem negativa de mim para a minha família. O sentimento de culpa que sentia destruía minha autoestima e sentia que morria aos poucos, emocionalmente. (MODESTO, 2009:121)*

²⁴ Entre as mães também há a fase da “negação” do saber e crer em relação à homossexualidade dos filhos, programas mediados pela crença em uma possível reversão, conforme veremos no capítulo 4.

O esforço do sujeito (garota) foi extensivo: *durou anos e anos*. Com o fracasso do PN, os sujeitos ficam “descontentes”, “culpados”, “deprimidos”, “frustrados”, “desesperados”.

Filho (20 anos) – *Tive um envolvimento aqui na faculdade com uma garota. Eu me envolvi com ela, apenas querendo provar pra mim mesmo que eu estava longe de ser gay e falhei.* (GPH virtual, 09/11/2006)

O sujeito, pela sua performance (envolvimento com uma garota), tentou alterar estados, tentou se “fazer ser” heterossexual, mas fracassou. Vemos o ator, filho, como sujeito em busca da “prova principal” – namorar uma garota para provar que é heterossexual – e, em sincretismo actancial, sendo seu próprio destinador-julgador. No discurso, está implícita a “humilhação” que o sujeito sentiu e sofreu, pelo caráter transitivo e reflexivo dessa paixão de confiança, tensa e extensa, paixão de disjunção, relacionada à “decepção” pelo “não-ser”, somada à vergonha. Foram somadas a sanção negativa própria à sanção negativa do outro, num rebaixamento moral. (Greimas, 1983: 52-56).

O programa é de tentativa de realização de um percurso existencial e factitivo. Assim, vemos o filho, um ator encarregado de vários papéis actanciais, num discurso subjetivo, de uma dramatização interior muito grande. No final do percurso, depois de tanto esforço, o sujeito, também nos papéis actanciais de destinador manipulador e destinador-julgador, se autoavalia derrotado: [...] *apenas querendo provar pra mim mesmo que eu estava longe de ser gay e falhei.*

A fase da negação para os filhos homossexuais baseia-se na esperança de uma transformação, de acordo com o contrato pelo qual todos devem ser heterossexuais. Enquanto a transformação não ocorre, o jovem procura se “fazer-ser” heterossexual, visando à sanção positiva do destinador, dele mesmo, da família, da sociedade. Como vimos, há um sincretismo actorial e o próprio sujeito é o destinador-julgador é quem diz ser verdadeiro, mentiroso, secreto ou falso, o estado do sujeito, num fazer interpretativo.

As modalidades veridictórias e epistêmicas sobredeterminam o ser do sujeito. Como destinador, o sujeito interpreta os estados como instáveis entre o /ser/ vs. /parecer/ da modalidade veridictória, os jovens ficam entre o /parecer/ e o /não-ser/

da “mentira” e o /não-ser/ e /não-parecer/ da “falsidade” e são determinados pela modalidade epistêmica da dúvida.

As formas de negação são evidentes: no primeiro exemplo abaixo, há tentativa de parecer heterossexual; no segundo exemplo, a de esconder-se.

Filho (24 anos) – *Eu percebi a minha homossexualidade aos 19 anos, mas não aceitava de jeito nenhum e **procurava imitar e agir como os outros homens**. Não dava chance ao meu lado homossexual.* (MODESTO, 2006:85 – grifo nosso)

Filho (22 anos) – *Eu percebi a minha sexualidade aos 14, 15 anos, quando comecei a sentir atração sexual por homens. Me achava diferente de todos os colegas, no começo da adolescência. **Nessa fase da minha vida eu me sentia um ET**. Nunca senti atração por mulher. No começo da adolescência, eu achava que era coisa passageira, que ia passar. **Eu me tranquei numa redoma** e tinha vergonha de tudo e de todos. Tive dificuldade de me aceitar homossexual... [...]* (MODESTO, 2006:85 – grifo nosso)

No primeiro percurso, o da sanção cognitiva, o destinador-julgador (filho) julga o sujeito (filho) negativamente “como um ET (um alienígena)”, alguém não apropriado, estranho. A sanção pragmática negativa foi “se trancar numa redoma”, figura que substitui “o armário”.

3.3 Principais efeitos passionais e acionais dos conflitos da autoaceitação²⁵

Para trabalhar com as paixões, não é importante trabalhar com a modalização do fazer, mas com as modalizações do ser, com a existência modal do sujeito. As paixões se explicam pela modalização, pela aspectualização discursiva e pela moralização dada pelo contexto. (GREIMAS, 1993: 62-3).

Esses percursos da autoaceitação e da negação da homossexualidade, já vistos, provocam vários efeitos passionais dos quais apontaremos os principais. Os sujeitos (filhos) se surpreendem quando se percebem diferentes dos demais

²⁵ Ver BARROS: 1985 e 1988.

jovens. Sua “espera” foi frustrada, porque o simulacro de contrato construído era de heterossexualidade, e os sujeitos ficam *insatisfeitos* e *decepcionados*, embora queiram /poder ser/ homossexuais, para serem felizes. O conflito está armado. Uma possibilidade é a desse estado passional intenso e não eufórico de não conjunção prolongar-se em novos efeitos passionais de objeto, como a *mágoa*, a *tristeza*. Outra possibilidade é a insatisfação e decepção gerarem o sentimento de falta: /querer-ser/ em conflito com o /saber não-ser/, /crer não-ser/.

Organizando as paixões que já foram expressas nos depoimentos, há configurações passionais previstas, a partir do estado tenso de disjunção, nos casos em exame, da “espera fiduciária”:

- a) A primeira possibilidade, que não conduz necessariamente à liquidação da falta, é a *insatisfação* (falta do “objeto valor”) e *decepção* (falta fiduciária), gerarem efeitos passionais lexicalizados.

Nos discursos dos filhos, durante a autoaceitação, a disjunção do sujeito S1 com ser e agir como um heterossexual e a perda de confiança no outro, fazem com que a *insatisfação* e a *decepção* provoquem efeitos passionais diversos. Entre eles, predominam nos depoimentos, a “infelicidade”, “frustração”, “descontentamento”, paixões não eufóricas de quem já sabe impossível a conjunção desejada.

Além delas, a *insatisfação* provoca a *aflição* de /querer-ser/ e /saber não poder ser/ e a *angústia*, paixão mais tensa. Quando a conjunção com a heterossexualidade se mostra ainda incerta, surgem a *ansiedade* e *inquietação*, pois o sujeito está tenso, em conflito identitário. Mesmo quando já sabe que é homossexual, o sujeito fica em dúvida sobre se aceitar ou fingir ser heterossexual.

Há uma variação tensiva na sequência da autoaceitação da homossexualidade que vai do relaxamento do simulacro de ser um heterossexual, passando pela intensão da *insatisfação* e *decepção* ao descobrir-se homossexual, à tensão do desespero da falta, até voltar, ou não voltar, à distensão e ao relaxamento da aceitação ou da rejeição.

A *decepção*, /querer ser/ e /não crer ser/, paixão epistêmica, desenvolve também a paixões de *insegurança* (/querer-ser/ e /crer não ser/). Há diversas

formas de insegurança nos depoimentos dos filhos, com variações tensivas diferentes e de caráter transitivo ou reflexivo: *medo, receio, temor, pavor; vergonha; timidez, constrangimento e; confusão, desorientação.*

- b) A segunda possibilidade é a das paixões de *insatisfação* e *decepção* conduzirem a programas de liquidação da falta caracterizados pelas paixões de *cólera* e *rancor*, e as ações decorrentes dessas paixões como a *revolta* e a *vingança*.

As paixões tensas podem levar a programas de “liquidação da falta”, através de paixões e atos de malquerença. Nos depoimentos dos filhos há um maior número de programas de automalevolência, do que de programas de malevolência contra suas mães. Mas, quando o sujeito (filho) se torna virtual, ele manifesta sua hostilidade como *irritação* e *impaciência*, paixões de não benquerer que levam a ações intolerantes contra suas mães.

Por outro lado, como veremos na análise dos depoimentos, há inúmeros programas de liquidação da falta, através de ações de rejeição, contra seus filhos, nos depoimentos das mães. No entanto, são poucos os atos de exclusão propriamente dita.

Os exemplos a seguir, serão de decepção pela quebra do contrato e/ou pela falta do objeto de valor. Nesse primeiro exemplo, tudo conspira para a dificuldade de autoaceitação: cidade pequena do interior do estado, religião evangélica, único filho homem com seis irmãs, a alegria do pai por ter um filho heterossexual:

Filho (16 anos) – [...] *moro numa cidade pequena e conservadora da Bahia, tenho 6 irmãs, minha família é evangélica, por causa da religião eles acreditam que a homossexualidade é algo demoníaco, eu sou o único filho homem do meu pai, e ele sempre quis ter um filho homem, eu sou o caçula e quando eu nasci meu pai fez uma grande festa, soltou fogos para comemorar o filho homem, mas agora eu estou me descobrindo homossexual... Isso não pode acontecer! Não sei o que fazer...* (GPH virtual, 07/08/2010)

Em *isso não pode acontecer...* temos, mais do que o descontentamento, a “revolta” expressa numa recusa perplexa (*Isso não pode acontecer!*) de um sujeito

desorientado (*não sei o que fazer*), diante de um processo que vem se dando no tempo, independentemente de sua vontade: “*estou me descobrindo...*”.

No discurso a seguir,

Filho (26 anos) - *Olá! Fala aqui um filho homo, bem esse é o meu primeiro contato com sites relacionadas a problemas homossexuais... não que eu ache que o que eu tenha seja um problema... apenas não consigo entender porque sou assim... O motivo do meu contato é que estou naquela fase dessa revelação... adiei por isso... e nos últimos meses tem piorado, pois sinto que necessito me aceitar... adiei por muito tempo achando que conseguiria mudar de opção... ou sei lá o que!!! Mas hoje tenho certeza de que isso nasceu comigo e vai morrer comigo é algo que vem da alma... na verdade, não entendo m bem... mas sinto e sinto com m intensidade! Hoje me sinto triste e já pensei em fazer várias besteiras... Mas estou m triste por não conseguir me assumir... é difícil... Penso muito na minha família, principalmente na minha mãe... [...]* (GPH virtual, 12/05/2010 – grifo nosso)

o sujeito está “desesperado”, embora diga que está somente “triste”. Ele manifesta essa paixão tensa na desorientação muito próxima de um programa de resolução reflexiva da falta, talvez como uma “vingança” da qual ele nem se dê conta: *já pensei em fazer várias besteiras...* Embora o sujeito já saiba que é homossexual, ele não aceita essa condição, está dividido. E o sujeito tenta explicar seu conflito pelo seu /não saber/ sobre a homossexualidade “*não consigo entender porque sou assim*” e tenta dominar seu desespero com o desejo de compreender. (Fontanille, 1980:21)

O sujeito tem certeza de que ser homossexual é uma “modalidade existencial”, que faz parte do seu “ser”, e que ele não escolheu: *Mas hoje tenho certeza de que isso nasceu comigo e vai morrer comigo é algo que vem da alma...*

O sujeito (filho), no exemplo a seguir, aparece no discurso como “revoltado”, aquele que vai contra as normas sociais e os ensinamentos da mãe, vai contra seus destinadores:

Filho (17 anos) – [...] *Ela pensa que eu vou ser o que ela quer que eu seja? Eu sou o que sou e nunca vou fingir ser outra coisa! Prefiro ficar sem mãe. Pra que preciso de uma mãe como ela?* (GPH virtual 03/10/09)

Esse discurso apresenta uma nova ordem narrativa, comparada à maioria dos discursos examinados: o sujeito (filho) partiu para a busca de seu “objeto valor” por iniciativa própria. A sociedade e sua representante próxima, sua mãe, investem seus antidefinidores. Fica evidente a ausência de definidor manifestado na narrativa e, nela, não se pode justificar a busca de valores pelo filho. No texto, o ator filho encarna a vontade e a liberdade individual de agir. Assim, o filho, sem contrato, se torna o seu próprio definidor. (GREIMAS, 1975:220 e DISCINI, 2004:95-7). No entanto, a manipulação é pressuposta no enunciado: o definidor, não figurativizado no discurso, só pode ser parte da sociedade que já adotou um novo quadro de valores. Quando sancionado por esse novo definidor, o sujeito (filho) será julgado positivamente.

O sujeito (filho) atribui muito mais força ao seu /querer/ do que ao /dever/ que lhe foi imposto por seu definidor (mãe) e por seu arquidefinidor (a sociedade). A identidade modal desse sujeito constitui o desafio da busca de sua verdadeira identidade, pois ele tem condições de assumi-la.

De acordo com Fontanille, as diferenças modais são da ordem do “mais” e do “menos”, o que introduz uma hierarquia entre as modalidades; além disso, essas hierarquias e gradientes modais formam os papéis do rapaz *rebelde*, desse exemplo, e da garota que se apresenta como *resignada*, conformada, de um dos exemplos anteriores. No exemplo em que o ator foi figurativizado pela filha, o /querer/ está subjugado ao /dever/ e à falta de /poder/. Nesse exemplo, em que o ator está figurativizado pelo filho, o /querer/ e /poder/ suplantam o /dever/. E essa gradação diz respeito tanto à intensidade, quanto à quantidade e é controlada por suas valências. (2007:181-2)

Ainda com Fontanille, percebe-se nos exemplos que um julgamento moral e ético se insinua na avaliação da identidade modal dos sujeitos.²⁶ O filho rebelde, por exemplo, tanto pode ser julgado positivamente, quanto negativamente, dependendo do ponto de vista. Se julgado positivamente, ele não seria considerado “rebelde”, mas um rapaz de brio, de coragem, de caráter. Esse mesmo definidor, por exemplo, condenaria a “filha resignada”, adotando posição diametralmente oposta a quem a exalta e condena o “filho rebelde”.

²⁶ Ver item 3.4.4 deste trabalho.

Assim, nas palavras do semioticista:

Portanto, distinguir-se-á, procurando aprimorar o método [...] de um lado, (1) a formação dos valores modais que seguem a *lógica das forças*, que estabelece os diversos equilíbrios entre a intensidade e a extensão e caracteriza a identidade e cada actante, seu “código” pessoal, de certa forma; de outro, (2) a avaliação ética, que toma posição em relação ao sistema, que segue a *lógica dos lugares* e que aplica aos valores modais um julgamento que emana da cultura de referência. (FONTANILLE, 2007:183)

Por exemplo:

Filho (19 anos) – [...] *No ano passado, após não suportar mais o meu autopacto que era de jamais revelar isso a ninguém e que antes disso me tornaria “pai”, resolvi contar [...] O que procuro? Ao contrário do que muitos pensam a respeito dos gays em geral, eu não procuro apenas sexo. Quero afetividade. Quero um romance, pois preciso de uma química, a química da autodecência. Acho que não sou promíscuo, nem quero ser. Quero trazer de volta a minha adolescência. Quero ouvir alguém dizer que gosta de mim, que gosta da minha presença... Quero afeto. Quero namorar, pois jamais namorei.* (GPH virtual, 09/11/2006)

Essa história simula a busca de valores, a busca de sentido para a vida desse sujeito – um jovem homossexual. A “revelação”, um fazer realizado por ele, transforma situações, operando a passagem do “segredo” à “verdade”. A revelação concretiza a ruptura do simulacro de contrato pelo qual ele seria heterossexual. Mas, graças a essa ruptura, houve a possibilidade do estabelecimento de novos contratos com os destinadores (mãe e sociedade).

Percebe-se a revelação como um PN de uso para chegar ao PN principal: “poder ser homossexual, ser aceito e ser feliz”. O sujeito, enquanto fingia ser heterossexual, era um sujeito virtualizado, pois vivia separado do objeto de valor “viver a sua adolescência” e ser feliz: *Quero trazer de volta a minha adolescência. Quero ouvir alguém dizer que gosta de mim, que gosta da minha presença... Quero afeto. Quero namorar, pois jamais namorei.* O sujeito se relacionava por disjunção com o objeto modal /poder/: poder voltar à adolescência, poder ouvir

alguém dizer que gosta dele, poder sentir o afeto de alguém, poder namorar. Com a realização do programa de competência cognitiva de doação de valores modais ao sujeito de estado, um programa de uso, o “filho” tornou-se capaz de agir para “ser feliz”.

O programa narrativo é complexo, pois se constitui de mais de um programa, organizados hierarquicamente. O *programa narrativo de base* é o da aquisição dos valores “sentir afeto, namorar, viver a adolescência”, que só será realizado com a realização anterior dos *programas narrativos de uso*, “*autoaceitar-se*” e “*revelar-se homossexual*”.

O primeiro programa de uso é reflexivo por renúncia da heterossexualidade e apropriação da homossexualidade pelo mesmo sujeito, programa realizado para que o sujeito se aproprie dos valores desejados. O sujeito sofre paixões de falta de objeto, principalmente uma profunda “tristeza” e leve “ressentimento” pelo que perdeu de afeto, de carinho, pelo que deixou de viver.

Nos exemplos, tivemos “papéis” formados por hierarquias modais e atitudes passionais, já que se relacionam a ações realizadas/não-realizadas com “angústia”, “indecisão”, “medo”, “raiva”, “desespero”, etc.: o *indeciso*, o *resignado*, o *amedrontado*, o *ressentido*, o *revoltado*, o *desesperado*.

- c) A terceira possibilidade de configurações passionais é da *satisfação* e/ou *confiança* determinarem os efeitos passionais lexicalizados como *esperança* ou *crença* e *alegria* ou *felicidade*, que, geralmente aparecem depois que os filhos se assumiram homossexuais para eles mesmos e para todos. Assim, são modalizados pelo /querer-ser/, /crer-ser/, /saber poder ser/. (BARROS, 1988: 60-9)

Nos exemplos, os sujeitos realizaram a autoaceitação da homossexualidade, conseguiram a aceitação de suas mães e estão felizes:

Filho – [...] *To muito feliz! Eu consegui que minha mãe me aceitasse e já estou “ficando”... No próximo encontro do “dia dos namorados” vamos trocar alianças...* (risos) (GPH - Projeto Purpurina, 15/04/2009)

Filho (28 anos) – *A época mais feliz da minha vida foi o início do meu relacionamento, que foi época da paixão pelo meu esposo, e eu estava em cartaz com a peça que eu tinha produzido e estava tudo lindo, maravilhoso!* (MODESTO, 2006:67)

Filha (38 anos) – [...] *Minha mãe, hoje em dia, diz que, dos quatro filhos (os outros são heterossexuais), eu sou quem tem o melhor casamento na família. Ela adora a minha namorada, a minha namorada adora a minha mãe, nós viajamos juntas e conversamos sobre tudo abertamente [...]* (MODESTO: 2009:44)

E vemos expressa a importância da aceitação dos actantes figuratizados como mães, destinadores julgadores.

3.3.1 “Sair do armário”: o segundo desafio

Geralmente, depois de se autoaceitarem, portanto superado o primeiro desafio, vem o segundo, tão difícil quanto o primeiro ou mais: contar que são homossexuais para as mães, assumirem-se na escola, no trabalho, etc., isto é, “sair do armário”. O “assumir-se” não quer dizer necessariamente informar com palavras.

Alguns jovens preferem conversar com irmãos ou amigos(as) antes de falarem com os pais. Assim, buscam adjuvantes:

Filho (19 anos) – [...] *No ano passado, após não suportar mais o meu autopacto que era de jamais revelar isso a ninguém e que antes disso me tornaria “padre”, resolvi contar para minha irmã mais velha, de 32 anos. Ela me apoiou e me disse que não se importava. E disse que o maior problema seria nossa mãe – pelo fato de ser muito ortodoxa. Eu disse que pensava em suicídio e ela disse que eu não precisava me suicidar por causa disso. Para ela, poderia ser muito fácil, mas para mim não. Achava que minha mãe preferiria ter um filho morto do que gay. Mesmo assim, pedi a minha irmã que contasse a verdade, pois eu estava numa semana depressiva e minha mãe queria saber por que eu estava sofrendo e só vivia triste pelos cantos. Mas eu não tinha coragem... Cheguei em casa e minha mãe veio chorando me*

encontrar e me perguntou se eu estava brincando com ela. Eu disse que não. Ela me afirmou que “se eu quisesse, eu poderia mudar, e que era uma coisa que dependia de mim...” Disse ainda que eu era o filho dela e que ela me amaria de qualquer forma, isso em meias palavras. [...] (GPH virtual - 09/11/2006)

Em muitos depoimentos vemos a preocupação dos filhos com o provável sofrimento das mães e o medo pela dificuldade delas em aceitá-los, pois já passaram por um processo de autoaceitação muito semelhante ao delas e sabem sobre essa dificuldade:

Filha (21 anos) [...] Sofro muito por ser homossexual, pois sempre tive sonhos e de repente tive que mudar todos eles [...] nós sabemos como é difícil para os pais ver o castelo que eles planejaram para os filhos simplesmente desabar. [...] (GPH virtual, 05/08/2010)

Esse saber dos filhos torna mais difícil o assumir-se homossexual, para suas mães. Conseguir a aceitação da homossexualidade por suas mães leva os filhos homossexuais a conflitos passionais intensos e complexos, em que a paixão do medo de perder o amor de suas mães prepondera (veremos o medo em item próximo). Por isso, durante o tempo de enfrentar o primeiro desafio, se *autoaceitar*, e, muitas vezes, depois de já ter se aceitado como homossexual, o sujeito vivencia um período do viver ainda em “segredo”, isto é, de “viver uma vida dupla”, enfrentando o grande conflito de se assumir para a mãe, ou não. Mas a única alternativa para resolver a dificuldade de ser homossexual em “segredo” é enfrentar o segundo desafio: “sair do armário”.

No “segredo”, o sujeito demonstra discursivamente uma competência para simular algo, isto é, fazer parecer verdadeiro, aquilo que não é. Trata-se de um “agir secreto” – do /ser/ homossexual, mas /não parecer/; trata-se de um comportamento que pareça ser do heterossexual, embora o sujeito não o seja, um /parecer + não ser/ do “agir mentiroso”, como vimos. Por exemplo:

Filho (28 anos) - Ao longo dos anos, eu fui me fechando gradativamente. No início, porque eu tinha um “segredo” que eu tinha muito medo de

compartilhar. Depois, porque eu senti que o preconceito não passava [...].
(GPH virtual, 10/01/2010 – grifo nosso)

Filho (16 anos) – *Resolvi contar para eles [...] **Eu tinha medo que eles fossem descobrir que tudo era mentira.** Achei melhor eu contar que estava mentindo sobre os amigos, a namorada... Só agora eu sei que o melhor era eu não ter contado.* [...] (GPH virtual, 06/11/2006 - grifo nosso)

A sobredeterminação dos actantes, de acordo com essa categoria do /ser/ e do /parecer/, dá conta desse extraordinário “jogo de máscaras”, no caso em exame, do /parecer/ heterossexual, mas /não ser/ – da “mentira” – e do /ser/ homossexual, mas /não parecer/, do “segredo”. (GREIMAS, 1983: 54-5). Além disso, parece existir uma conformidade entre a competência modal do sujeito e a representação projetada, dentro do quadro axiológico proposto por S1 (sociedade/mães) e aceito por S2 (homossexual), que dificulta as fases de autoaceitação e a “saída do armário.” Na verdade, muitas vezes existe uma cumplicidade entre manipulador e manipulado: você finge que é heterossexual e eu finjo que acredito:

Filho (16 anos) – [...] *A situação em casa está assim: eu finjo que não sou mais gay e eles fingem que acreditam. Mas eu tenho certeza de que desconfiam de mim pq eu não mudei em nada. Continuo sendo a mesma pessoa. Acho que ninguém tem o poder e nem o direito de mudar alguém. Eles pensam que só pq sou filhos deles, tenho que fazer o que eles mandam e ser a pessoa que eles querem, me tratam como um prisioneiro... Mas não tem como mudar isso.* (GPH virtual, 06/11/08)

Em

Mãe – *Eu aceito meu filho como ele é, desde que ele não seja efeminado, fale com voz fina, desmunhecado... Graças a Deus, ele se esforça pra mostrar-se como o pai dele... Não quer deixar a gente triste...* (GPH virtual – 27/02/2010)

o conflito é aceitar o filho homossexual como ele é. Esse conflito existe desde que o sujeito (filhos e mães) reconheça o sistema de valores da sociedade brasileira,

ainda preconceituosa em relação aos homossexuais. Sem isso, não haveria desafio. E o discurso se faz parecer tolerante (*Eu aceito meu filho como ele é...*), mas é de “assimilação” a caminho da “rejeição”, ações de malquerer.

Muitas vezes, o segredo (ser homossexual, mas não parecer) é um “segredo de polichinelo”, pois, geralmente, os homossexuais se revelam através de suas características físicas, seu comportamento, seu modo de sentir o mundo e as pessoas, e somente eles acham que há um segredo. Por exemplo:

Filho (15 anos) – *Sem mais delongas eu vou narrar-lhe as coisas horríveis que passo **pq desconfiam que eu sou homossexual**:*

- 1. Sofro “bullying” no colégio, coisa que a maioria das pessoas como eu sofre;*
- 2. Sou Adventista do Sétimo Dia (algo como herança de família, pois desde que eu nasci sou adventista) e minha religião ABOMINA (segundo eles, Deus) a homossexualidade;*
- 3. Meus pais são COMPLETAMENTE homofóbicos e abominam a homossexualidade;*
- 4. **As pessoas me olham de maneira estranha, e tenho certeza de que é por causa de que sou gay, embora não seja assumido ainda e não transpareça que eu sou gay;***
- 5. Passo constantes constrangimentos por causa disso;*
- 6. Quase tentei o suicídio uma vez e, desde então, eu tenho pensamentos suicidas.*

Desde que me entendo por gente sou homossexual, nunca me vi hétero, pois nunca tive atração pelo sexo oposto.

Peço-lhe gentilmente que me ajude, pois eu não sei mais o que fazer, não tenho um apoio a respeito disso, e também não tenho ninguém que possa me instruir a respeito [...] (GPH virtual, 14/07/2010 – grifo nosso)

Considerando o contrato social enunciativo de verdade de um depoimento como esse, podemos nos perguntar: como “as pessoas” desconfiam que o enunciador é homossexual, se ele disse que não é “assumido” e que não “transparece” que ele é gay?

Percebe-se que esse discurso criou “efeitos de sentido” de um discurso incoerente. Manifesta-se nele um conflito entre a enunciação enunciada e o enunciado enunciado que faz com que o enunciatário atribua a esse discurso o

estatuto de inverossímil e, ao enunciador, o estatuto de ingênuo. É o discurso de um sujeito em grande conflito. O narrador parece crer e quer fazer parecer que sabe manter em segredo a sua homossexualidade, mas é enganado pelo observador. Nesse discurso, aquilo que a enunciação diz, é desdito pelo enunciado.

Nesse discurso, do ponto de vista do que é relatado, temos de considerar “a organização do saber”. (BARROS, 1988:84). Temos narradores que sabem e narradores que estão iludidos, como nesse caso, pelo seu modo de ser. Ele não sabe sobre o seu modo de comportar-se (fazer pragmático): engana-se com a crença de que se parece e se comporta como um heterossexual. O próximo discurso talvez esclareça um pouco mais a questão:

Filho (16 anos)– *Quando eu me assumi para os meus pais, eles ficaram muito chocados, mas disseram que já desconfiavam. Naquele dia, meu pai e disse que minha mãe sempre comentava com ele sobre o meu jeito, sobre a maneira como eu segurava os copos, os talheres, sobre a minha voz, que era muito “doce” e “suave”, etc. Minha mãe me disse que eu, como dois anos de idade, gostava de enrolar toalhas na cabeça para imitar a Xuxa... Minha avó percebia que esse comportamento era estranho e alertava minha mãe sobre isso, dizendo que tinha um espírito dentro de mim que só ia sair com muita oração. Era por esse e outros motivos que eles já desconfiavam.* (GPH virtual, 06/11/2006)

Nesse discurso, o narrador sabe, é um narrador onisciente, ele não está iludido, os pais disseram que já tinham percebido, portanto ele sabe que foi desmascarado, antes de se revelar.

O enunciador produziu um discurso que cria efeitos de sentido de verdade. O jogo narrativo se torna complexo, usando a expressão de Greimas, quando o sujeito “deixa cair a máscara”, numa diversificação do programa narrativo do “segredo”. Dessa vez, revela-se, narra-se um “segredo de polichinelo” modalizado pela desconfiança sobre o /ser/ e /parecer/, sobre o “verdadeiro” e o “falso” do comportamento do garoto.

São importantes nesse discurso as figuras e configurações. O percurso temático “previsão de algo ruim”, isto é, “previsão da homossexualidade do

garoto”, é recoberto por figuras muito sensoriais, visuais, auditivas, da expressão do “mundo natural”: *o meu jeito, sobre a maneira como eu segurava os copos, os talheres, sobre a minha voz, que era muito “doce” e “suave”, etc. Minha mãe me disse que eu, com dois anos de idade, gostava de enrolar toalhas na cabeça para imitar a Xuxa...*

No discurso, manifesta-se a isotopia semântica criada pela organização das figuras, que se relacionam em percursos semênticos com figuras aparentadas, formando a configuração discursiva da “feminilidade”.

A figurativização, de modo geral, reforça as diferenças entre “ser homossexual” e “ser heterossexual”, estereotipado culturalmente, quando o sujeito depoente é ou se considera efeminado. Figura com traços sensoriais visuais, *“a maneira como eu segurava os copos, talheres”, “enrolar toalhas na cabeça para imitar a Xuxa...”*; auditivos, *“sobre a minha voz, que era muito doce e suave”*. Por outro lado, no discurso, instala-se a configuração discursiva do “demônio”, em: *“... que tinha um espírito dentro de mim que só ia sair com muita oração.”*

Há percursos figurativos, temáticos e narrativos das duas configurações. Temos a família, como o destinador, e o jovem, como destinatário sujeito. O jovem também é o sujeito que trai a confiança e não respeita o contrato de ser heterossexual. No discurso, vemos o relato da falta do percurso valorizado “ser e agir como heterossexual”, que se mostra no tempo, traduzida figurativamente pelos gestos e maneiras femininas à mesa, do filho e neto,²⁷ além da crença na presença do espírito do mal que se apossou dele.

Dada a manipulação negativa prévia, já se espera uma fase de autoaceitação e de se assumir homossexual muito difícil para esse sujeito, condição que dificulta que o seu percurso chegue a bom termo. Assim, como os demais sujeitos depoentes, de modo geral, a resolução desses conflitos é escolherem viver em segredo, mentindo. No entanto, percebemos que, para os mais jovens, apesar de ainda enfrentarem grande dificuldade, a prioridade da maioria é a de se assumirem como são, em contraposição aos filhos de mais

²⁷ As regras de comportamento social interpretadas como “naturais”, para os homens, são relacionadas ao “machismo”. Os homens devem ser mais racionais do que emotivos, devem gostar de jogar futebol e outros jogos de competição violenta em lugar de esportes e passatempos mais suaves, devem aparentar força, etc. As mulheres, ao contrário.

idade que, em maior número, permanecem com sua homossexualidade em segredo, ou no caminho do segredo para a verdade.

A seguir, como exemplo disso, está a transcrição de uma entrevista, gravada em 2001 para o livro “Vidas em arco-íris”, que não foi utilizada:

Filho (34 anos) – Gravação em 27 de agosto de 2001.
(Entrevistadora (E) e Filho (F)),

[...]

E - *Você nunca falou?*

F - *Nunca falei...Morava em (cidade do NE). Nunca foi tocado nesse assunto. Olha, nunca falei mas acho que mãe não é boba. (risos) Deve saber. Nunca falei abertamente. Ela também nunca falou nada. Nunca tocou no assunto. Uma única situação, que tem uma tia que é incrível, minha tia, eu tinha um namorado que a gente se frequentava todo final de semana, ele ia lá pra casa, eu ia pra casa dele... Até um dia, minha tia, com ciúmes, jogou a pulguinha na família. Aí minha mãe chorando... Foi horrível. Final de ano, minha mãe chorando veio pedir desculpas pra mim veio falar que se fosse, que entendia, que ela amava do mesmo jeito. Eu falei: mãe, não é nada disso, esquece. Essa história não existe, é tudo um pesadelo, esquece. A gente nunca mais tocou nesse assunto.*

E: *Quer dizer que você não quer fazer sua mãe sofrer?*

F: *Não é que eu não quero fazer ela sofrer. Eu acho desnecessário, porque na verdade a mãe espera que o filho tenha uma mulher que case, que tenha um filhinho, pra ela ver o netinho dela crescer... Ela tem esse sonho, é o direito dela.*

E: *é verdade, mas e se você quiser se casar?*

F: *Com mulher?*

E: *Com homem.*

F: *Eu fui casado.*

E: *Então, a sua mãe nunca ia a sua casa?*

F: *Não foi por falta de convite.*

E: *Mas aí como é que fica?*

F: *Ah, normal, normal, normal.*

E: *Aí você falou que tava dividindo o apê...*

F: *É, um amigo... e eu acho que fica subentendido, fica no ar a história. Não precisa eu falar. Fica no ar. No momento em que eu falar: mãe, fui pra São*

Paulo, tô morando com um amigo meu do Rio de Janeiro... já tá subentendido.

E: E você acha que não há necessidade de ficar conversando sobre isso?

F: Nenhuma.

E: E seu pai?

F: Engraçado, eu tenho uma relação maravilhosa com os meus pais. Eles me respeitam muito. Maravilhoso, consegui isso depois que vim pra São Paulo. E... o meu pai, é um fofo porque ele é tão tranquilo, tão da paz... se eles me veem e eu tô bem de saúde, tá tudo direito, então tá tudo bem. Então eu ligo pra ela, falo mãe tá tudo bem, tô vivo, te amo, tá tudo bem, é isso que eles querem.

E: Eles querem que você seja feliz?

F: Seja feliz. E que eu cresça e apareça. E o meu pai eu consegui, o meu pai foi sempre muito complicado, porque ele tem um ciúme muito grande da gente... Posso estar enganado mas em especial de mim. Não tô sendo pretensioso. Mas é porque eu sempre dei muita atenção pra eles...

Daí eu acho que ele aceitou. “Ah, tá lá em SP, tá tudo bem, tá contente, ele vem aqui, tá bem, tá saudável, então ele ficou mais tranquilo assim...”

No discurso, a configuração temática desenvolve-se a partir dos valores do saber (conhecido vs. desconhecido) e os percursos do sujeito relacionam-se à “insegurança”, “desconfiança”, “medo”, paixões de não benquerer. O sujeito prefere permanecer com sua homossexualidade em segredo, dentro da “dêixis do dever”, para seus pais e sua família. Mas, pelo contexto discursivo, é um “segredo de polichinelo”: a mãe finge que não sabe, o filho finge que não é homossexual.

A insegurança vs. segurança é figurativizada por figuras espaciais. O deslocamento (mobilidade), da cidade do nordeste para São Paulo, significou, para o sujeito, passar da insegurança que sentia em sua cidade natal, para a segurança da cidade grande e longínqua. Portanto, o discurso também desenvolve o tema implícito da dificuldade do sujeito em relação a assumir sua verdadeira identidade. Ele não deseja cortar seu relacionamento familiar e, para ele, a única maneira de realizar seu desejo é afastando-se geograficamente de sua família.

O sujeito aceita e reproduz o preconceito contra a homossexualidade estabelecido socialmente, mesmo depois de a mãe ter dito que o amaria de qualquer jeito. Ele vive num “jogo do contente”, pois afirma ser “normal, normal,

normal...” que sua mãe nunca tenha ido à sua casa e que “*não há nenhuma necessidade de ficar conversando sobre isso*”.

Finalmente, como as paixões resultam, sobretudo, da oposição entre a segurança do sabido e acreditado – axiologizado nas estruturas fundamentais como eufórico e relaxado – e a insegurança do desconhecido, (BARROS, 1985:419) – axiologizado como disfórico e tenso –, o confronto entre a segurança familiar e regras sociais e a insegurança do que se considera fora de padrão, desregrado, não poderia ter como resultado o desfecho discursivizado:

F: [...] *Engraçado, eu tenho uma relação maravilhosa com os meus pais. Eles me respeitam muito. Maravilhoso, consegui isso depois que vim pra São Paulo. E... o meu pai, é um fofo porque ele é tão tranquilo, tão da paz... se eles me veem e eu tô bem de saúde, tá tudo direito, então tá tudo bem. Então eu ligo pra ela, falo mãe tá tudo bem, tô vivo, te amo, tá tudo bem, é isso que eles querem.*

As atitudes dos sujeitos não combinam com o resultado final relatado. Assim, a argumentação, exercida para fazer-crer, não teve o resultado pretendido. O discurso ficou inverossímil, principalmente porque o desenvolvimento do relato não justifica o seu final. No entanto, baseados no contexto situacional (comparação entre os depoimentos) e o contexto externo (ver anexos da “Introdução”), o depoimento nos pareceu mais idealizado (como a vida do depoente), do que mentiroso, porque o sujeito confessou sua dúvida na interpretação dos fatos que relatou:

F: [...] ***Daí eu acho que ele aceitou.*** “*Ah, tá lá em SP, tá tudo bem, tá contente, ele vem aqui, tá bem, tá saudável, então ele ficou mais tranquilo assim...*”.

E o sujeito da enunciação/observador reforça o ponto de vista que prefere, acentuando o efeito de realidade, com a delegação de voz, em segunda instância, para o pai (ator), no presente, mas sem marcas de discurso direto: “*Ah, tá lá em SP, tá tudo bem, tá contente, ele vem aqui, tá bem, tá saudável, então ele ficou mais tranquilo assim...*”.

3.3.1.1 Assumir-se para a mãe e a manipulação

Assumir-se para a mãe, geralmente, é o programa de uso mais importante para o sujeito (ator filho) e considerado por ele a prova mais difícil. No desenvolvimento dessa parte do programa de uso, a paixão do medo manifesta-se no discurso em picos de tensão, mesmo que, geralmente, a extensão também seja grande.

Muitos pensam em como falar com a mãe, antes de se autoaceitarem, pela “insegurança” – paixão de falta fiduciária – e “ansiedade” – paixão de falta de objeto –, pois sabem da dificuldade:

Por exemplo:

Filho (19 anos) – [...] *Gostaria de saber como contar para minha mãe a minha condição. Eu próprio ainda não a aceitei. Ainda não me vejo homossexual em público, ou até mesmo sozinho, sem que ninguém veja. Nunca tive esse tipo de experiência e não sei quando terei coragem de expressar esse meu lado. Tenho certeza de que minha mãe se desestabilizará e tenho receio do que acontecerá com ela, já que ela teve problemas psicológicos antes.* (GPH virtual, 15/07/2010)

Um percurso figurativo frequente de quando os filhos se assumem homossexuais para suas mães está relacionado à manipulação dos pais a seus filhos, cognitiva, pela provocação e, pragmática, pela *intimidação*:

Filho – *Me assumi há um mês para os meus pais e eles não me aceitaram, muito menos me respeitaram. Me tiraram da escola, tiraram o meu celular, meu computador e tudo o que eu tinha. Me colocaram em outra escola e no psicólogo. Eles disseram que não vão devolver as minhas coisas até que eu mude de ideia... Começaram a frequentar a igreja e falar que o que eu faço não é de Deus, que vou pro submundo, to no caminho do diabo.* [...] (GPH virtual, 23/04/2010)

O programa narrativo é de apropriação de objetos por espoliação. O papel actancial de sujeito de fazer (S1) é assumido pelo ator “pais” que espoliam o filho (S2), isto é, que se apropriam de tudo o que é dele, através do /poder fazer/ e do

/dever fazer/: devem educar, dar limites. Os pais, destinadores manipuladores, persuadem o filho pelo poder, intimidando-o. Como destinadores julgadores, sancionam o filho negativamente, do ponto de vista cognitivo (*mude de ideia*) e pragmático (*vai para o submundo, está no caminho do diabo*).

Um dos temas desenvolvido nesse discurso, e em muitos depoimentos da fase de “assumir-se para a mãe/pai”, é o da “violência doméstica” por espoliação e tortura psicológica; o percurso temático é o da informação de acontecimentos ruins e de produzir o mal, de torturar, um exemplo de como levar um adolescente ao suicídio. O discurso foi figurativizado pelos objetos de valor que foram confiscados do filho subjugado:²⁸ *Me tiraram da escola, tiraram o meu celular, meu computador e tudo o que eu tinha.*

A figurativização do discurso em exame foi usada como recurso de persuasão do sujeito da enunciação (filho), que delegou voz ao observador. Ele tenta fazer o enunciatário crer na imagem das coisas do mundo e, daí, na verdade do seu discurso. A inanição emocional do sujeito (filho) é aspectualizada no discurso, com veridicidade.

As mães manipulam, dotando seus filhos de *competência semântica*, com a manipulação cognitiva (/fazer saber/) e o /fazer crer/: a mãe, como destinadora, persuade o filho a acreditar nela e a concordar com ela. Os filhos exercem o fazer interpretativo e geralmente acreditam que a mãe é verdadeira e tudo o que ela diz também é. Os filhos confiam e creem nas palavras das mães e no que elas creem sobre o mundo. Além disso, as mães querem dotar os filhos de *competência modal* para um fazer e isso pressupõe o contrato fiduciário referido.

Outros exemplos de manipulação, dando a preferência à provocação (manipulação pelo /saber/) e à intimidação (manipulação pelo /dever/):

Filha (18 anos) – [...] **me ameaçaram de morte**, se acaso eu viesse me encontrar com o meu amor [...] **teremos de fingir que este amor que nos une não passou de uma fantasia e desequilíbrio** [...] **vou começar a fazer terapia**, por conta da minha mãe, e minha namorada também vai ser levada a um psicólogo, também **para consertar o que eles acharem que há de**

²⁸ MODESTO, Edith. *Jovens homossexuais e o poder familiar* IN: Direito e Diversidade Sexual - Revista Científica Virtual da ESA – Escola Superior de Advocacia – OAB, ano II, 2010, n. 5 - www.oabsp.org.br/esa

errado com a gente. A família dela e a minha acham que ela me manipulou e me iludiu, não acreditando que eu pudesse sentir isso por ela. **Tudo isso pq um dia eu transei com o irmão dela,** foi o maior erro da minha vida e, além disso, foi o pior sexo que eu já fiz com alguém. [...] (GPH virtual, 10/04/2008 – grifo nosso)

Filho (17 anos) – Eles não andam fazendo de forma explícita, mas estão fazendo. Eu acabei de me decepcionar ainda mais. **Pelo jeito, querem me isolar de todos.** Ela simplesmente disse que não quer mais ninguém aqui... [...] Dou graças a Deus que tenho apresentação de trabalho no sábado. **Estavam querendo me carregar para a “Canção Nova!”, num acampamento evangélico...** [...] Nem pensar! Já fingi isso por anos e já não estava mais aguentando... [...] **Já passei por várias guerras psicológicas diferentes.** Ando perdendo as esperanças, cada vez mais... Estou ficando perdido, preso, angustiado, rindo por fora, mas me corroendo por dentro... isso não é bom... acabo fazendo coisas sem pensar... falando o que não devo, etc. [...] (GPH virtual, 02/07/200 – grifo nosso).

Nesses dois discursos, a manipulação foi pelo /poder/ todo o tempo, “ameaçar de morte”, “proibir amigos”, obrigar a fazer “tratamentos psicológicos”, obrigar a frequentar “locais religiosos para jovens”. Os filhos, decepcionados, revoltados, acabam fingindo, vivendo na mentira: *Já fingi isso por anos e já não estava mais aguentando...* Com a manipulação pela *intimidação*, os pais mostram poder e os filhos são forçados a fazer o esperado porque são ameaçados. No primeiro exemplo, também há a manipulação pelo /saber/ que a garota transou com um rapaz. Assim, usam a provocação e ela tem dificuldade de não aceitar a imagem de homossexual que o manipulador lhe apresentou: *Tudo isso pq um dia eu transei com o irmão dela, foi o maior erro da minha vida e, além disso, foi o pior sexo que eu já fiz com alguém.*

Filho (18 anos) – [...] meu pais não aceitam, meu pai chegou a me dizer que, se eu não mudasse, ele seria capaz de sair de casa, eu não tenho amigos, meus pais me proíbem de ter amizades [...] Minha mãe me disse que, se eu não mudasse era pq eu não amava ela como minha mãe. Isso doeu muito, pq eu amo meus pais, o problema é que eles querem a felicidade deles,

enquanto eu vou morrendo pouco a pouco por dentro. [...] (GPH virtual, 23/05/2008)

No discurso, além da manipulação pelo /poder/, intimidando o filho para que ele não tenha amigos, e ameaçando-o de ser o culpado pela família ficar sem o pai, a mãe manipula o filho pelo /saber/; com a *provocação*: *se eu não mudasse era pq eu não amava ela como minha mãe. Isso doeu muito, pq eu amo meus pais...* Pela provocação, o filho fica sem saída, pois, fica entre “aceitar que ele não a ama e fazer o que ela deseja” e isso o faz sofrer muito. E o filho se defende da manipulação, acusando-os de egoístas: *eles querem a felicidade deles, enquanto eu vou morrendo pouco a pouco.*

A competência modal dos filhos é modificada e, geralmente, eles passam a querer e a dever o que suas mães, destinadoras manipuladoras, pretendem que queiram e se sentem em dívida para com elas e para com todos.

Muitas vezes, apaixonar-se por alguém é o que impulsiona os filhos a se assumirem para si mesmos e para todos:

Filha (18 anos) – *Estou tendo um relacionamento com uma mulher e meus pais descobriram. Me condenam, não tive como explicar isso, e eles me imploraram que eu me separasse do meu amor. Nunca me senti tão amada como sou por ela. Tomei a decisão de contar tudo e assumir para os meus pais meus sentimentos, mas não sei como fazer. Choro, peço desculpas, mas sou assim e eles vão ter que se acostumar. Peço ajuda apenas para que meus pais não morram por saber que sua filha é de fato uma lésbica. [...]* (GPH virtual, 12/03/2010)

Por outro lado, ser obrigado a terminar com o namorado/namorada é uma tragédia para eles e as ações passionais que planejam são de extrema violência:

Filho (16 anos) – [...] *Eu não vivo sem ele. Prefiro morrer...* [...] (GPH virtual, 15/04/2009).

Na maioria dos depoimentos, as configurações temáticas ligadas ao saber (contar vs. não contar que é homossexual) e ao fazer (agir vs. não agir como

homossexual) investem os conteúdos semânticos vida vs. morte (categoria individual), muito mais do que natureza vs. cultura, (categoria social). Por esse motivo, demos mais atenção à primeira. Outro exemplo:

Filho1 (21 anos) – [...] *na verdade é que aquele menino que conheci vai vir me ver e vou ficar com ele até terça. Eu estou um pouco mal, eu queria estar com a minha ex namorada também. Ontem, eu soube que ela está superando aos poucos, que está indo ao psicólogo, se apegando a várias coisas novas. Eu não sei o que faço. **Eu sinto que me enterrei em um buraco e não estou conseguindo sair. Estou me sentindo tão mal, tão mal. Gostaria de sumir.** Não sei se estou fazendo a coisa certa, tão difícil encarar tudo isso. Não to conseguindo estudar e preciso passar... Estou muito confuso, quero sumir, quero fugir disso tudo. Gostaria que alguém me consertasse, não aguento mais viver desse jeito... Sinto que estou me enterrando, preciso de ajuda.* (GPH virtual - 12/02/2010 – grifo nosso)

Para esse jovem (Filho1), dividido, o aceitar-se homossexual, no discurso, está sendo comparado a enterrar-se num buraco. A configuração discursiva de “enterrar-se num buraco” traz traços sensoriais visuais e táteis de espacialidade: espaço fechado, escuro, apertado, sem contato com o exterior. Além disso, o discurso expressa a escuridão em oposição à claridade exterior. No discurso, a temporalidade anterior manifesta sofrimento e a temporalidade posterior prevê a morte.

Em *Estou me sentindo tão mal, tão mal. Gostaria de sumir*, fica reforçado o sentido de sofrimento e de abdicar da vida, também na anáfora. O percurso figurativo do buraco, muito passional, concretiza o tema de sentir-se sem saída (*não estou conseguindo sair*) e o tema da morte, reforçado em: *Quero sumir, quero fugir disso tudo*. Mas o que prevalece no final é a dúvida: *Eu não sei o que faço*.

A escolha da figura “enterrar-se num buraco” é significativa. De acordo com Barros (1988:124), “as figuras são por excelência, o lugar do ideológico no discurso”. Assim, não é aleatória a escolha da figura do jovem que se enterra num buraco do qual não consegue sair, figura de espaços fechados e escuros, que concretiza os temas da homossexualidade e da morte. Assim, no exemplo,

temos o sujeito em conjunção com a continuidade, estaticidade e morte: *Eu sinto que me enterrei em um buraco e não estou conseguindo sair. Estou me sentindo tão mal, tão mal. Gostaria de sumir.* E, ao mesmo tempo, em conjunção com a ruptura, a vida e a dinamicidade: *na verdade é que aquele menino que conheci vai vir me ver e vou ficar com ele até terça...*

A relação do “eu” (filho) com o objeto valor (felicidade) é desejável, mas impossível. Ele quer se assumir homossexual, mas ainda não pode, daí a angústia de ficar entre a “mentira” e o “fingimento” (fingir-se heterossexual) e a “verdade” (assumir-se homossexual). Outros exemplos:

Filho1 (16 anos) – [...] **Depois da “bomba”,** eles começaram a me impor regras. Me disseram para não comentar com ninguém que eu tinha me assumido pra eles, para que o problema ficasse apenas dentro de casa, pois assim seria mais fácil reverter essa situação sem causar escândalos. (GPH virtual, 06/11/2006 – grifo nosso)

Filho2 (16 anos) - **Estou como uma bomba que vai explodir.** Não quero continuar com **esse segredo. Está praticamente me matando.** Quero contar pra minha mãe. Mas quero o apoio dela, e não mais sofrimento nesta minha causa. Se você pudesse me ajudar, de alguma forma, em como posso contar a ela [...] (Grupo virtual – 13/02/2010 - grifo nosso)

Na estrutura profunda se lê a oposição vida vs. morte. No discurso do filho2, o sujeito identifica-se com “uma bomba que vai explodir”, sugerindo suicídio. Mas o sujeito diz que é o “segredo” (não parece, mas é homossexual) que o está matando. Percebe-se pela maioria dos depoimentos que o recurso de resolução do conflito pelo segredo e mentira são paliativos, resolvem ao modo do parecer.

Muitos depoimentos de jovens falam sobre o sofrimento de manter esse segredo, de “viver vida dupla” como eles dizem. Nesse discurso, a figura da bomba que vai explodir traz traços visuais (de estilhaços), e auditivos (de grande ruído). É uma morte sofrida e barulhenta, um recurso persuasivo para buscar a adesão do destinatário, para que creia na veracidade do que o sujeito diz, um recurso de persuasão pelo saber, por “provocação”, e pelo fazer, por “intimidação”.

Discursos como esses nos dizem que não é somente o dever de honra que instiga os filhos homossexuais a se assumirem, mas o sofrimento de não poderem ser quem são, com todas as consequências psicoemocionais que o “viver vida dupla” pode acarretar.

Em muitos depoimentos, as figuras do discurso, ao recobrirem os percursos temáticos, se organizam em percursos figurativos e configurações – como o do jovem dentro do buraco, do jovem como uma bomba prestes a explodir –, cujo relacionamento passional concretiza o tema da morte.

A aceitação da mãe é tão importante para os filhos que eles procuram aprender técnicas de manipulação para serem aceitos. Inicia-se uma manipulação cruzada: a mãe manipula o filho para que seja heterossexual; o filho manipula a mãe para que o aceite homossexual:

Filho – [...] eu até falei que ia mudar, pra briga parar, mas ela continuava e eu não aguentava, chorava, até o momento em que comecei a rezar e veio na minha cabeça chamar ela pra rezar junto e ela não queria, mas depois ela falou pra eu pegar a bíblia e todas as palavras que abrimos, todas foram ao meu favor, foram palavras de conforto... Enfim, todas aquelas palavras e orações deixou ela calma, eu pedi para rezarmos juntos e fomos, mas ela não queria pegar na minha mão...

Eu já não aguento mais as formas variadas do olhar dela, sei que essa é a primeira semana dela, mas está difícil pra mim, mesmo porque minha mãe não tem amigas pra desabafar e acho que é disso que ela está precisando. E este e-mail é pra pedir ajuda, por favor, me ajude, minha mãe é uma pessoa aberta, mas ela precisa de alguém pra desabafar... (GPH virtual, 20/02/2010)

No primeiro parágrafo, a primeira manipulação é a da mãe como destinadora, manipulando o filho por *intimidação*. Ela quer que o filho “se torne” heterossexual pelo /poder/, intimidando-o: *[...] eu até falei que ia mudar, pra briga parar, mas ela continuava e eu não aguentava...*

No segundo parágrafo, a manipulação é a do filho, como destinador, manipulando a mãe por *sedução*. Ele quer que a mãe aceite a sua homossexualidade, insinuando, para isso, o /saber/ da competência religiosa da mãe: *e veio na minha cabeça chamar ela pra rezar junto e ela não queria, mas*

depois ela falou pra eu pegar a bíblia e todas as palavras que abrimos, todas foram ao meu favor, foram palavras de conforto... A manipulação pela religião foi arriscada (ver anexo 2 da Introdução), mesmo assim o destinador conseguiu seduzir a mãe com as palavras bíblicas.

Como no exemplo a seguir, temos inúmeros discursos que manifestam a preocupação dos filhos em acompanhar a dificuldade de aceitação das mães, com compreensão, respeito, mas com “coragem” para enfrentar a manipulação delas em suas fases de “negação” e “rejeição” do percurso passional de rejeição/aceitação de seus filhos. Ao mesmo tempo, há todo um programa de competência para “sair do armário”, que, em grande parte, é um programa que mostra como o filho pode ajudar a mãe a aceitá-lo homossexual com mais facilidade. No exemplo, o sujeito (filho) declara-se bissexual, usando o recurso da mentira:

Filho (17 anos) – [...] *Eu mandei um e-mail pra você em fevereiro e vc me respondeu. **Eu pedia ajuda em como contar pra minha mãe.** Eu confesso que demorei muito tempo pra que isso acontecesse. Mas, no sábado, dia 17, eu tomei coragem, levantei do sofá e disse pra minha mãe que tinha algo pra falar. Eu enrolei por medo e ela ficou me questionando e eu negava tudo, até que ela fez a pergunta que me abalou: “Tu não gosta de mulher?” Eu fiquei pasmo e disse “Ahnn?” Ela perguntou de novo, mas diferente: “Tu gosta de homem, é isso?” Então eu respondi: **“Mãe, eu sou bissexual”**. Ela não gritou, não chorou, não fez nada a princípio. Apenas disse: “Não gosto disso”. Sentou-se emburrada no sofá ao meu lado. Então o choque causado pelo impacto da situação me atacou e eu comecei a chorar, desesperado. Chorei porque eu tinha conseguido falar, então um medo enorme misturado a alívio e de sentimentos que eu não sei explicar me invadiram. Ela me puxou e me abraçou, chorando também. Conversamos. Mas ela me disse que era uma fase, Que era influência de amigos, da Internet e várias coisas. Mas, tudo bem, essa não foi a pior parte. Na hora de dormir, ela me chamou pra dormir com ela e assim eu fiz. Deitei do lado da minha mãe e ela começou a chorar; chorou tanto que me partia o coração. Eu sabia que ia ser uma longa madrugada. E foi. Ela passou umas três horas seguidas, falando e chorando. Mas pelo que conheço da minha mãe, ser dramática é com ela mesma, então eu aguentei firme o que ela falava. Coisas como: “Eu quero morrer. Vou me*

matar, vou tomar veneno. Isso é coisa do capeta. O mundo vai acabar mesmo. Isso é sem-vergonhice. Meu mundo desabou. Eu to destruída. Nunca mais vou ser feliz...”

*Ela falou MUITA COISA mesmo. Nada que tenha me abalado. Aprendi com a convivência que devo ignorar muita coisa do que ela diz. Nessa semana que se passou, depois que contei pra ela, ela chora à vezes (agora enquanto escrevo, estou ouvindo ela chorar no quarto). Ela diz que eu tenho de virar homem. Diz que eu destruí a vida dela e até diz que eu não devia ter nascido. Realmente não é fácil isso. Mas é a vida e eu vou continuar, aguentando isso, pois é o único jeito. **Desistir, nem pensar**, até porque quem faz isso é ela. Ela espera que eu chegue e diga: “Mudei”. Sim, ela disse que eu ainda vou fazer isso. Porque eu tenho de deixá-la feliz de novo. [...] **Eu tenho paciência e maturidade suficiente pra não sofrer tanto com a situação**. Procuro me distrair com e meus amigos e com coisas que gosto. Me mantenho firme nos ataques de raiva dela. Nas palavras que poderiam me machucar. Ainda bem que tenho você pra conversar... [...] (GPH virtual, 23/07/2010)*

Apesar de todo cuidado do filho para minimizar o sofrimento da mãe, ela entrou em choque e houve uma “parada” da narrativa: *Ela não gritou, não chorou, não fez nada a princípio. Apenas disse: “Não gosto disso”. Sentou-se emburrada no sofá ao meu lado.* Em seguida, a mãe entrou na “fase da negação”, procurando minimizar a dor da descoberta e acusando os amigos e a Web como culpados: *ela me disse que era uma fase, que era influência de amigos, da Internet e várias coisas.* Depois, a mãe entrou na fase do desespero, por não saber o que fazer, e o filho na fase da tristeza e, geralmente, da culpa: *Deitei do lado da minha mãe e ela começou a chorar; chorou tanto que me partia o coração. [...] Eu quero morrer. Vou me matar, vou tomar veneno. Isso é coisa do capeta. [...] Meu mundo desabou. Eu to destruída. Nunca mais vou ser feliz.”*

E o filho sabe que tudo aquilo vai passar com o tempo e tenta superar com estoicismo: *Nada que tenha me abalado. Aprendi com a convivência que devo ignorar muita coisa do que ela diz. [...] Mas é a vida e eu vou continuar, aguentando isso, pois é o único jeito.*

O verbo “aguentar” manifesta a coragem do sujeito, mas, também, a dificuldade de enfrentar a manipulação da mãe, “destinadora manipuladora” pelo

saber, seduzindo e provocando, e pelo poder, tentando e intimidando. Para esse destinatário (filho), a manipulação não foi bem sucedida, porque o sistema de valores que está por detrás dela já não está sendo compartilhado por ele (filho manipulado): *Desistir, nem pensar, até porque quem faz isso é ela. Ela espera que eu chegue e diga: “Mudei”. Sim, ela disse que eu ainda vou fazer isso. Porque eu tenho de deixá-la feliz de novo.*

Não há mais a cumplicidade necessária para que a manipulação funcione, pois os sistemas de valores não são mais os mesmos e o filho não quis mais deixar o seu ser homossexual em segredo, mentindo para a mãe. O filho sabe que o destino dele é ser homossexual e nada fará com que ele mude. O sujeito não veste a máscara de vilão; não tem outro jeito senão esperar que sua mãe o aceite, porque ele a ama. Assim, suporta a manipulação com a ajuda de adjuvantes e com galhardia, apesar de seus 17 anos: *Eu tenho paciência e maturidade suficiente pra não sofrer tanto com a situação. Procuro me distrair com e meus amigos e com coisas que e gosto. Me mantenho firme nos ataques de raiva dela. Nas palavras que poderiam me machucar. Ainda bem que tenho você pra conversar.*

A sanção negativa da mãe e sua manipulação não delimitaram o percurso desse sujeito (filho). Entre a sanção negativa e a manipulação dos actantes destinadores, julgador e manipulador, entrou um ponto de vista diferente na narrativa, o da interpretação de um sujeito com outro quadro de valores.

A contrapartida da mãe, quando não reconhece o sujeito (filho) como cumpridor do contrato que (para ela) ele assumiu de ser heterossexual, é um julgamento cognitivo negativo e uma possível operação pragmática de retribuição negativa, com uma punição, um ato de intolerância, provavelmente, que desequilibra a narrativa, pois, nesse caso, o filho, geralmente, se transforma num antissujeito. E é o que os filhos temem. Por isso se preparam para falar com as mães da melhor maneira.

E é importante observar que ao contrário dos filhos, que geralmente sabem sobre a dificuldade de aceitação das mães, os discursos das mães não trazem a lembrança de que seus filhos passaram por um processo difícil de autoaceitação, a não ser no final de seu percurso passional, conforme veremos.

Atualmente, já temos discursos que manifestam a manipulação dos filhos para que as mães os aceitem que demonstram uma mudança nada desprezível que se iniciou no nosso quadro de valores. No exemplo a seguir, o filho figurativiza o destinador que manipula a mãe pela intimidação:

Mãe – *Ontem, meu filho do meio, de 19 anos, se trancou no quarto comigo para reafirmar o que vinha insinuando há mais de 1 ano. Talvez se eu tivesse mudado ele de escola... o meio... O irmão mais velho é muito machista e ele quis ser diferente dele... quis concorrer com o irmão... Eu tenho sofrido muito. **E ele disse “eu quero ter espaço nessa casa, senão eu embora de casa.”** Ele quer trazer o namorado em casa e eu não vou aceitar... Mas fiquei apavorada! O que eu vou fazer? [...] (GPH presencial, 02/11/2010 – grifo nosso)*

3.4 Principais efeitos passionais de “sair do armário”

Geralmente, depois de os sujeitos (filhos) se assumirem para as mães, seus dispositivos modais se transformam e, no discurso, manifestam-se paixões muito semelhantes às de suas mães, conforme veremos no capítulo 4.

A diferença é que os filhos sofrem atos de intolerância de maior intensidade do que as mães. Ambos, mãe e filho, são tomados por paixões fiduciárias, relacionadas à decepção, descontentamento, frustração.

Filho (22 anos) – *[...] A conversa foi no sábado. Na segunda-feira ela foi internada no hospital com pressão alta. Depois disso, minha mãe não me dizia nada, ficava de cara amarrada pelos cantos. Eu me sentia a pior pessoa do universo, pois a última coisa que um filho quer fazer é fazer a mãe sofrer por ele. Ela sofria muito. Ela não percebeu que eu me guardei por oito anos por causa dela. Cheguei ao meu limite e não pude mais esconder isso tudo só pra mim, tinha de dividir. (GPH virtual, 09/11/2006)*

No exemplo, a mãe manipula pela intimidação. Nenhum filho quer ser o culpado do sofrimento da mãe: *Eu me sentia a pior pessoa do universo, pois a última coisa que um filho quer fazer é fazer a mãe sofrer por ele.*

Em *Ela não percebeu que eu me guardei por oito anos por causa dela*, está manifestado um amor de mãe, considerado tão grande, que o filho se sentiu no dever de retribuir. Trata-se de um PN de doação que não foi valorizado. E viver fingindo (no segredo e na mentira), para a maioria dos/as jovens homossexuais é tão difícil que o sujeito optou pela verdade.

A partir da análise de inúmeros depoimentos, percebemos que se assumir para a mãe e ser aceito é um programa narrativo de uso, para o programa narrativo de base “ser feliz”. No discurso em exame, o sujeito (filho) sabia que ele ser homossexual era um antiprograma para sua mãe, por isso esperou 8 anos para se revelar. Em relação à dimensão volitiva, o sujeito sempre almejou o objeto valor: “ser feliz”; em relação à dimensão ética, na relação intersubjetal predominou o deontico.

O programa de uso, “assumir-se para a mãe”, é um programa de alteração de competência em que o filho é o destinador manipulador que leva o sujeito mãe a saber sobre a sua homossexualidade. Na verdade, ele pretende levá-la a transformar o antiprograma “ser e agir como homossexual” em um programa de valor aceitável para ela. No entanto, o actante, mãe, assume imediatamente o papel actancial de destinadora, que se desdobra em destinadora manipuladora e destinadora julgadora. Ela o manipula pelo /poder/, intimidando-o com sua doença e com sua “*cara amarrada pelos cantos*” e pelo /saber/ do amor do filho por ela, provocando-o, e sanciona negativamente o filho, o discurso dele e o percurso apresentado.

O discurso se inicia como uma história dramática. Os valores diferentes conduzem à disjunção entre os actantes, atores mãe e filho, e não permitem a continuidade de uma integração entre os dois. *A conversa foi no sábado*. Em seguida parte para o efeito do acontecimento (a revelação inesperada). O *continuum* temporal é cindido pelo ponto final e se inicia a irrupção do julgamento negativo e sanção: *Na segunda-feira ela foi internada no hospital com pressão alta. Depois disso, minha mãe não me dizia nada, ficava de cara amarrada pelos cantos*.

A isotopia formada pelos sememas de “internada no hospital”, “pressão alta”, “cara amarrada” manifesta uma disforia subjetiva, um discurso comprometido com valores que entram em choque com a axiologia e levam à sanção negativa. Sob o

efeito da descontinuidade, a relação destinador/destinatário (mãe e filho) se transforma na relação sujeito/antissujeito. A mãe trata o filho como a um antissujeito. Quando “se vitimiza”, manipulando-o pela intimidação, o deôntico prevalece, e o querer do filho se fragiliza. No nível tensivo, a escolha de valores tônicos e pouco extensos demonstra que o enunciador foi derrotado pelas imposições sociais, de modo que se produz um excesso tensivo que dá força ao /dever-fazer/.

Como o filho crê que o amor da mãe é incondicional, o filho se culpa e demonstra “remorso”: *Eu me sentia a pior pessoa do universo, pois a última coisa que um filho quer fazer é fazer a mãe sofrer por ele. Ela sofria muito.*

A constatação do sofrimento da mãe traz a culpa e o remorso que o sujeito tenta aliviar. Some o antissujeito: *Ela sofria muito. Ela não percebeu que eu me guardei por oito anos por causa dela. Cheguei ao meu limite e não pude mais esconder isso tudo só pra mim, tinha de dividir.* E, o sujeito, fragilizado, cai na manipulação pela intimidação, pede desculpas, mas fica se sentindo desconsiderado.

Além disso, a construção da figura materna pela sociedade não é somente de alguém que sente o “amor incondicional” pelos filhos. O tipo diferente de manipulação do filho revela a figura materna em seus aspectos malevolentes. Além disso, o discurso manifesta a dificuldade de autoaceitação e a importância da aceitação (sanção positiva) principalmente da mãe.

Os filhos se sentem muito infelizes, mas, principalmente, sentem medo. O medo dissuasório, “derivado de uma sanção pragmática negativa”, que os acompanhava de antes de se assumirem para suas mães, torna-se uma paixão que os acompanha todo o tempo, no relacionamento deles com elas. (FIORIN, 1992:57).

Esse medo acompanha os sentimentos decorrentes da decepção com o julgamento negativo e com as atitudes da mãe, e a frustração de serem privados de objetos que valorizam, como o poder namorar, usar o computador, por exemplo, e os jovens podem ser levados ao desespero. Esse desespero pode levar às paixões de raiva e ódio que impulsionam programas de resolução da falta, de revolta e vingança.

O que é relatado no depoimento a seguir, é comum nessa fase de assumir-se para a mãe. Dividimos a mensagem do jovem em partes, para analisá-la:

a) Primeira parte do texto:

Filho (16 anos) – [...] *O primeiro culpado foi o computador, que ficava numa sala ao lado do quarto deles (dos pais). Ela achou que eu estava tendo contato com pessoas que estavam me influenciando. Por isso colocou o computador na sala, para que pudesse me vigiar e me impedir de fazer “coisas erradas”. Me proibiu de fazer tudo o que eu gostava no computador, me fez excluir as minhas fotos e colocou uma senha que só eles sabiam pra eu usar apenas quando eles deixassem. [...] Também pediram para eu ir me afastando dos meus amigos gays do colégio, mas sem falar pra eles o por quê.* (GPH virtual, 06/11/08)

A mãe está na fase da negação da homossexualidade do filho. Assim, culpa outras pessoas, equipamentos de informática... Tudo passa a ser antidestinador ou antissujeito, antiobjeto. Além disso, e principalmente, o filho traiu a confiança depositada nele e deve ser punido. Além disso, há a crença em que “dando limites ao filho”, ele voltará a ser heterossexual.

A manipulação pela intimidação fica evidente. O programa narrativo é claramente de privação de objeto valor. Além disso, se pensarmos no valor investido nos objetos é um programa aparentemente de *performance*, que camufla o desprover o sujeito de estado de sua competência, tornando-o fragilizado. O sujeito de fazer (pais) quando “tiram” o computador, proíbem as amizades, etc., enfraquecem o filho emocionalmente e ele fica sem nenhum /poder fazer/.

Temos um programa complexo, formado por um *programa de base* “tornar o filho heterossexual”, que pede a realização anterior de outros *programas de uso*, dada a dificuldade da realização do programa principal. O sujeito de estado e objeto a ser transformado é o filho e o sujeito de fazer são os pais, num programa de privação transitiva ou espoliação.

A mãe também é a destinadora manipuladora, isto é, aquela que determina os valores que serão visados pelo sujeito ou o valor dos valores. A manipulação cognitiva que realiza é entendida como um contrato fiduciário. A destinadora, por

meio de um fazer persuasivo, pretende fazer com que o filho creia que é melhor ele ser heterossexual (um objeto de valor verdadeiro) e que os pais sabem o que dizem, manipulação para que o filho creia que eles sabem o que fazem.

A mãe faz fazer, isto é, ela obriga o filho a abrir mão de tudo o que ele valoriza, através da manipulação pela intimidação e pela espoliação. Ela tenta transformar o modo de ser do sujeito (determinações semânticas e modais), sem muito sucesso, apesar de obrigá-lo (pelo poder de quem é mais velho e responsável legalmente pelo filho) a fazer o que ele não quer, intimidando-o. Portanto, a mãe figurativiza o destinador-julgador, no percurso da sanção. Pela sanção cognitiva, o jovem é julgado como um vilão, (safado, sem-vergonha). Pela sanção pragmática, ele é, muitas vezes, punido fisicamente (surras) e ameaçado de perder tudo o que ele valoriza.

b) Segunda parte do texto:

Filho – [...] Um dia de sábado, eu saí depois da aula e não liguei pra casa pra avisar onde eu estava, pois sabia que eles ficariam desconfiados de quem estava comigo e não me deixariam ir. Meus pais ficaram extremamente revoltados e meu pai foi procurar um chicote pra “tirar a minha safadeza”. Ele achou o chicote e me chamou pra conversar junto com minha mãe. Nessa conversa, que foi a pior, ele me deu duas opções: se eu quisesse mudar, eles me ajudariam e me apoiariam; se eu não quisesse mudar, eles me obrigariam. E, pra isso, se fosse preciso, ele ia largar o emprego, vender a casa e me levar para um lugar no meio do mato, com o chicote, pra me fazer passar por todas as dificuldades e necessidades do mundo, pois ele achava que eu estava tendo “muita mordomia”. Ele fez essa ameaça porque isso já aconteceu com um primo meu que estava se drogando. Além disso, ele me ameaçou várias vezes de contratar um detetive particular pra vigiar todos os meus passos fora de casa, e, principalmente, no colégio. Foi nessa conversa que minha mãe me proibiu também de sair de casa, telefonar e receber telefonemas, enviar e ler e-mails, me proibiu de frequentar lan houses e me proibiu até de escutar músicas do Michael Jackson, que, segundo ele, era uma má influência também. (GPH virtual, 06/11/08)

No discurso, temos a sanção cognitiva e pragmática, negativas, manipulação pela intimidação (ameaça de procurar detetive), mais privação de objetos de valor e

atos de intolerância: *Meus pais ficaram extremamente revoltados e meu pai foi procurar um chicote pra “tirar a minha safadeza”. se eu não quisesse mudar, eles me obrigariam. [...] E, pra isso, se fosse preciso, ele ia largar o emprego, vender a casa e me levar para um lugar no meio do mato, com o chicote, pra me fazer passar por todas as dificuldades e necessidades do mundo*

Além de procurar “culpados” – que entendemos como uma fase de “negação” da homossexualidade do filho – os pais ameaçam com adjuvante para o programa de intimidação: “detetive”.

c) Terceira parte do texto:

Filho - Algum tempo depois, meus pais me chamaram pra conversar novamente. Eles queriam saber como eu estava me saindo na “mudança”. Fiz o possível para convencê-los de que eu tinha mudado mesmo. Eles acreditaram e me disseram que estavam muito felizes por eu ter procurado o caminho certo. Nesse dia, eles também me deram a notícia de que tinham me tirado da minha escola e me matriculado numa escola próxima de onde moramos.

[...] A situação em casa está assim: eu finjo que não sou mais gay e eles fingem que acreditam. Mas eu tenho certeza de que desconfiam de mim pq eu não mudei em nada. Continuo sendo a mesma pessoa. Acho que ninguém tem o poder e nem o direito de mudar alguém. Eles pensam que só pq sou filhos deles, tenho que fazer o que eles mandam e ser a pessoa que eles querem, me tratam como um prisioneiro... Mas não tem como mudar isso. (GPH virtual, 06/11/08)

Temos, no discurso, a manipulação pela sedução em: *me disseram que estavam muito felizes por eu ter procurado o caminho certo*; a intimidação pelo poder fazer está clara em: *tinham me tirado da minha escola e me matriculado numa escola próxima de onde moramos*.

Além disso, os destinadores manipuladores (pais) impõem ao sujeito (filho) viver em um jogo do “ser” e “parecer”: *Eu finjo que não sou mais gay e eles fingem que acreditam*. A operação cognitiva da sanção, a interpretação de reconhecimento e integração no sistema de valores dos destinadores julgadores se fez imposta e ao “modo do parecer”:

d) Quarta parte do texto:

Filho - *Eu não tive escolha. Se eu dissesse pra eles que não iria mudar, eu correria o risco de apanhar, ser perseguido e até de ser levado para o mato, como ele disse. E ele fez questão de dizer que não eram apenas promessas. Tive de falar o que ele queria ouvir: eu disse pra ele que estava arrependido e que iria mudar.* (GPH virtual, 06/11/2008)

O filho está mentindo – seu estado de ser “parece, mas não é” de alguém que “virou” heterossexual –, portanto sua modalização veridictória é determinada pelas modalidades epistêmicas da dúvida. Por esse motivo, ele “só foi punido com a troca de escola”: *Eles acreditaram e me disseram que estavam muito felizes por eu ter procurado o caminho certo. Nesse dia, eles também me deram a notícia de que tinham me tirado da minha escola e me matriculado numa escola próxima de onde moramos.*

Pelo contexto discursivo – como é conhecida a dificuldade de adolescentes se separarem de seus amigos da escola –, consideramos a possibilidade de “*eles também me deram a notícia de que tinham me trocado de escola...*”, logo após o elogio (*estavam muito felizes por eu ter procurado o caminho certo*), ter sido dito pelo sujeito (filho) com ironia ou sarcasmo.

Assim, o sujeito destinatário (filho), “decepcionado”, sente “raiva”, “revolta” e parece próximo de algum tipo liquidação da falta: *Acho que ninguém tem o poder e nem o direito de mudar alguém. Eles pensam que só pq sou filho deles, tenho que fazer o que eles mandam e ser a pessoa que eles querem, me tratam como um prisioneiro...*

O sujeito (filho) foi reconhecido e considerado como cumpridor de seus deveres, de acordo com o simulacro de contrato que assumiu, o que deveria estabelecer o equilíbrio narrativo. Mas, mesmo assim, instaura-se um paradoxo. Ele pode ser reconhecido pelos pais como um heterossexual. Mas a questão é mais complexa: o sujeito não se reconhece um heterossexual e os valores do destinador são contrários aos do destinatário. (BARROS, 1988).

Os valores axiológicos virtuais são categorias semânticas do nível fundamental sobre as quais foi projetada a categoria articulada em *euforia* vs. *disforia*, ou *tensão* vs. *relaxamento*. Desde que assumidos por um sujeito, esses valores se tornam valores ideológicos.

No discurso do filho, percebem-se as paixões da “tristeza”, do “desespero”, da “raiva”, do “medo” do que possa vir a acontecer com ele (*Fiz o possível para convencê-los de que eu tinha mudado mesmo.*). Ele deve ser heterossexual e quem lhe impõe esse dever são os pais, seus actantes destinadores. No entanto, o sujeito (filho) /não sabe/ e /não pode ser/ heterossexual (modalidade atualizante), pois essa não é a condição “natural” de um jovem gay e não é o que ele sabe e crê sobre o seu modo de “ser”.

Há uma diferença fundamental e irreconciliável entre o /saber/ e o /crer/ dos pais, actantes destinadores manipuladores e julgadores, e do sujeito manipulado e sancionado negativamente, o destinatário manipulado e julgado, filho.

Nessa fase da negação e/ou rejeição dos pais à homossexualidade dos filhos, as paixões de “decepção”, “descontentamento”, “frustração”, “medo”, “vergonha”, “raiva”, “rancor”, “desespero”, “revolta” ou “conformação”, pontuais e iterativas, são comuns nos depoimentos dos filhos.

Na quinta parte do texto, temos a paixão da “insegurança” e “medo” (paixões fiduciárias), “desespero” (paixão de quem está em conflito) e a descrição de consequências físicas dessa paixão (somatização):

e) Quinta parte do texto:

Filho - *Eu estava proibido de tudo, mas fui aguentando pra eles acreditarem em mim e eu não correr nenhum risco. Mas toda essa pressão em cima de mim começou a me causar vários problemas psicológicos. Hoje, eu fico nervoso só de lembrar do que aconteceu e começo a tremer, começo a suar muito, morro de medo de andar na rua e, de repente, alguém estar me seguindo... Um desespero terrível.*

A confrontação entre o /dever ser/ e o /poder ser/, da “necessidade”, e o /não dever ser/ e o /não poder ser/ da “impossibilidade”, conforme quadro de Greimas, leva ao desespero (a somatização será tratada em outro item):

(1) Complementaridades (homologação 1)

(GREIMAS, 1983:83)

O sujeito, disjunto do seu objeto valor, é um sujeito virtual. É um sujeito que assumiu um sistema de valores, aprovado por um destinador, e foi disjunto do seu objeto, portanto é um sujeito apaixonado.

Percebe-se a conversão das categorias semânticas do nível fundamental, disforizadas. Assim, temos a continuidade da estaticidade vs. dinamicidade, doença vs. saúde com ênfase no primeiro termo. O sujeito, filho, antes da transformação estava em conjunção com a vida, saúde, dinamicidade e entra em conjunção com a morte, doença e estaticidade. Essa transformação foi operada pelo sujeito de fazer (filho) que se tornou competente para esse fazer, graças ao destinador (pais). No nível narrativo, as relações que ligam o sujeito ao seu “objeto valor” (ser heterossexual) são de /querer/, mas /não poder/, portanto, o objeto é desejável, mas impossível.

Entre a “ilusão” do /não saber não ser/, da ignorância, e a “desilusão” do /saber não ser/, isto é, entre as posições da mentira e da falsidade que envolvem o sujeito cognitivo numa espera injustificada, antes do desvendamento do

segredo em direção à verdade, aparecem dois tipos de crer, de acordo com Fontanille:

- o primeiro /crer/ refere-se ao programa da mãe que acredita que o filho é heterossexual;
- o segundo /crer/ refere-se aos valores axiológicos. Veremos que, mesmo quando a mãe descrê na heterossexualidade do filho, portanto esse /crer/ é virtualizado, ela continua a crer na heterossexualidade (ser e agir como um heterossexual) como um “objeto valor” para ela e para os demais. Assim, o /crer/ é reafirmado e com mais ênfase.

De acordo com o pesquisador:

Cette double position du /croire/ est à la origine du “désespoir”, que est, à la fois perte de confiance en soi et en l'autre, et confiance profonde en quelque chose de transcendant et de refusé. (Fontanille, 1980:23)²⁹

Os percursos figurativos do discurso em exame (tirado da segunda parte) deixam evidente a “violência doméstica”:

Filho - [...] *O primeiro culpado foi o computador [...] Ela achou que eu estava tendo contato com pessoas que estavam me influenciando. Por isso colocou o computador na sala, para que pudesse me vigiar e meu pai foi procurar um chicote pra “tirar a minha safadeza”. **Ele achou o chicote [...] Além disso, ele me ameaçou várias vezes de contratar um detetive particular pra vigiar todos os meus passos fora de casa, e, principalmente, no colégio. [...] ela me proibiu também de sair de casa, telefonar e receber telefonemas, enviar e ler e-mails, me proibiu de frequentar lan houses e me proibiu até de escutar músicas do Michael Jackson [...]***

No exemplo a seguir, vemos os sentimentos relacionados à “decepção”. “humilhação” e “tristeza”:

²⁹ Essa dupla posição do /crer/ está na origem do “desespero”, “que é, ao mesmo tempo, perda de confiança em si e no outro, e confiança profunda em qualquer coisa de transcendente e contestado. (1980:23 – trad. nossa)

Filha (18 anos) - [...] meus pais descobriram tudo e depois tirei todas as dúvidas que ele tinham a meu respeito, mas não deu certo. Me ameaçaram de morte... Eu não esperava isso, foi muita humilhação e tristeza [...] (GPH virtual, 10/04/2008)

A seguir manifesta-se a “revolta”:

Filho (24 anos) – Eu me apaixonei e contei para eles... Mas minha mãe não teve uma reação boa. Ela ficou profundamente triste. Quer dizer... Ela não ficou agressiva, mas ficou profundamente triste. E essa tristeza pra mim foi a pior reação que uma pessoa pode ter. Acho que minha mãe não poderia ter ficado triste. Acho que ela deveria ter escondido a tristeza. Deveria ter superado a tristeza... (MODESTO, 2006:34)

No próximo exemplo, vemos a “surpresa decepcionada”:

Filho (16 anos) – [...] acabei de contar para meus pais da minha homossexualidade, faz uma semana... Acho que contei cedo demais... Eles não aceitam... Como pode? [...] (GPH virtual, 26/03/2008)

A pergunta significa que o filho se surpreende por não ter sido aceito. Entre outros motivos, certamente ele se questiona sobre o “amor incondicional” que lhe prometeram e se decepciona. Entretanto, geralmente, os filhos imaginam a dificuldade dos pais de os aceitarem, pois sabem da própria dificuldade de autoaceitação. Os pais tem o poder de manipular e a principal paixão dos filhos é o medo.

Nos depoimentos, em relação aos filhos se assumirem para suas mães, há vários tipos de consequências da revelação que causam medo:³⁰

a) Medo de perder o amor da mãe (paixão de todos os filhos):

³⁰ Veremos a paixão do medo e vergonha no item 4.5.1 desta tese.

Filha (14 anos) *Eu não posso ser isso. Como vou dizer pra minha mãe? **Eu não posso perder o amor dela...*** (23/03/2009 – grifo nosso)

Filho (17 anos) – [...] *ela falou que vai fazer de tudo pra aceitar, mas que ela não garante nada [...] quando voltou já voltou mal com isso e eu estou muito mal tb já me arrependi de ter contado, **não quero perder o amor da minha mãe** [...]* (GPH virtual 20/06/2007 – grifo nosso)

b) Medo de ser expulso de casa e não ter para onde ir:

Filho (16 anos) – [...] *Na verdade, eu não sei se quero contar, sabe? Mais é que uma hora eles vão saber, e o choque vai ser ENORME, sabe por quê? Minha mãe é evangélica, e eles não aceitam. Ela faz uns comentários que me assustam. Meu pai é muuuuuuito sério, eu só tenho 16 anos... **Se eles me colocarem pra fora de casa, eu não tenho pra onde ir.** Eu já sei que sou gay sexual e afetivamente, não é à-toa que estou gostando de um rapaz [...]* (GPH virtual, 24/07/2010 – grifo nosso)

c) Medo de que os pais se separem:

Filho (17 anos) – [...] ***eu acho que se soubessem eles acabariam se separando** e eu realmente não queria que isso acontecesse por minha culpa, meus irmãos jamais me perdoariam pela separação de meus pais. [...]* (GPH virtual, 27/07/2010 – grifo nosso)

d) Medo de ser descoberto como homossexual socialmente e ser discriminado (medo da vergonha, medo de atos malevolentes):

Filho (17 anos) – [...] *Sou gay, pelo menos na teoria. Não gosto de meninas e as poucas que namorei, só fiz sofrer, por isso resolvi namorar poucas. Desde os 14 anos tenho a dúvida interna sobre a minha condição sexual. Desde aquela época, fico “meio mexido” quando se fala de “opção sexual”. Sinto ardentemente atração por meninos, mesmo tendo um pouco de “medo” de ficar com eles. Não chega a ser um medo, mas um receio por ser de igreja evangélica. Na verdade, entrei na igreja justamente pra ver se “essa coisa” sairia de mim, mas nada adiantou.*

Então começaram os ensinamentos:

- Homossexualidade é pecado;
- Homossexuais são atraídos pelo diabo; e
- Homossexuais são focos de transmissão de HIV.

Não concordo com isso e fico com muita raiva quando alguém diz isso para mim. Não tenho coragem de "peitar" uma pessoa porque assim vou acabar falando para as pessoas que sou homossexual. Só não falo porque meus pais, minha família e 90% dos meus amigos são homofóbicos. **Tenho muita dificuldade em falar com as pessoas, porque tenho medo de que as pessoas acabem falando algo, me discriminando,** mas nem por isso escondo. Na verdade tenho vários amigos gays pela net, tanto homens, quanto mulheres e todos me dizem da mesma coisa: a dificuldade de assumir frente a sociedade. Não sei o que faço dessa vida, só sei que estou apaixonado por um guri que também me ama, mas o receio me trava. Toda vez que marcamos uma saída, eu falho: acabo nem saindo de casa e indo para meu quarto chorar. E o principal motivo? Meus pais, família e amigos. Me sinto um leproso quando toco nesse assunto. Quando falo de meus amigos gays para meus outros amigos, todos dizem a mesma coisa: - Não vai virar gay hein!!! Eles dizem isso por discriminação. Tive que fazer uma redação para o colégio e o tema era: DEVE HAVER RESTRIÇÕES NOS DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS. Fui o único que disse não, por que todos somos humanos acima das diferenças. Não sei o que faço. Não sei se vou em frente com esse menino que gosta de mim e eu gosto dele. Sinto medo de falar a verdade, mas sinto que é necessário. Queria apenas uma ajuda simples. Mas de qualquer forma obrigado pela compreensão. Abraço para quem ler. (GPH virtual – 15/07/2010 – grifo nosso)

Na mensagem, há diversos efeitos passionais do conflito “assumir-se ou não homossexual”, passar da “mentira” para a “verdade”: medo, tristeza, vergonha, raiva, rancor:

Em, *sou gay, pelo menos na teoria*, o sujeito separa o programa de competência, pressuposto ao programa de *performance*. Ele tem competência modal e semântica para agir como homossexual, mas não realiza a *performance*, não passando a ser um sujeito realizado. Por quê? Porque ele está em grande conflito e vemos no discurso os efeitos passionais que o impedem de se assumir,

de passar da “mentira” para a “verdade”, apesar de se sentir no dever de fazer isso.

O medo é uma paixão de objeto, mesmo quando esse objeto é indefinível. Nesse caso, o medo aparece acompanhado por uma gama de sentimentos, como a “inquietude”, a “ansiedade”, a “angústia”.

O medo se instala em torno de uma representação prospectiva, isto é, daquilo que virá no futuro e já temos ideia do que pode ser. Uma das fontes de medo é a insegurança, o não saber para que lado se virar: [...] *Sinto medo de falar a verdade, mas sinto que é necessário.* [...] Daí o conflito que traz a angústia. (DITCHE et alii, 2005: 215-239).

No discurso em exame, o sujeito está afogado por sentimentos, principalmente o do medo:

- O sujeito sente medo de ser discriminado: [...] *Tenho muita dificuldade em falar com as pessoas, porque tenho medo de que as pessoas acabem falando algo, me discriminando, mas nem por isso escondo. Não tenho coragem de "peitar" uma pessoa porque assim vou acabar falando para as pessoas que sou homossexual. Só não falo porque meus pais, minha família e 90% dos meus amigos são homofóbicos.* (GPH virtual – 15/07/2010).
- O sujeito sente medo de se relacionar com outros gays, receio de ser descoberto como gay na igreja: [...] *Desde os 14 anos tenho a dúvida interna sobre a minha condição sexual. Desde aquela época, fico meio mexido quando se fala de “opção sexual”. Sinto ardentemente atração por meninos, mesmo tendo um pouco de “medo” de ficar com eles. Não chega a ser um medo, mas sim um receio por ser da Igreja Evangélica.*
- O sujeito sente vergonha: *a dificuldade de assumir frente a sociedade...* A “vergonha” aparece como uma sanção negativa cognitiva – é difícil para o sujeito saber que outra pessoa sabe que ele é gay – e o medo surge como uma sanção pragmática negativa (medo dissuasório) que o faz desistir de se assumir, mas ele também teme ser punido com atos discriminatórios (intolerantes e de exclusão), como consequência de ter se assumido.

- O sujeito sente tristeza e está acovardado: *Toda vez que marcamos uma saída, eu falho: acabo nem saindo de casa e indo para meu quarto chorar. E o principal motivo? Meus pais, família e amigos. A tristeza caracteriza um sujeito fragilizado, na defensiva, um sujeito incerto sobre o seu saber. Ele não tem certeza do que quer, ele não tem coragem.*
- O sujeito sente raiva:
[...] Então começaram os ensinamentos:
- Homossexualidade é pecado;
- Homossexuais são atraídos pelo diabo; e
- Homossexuais são focos de transmissão de HIV.
Não concordo com isso e fico com muita raiva quando alguém diz isso para mim. [...]

Nesse momento, o sujeito já está mais forte e sente raiva, uma paixão que permite passar a um estado reparador da falta, se não for reprimida. O sujeito está angustiado, uma inquietude mais tensa, pois está entre dois caminhos: *Não sei o que faço. Não sei se vou em frente com esse menino que gosta de mim e eu gosto dele*

A “angústia” é uma paixão que faz parte da figura do “desespero”, reconhecida como a manifestação da virtualização do sujeito e do destinador. Geralmente percebemos o percurso passional em torno do “desespero”, a “inquietude”, “raiva”, “rancor”...

O sujeito procura a religião como um /saber/ e um /crer/ adjuvantes. Em muitos discursos temos visto o sujeito escolher a religião como adjuvante para fugir do antiprograma: “ser e se comportar como um homossexual”: *Na verdade, entrei na igreja justamente pra ver se “essa coisa” saía de mim, mas nada adiantou.* O percurso ser e agir como homossexual é visto como um antiobjeto (*essa coisa*).

A manipulação dos amigos é feita pela provocação: o sujeito terá de escolher entre a imagem desfavorável “virar gay” e a imagem favorável “ser heterossexual como eles”: *Quando falo de meus amigos gays para meus outros amigos, todos dizem a mesma coisa: - Não vai virar gay hein!!! Eles dizem isso por discriminação.* O jovem sabe que os “amigos” são preconceituosos. Como

destinatário manipulado, sofreu um ato verbal de discriminação. Em parte, a manipulação foi bem sucedida, pois o sujeito (filho) interpreta a manipulação dos amigos como “discriminação” e, apesar de não crer justa a avaliação dos amigos, ele fica amedrontado: *DEVE HAVER RESTRIÇÕES NOS DIREITOS DOS HOMOSSEXUAIS. Fui o único que disse não, porque todos somos humanos acima das diferenças.*

O contrato não se realiza completamente, pois as crenças entre manipuladores e manipulado já não são idênticas. O sujeito (filho) julga inadequada aquela manipulação e tenta recusá-la. Mas, inseguro, ainda sente medo e o medo o paralisa. Do ponto de vista de sua competência modal, o sujeito (filho) define-se como um sujeito de fazer que /sabe/, /quer/, /deve/, mas /não pode/ assumir-se homossexual; quanto à sua existência modal, sujeito de estado, ele quer, sabe ser, mas não pode ser homossexual ainda: querer-ser (desejável), sabe-ser (verdadeiro), não-poder ser (impossível). Para que o percurso almejado se torne possível, é necessário que o sujeito tenha a competência transformadora.

Muitas vezes os filhos se revoltam com a não aceitação de suas mães, família, etc., e surgem, no discurso, planos de ações passionais de vingança, como a de usar drogas, abandonar a família, sair de casa, suicidar-se:

Filho (16 anos) – [...] *Tenho medo de que o Paulo esteja pensando em terminar comigo. Ele não está mais aguentando essa pressão. [...] Se isso realmente acontecer, minha vida vai acabar, não sei mais o que pensar, **já pensei em me drogar, em me matar**, está muito difícil de suportar e, se eu perder ele, será o fim. Não consegui dormir de ontem pra hoje e **estou sufocando, é como se eu estivesse tendo uma parada cardíaca é horrível**. Não sei mais o que pensar, o que fazer, to perdido.* (GPH virtual, 13/08/2008 – grifo nosso)

Filho (17 anos) – [...] *Eu faço 18 anos em dois meses! **Estou pensando em sair de casa**, morar com amigos ou procurar um emprego LONGE de casa! Cheguei ao meu EXTREMO, não estou aguentando mais! Estudo pra medicina, é o meu SONHO, mas estou desistindo disso, não tenho o apoio da minha própria família [...]* (GPH virtual, 12/07/2010 – grifo nosso)

No discurso, observam-se as questões do aspecto, a cargo do observador. O aspecto durativo marca as paixões de desespero e revolta em *não estou aguentando mais* (morar em casa, com os pais, e ser continuamente discriminado). Observa-se a revolta manifestada pelo nível da expressão, com a grafia em caixa alta – *LONGE de casa!, cheguei ao meu EXTREMO, é o meu SONHO* e a quantidade de pontos de exclamação. Esses recursos fazem vibrar dinâmicas extensivas, da espacialidade e intensivas da tonicidade. Por exemplo, “longe” e “extremo” são lexemas escolhidos para manifestarem a alta tonicidade e a extensidade: “longe”, extensidade “física” espacial, “extremo”, extensidade subjetiva, “emocional”.

A programação espaço-temporal dos depoimentos, antes da aceitação das mães, encadeia os espaços e estabelece a organização temporal dos acontecimentos, numa linearidade já investida semanticamente de oposição entre a “casa da família”, espaço onde não se pode ser quem se é, portanto um espaço onde nada acontece de positivo e onde reina a estaticidade, e o “espaço estranho à família”, onde há transformações possíveis e para onde se deslocam os sujeitos em busca de aquisição de competência para seus programas: de uso, assumir-se; de base, ser feliz.

3.4.1 O sentimento de inferioridade e a vergonha

O “sentimento de inferioridade” é uma paixão complexa que engloba programas narrativos de construção de simulacros. De acordo com Elisabeth de-La-Taille, o sentimento de inferioridade é

...produto de um fazer cognitivo, na forma de uma operação de comparação, que pressupõe o apego ao objeto (imagem) com que o sujeito se percebe não conjunto. Esta comparação é exercida por SI entre a imagem que acreditava ser capaz de projetar, a imagem virtual, e a imagem de fato projetada, sancionada negativamente. (1999:28)

Esse jogo de imagens, *virtual* e *projetada*, pode levar ao sentimento de inferioridade, à baixa autoestima.

Uma das mães relatou o que ouviu do filho (15 anos):

Mãe – [...] Essas *palavras jamais esquecerei*: “Mãe, eu sou gay. Não mereço ser seu filho. Sou um monstro! [...] (GPH virtual – 02/02/2006)

Como exemplo, o relato de um filho:

Filho (27 anos) - *Eu tenho 27 anos e me sinto velho, eu sinto que agora é tarde pra eu tentar uma faculdade... Eu quero muito fazer um curso superior, pq o maior sonho da minha vida é dar todo conforto aos meus pais... Mas como vou conseguir esse meu objetivo, se não tenho coragem de enfrentar uma sala de aula, eu tenho um trauma, eu tentei um cursinho, mas eu sinto as pessoas me olhar atravessado, pq eu tenho esse maldito trejeito, eu não sou afeminado, mas não sei, parece que está estampado na minha cara Por isso eu perdi o interesse pela minha vida, tenho medo de ficar velho sozinho. Meu Deus, eu não entendo pq isso, eu não pedi pra nascer assim, eu desejaria a morte, como uma vez minha mãe me disse: “Eu prefiro ver você morto do que gay!!” Acho q ela tem razão, eu entendo, não deve ser fácil pra ela. Mas, e eu?!?, ver seus amigos namorando, casando, tendo filhos e eu como uma árvore seca q não pode dar frutos. Pq meu Deus! (enquanto digito esse e-mail, choro muito...) Se eu conseguisse fazer essa dor parar no meu coração, essa dor que corta os meus sonhos e atropela os meus sentimentos. Eu estou perdido, estou muito perdido, me falta coragem para me matar, senão já teria feito, muitas vezes já me tranquei no banheiro me machucava, me batia contra a parede pra ver se isso saía de dentro de mim [...] (GPH virtual, 20/05/2010).*

Nesse discurso, a *imagem virtual* (simulacro construído), é o de um jovem inteligente e de caráter, com o desejo de estudar, se formar e ajudar a família: *Eu quero muito fazer um curso superior, pq o maior sonho da minha vida é dar todo conforto aos meus pais [...]*

São projeções realizadas pelo sujeito a respeito dele mesmo, são sonhos para o futuro, num imaginário confiante e positivo. É o modelo de “bom filho, do bom rapaz” de acordo com o conjunto de valores da nossa sociedade.

A segunda imagem, a *imagem projetada*, também é o simulacro que o rapaz constrói de si mesmo, agora não mais construído com confiança no futuro, mas de alta tensividade negativa dessa confiança, um simulacro de fracasso. Nesse caso, o sujeito do discurso fala de um “trauma”: *Mas como vou conseguir esse meu objetivo, se não tenho coragem de enfrentar uma sala de aula, eu tenho um trauma, eu tentei um cursinho, mas eu sinto as pessoas me olhar atravessado, pq eu tenho esse maldito trejeito...*

De acordo com a pesquisadora, “a semiótica vê a imagem projetada como a projeção do ser.” (1999:29). O olhar do outro se baseia no *parecer*, para fazer inferências sobre o ser do sujeito e julgá-lo positivamente ou negativamente. Assim, o sentimento de inferioridade, a baixa autoestima, torna-se uma paixão poderosa. Para o sujeito envergonhado, seu valor pessoal é relacionado ao simulacro virtual construído anteriormente e esse simulacro positivo é destruído por sua imagem projetada.

Com a desintegração de sua imagem virtual, o sujeito vive uma crise fiduciária que pode ter como consequência o desmoronamento de todo um universo de crenças pessoais: ele é, na esfera pública, o que sua imagem projetada o faz parecer. O universo simbólico em que S1 se reconhece enquanto sujeito pode ruir. (1999:29)

Vemos isso em: *Se eu conseguisse fazer essa dor parar no meu coração, essa dor que corta os meus sonhos e atropela os meus sentimentos. Eu estou perdido, muito perdido, me falta coragem para me matar...* Os sentimentos de inferioridade e a exposição ao olhar e julgamento do outro provocam a vergonha, mas também o medo (*me falta coragem*). No caso, a autossanção negativa (sou afeminado) é o incremento ao sentimento de inferioridade que o leva a não se expor ao olhar alheio: *Mas como vou conseguir esse meu objetivo, se não tenho coragem de enfrentar uma sala de aula...* O /não-poder/ e /não-saber/, da “falta de coragem”, leva a um sentimento de inferioridade muito tenso, é o sentimento da impossibilidade/incompetência para defender-se do julgamento alheio e do próprio julgamento, é um sentimento de estar à mercê do imponderável.

Nos discursos a seguir, vemos a “vergonha” como um percurso modal e sua complexa organização actorial e atorial. Pela complexidade de sua organização, a

vergonha não parece pertencer a somente uma configuração, a somente um sistema passional, mas, a vários, das paixões fiduciárias, das polêmicas contratuais intersubjetivas, às sociais. Desse modo, várias configurações passionais concorrem para instauração do sentimento da vergonha.

O sujeito envergonhado é um sujeito que oscila entre a construção de dois simulacros: a imagem virtual, o modelo positivo que ele persegue, e a imagem projetada para os outros que não está de acordo com a primeira.

E o sujeito exerce um fazer reflexivo: ele próprio se sanciona negativamente, compartilhando o julgamento negativo do outro, quando adere ao quadro axiológico que o condena.

Exemplos de vergonha:

Filho (28 anos) – ***Eu tinha vergonha de ser homossexual e ainda tenho um pouco.*** (GPH - entrevista gravada e transcrita em 09/01/2001 – grifo nosso)

Filho – (18 anos) *Quando, na quinta série, tive de jogar foi um terror, na educação física, porque eu não sabia jogar. Então passava vergonha e não jogar bem era uma coisa de não ser macho...* (MODESTO, 2006: 59 – grifo nosso)

Filho (49 anos) – *É claro que eu tinha vergonha. Quem não tem vergonha de ser chamado de bicha na escola? E, como meu nome é José, quase sempre caía no número 24. A cada ano era aquele pânico. Na hora da chamada era aquela gargalhada...* (MODESTO, 2006: 50 – grifo nosso)

Na mensagem a seguir, o sujeito justifica não ter se assumido. Para isso, ele argumenta com a ideologia da “esquerda”, há 40 anos, um julgamento de valor admitido pelo Partido Comunista, na época:

Filho (49 anos) – *Durante meus anos 20, na década de 70 (nasci em 1951), eu reprimi muito a exposição da minha homossexualidade por outra razão que não a vergonha de mim mesmo. E essa razão outra era muito simples. Eu pertencia a um grupo de esquerda que não aceitava duas coisas: desvios*

da heterossexualidade e manifestações hedonistas, como, por exemplo, o culto ao corpo; (MODESTO, 2006:51 – grifo nosso)

Percebe-se que julgar negativamente a homossexualidade é um conceito disseminado socialmente, que independe da ideologia de partidos políticos, pois a escolha do modelo de argumentação, de desprestígio, não parece ser uma crítica específica aos partidos de esquerda, mas uma crítica generalizada: *Naquela época, até os partidos de esquerda...*

Filho (30 anos) – *Eu tinha vergonha de ser homossexual, eu tinha medo da reação das pessoas também. Ainda tenho. Com 5, 6 anos, eu já percebia que não era igual aos outros meninos.* (MODESTO, 2006:78)

E o sujeito manipulado é um sujeito que não quer ser, mas sabe não poder ser, ou seja, ele é um sujeito insatisfeito e envergonhado. Nesse discurso fica claro que a homossexualidade do sujeito é um modo de ser e fazer avaliado negativamente, portanto avaliado como um antiprograma. Além disso, a descoberta da homossexualidade é um mal-estar durativo que, no exemplo, se estende por vários anos. Veremos que, em contrapartida, a descoberta da homossexualidade dos filhos, por suas mães, de modo geral, é uma descoberta pontual.

No discurso a seguir, o filho sabe que é o objeto da vergonha:

Filho (28 anos) - ***Ela (mãe) morre de vergonha de ter um filho gay. E sempre que ela diz isso, me mata um pouquinho por dentro.*** (GPH virtual, 20/05/2010 – grifo nosso)

O valor dado pelo filho (S1) à sanção desse destinador-julgador (mãe, S2) é imenso. Instaura-se uma relação polêmica de manipulação da mãe a seu filho, em que o filho anula qualquer imagem positiva virtual que tenha construído para si, como modelo. E, metaforicamente, ele expressa seu sofrimento: *me mata um pouquinho*, num processo iterativo, e com continuidade, *sempre que ela diz*.

De acordo com Elisabeth de-La-Taille, “não se trata diretamente da disputa de um objeto de valor, mas de uma comparação entre competências modais, com

um duplo objetivo: de um lado, o objetivo imediato, a inferiorização de S1, através da aniquilação da sua “boa imagem”; de outro, como decorrência, o provável estabelecimento da superioridade de S2.” (1999:34). Nesse processo de rebaixamento de S1, reflexivamente, surge o sentimento de humilhação, um rebaixamento moral. O filho se sente humilhado por ser o objeto da vergonha de sua mãe e ele mata qualquer “boa imagem” que pudesse ter de si próprio.

Os depoimentos dos filhos, discursos desembreados em “eu”, geralmente no tempo passado, manifestam percursos temáticos concretizados semanticamente por figuras bem semelhantes. Esses percursos temáticos estão, na maioria, relacionados aos conteúdos fundamentais de vida vs. morte, conhecido vs. não conhecido:

No discurso em exame, estão em jogo valores subjetivos, estados de alma e manifestam-se principalmente as categorias fundamentais:

- Morte vs. Vida
- Estaticidade vs. Dinamicidade
- Continuidade vs. descontinuidade

Ainda no nível fundamental do percurso narrativo, a morte é, na maioria das vezes, axiologizada como menos tensa do que a vida e o conhecido (saber e fazer saber) é mais eufórico e relaxado do que o não conhecido, considerado disfórico e tenso, na maioria dos depoimentos de filhos que ainda não falaram da homossexualidade para suas mães.

Os valores fundamentais dos depoimentos dos filhos, de modo geral, levam principalmente a *percursos temáticos* de:

Sexualidade: heterossexualidade vs. homossexualidade

Normalidade: normal vs. anormal; sadio vs. doente; caráter vs. falta de caráter; escolha, opção vs. condição natural do ser humano

Aceitação: aceitação da própria homossexualidade vs. aceitação dos outros

Conhecimento: sabido vs. desconhecido

Morte: morte vs. vida

Liberdade: prescrito, normativo vs. livre; proibido vs. permitido

Identidade: própria vs. dos outros

Amor: amor materno, amor familiar vs. amor aos namorados/as, companheiros/as; amor à mãe vs. amor a si próprio

Família: família heteronormativa vs. núcleos familiares homossexuais

Acolhimento: rejeição vs. aceitação

As paixões surgem sobretudo da segurança daquilo em que se crê, daquilo que se sabe, sentimos que nos é devido, e a insegurança do que nos é desconhecido. Assim, o sabido – saber que se é homossexual e fazer com que os outros saibam disso é fundamental nesses discursos. Nos depoimentos, estão todo tempo em confronto a autoaceitação da homossexualidade e necessidade da aceitação do outro. O não sabido traz insegurança, tristeza medo, desespero; o sabido trará paixões opostas, se o sujeito conseguir enfrentar o medo, a vergonha, etc., isto é, se ele se tornar competente.

3.4.2 Filhos que se autorrejeitam

Fazendo parte do nosso *corpus*, além de discursos de rejeição dos jovens homossexuais por outros sujeitos, também há discursos de autorrejeição. Há homossexuais que se rejeitam por toda vida; outros, por grande parte dela:

Filho (44 anos) – *Eu nunca me envolvi sexualmente com ninguém, nem com homem, nem com mulher até os 40 anos. Eu nunca me permiti. Foi muito complicado... Meu pai faleceu e eu tinha 20 anos [...] Eu acabei assumindo a postura do meu pai em casa: passei a ser o chefe da casa. Trabalhava pra manter tudo. Aos 34 anos, eu entrei numa depressão profunda e não entendia por quê...* (MODESTO, 2006:84)

O jovem vive uma mentira, guardando a sua homossexualidade como um segredo. Na maioria das vezes, esse recurso conduz à disjunção dos actantes (mães e filhos), não dando vez à continuidade típica de uma integração familiar. Para evitar, o sujeito (filho), nesse discurso, assume responsabilidades que excedem o seu papel: *Eu acabei assumindo a postura do meu pai em casa: passei a ser o chefe da casa. Trabalhava pra manter tudo*

Retomando exemplo visto anteriormente, em outros de seus aspectos:

Filho (27 anos) – Eu tenho 27 anos e me sinto velho... tentar uma faculdade é o maior sonho da minha vida. Mas como conseguir esse objetivo se eu não tenho coragem de enfrentar uma sala de aula, eu tenho um trauma, eu tentei um cursinho, mas eu sinto essas pessoas me olharem de atravessado, pq eu tenho esse maldito trejeito, eu não sou afeminado, mas, não sei, parece que está estampado na minha cara. Por isso, eu perdi o interesse pela minha vida, tenho medo de ficar velho e sozinho... Por isso, eu perdi o interesse pela minha vida, tenho medo de ficar velho e sozinho... A minha vida, os meus sentimentos, ver seus amigos namorando, casando, tendo filhos e vc essa árvore seca que não pode dar frutos .Pq, meu Deus (enquanto eu digito esse e-mail, eu choro...) Se eu conseguisse fazer parar essa dor no meu coração, essa dor que corta meus sonhos e atropela meus sentimentos. Eu estou perdido, estou muito perdido, me falta coragem pra me matar, senão já teria feito, muitas vezes me tranquei no banheiro, me machucava, me batia contra a parede pra ver se isso saía de dentro de mim...” (GPH virtual, 20/05/2010)

No discurso, o principal valor em jogo no plano objetual é o ser homossexual, um antiobjeto modal para o sujeito. Nele, há um sujeito que se julga negativamente e que sente todos a sua volta como juízes que o sancionam mal, porque é homossexual: *eu sinto essas pessoas me olharem de atravessado, pq eu tenho esse maldito trejeito, eu não sou afeminado, mas, não sei, parece que está estampado na minha cara.*

O *trauma* que o impede de estudar funciona como uma imposição de limites que se transforma em terminação de processo. Em outras palavras, o *trauma* representa os valores de “parada”, aqui muito disfóricos, que dominam o sujeito e o impedem de viver.

Se pensarmos nos modos de existência semiótica, esse sujeito perdeu sua condição de conjunção com valores eufóricos e não tem forças para abraçar nenhum projeto de conquista de objeto valor. Ele próprio não se define mais como um sujeito, um sujeito que tenha alguma competência, pelo menos de /querer/, /poder/ ou /dever/. Ele somente sabe que não pode. Esse sujeito encontra-se em posição de não conjunção, num plano do sistema potencializante, ou de inanidade

modal, posição contrária, por exemplo, a uma plenitude realizante. (FONTANILLE e ZILBERBERG, 2001:134).

Não há possibilidade de uma comunhão entre o sujeito e “ser homossexual”, no sentido de novos valores, nova ideologia em substituição à sua homofobia. Vislumbra-se a falta de uma relação fiduciária destinador vs. destinatário como base para um projeto narrativo de valorização de sua vida: *Por isso, eu perdi o interesse pela minha vida, tenho medo de ficar velho e sozinho...*

Em *A minha vida, os meus sentimentos, ver seus amigos namorando, casando, tendo filhos*, temos os três gerúndios na mesma frase para manifestar o crescimento tensivo do estado de conjunção eufórica dos amigos com valores positivos, em contraposição à metáfora da morte com a qual o sujeito se compara na continuação da frase: *e vc essa árvore seca que não pode dar frutos...*

Em determinado momento do discurso, cessa o desenvolvimento narrativo em nome de uma evolução contínua do estado passional em que se insere o sujeito: *Pq, meu Deus (enquanto eu digito esse e-mail, eu choro...). Se eu conseguisse fazer parar essa dor no meu coração, essa dor que corta meus sonhos e atropela meus sentimentos.*

Nesse discurso, percebe-se a construção do simulacro de um sujeito desesperado. Seu estado de insuficiência modal frustra seu propósito de assumir trajetórias dinâmicas já que esbarra em forças de um antissujeito representado pelo *trauma*, que o impede de frequentar a faculdade, que ele não pode vencer. Desamparado, enfraquecido, desesperado, sem a competência suficiente, o sujeito é vencido: *Eu estou perdido, estou muito perdido, me falta coragem pra me matar, senão já teria feito, muitas vezes me tranquei no banheiro, me machucava, me batia contra a parede pra ver se isso saía de dentro de mim.*³¹

E, mais uma vez, ele recorre ao tema da morte, agora com a figura do fracasso até para se matar: *me falta coragem pra me matar, senão já teria feito...*, na impossibilidade de se livrar do antiobjeto em conjunção permanente com o seu ser: *me batia contra a parede pra ver se isso saía de dentro de mim...*

³¹ Infligir-se sofrimentos físicos voluntariamente não é raro nos depoimentos de filhos. Nos depoimentos das mães, sim, onde o mais comum são as somatizações de origem psicológica.

3.4.3 Filhos que são rejeitados

Vamos aproveitar o depoimento a seguir para uma análise mais completa dos percursos de mães e filhos que se entrelaçam: na primeira parte do depoimento, temos o relato de rejeição da mãe à sua filha; na segunda parte do depoimentos, temos o relato da vingança da filha:

Primeira parte:

Filha (18 anos) - *No dia 3 de fevereiro desse mesmo ano, minha mãe descobriu que sou lésbica. Há um bom tempo eu venho me 'descobrimdo'... Sinais claros pra mim, mas que só fui perceber depois. Nesse mesmo dia comemorávamos em nossa casa o aniversário da minha vó e toda família estava presente. , fez eu me sentir um lixo, **ligou para a minha companheira e a ameaçou, ligou para a mãe da minha companheira, me ameaçou de morte**, falava coisas que me magoavam profundamente e que me marcaram, etc. Coisas que nem vale a pena mencionar.*

*Minha mãe só descobriu porque eu deixei o computador ligado e ela foi mexer, pois já desconfiava de algo, como ela mesmo disse. Eu estava atrás dela quando vi que ela mexia nas minhas mensagens para a minha companheira. Para que ela não lesse eu contei que gostava de meninas. **A primeira reação dela foi me virar a mão no meu rosto. Me bateu, me xingou, arrancou o meu computador da parede mesmo, saiu arrebatando tudo.** Eu comecei a chorar, me desesperei... Queria que a minha família descobrisse só quando eu fosse financeiramente independente. Como se não bastasse, minha mãe desceu e começou a gritar para a família toda de forma pejorativa que eu gostava de mulher. Muito calma, minha vó disse que já sabia, pois já havia percebido e que não precisava de todo o alarde que minha mãe estava fazendo, mas a mesma não a escutou. Continuou gritando e me botou abaixo... Depois ela ligou para o meu pai (eles são separados) e disse que tinha uma novidade, porém o meu pai já sabia, pois eu confio muito nele e acabei contando para desabafar. Ela quando soube que ele já sabia ficou louca de raiva. Eu fiquei sem chão, queria desaparecer naquela hora, pensei que eu não teria forças para continuar. **Toda a família me rejeitou**, disse que eu estava doente, não quiseram saber o meu lado da questão, somente me apontaram e julgaram... Logo eu que tinha tanto a dizer fazia tempo.*

Aquela noite foi a mais dolorosa da minha vida. Tanto pela dor física, quanto emocional. Eu estava perdida, sem saber para onde correr.

Ela, minha mãe, me tirou tudo; celular, computador, chave de casa, dinheiro, qualquer meio de comunicação que eu pudesse ter tanto com a minha companheira, quanto com qualquer outra pessoa.

Dez dias se passaram... E nesses dez muitas coisas aconteceram: ela me levou a um centro espírita tentando ver se encontrava 'um caminho' para mim, **me humilhou publicamente, me humilhou no meu local de trabalho** (eu trabalhava na empresa dela), me batia todos os dias, chegou a falar que iria contratar algum homem para me fazer mulher, fez eu me sentir um lixo, **ligou para a minha companheira e a ameaçou, ligou para a mãe da minha companheira, me ameaçou de morte**, falava coisas que me magoavam profundamente e que me marcaram, etc. Coisas que nem vale a pena mencionar.

No dia 10 de fevereiro, consegui me comunicar com meu pai escondido, disse que não aguentava mais o que eu estava passando. Porém, meu irmão, dono do celular que eu peguei escondido, contou para a minha mãe e nesse **dia ela realmente me bateu... Foi me batendo da rua até chegar em casa, me fez suar frio de medo quando disse que chamou o meu tio para resolver e que ele iria me bater.**

Segunda parte:

Não sei que coragem que me deu, muito menos a força que surgiu dentro de mim... Esperei ela subir com o meu irmão e peguei escondido as chaves de casa do meu irmão. **Com apenas 25 reais no bolso e minha carteira de identidade vencida, fugi de casa. Fui para a delegacia mais próxima e denunciei minha mãe e meu tio.** Logo depois fui encaminhada para a casa dos meus avós paternos.

Hoje estou na casa do meu pai, cursando Relações Públicas, com mais garra que antes e mais amor ainda também. Minha companheira e eu sofremos muito, mas estamos juntas!! Hoje, com os 4 kg que perdi recuperados e, agora, saudável, levo minha vida ainda com muitas dificuldades, pois saí de (estado), onde minha mãe mora, para a cidade onde meu pai mora com a mulher e as filhas, e a adaptação está sendo bem difícil. Mas eu não desisto jamais. [...] (GPH virtual, 15/05/2010)

A “descoberta” da mãe, de acordo com o depoimento, embora tenha dito que desconfiava, foi pontualizada, o que prevê uma tonicidade altíssima e temporalidade quase inexistente. Depois do “acontecimento”, desencadearam-se as paixões da descoberta, principalmente relacionadas à decepção pela quebra do contrato pelo qual a filha deveria ser heterossexual e descontentamento por ter perdido objetos de valor para ela. Com a intensificação da falta, a mãe é tomada pela raiva, revolta, ódio, paixões de malquerer que desencadeiam programas de reparação da falta, através de ações apaixonadas de malquerer. A manipulação foi pelo poder, intimidando. Durante o processo, realizou-se o programa narrativo de performance de espoliação (apropriação dos bens da filha pela mãe) de valores inscritos em objetos descritivos e a tentativa de espoliação de valores modais como o /querer/, /crer/, /poder fazer/. Fazendo parte importante da intimidação, espoliação, está a impossibilidade de comunicação e a falta de liberdade de acesso a própria casa.

Filha - Me bateu, me xingou, arrancou o meu computador da parede mesmo, saiu arrebatando tudo.

[...] Ela, minha mãe, me tirou tudo: celular, computador, chave de casa, dinheiro, qualquer meio de comunicação que eu pudesse ter tanto com a minha companheira, quanto com qualquer outra pessoa.

Continuou gritando e me botou abaixo... me humilhou publicamente, me humilhou no meu local de trabalho, fez eu me sentir um lixo, ligou para a minha companheira e a ameaçou, ligou para a mãe da minha companheira, me ameaçou de morte, falava coisas que me magoavam profundamente e que me marcaram, etc. Coisas que nem vale a pena mencionar.

[...] E nesses dez muitas coisas aconteceram: ela me levou a um centro espírita tentando ver se encontrava 'um caminho' para mim. [...]

Primeira parte

A mãe usou de todos os tipos de manipulação pela intimidação. E também apelou para manipulação cognitiva, de doação de competência semântica e modal, através da religião. De acordo com Fontanille, um programa de disjunção vinculou o sujeito (mãe) ao objeto e a manipulação de valores obedeceu ao esquema da

amplificação (e não ao de atenuação) de tensões: [...] *me humilhou publicamente, me humilhou no meu local de trabalho.*

Sentir-se humilhado desenvolve negativamente o tema da identidade. Humilhar é fazer com que a pessoa se sinta inferior aos outros, envergonhada, insegura, amedrontada. Como o destinador manipulador conseguiu fazer com que o destinatário “*se sentisse um lixo*”, isso implica que a avaliação da mãe e das outras pessoas é muito importante para a filha e que todos os atores discursivos ainda se pautavam pelo mesmo quadro de valores, preconceituoso, conforme foi mostrado na “introdução” deste trabalho. Contudo, como veremos, o /saber fazer/ e o /poder fazer/ do sujeito vencido (filha), nesse discurso, não é nulo, não é relacionado ao completo /não-saber fazer/ e /não-poder fazer/: *Não sei que coragem que me deu, muito menos a força que surgiu dentro de mim...*

Segunda parte

E a filha, de destinatário manipulado, apesar de tudo, se tornou dona de seu destino, como destinadora e sujeito do fazer. Ela realizou um programa de compensação da falta, pela vingança:

O percurso de uso “se aceitar como é”, de muita coragem (*não sei que coragem me deu*), é figurativizado por “pegar as chaves escondido”, com “pouco dinheiro e documento vencido”, “fugir de casa” e “denunciar a mãe e o tio na delegacia.” O sujeito está a caminho de ser feliz:

Esprei ela subir com o meu irmão e peguei escondido as chaves de casa do meu irmão. Com apenas 25 reais no bolso e minha carteira de identidade vencida, fugi de casa. Fui para a delegacia mais próxima e denunciei minha mãe e meu tio. Logo depois fui encaminhada para a casa dos meus avós paternos.

Há dois esquemas narrativos que correspondem, cada um deles, ao encadeamento de dois esquemas de tensão, durante o qual houve um combate: o primeiro enfatizou a presença da mãe como a vencedora com o esquema ascendente, o que vai da *confrontação* à *dominação* da mãe: *Eu estava perdida, sem saber para onde correr. Aquela noite foi a mais dolorosa da minha vida. Tanto pela dor física, quanto emocional.*

O segundo, foi o esquema descendente de tensão que foi da *confrontação e atenuação*, com a filha como vencedora: *Logo depois fui encaminhada para a casa dos meus avós paternos. Hoje estou na casa do meu pai, cursando Relações Públicas, com mais garra que antes e mais amor ainda também.* [...]

No final do discurso, vimos o *esquema descendente*, no qual houve uma inversão do papel de dominação. À tentativa de desapropriação da “liberdade” deu-se a retomada (apropriação) da liberdade, e, graças a essa transferência de objeto, favoreceu-se o relaxamento narrativo.

O conjunto todo está sob o controle da enunciação (sujeito da enunciação delega a voz ao narrador/observador) e, principalmente, da orientação discursiva (escolha do ponto de vista, pelo observador): é o sujeito da enunciação quem escolhe entre a posição que motiva o conflito narrativo e o centro do campo posicional do discurso.

Disso depende o ponto de vista ao qual o esquema será submetido. Nesse discurso, o controle da enunciação e da orientação discursiva foi da filha, isto é, o esquema narrativo nos foi dado do ponto de vista do vencedor, defendendo sua posição axiológica e passional, contra o ponto de vista da mãe, a perdedora, (2007: 117-23).

Mas esse ponto de vista vencedor não invalida a comprovação discursiva da tortura psicológica e física a que os jovens homossexuais estão submetidos. E, diga-se de passagem, a tortura psicológica é mais permanente e de mais difícil defesa.

No nível discursivo da rejeição, percebemos os temas e figuras que recobrem e concretizam os discursos e alguns percursos temáticos e figurativos podem ser estabelecidos. O principal deles é o percurso da “violência doméstica” contra os jovens homossexuais, manifestado em vários depoimentos.³²

³² A violência doméstica contra os LGBTs – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros – foi considerada, pelas pesquisadoras do LACRI – IPUSP, – Laboratório de Estudos sobre a violência doméstica contra Crianças e adolescentes – Instituto de Psicologia de Universidade de São Paulo – como, provavelmente, o atual pior tipo de violência doméstica.

3.4.4 Um código de honra

Em oposição à manipulação das mães pela submissão às normas, e a contramanipulação dos filhos para que as mães os aceitem, um código de honra que incentiva as pessoas homossexuais a não se submeterem à heteronormatividade social foi discursivizado, em vários exemplos examinados. Assim, além de um código axiológico em jogo, temos nos exemplos a questão do poder de um subcódigo de honra, que se desenvolve dentro do “código da soberaneidade”, de acordo com o modelo:

De acordo com Greimas,

La lecture d'un tel modele offre la possibilité de reconnaître, dans chaque axé, schéma ou dêixis, un sous-code d'honneur susceptible de se développer em *système axiologique autonome*.³³ (1983:220)

³³ A leitura desse modelo oferece a possibilidade de conhecer, em cada eixo, esquema ou dêixis, um subcódigo de honra susceptível de se desenvolver num sistema axiológico autônomo” [...] (tradução nossa)

Vemos no modelo que o código da soberaneidade é um misto de liberdade e independência. Por exemplo, no discurso a seguir, o filho evoluiu, pois houve um desenvolvimento do código da soberaneidade em relação à maior impotência do código da submissão:

Filho (54 anos)– *Eu era homossexual, sabia disso, mas não aceitava em hipótese alguma o fato e foi assim por 46 anos. Hoje, graças a Deus, isto passou, sou assumido e muuuito mais feliz. Tomei uma atitude radical...* (MODESTO, 2006:87)

A mulher lésbica, no discurso a seguir, adotou um sistema axiológico autônomo desde garota e não teve problemas de autoaceitação:

Filha – (48 anos) *Descobri que era lésbica quando percebi sentir atração e paixão por outras garotas. Não escolhi. Aconteceu. [...] Eu não tive problemas com isso porque na época, metade da década de 1970, muitos artistas de projeção falavam abertamente sobre homossexualidade [...], como a Gal Costa, que eu adorava, já havia declarado em entrevistas que era lésbica. Eu achei que estava em boa companhia e nunca pensei que ser lésbica fosse um problema.* (MODESTO, 2008:43)

No exemplo,

Filho (16 anos) – *Nós adolescentes ao contar sobre a nossa sexualidade a nossos amigos/pais e outros, ou por ventura eles descobrirem, esperamos que de imediato nos aceitem. Queremos que o desgaste seja o mínimo e o mais breve possível, porem queremos que os outros nos entendam do dia para a noite, certamente é uma utopia. Permita a eles digerirem as novas informações, sem muitas cobranças, estimule-os, traga informações sobre a homossexualidade, tente compartilhar sua vida com eles. Verás que em curto prazo aquele sofrimento se distancia e se torna cumplicidade.* (GPH virtual, março de 2008)

a primeira pessoa do plural, o “nós” substitui o “eu”, pois o sujeito recorreu a recursos para dar maior distanciamento ao narrador. A flexão plural que marca nomes e verbos, aliada a verbos no presente - *esperamos que de imediato nos aceitem; queremos que o desgaste seja o mínimo e o mais breve possível* – contribui para que o tom dado a essa voz seja de “orientação”.

Caracterizado como um discurso que trata de objetos do saber, ele se apresenta ao mesmo tempo, quanto a sua forma sintática, como um discurso objetivo (ou que se faz passar como tal) pela sua despersonalização actancial e sua predicação mantida num presente atemporal. (GREIMAS, 1983: 183). É um tom enunciativo de alguém que sabe e quer ensinar os sujeitos a se assumirem. O discurso é didático, ensina organizadamente para que aprendam a fazer (*estimule-os, traga informações sobre a homossexualidade, tente compartilhar sua vida com eles.*). A finalidade é a de o narratário entrar em conjunção com o resultado do percurso valorizado positivamente, “ser aceito pela mãe”, e o estado de “felicidade” que resulta disso: *Verás que em curto prazo aquele sofrimento se distancia e se torna cumplicidade.*

Como a enunciação é um /fazer-ser/ e um /fazer-fazer/, na relação do enunciador/ enunciatário, “professor”/“aluno”, há o simulacro de um destinador manipulador e julgador, que lembra o “professor”, e lembra o “aluno”, destinatário que deve aprender e realizar o fazer para entrar em conjunção com o valor “amor incondicional” da mãe. Temos aqui, o simulacro de uma receita, em que o enunciador “professor” dá os “ingredientes” – “calma”, “paciência”, “solidariedade” – a boa dosagem dos ingredientes, como valores do sistema e valores do processo, e o saber usá-los no tempo certo, como nos mostra o estudo de uma receita, realizado por Greimas.³⁴ Assim, o discurso explica ao enunciatário, como entrar em conjunção com o valor, por meio de um programa narrativo de uso. O programa de uso é a receita pela qual o “aluno”, filho, entrará em conjunção com o objeto que ele construirá – a aproximação afetiva e “cúmplice” a sua mãe – no qual ele investe grande valor e que dará dignidade e felicidade ao seu “ser”.

A escolha do verbo “digerir” em “*digerirem as novas informações*” e “cumplicidade”, em “*aquele sofrimento se distancia e se torna cumplicidade.*”, são

³⁴ GREIMAS, A.J. “A sopa ao ‘pistou’ ou a construção de um objeto de valor”. In: Significação – Revista brasileira de semiótica, trad. Edith Modesto, 11/12, setembro de 1996, p.7-21.

sugestivos: o verbo “digerir” tem como sua segunda acepção no dicionário Aurélio, “suportar, sofrer com resignação.”; a primeira acepção do substantivo “cumplicidade” é “Pessoa que tomou parte em um delito ou crime; coautor”. Nesse discurso, o lexema tem o significado de mais do que aceitação. É um caminhar juntos, mesmo que contra as regras sociais. E aí entra também um aspecto de delito, de algo proibido, que pode escandalizar as pessoas.

A escolha desses lexemas, e não de outros, não é ingênua, feita ao acaso. O sujeito sabe que, como ele, sua mãe internalizou o preconceito e esperava um filho heterossexual. Em torno disso, ela construiu seus sonhos. Como o preconceito é social, aceitando-o, a mãe modifica o seu quadro de valores e ajuda o filho a enfrentar o “pseudocrime” de ser homossexual.

Retomando,

Filho (17 anos) – [...] *Ela pensa que eu vou ser o que ela quer que eu seja? Eu sou o que sou e nunca vou fingir ser outra coisa! Prefiro ficar sem mãe. Pra que preciso de uma mãe como ela?* (GPH virtual 03/10/09)

no discurso do filho “rebelde”, o universo axiológico do destinador, manipulado para caracterizar-se pela obediência (dever ser, dever fazer) e pela fragilidade (falta de poder), do *código da submissão*, é sobrepujado pelo sujeito (filho) que se sente mais livre e independente para ser ele mesmo, de acordo com o subcódigo da honra, dentro de um sistema axiológico autônomo. (GREIMAS, 1983:220).

Um indício inegável desse subcódigo de honra que se desenvolve em um sistema axiológico autônomo está no actante (atorializado como mãe) ter passado, no discurso, de destinadora a antidestinadora, em: ... *Ela (mãe) pensa que eu vou ser o que ela quer que eu seja? Eu sou o que sou e nunca vou fingir ser outra coisa! Prefiro ficar sem mãe. Pra que preciso de uma mãe como ela?*

Nesse discurso, reconhecemos um subcódigo de honra (que ajuda a “sair do armário”, entendido como reconhecer-se homossexual para si próprio e para os outros) em: *Eu sou o que sou e nunca vou fingir ser outra coisa!*

Por outro lado, no discurso do filho “indeciso”, examinado anteriormente, temos a “obediência” e a “impotência” do código da submissão. Mesmo assim, vemos que, nele, há uma abertura para a possibilidade de se desenvolver um sistema axiológico autônomo”, conforme o sujeito sugere em: *Eu não sei se estou*

pronto, nem sei quando vou estar. As vezes penso que acabar com minha vida seria mais fácil, mas eu quero vivê-la um pouco plenamente antes disso...

Como temos um código axiológico comum, há a questão de como se formaria esse “código de honra”. Inscrito no universo de valores, há um S2 modalizado que poderá efetuar a operação cognitiva de escolher entre dois valores e é dotado de um /não poder não escolher/ entre um dos dois. Assim, o sujeito S1 escolherá o valor positivo que está contido na imagem que ele (S1) faz dele mesmo (S2) e excluirá o outro valor. Desse modo, o sujeito constrói o simulacro pelos qual, nesse espetáculo, ele pode ser “aquele que sabe o que quer”: *Eu sou o que sou e nunca vou fingir ser outra coisa!* O que o sujeito quer, na realidade, não é ter poder, mas “se reconhecer e ser reconhecido como ele sabe que é”. Assim, a questão está no nível da sanção cognitiva e pressupõe um destinador comum aos dois sujeitos, S1 e S2. (1983).

A sanção do destinador corresponde ao reconhecimento, por S1, de que S2 está em conjunção com o /poder fazer/ e, por S2, de seu autorreconhecimento de sua imagem em conjunção com esse poder-fazer. Esse destinador é a encarnação (no nível da gramática antropomórfica) do universo de valores e mais precisamente do “código de honra”.

Há um PN de manipulação de S1 e um PN de honra de S2, que é seu PN de uso, mesmo que seja difícil “sair do armário”, por exemplo. Assim, a competência modal desse sujeito não é formada somente por um querer fazer (assumir-se homossexual para ele mesmo e para os outros). Como para todo programa narrativo de uso, o sujeito só o executa, se movido por um /dever querer fazer/. No caso do sujeito (filho), a obrigação deôntica de fazer (de se assumir) junta-se à necessidade de “salvar a sua honra”. Assim, o /dever fazer/ é acompanhado de um /não poder não fazer/, comprovado no discurso em: *Prefiro ficar sem mãe. Pra que preciso de uma mãe como ela?*

.Greimas exemplifica com o cavalheiro que entra na jaula do leão para pegar a luva que a dama deixou cair dentro da jaula: a *performance* precede, comprova e constitui a competência (pessoa que tem coragem, caráter, se sente orgulhosa do seu modo de ser e mostra isso aos outros). (1983:221-2).

Desse ponto de vista, o sujeito do discurso em exame não é um filho rebelde, é um sujeito de caráter. Há um simulacro de contrato do filho rebelde

com ele mesmo, dele com seus pares, do qual ele não quer e não pode fugir. Além disso, o contrato aceito (sair do armário), é o final de um estado de conflito, é o preço de sua liberdade, o custo de sua independência para que ele seja o que é, um jovem gay que pode ser feliz.

Confirmando a suposição de Greimas,

Contrairement à ce que l'on pense, et malgré l'usure du vocabulaire relatif à l'honneur, ce concept est plus vivant que jamais dans nos sociétés modernes.³⁵ (1983:222)

A análise desses discursos, mesmo simplificadas, nos permite vislumbrar a riqueza de intensidade e variedade de aspectualizações nos discursos que manifestam a competência afetiva de sujeitos que se encontram em situação do “desafio” de autoaceitação. Esse desafio desenvolve um processo passional do mais tenso a menos tenso, durativo, e coloca em jogo organizações modais complexas e diversos tipos de conflitos e consequências passionais.

3.4.5 Ideologia, autoestima e autorrespeito

Para avaliar a ideologia contida nos discursos em análise, é importante nos perguntarmos sobre o conflito que se manifesta na maioria dos discursos dos filhos, por exemplo:

- Por que o jovem se sente infeliz agindo como heterossexual, se ele estaria aprovado pelo destinador social?
- Por que o jovem se sente infeliz, agindo como homossexual, se ele estaria aprovado pelo seu autojulgamento individual?

Neste trabalho, estamos considerando ideologia como “visão de mundo”. E os depoimentos analisados manifestam um mundo em transformação. Há um destinador e um antidestinador que trocam de papéis constantemente. Assim, a

³⁵ Contrariamente ao que se pensa e malgrado à usura de vocabulário relativo à honra, esse conceito de honra está mais vivo do que nunca nas sociedades modernas. (Greimas, 1983:222 - tradução nossa)

heteronormatividade faz parte de um conjunto de regras do qual um dos destinatários é a fonte, representado pela maior parte da sociedade e tem a maioria das mães e filhos como representantes. Essa é a ideologia dominante, atualmente. O outro destinatário é a fonte de um conjunto de regras contrárias, pois aceita a diversidade sexual. Esse destinatário ainda é representado por uma minoria da nossa sociedade, mas que se sentiu crescendo.

Desse modo, temos neste trabalho um exemplo de discursos ideologicamente opostos, nos quais se manifesta a luta pelos direitos da diversidade, no caso em exame, pelo direito de ser homossexual.

É importante observar que os discursos analisados justificam essa visão abrangente de ideologia. Não percebemos diferentes modos de lidar com a homossexualidade, dependendo da classe social do filho, nem conseguimos diferenciar, com método, grupos diferentes de filhos, caracterizados pelo nível sociocultural, formação profissional, etc., do ponto de vista de maior ou menor dificuldade, maior ou menor facilidade de autoaceitação. A única variável determinante que encontramos foi a idade. Os mais jovens, apesar de encontrarem ainda muitas dificuldades para serem aceitos em casa, já conseguem enfrentá-las, pois elas são menores do que antes.

Nos discursos em exame, percebemos a busca incessante dos valores pelos sujeitos (filhos), mas, de modo geral, valores que eles não sabem bem quais são. O mesmo valor ora é positivo, ora é negativo; o mesmo objeto, ora é “objeto valor”, ora é antiobjeto. Mas, nos discursos, se percebe que o jovem homossexual, na sua maioria, está em busca de sua dignidade:

Filho (16 anos) – [...] *No domingo passado, eu disse a minha mãe que iria à “Parada de Brasília”. Ela teve uma reação contrária. Disse que eu não preciso dessas coisas... que ficou chateada comigo, etc., etc., etc. Eu reagi, dizendo que tenho de lutar pelos meus direitos. Eu quero ter uma vida não-clandestina; quero que minha mãe saiba onde eu estou indo, o que eu faço, da mesma forma que meus irmãos...* (GPH virtual 10/06/2008)

Como diz Yves de La Taille (2009:63), *o conceito de dignidade pode ser empregado como perfeito sinônimo de honra*. Tanto dignidade quanto honra remetem ao valor moral da ação. De acordo com o pesquisador, há uma distinção

entre moral e ética. O plano moral é o dos deveres, do autorrespeito, o plano ético é o da busca da autoestima, de uma “vida boa”, é o da busca da felicidade.

A “autoestima”, de acordo com o pesquisador, é toda e qualquer representação de si com valor positivo, em busca da felicidade; o “autorrespeito” é toda e qualquer experiência de si que contempla valores morais. O sujeito (filho) quer ser autêntico e lutar pelos seus direitos, porque sente essa ação como representando o seu “eu”, com valor positivo, com honra. E, embora ele busque a felicidade, ele não vai somente em busca dela (autoestima), mas ele persegue também o valor que opera a junção entre a moral e a ética (autorrespeito).

“Sair do armário” é uma ação que dá autorrespeito às pessoas, “um sentimento que une os planos moral e ético. E a honra é um valor que tanto inspira a moral quanto a ética”. (2009:58-64).

4. PERCURSOS NARRATIVOS E DISCURSIVO-PASSIONAIS DAS MÃES

Costumo dizer que passei por um processo de reinvenção interna. Por amor ao meu filho, eu me reinventei. Sobrevivi! Caminhei, passo a passo, até hoje. Alguns passos foram bem pensados; outros foram acontecendo e eu quase me atropelando, mas respirava fundo e continuava. O amor pelo meu filho me movia e me move até hoje. Amo meu filho acima de tudo e, movida por esse amor, tenho feito o possível e o impossível para que ele seja feliz!

Mãe (06/11/2010)

4.1 Considerações iniciais

A fase da descoberta de que os filhos são homossexuais é um “acontecimento” inesperado, que rompe a rotina do cotidiano, até que se volte a ela, convivendo com as mudanças que o acontecimento fez sobrevir.³⁶

Para Zilberberg, a “subitaneidade” do acontecimento é um “*andamento* mais rápido do que o homem pode experimentar” e sua importância para o homem é marcada pela *tonicidade*, “na medida em que esta é a modalidade humana por excelência, pois estabelece o próprio estado do sujeito de estado”. Conforme o pesquisador, o “acontecimento deixa o sujeito sem voz [...] O acontecimento, temos boas razões para dizer, rompe o próprio fio do discurso; o discurso não é um objeto, mas uma atividade.”³⁷ (Zilberberg, 2006:164 - trad. livre).

Nas palavras de Zilberberg:

Como já pudemos sugerir, o andamento e a tonicidade agem conjuntamente sobre o sujeito, mobilizam-no, o que significa que o duplo suplemento de

³⁶ Ver 4.2 Descoberta: o acontecimento inesperado.

³⁷ L'événement laisse le sujet sans voix [...] De l'événement, nous sommes fondés à dire qu'ilrompt le fil même du discours; le discours n'est pas un objet, mais une activité. (Zilberberg, 2006:164)

andamento e tonicidade, surgindo de improviso, traduz-se, no sujeito, por um *déficit* daquilo a que chamamos seu comedimento, bem como seu dismantelamento modal instantâneo; a *tonicidade* não vem devastar uma parte do sujeito, e sim ele todo. Para essa semiose fulgurante, o acontecimento, quando merece tal denominação, arrebatada para si todo o agir, não deixando ao sujeito nada além do suportar. (2006a: 198)

Do ponto de vista do “modo discursivo”, a rotina leva em conta a “modalidade **implicativa** do realizável”: *se isso, aquilo*; “ao contrário, o acontecimento revela uma modalidade **concessiva**, que apresenta um programa dado como irrealizável e um contraprograma que, **apesar disso**, leva à sua realização: *embora impossível de fazer, foi feito!* Seja como for, o acontecimento tem o mérito de precipitar uma transcendência na imanência.” (2006:148 – trad. livre)³⁸

De acordo com Fontanille, a “descoberta” é o momento em que o acontecimento advém, aquele da “irrupção dos afetos” que vão marcar o devir:

O percurso passional só segue um programa, na medida em que ele é altamente estereotipado; no entanto, a experiência sensível só pode ser apreendida pelo discurso no próprio momento em que ela advém, e não retrospectivamente. Consequentemente o discurso apaixonado é regido por uma racionalidade bem diferente da primeira: a racionalidade do “advir”, que é aquela da irrupção dos afetos e do “devir” das tensões afetivas.

Portanto, a racionalidade própria ao universo da paixão é aquela do “acontecimento”: o acontecimento não é acabado, ele advém e afeta aquilo que está diante dele, para quem ou em quem ele advém. (2007:188)

O “acontecimento” é o fato extraordinário, a relação é concessiva – embora A, então B –, e é do percurso da maior intensidade, portanto é mais afetivo; o exercício é rotineiro, do percurso mais racional e inteligível, portanto, a relação é causal – se A, então B.

³⁸ [...] par contre, l'événement avère la modalité concessive qui pose un programme donné comme irréalisable et un contre-programme qui pourtant a mené à bien sa réalisation: ce n'est pas possible de le faire et pourtant il l'a fait! Quel qu'il soit, l'événement a ce mérite de précipiter une transcendance dans l'immanence. (Zilberberg, 2006:148)

No “acontecimento”, aparece visível a relação *concessiva*: “embora eu tenha sido uma boa mãe, aconteceu isso, ele é homossexual.”; “Embora ele seja homossexual, eu o amo.”

Mãe – [...] (chorando) *Eu cuidei deles com tanto amor, tanto carinho... Eu parei de trabalhar para me dedicar a ele... Fiz o melhor que pude... Como ele pode ser homossexual? Não que eu não o ame, mas queria entender...* (GPH presencial, 20/05/2008)

Quando há a volta à rotina do cotidiano, a relação se torna *causal*: Se a filha é lésbica, a mãe se torna a culpada; a mãe não soube criá-la, deu mau exemplo, por isso a filha é lésbica:

Mãe – *Eu me sinto tão culpada... Sou mãe solteira, faltou o modelo masculino. Eu tinha de ter lhe dado uma família normal... a culpa é minha dela ser assim [...]* (Reunião presencial do GPH 28/02/2010)

A “descoberta” de que um filho é homossexual desencadeia um tumulto passional, já que as possibilidades são consequentes de duas manipulações contrárias – de dois quadros diferentes de valores: o malquerer aos homossexuais e o amor ao filho. Os valores e paixões negativos (para os homossexuais) e positivos (para o filho), que antes da descoberta caminhavam paralelos, depois da descoberta de que o filho é um homossexual, entram em choque.³⁹

Neste trabalho, consideraremos a “descoberta” da homossexualidade do filho como um “acontecimento”, metatermos, no sentido de Zilberberg, ambos com breve temporalidade, isto é, com curta extensidade e alta tensividade. (2006:198) Assim, temos a oposição causal, mais racional, dos discursos do cotidiano em oposição ao concessivo, mais afetivo, dos discursos de descoberta, conforme manifestado pela análise dos depoimentos.

³⁹ Conforme 2.2 Preconceito de mães e filhos, anterior à descoberta.

4.2 Descoberta: o acontecimento inesperado

Greimas e Fontanille, em “Semiótica das paixões”, nos falam de paixões relacionadas à descoberta, como a “admiração”, a “surpresa”, o “espanto”, o “estupor”, que sugerem a possibilidade de um *horizonte tensivo ainda não-polarizado* em euforia/disforia. (1993:23) Isso se explica porque a concepção semiótica de narrativa está relacionada às transformações de estados, realizadas pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo, ou, como estabelecimentos e rupturas de contratos entre destinador e destinatário, dos quais depende a comunicação entre sujeitos. Com a “descoberta”, a busca de sentidos pelo sujeito fica alterada pela “parada”, em razão do acontecimento.

No exemplo, a mãe quer retroceder no tempo, para apagar o acontecimento, e recomeçar:

Mãe – Eu *me desesperei e pensei no meu filho voltar para a minha barriga, para podermos começar tudo de novo...* (MODESTO, 2008:88)

Depois do acontecimento, inicia-se, muitas vezes, um longo percurso passional. E a volta à rotina do cotidiano, transformado, só será alcançada no final do “processo de aceitação” ou do “processo de rejeição” do(a) filho(a) homossexual pela mãe.

rotina → descoberta – acontecimento inesperado → devir das tensões afetivas
→ rotina

Há um choque entre o malquerer aos homossexuais vs. benquerer ao filho, que resulta em percursos passionais.

Malquerer aos homossexuais vs. benquerer ao filho

percursos passionais

Por exemplo:

Mãe1 – *Eu nunca imaginei uma coisa dessas... Eu não esperava isso. Quando soube, fiquei paralisada! Ele é meu filho, eu o amo... Mas, ele tem de mudar esse pensamento... eu estou definhando, vou acabar morrendo.* (MODESTO, 2008:70 – grifo nosso.)

Os tempos verbais organizam-se em torno do “eu”, mãe, narrador. Há um marco temporal, pretérito perfeito 1, que marca uma relação de anterioridade entre o momento da “descoberta” (“uma coisa dessas”) e o momento de referência presente. Em relação ao presente, há um desejo para o futuro – “mudar esse pensamento” – e a referência à “descoberta”, no passado em *eu estou definhando*. Em *Eu vou acabar morrendo*, há um momento de referência futuro ao ato extensivo de definhar, enfraquecer-se, pouco a pouco.

Além disso, temos recursos de manipulação cruzada: vimos que, como actantes destinadores, os “filhos” manipulam as “mães” pela “intimidação”, para serem aceitos homossexuais, usando a morte. Assim, como eles, as “mães”, agora no papel de destinadoras, igualmente manipulam seus “filhos, intimidando-os com doenças e morte para que os filhos sejam heterossexuais: *ele tem de mudar esse pensamento... Eu estou definhando, vou acabar morrendo...* Em *fiquei paralisada!* caracteriza-se figurativamente a passividade, a “parada”, isto é, há a impossibilidade de mudanças narrativas em razão de conflitos modais, do estado de paixão.

No exemplo:

Mãe2 – *Ela estava estudando com a melhor amiga... Amiga de infância, filha de uma vizinha... Eu entrei no quarto dela pra levar o lanche, e vi as duas... Fiquei paralisada, não conseguia falar nada. Quase derrubei a bandeja no chão... Foi o pior dia da minha vida!* (Modesto, 2008:71- grifo nosso)

Vemos como a surpresa do inesperado pode nos levar à “insignificância” (GREIMAS, 1987) e a paixão pode paralisar as possibilidades de transformações narrativas em razão dos conflitos modais que afetam o ser do sujeito: *Fiquei paralisada, não conseguia falar nada. Quase derrubei a bandeja no chão*. E o julgamento final: *Foi o pior dia da minha vida!*, fechando um PN de fracasso. Essa afirmação avaliativa, “pior dia”, reforça, com a intensidade do adjetivo superlativo

“pior”, a decepção da quebra do contrato simulado pelo qual a filha deveria ser heterossexual e as tensões decorrentes do sentimento de falta.

O contraste entre o ato de “levar o lanche para as duas”, um ato de carinho, e a decepção surpreendente enfatizam a intensidade passional da disjunção, inesperada sujeito/objeto e do antagonismo sujeito/antissujeito que ali se inicia.

No nível discursivo, em *quase derrubei a bandeja*, há um estímulo visual sugestivo para caracterizar o estado passional de completo aturdimento pela “surpresa” do “acontecimento”.

Os discursos apresentados demonstram o espanto das mães, em sua forma aspectual incoativa e pontual. Por exemplo: *Fiquei paralisada, não conseguia falar nada...* Em português, temos uma palavra que traduz bem isso: a mãe ficou “embasbacada”, (pasmada, espantada), em função da intensidade do sentir.

A tonalização excessiva causou a contensão tensiva, momento em que o tempo da ação e da gradação tensiva se mantiveram em suspenso, caracterizando um estado passional pleno, marcado pelo estatismo. Por um tempo, não há o desdobramento da paixão em nenhum tipo de ação, que daria a possibilidade de liberação da contensão do fluxo tensivo.

A tensão da descoberta é regida pela temporalidade, resultando num recrudescimento, depois numa atenuação, abrandamento. Na descoberta da homossexualidade de um filho, a intensidade é alta, a temporalidade é breve e o espaço é limitado (geralmente dentro de uma sala, de um quarto), caracterizando o “acontecimento” extraordinário.

4.2.1 Tipos de descoberta

Dependendo da existência e grau de intensidade e extensão, percebemos, nos discursos, pelo menos, dois tipos de descoberta: descoberta atenuada e descoberta pontualizada.

a) Descoberta atenuada

Uma forma aspectual mais durativa da descoberta acontece quando a mãe é preparada por indícios de alguma coisa diferente no filho, durante anos, resultando numa descoberta atenuada:

Mãe – *Bem que eu notava que ele era muito sensível, afetuoso... Gostava de brincar com as meninas... Quando ele tinha 5 anos, a professora me chamou na escola... Fiquei preocupada, mas nunca imaginei...* (GPH virtual - janeiro, 2007)

Conscientemente, essa mãe não sabia, foi surpreendida (*nunca imaginei*). Mas, comparando discursos, percebe-se que inconscientemente ela esteve se preparando para o acontecimento, houve uma expectativa: a temporalidade se estendeu e a tensão da descoberta foi atenuada.

Outro exemplo:

Mãe – [...] *Eu percebia claramente que ele era diferente dos outros meninos da idade dele, mesmo que a gente o incentivasse a estar mais com meninos, ele preferia a companhia das irmãs [...] eu estranhava, pq percebia que os filhos das outras amigas, mesmo tendo irmãs, preferiam brincadeiras de “meninos”, e meu filho não... Ele foi crescendo e eu não dei mais importância para as minhas desconfianças, já que ele se tornou um moço muito bonito, de voz grossa, nada efeminado, enfim, eu esqueci disso... Depois, levei um susto! [...]* (GPH virtual – 2408/2009)

Essa mãe percebeu os indícios, mas negou o fato depois e foi surpreendida com a revelação. Mas não tão surpreendida quanto as mães que nunca perceberam nada.

De qualquer modo, essas mães, que têm a descoberta atenuada, também entram na fase da negação, preferindo pensar que é uma condição passageira, uma fase, e que haverá uma reversão, conforme a maioria dos depoimentos.

A descoberta atenuada das mães assemelha-se à descoberta dos filhos de sua própria homossexualidade, que vimos no capítulo anterior.

b) Descoberta pontualizada

Na forma pontual da descoberta, o acontecimento surpreende, sem preparação, a expectativa é nula, a tensão é máxima e é o que acontece com mais frequência

com as mães, de acordo com os depoimentos. Não encontramos esse tipo de descoberta nos discursos dos filhos:

Mãe – Eu soube no dia 20 de junho de 2005, guardei até a data do aniversário... Desse dia para cá nunca mais a minha vida foi a mesma. Ele nunca deu sinais, como eu podia imaginar? (GPH virtual - junho, 2009)

Nas palavras de Greimas e Fontanille:

Tudo se passa como se a intensidade passional – noção por definir – neutralizasse o sujeito e o mergulhasse numa camada mais profunda do percurso gerativo, ou ainda, como se a subida para o valor do valor, a partir do objeto de valor propriamente dito, se acompanhasse da intimidade mais estreita com a zona “energética” onde nasceria a paixão. O mesmo se passa com o “estupor”, que sofre condensação comparável, fixando o sujeito num puro sentir, até anular o próprio sentir... (1993:24)

Quando o acontecimento chega de forma inesperada, sem nenhuma preparação, ele irrompe, é muito acelerado, e a surpresa é mais tensa. Esse acontecimento tem de ser absorvido, assimilado com o tempo, recuperando a narrativa que ficou escondida. A “surpresa” de um filho homossexual é consequência de uma brusca revelação – realizada pelo filho, ou outra pessoa –, ou de uma “descoberta” da mãe.

4.2.2 Principais efeitos passionais da descoberta

Há efeitos passionais decorrentes da **descoberta atenuada**, mais extensa, e da **descoberta pontualizada**, mais intensa,

O “acontecimento inesperado” marca a ruptura do contrato simulado, entre mãe e filho, pelo qual ele seria heterossexual e isso causa decepção. “Decepção”, na proposta da semiótica, é uma paixão advinda de uma esperança malograda, algo que esperávamos e que não se realizou. Construir a configuração passional da “decepção” é procurar o embasamento sêmio-narrativo de um universo passional e considerar a sua colocação em discurso. Assim, tentamos entender

como se articulam as diversas instâncias que apareceram no estudo da “decepção”, da “frustração” e de suas configurações passionais:

A mãe sabe que não é mãe de um heterossexual (*saber não-ser*); a mãe sabe que dificilmente ela poderá ser mãe de um heterossexual (*não poder ser*). Esse saber leva, por um lado, à decepção com o filho por ele ter rompido o simulacro de contrato pelo qual ele seria heterossexual; por outro lado, a mãe está frustrada porque perdeu valores: netos, noras, genros e o reconhecimento social. Assim, a mãe insiste em ser mãe de um heterossexual, porque se sente no direito disso, quer e sente ter a obrigação disso, perante ela mesma e a sociedade (*dever-ser*). (Greimas, 1981:16).

Os efeitos passionais decorrentes da descoberta das mães são muito semelhantes às paixões de autodescoberta dos filhos. Vamos ter o mesmo percurso:

- a espera, com as paixões de “insegurança”, “inquietação”;
- o percurso da “insatisfação, frustração e decepção”;
- a tensão maior do “desespero”.

Conforme vimos, as duas esperas, de objeto valor (simples) e fiduciária e, entre elas, o descontentamento, permitem tratar separadamente da falta de objeto de valor e da falta fiduciária ou “crise de confiança”.

Greimas considera o “descontentamento” como um pivô passional, pois é o aspecto terminativo do PN de não conjugação do sujeito com o objeto de valor. A “insatisfação” pode se atenuar e transformar-se pouco a pouco em resignação. Por outro lado, a “insatisfação” também está ao lado do aspecto incoativo que corresponde ao estado disjuntivo no plano narrativo e é susceptível de se transformar num “sentimento de falta”. Assim, a partir do “descontentamento”, podem se abrir dois caminhos: um caminho de atenuação da tensão e um caminho de crescimento da tensão.

A) Na **descoberta atenuada**, a mãe desconfia de que alguma coisa não vai bem com o filho. Um dos sinais passionais da descoberta atenuada é a paixão da

insegurança, manifestada como “Inquietude”, “apreensão”, que aparecem como a falta de tranquilidade pela desconfiança de algo ruim.⁴⁰

Por exemplo:

Mãe – *Eu sentia algo no ar, mas não identificava o que poderia ser. Ele não conseguia me falar e começou a me deixar pistas...* (MODESTO, 2008:70)

No discurso, a “inquietude” suspende de algum modo a polarização entre euforia vs. disforia. De acordo com os semioticistas, a “inquietude” é uma configuração passional que permite reconhecer uma instabilidade constitutiva da tensividade fórica, uma oscilação entre “atração” e “repulsão”, anterior à polarização entre euforia/disforia, que se dará somente no momento da categorização. No discurso, o sujeito discursivo inquieto (mãe) pretende dominar essa oscilação que o perturba, *Eu sentia algo no ar, mas não conseguia identificar...* Além disso, vemos a “inquietude” apresentada no nível da manifestação discursiva como um não entender: *Eu sentia algo no ar, mas não identificava o que poderia ser.* A “inquietude”, paixão que não tem um objeto preciso e inscreve-se na competência como um modo de ser do sujeito. É uma ausência de repouso, uma perturbação apreensiva, que sobredetermina o medo e que “está à espera do sofrimento propriamente dito”, (1993:194).

A “agitação”, de acordo com Greimas, “como forma aspectual superficial, trai um modo particular de modulação suspensiva”, como a da “inquietude”. Segundo ele, por hipótese, no nível narrativo, elas seriam o resultado da confrontação modal, seja entre /querer/ e /saber/, seja entre / poder/ e /dever/. Tanto num caso como no outro, “cercar-se-iam os contornos da “inquietude” e da “angústia”, que podemos considerar como a manifestação do que se poderia chamar de dois estilos semióticos: a *agitação do inquieto*, mais aspectual, superficial, e a *hesitação do angustiado*, mais modal e passional, ambas as paixões entre o querer e o saber e entre poder e o dever, (1993:36-37).

No discurso a seguir, já se manifesta, mais do que a agitação da inquietude, a “angústia” e um certo “temor”:

⁴⁰ O medo será retomado próximo à vergonha.

Mãe – *Eu disse ao meu marido: “Preste atenção que ali tem coisa”... Aquilo me deu uma gastura... (GPH virtual, 07/04/10)*

Embora tratando da paixão do ciúme, Greimas e Fontanille falam da abrangência do sentimento de “inquietação”, descrito por eles como a “agitação”, e a “preocupação”. E percebe-se também a ausência do saber em: *Eu sentia algo no ar, mas não identificava o que poderia ser. Ainda com os mesmos semioticistas, “a inquietação parece mais geral do que o temor [...] A inquietação introduz com a permanência e a interação, um papel patêmico estereotipado, uma constante da competência passional do sujeito”. (1993:193)*

Mãe – *Meu filho, desde pequeno, brincava com bonecas. Tinha coleção, conversava com elas... [...] Nós não nos importávamos porque ele era muito pequeno... Mas meu filho foi crescendo, crescendo, e nunca mais largou delas [das bonecas]... [...] Quando ele tinha 13 anos, já tinha consciência de que era um menino diferente e isso o afligia muito. Se sentia a ovelha negra da família, como ele mesmo disse. Ficava depressivo, chorava se autoflagelava, a ponto de termos de segurá-lo para ele não se machucar. Era um tristeza muito grande pra nós... [...] (Modesto, 1998:77)*

O discurso expressa a tristeza e preocupação da mãe, durante a infância do filho, ao perceber suas diferenças de comportamento de gênero, em relação ao que é estipulado como “normal”, e a tristeza mais intensa quando percebe a homossexualidade do filho, já na adolescência. E vemos o sujeito¹ (mãe), que pensou mais no sujeito² (filho) do que ele mesmo, apontando para o “amor incondicional” de que trataremos em item próximo.

B) Na **descoberta pontualizada**, o sentimento de falta perpassa os parágrafos, manifestando, ora mais, ora menos, a mesma disjunção (com a heterossexualidade do filho), narrada de modos diferentes:

Há graus de surpresa e decepção pela “descoberta”, mais surpresa nos dois primeiros depoimentos do que no terceiro.

Mãe¹ – *Eu nunca imaginei uma coisa dessas... Eu não esperava isso... O mundo caiu na minha cabeça... Eu estou atordoada... Só penso em morrer... (GPH virtual - março, 2008)*

No discurso da mãe¹, a sobredeterminação do “descontentamento” – por seu aspecto durativo (longo vs. breve) e pontual e tensivo (forte vs. fraco) – nos permite obter sentimentos como: surpresa atordoada (aspectos breve, forte), além da decepção, sentimento de tristeza por ter sido injustiçada, durativo: *Só penso em morrer...*

Retomando o exemplo,

Mãe² – *Eu soube no dia 20 de junho de 2005, guardei até a data do aniversário... Desse dia para cá nunca mais a minha vida foi a mesma. Ele nunca deu sinais, como eu podia imaginar?* (GPH virtual - junho, 2009)

Mãe³ – *Eu estava desconfiada de alguma coisa... Ele estava estranho. Achamos que era droga. Procurei na gaveta dele, na mochila... Achei um bilhete de um garoto... Eu não podia acreditar no que estava lendo...* (MODESTO, 2008:72)

Nos exemplos, há um antissujeito (filho) que atua de modo inesperado e violento, rompendo um importante contrato e usurpando um objeto de valor:

Mãe¹: *Eu nunca imaginei uma coisa dessas... Eu não esperava isso.*

Mãe²: [...] *Como eu podia imaginar?*

Mãe³: *Eu estava desconfiada de alguma coisa...*

Os sujeitos (Mães) esperavam outra coisa, fazendo alusão direta ao contrato imaginário estabelecido de que os filhos seriam heterossexuais, em “*Eu nunca imaginei uma coisa dessas... Eu não esperava isso. Como eu podia imaginar? Eu não podia acreditar no que estava lendo. E em Desse dia para cá, nunca mais a minha vida foi a mesma...*” o sujeito S1 (mãe²) aludiu também ao transtorno ocasionado pela quebra de contrato por parte do filho S2.

Assim, os discursos são de espera fiduciária,

S1 crer [S2 dever $\rightarrow$ (S2 $\cap$ Ov)]

e a espera foi frustrada. Com data marcada, 20 de junho de 2005, houve uma transformação repentina, entre o antes e o depois, isto é, houve uma “parada” da evolução do que vinha se dando anteriormente, marcada no discurso pela data, e em seguida a “parada da parada”, mas sem o retorno à condição de extensidade eufórica do antes: *Desse dia para cá nunca mais a minha vida foi a mesma*.

No nível fundamental, temos os significados elementares, das categorias /vida/ vs. /morte/, no plano individual, como em *Eu estou atordoada... Só penso em morrer...*, e /natureza/ vs. /cultura/ no plano coletivo, insinuado, por exemplo, em *O mundo caiu na minha cabeça...* .

O contato tensivo do sujeito com o mundo e com seus semelhantes torna-se disfórico, entendendo disforia como uma suspensão da continuidade. No nível profundo, o enunciador seleciona valores disfóricos que, por sua vez, vão se revelar no nível discursivo pelas escolhas do observador, como ruptura, parada, distanciamento, fundamentando o aspecto passional desfavorável dos níveis narrativo e discursivo.

Nas narrativas de descoberta da homossexualidade de um filho, há um grande número de depoimentos que manifestam a dificuldade de preservação do próprio ser, já em péssimo estado. A privação de valores provoca no sujeito sentimentos de falta e não há diretrizes narrativas que apontem para a sua reconquista. Sem destinador aparente no discurso, sem ninguém que trace as direções ou relações, mesmo que distantes com o objeto, desprovido das modalidades do saber e do poder (atualizantes) que poderiam levá-lo à ação, no discurso temos o simulacro de um sujeito estraçalhado: *o mundo caiu sobre a minha cabeça*.

A direção narrativa corresponde ao conceito de espera frustrada. Um dos sujeitos alia-se ao tempo (data) em que lhe roubaram o objeto: *Eu soube no dia 20 de junho de 2005, guardei até a data do aniversário..., quando os traços da ruptura se deram*. Daí pra frente, só descontinuidade disfórica – *Desse dia para cá nunca mais a minha vida foi a mesma* –, e perigo de ruptura: *Só penso em morrer...* Nada, nos discursos, demonstra alguma esperança, pois as consequências da perda instauram uma carência básica até no plano de vida dos sujeitos, como em: *Desse dia para cá nunca mais a minha vida foi a mesma*. Os valores disfóricos afetam a competência modal dos sujeitos: *Eu nunca imaginei*

*uma coisa dessas... Eu não esperava isso... O mundo caiu na minha cabeça... Eu estou atordoada... A mãe ficou confusa. Ela não tem forças, /poder/ para enfrentar uma força que desconhece, pois nunca se mostrou presente: *Ele nunca deu sinais, como eu podia imaginar?**

Nos PNs de rejeição/aceitação, vários discursos manifestam uma fase a que denominamos “fase da perda, do luto”. Nessa fase há “a morte simbólica” do filho heterossexual, para que ele possa dar lugar ao filho homossexual.

*Mãe - No ano passado, quando soube, me senti morta por dentro. Na tinha mais razão de existir para mim. Fiquei em luto profundo. Pensei que eu não iria resistir a tremenda dor que eu sentia. **Não reconhecia mais meu filho, porque aquele que me disse que era gay não era o meu filho amado.** Acho que essa foi a maior dor da minha vida. A grande perda que eu senti. Hoje, depois de chorar rios, de desesperar até o fim, estou bem melhor (MODESTO, 2008:108 – grifo nosso)*

Nessa fase, as mães manifestam um sentimento de estranhamento pelo filho que pensavam ser heterossexual e não é. Esse é o resultado passional de um programa de privação de objeto-valor. O sujeito de estado é manifestado pelo ator (mãe) que sofre com a espoliação por alguém que ela não sabe bem quem é.

*Mãe – **Eu cheguei a estranhar ele...** Como se não fosse o meu filho, como se fosse um estranho... Alguém diferente daquele que eu conhecia, que leva uma vida escondida, diferente da vida da gente... Tudo isso cheira a marginalidade, a coisa suja... (MODESTO, 2008:108 – grifo nosso)*

*Mãe – Como a maioria das mães, eu entrei em luto profundo. Sofri todas as amarguras daquela revelação e parecia que eu havia perdido o meu filho. **Aquele que estava ali não era o meu filho querido e amado,** era uma outra pessoa... (MODESTO, 2008:109 – grifo nosso)*

*Mãe – **Acho que estou na fase do luto!** Me sinto como se tivesse perdido a Ana 1 e agora estou com a Ana 2, acho que é isso! (GPH virtual, 09/02/2009 – grifo nosso)*

Estamos na modalização do “ser”, dentro da semiótica das paixões. A modalização do ser resulta, no discurso, de um enunciado de estado – ser-ser – determinado pela sanção no percurso do destinador-julgador (mãe). O /ser/ modaliza o /ser/, numa modalidade veridictória e, nos discursos, manifestam-se articulados como categoria modal em /ser vs parecer/. Os filhos homossexuais não parecem ser os filhos de verdade, por isso o estranhamento. Eles não parecem e não são os filhos dessas mães, são filhos falsos, enganadores, sem palavra, sem moral, no fazer interpretativo das mães (destinadoras julgadoras).

O enunciado de estado “ser filho e homossexual” é modalizado veridictoriamente e sobremodalizado pelas modalidades epistêmicas. Partindo da manifestação – parecer vs. não parecer – as mães inferiram a imanência, ser vs. não ser. O destinador-julgador, mãe, realizou a interpretação /não ser/. Aquele não é o filho dela.

Mãe – **Acho que ainda estou na fase do “luto”**, às vezes sinto que não amo mais minha filha do jeito como eu amava! Ela sempre foi uma orgulho! Uma pessoa centrada, estudiosa, ao contrário dos outros dois filhos, que por serem homens, são muito “moleques”... (GPH virtual – 09/02/2009 – grifo nosso)

O “estranhamento” pode fazer o sujeito sentir que não quer o filho (objeto de valor) como antes, já que aquele é o falso, não é o verdadeiro.

Em alguns desses discursos o “nojo” é insinuado, noutros é declarado e esse sentimento faz parte da fase do “luto”:

Mãe - *Estou em pedaços Não consigo escrever a tal palavra que começa com g..... mas consigo pensar nele com essa palavra. **Me dá um embrulho, me dá um nojo**, me vem a mente só pensamentos dele com outra cara... Aí só me resta chorar.* (GPH virtual – 08/02/10 – grifo nosso)

Mãe – [...] *A primeira imagem que me apareceu foi a de dois caras de mãos dadas... **que vontade de vomitar... a palavra é essa, vomitar** [...]* (GPH virtual – 03/02/2010 – grifo nosso)

Esse sentimento de insatisfação profunda justifica “a caça aos culpados” que, geralmente, é o programa seguinte.

Mãe – *Eu tenho certeza de que foram as más companhias... Aquela outra é mais velha, escolada...* (GPH – virtual, 12/05/2008)

E esse saber (programa de competência) é o programa de uso de outro programa de base: espoliação dos valores descritivos que os filhos possuem, como já vimos, inclusive, a espoliação, também, de seus valores modais (crer, saber, querer, poder), com consequências passionais de muita tensão.

Filho (15 anos) – *Choro... choro muito por não poder ter liberdade de viver. Hoje acordei imaginando se iria viver, aliás, todos os meus dias estão dessa forma... eu não penso, não como, não durmo... sou praticamente um figurante em meio a uma sociedade tão hipócrita, um escravo, um preso, um nada... **Me sinto fraco, muito fraco... tanto fisicamente como espiritualmente e emocionalmente... me tiraram tudo...*** [...] (GPH virtual, 08/02/2008)

A “decepção” (falta fiduciária) e/ou “insatisfação” (falta do objeto valor), que não conduzem obrigatoriamente à liquidação da falta, se prolongam, ou não, durativamente, e definem grupos de paixões do “estado de decepção”: *inquietação, apreensão, amargura, mágoa, tristeza, angústia, ansiedade, desilusão e frustração.*

A seguir, um exemplo de tristeza e de angústia que se manifesta, principalmente, pela repetição da expressão “esse assunto”, em ritmo cadenciado: *Durmo esse assunto, como esse assunto, ando esse assunto, vivo esse assunto...*

Mãe – *Eu não sei o que fazer com tanta tristeza. Tem dias que eu sinto que não vou aguentar. Por mais forças que eu tenha é tristeza demais. Minha gastrite queima como fogo, é muito ruim... Eu não paro de pensar nesse assunto nem por um segundo... **Durmo esse assunto, como esse assunto,***

ando esse assunto, vivo esse assunto... Não sei mais o que fazer para parar de pensar nesse assunto... (MODESTO, 2008:86 – grifo nosso)

Considerando os “esquemas de tensão”, propostos por Fontanille – aqueles que asseguram a solidariedade entre o sensível (a intensidade, o afeto, etc.) e o inteligível (o mensurável, a extensão, a compreensão) –, podemos perceber no exemplo acima o *esquema de atenuação*: “movimentos” que conjugam diminuição na intensidade e o aumento da extensão, que levam a um relaxamento, cuja dimensão psíquica pode ser interpretada por um psicanalista (2007: 108 a 145):

Mãe – *Na verdade, não estou prestando pra muita coisa. Estou funcionando à meia boca. Faço o básico e disfarço para que ninguém note. Não tenho vontade de fazer nada. Acho tudo difícil, tenho preguiça, estou lenta, demoro um absurdo pra fazer qualquer coisa [...]* (GPH virtual, 22/08/2008)

O actante foi “abalado” por uma modificação de intensidade e uma modificação quantitativa, sua sensibilidade foi despertada por uma “presença que afetou o seu corpo e o ritmo de seu percurso foi modificado pela desaceleração” (2007: 131). Essa modificação é uma condição para o percurso passional, mas não só, pois ela sinaliza também um estilo tensivo. No nosso exemplo, o ritmo desacelerado se associa a um estado depressivo, marcado por cansaço e desânimo consequentes da descoberta: ainda se percebe um movimento, embora lento.

Mesmo aquela mãe mais moderna, psicóloga, cujos valores se imagina estarem no mínimo virtualizados em relação à questão, quando a homossexualidade é de um filho, ela assume os valores vigentes, numa reatualização subjetiva da “fidelidade” às normas – modalização pelo /querer ser/ e pelo /dever ser/ + não-poder ser homossexual –, que leva ao “desespero”.

Mãe - [...] ***Eu sou psicóloga, trabalho com isso. Como posso estar tão desesperada?*** *Porque eu posso ajudar os filhos dos outros e não posso ajudar o meu?* (GPH virtual, 23/10/2008 – grifo nosso)

Há sujeitos (mães), em menor número, cuja tensão passional, logo após a “descoberta”, vem mais da “insatisfação” com o contrato simulado rompido, do

que da perda de valores (frustração) e o discurso manifesta também a preocupação com o outro (com o filho):

Mãe (chorando) – *Eu soube ontem... Eu descobri sem querer, no celular dele... Eu não desconfiava de nada! O que vai ser do meu filho? Tenho medo do preconceito das pessoas... Vou telefonar para o irmão mais velho dele... Ele gosta muito dele... Não aguento pensar no que ele vai sofrer...* (GPH presencial, 02/11/2010)

Em

Mãe – *É verdade, hoje estava pensando que agora eu pertenço a um grupo, o grupo de mães de L..... acho isso triste... será que tb é preconceito? Sabe... eu não vou ser vó... [...]* (GPH virtual, 08/04/10)

o sujeito se preocupa em ser politicamente correto, cumprindo o contrato mediado por um quadro de valores que já aceita a diversidade, teme o julgamento de seus pares, e se desculpa pela tristeza: *Sabe... eu não vou ser vó...*

Nos discursos a seguir, temos a “amargura”, um sentimento durável de tristeza, o “rancor” (amargura que se guarda depois de uma desilusão, uma injustiça), o “ressentimento” (o fato de lembrar-se com animosidade dos males que lhe infringiram), a “raiva” (lembrança de uma ofensa com desejo de vingança, uma cólera contida). (GREIMAS: 1981).

Mãe – *Não sei mais o que fazer da minha vida... É uma tristeza sem fim... Mas eu sei que não merecia, eu fui uma boa mãe. Por que eu? Eu me esforcei tanto... Nunca tive sorte mesmo na vida... Mas vou dar o troco a quem me aprontou essa, se vou!* (GPH virtual, 15/07/2008)

Mãe – [...] *não posso calar pra mim mesma a frustração, a tristeza de ver suas amigas se casando... Afinal, eu fiz tantos planos para ela, a **minha querida filha única, tão esperada, tão amada.*** (MODESTO, 2008:87)

No discurso, a tristeza continuada, a frustração pela perda de seus valores (casamento da filha, seus planos), a inveja, nada impediu o amor pela filha única:

Mãe – Eu amo meu filho... pq não consigo olhar pra ele? Não consigo mais beijar ele... Tenho vontade de expulsar ele de casa... De repente me vejo querendo abraçar... to enlouquecendo... (GPH virtual – 13/09/2006)

Alguns discursos, como o do exemplo anterior, expressam o estranhamento que algumas mães sentem, depois da descoberta. Houve uma ruptura contratual entre mãe e filhos e o descontentamento pela decepção é de tal intensidade, que o filho não parece ser mais o filho que ela ama, tornou-se um antissujeito. E aparece evidente o conflito entre o amor vs. desamor. No discurso em exame, está em jogo o malquerer vs. benquerer – articulações negativas e positivas, de um /querer-fazer/ de um sujeito numa relação intersubjetiva, necessárias à aparição de um sujeito de fazer de benquerer ou de malquerer. Esse conflito leva ao desespero. Em

Mãe - O tempo está passando e eu estou ficando cada vez mais desesperada, porque no fundo eu tinha uma certa esperança de que as coisas pudessem mudar de rumo. [...] (GPH virtual – 17/09/2008)

estão expressos os dois “universos modais incompatíveis” o saber sobre o fracasso e a esperança de que tivesse sido diferente do que foi. E esse conflito, leva ao desespero.

No discurso a seguir, há um intervalo entre o acontecimento a reação com a “parada” e a retomada da narrativa Como nesse depoimento, na “descoberta pontualizada”, a paixão principal e recorrente é o “desespero”. O percurso figurativo expressa o desespero, com grande intensidade. O conflito pela perda do sujeito foi figurativizado próximo à ruptura. Não há um desdobramento para o devir, quando *o mundo virou de cabeça pra baixo* e o chão se abre abaixo do sujeito:

Mãe – É muito difícil conversar sobre esse assunto. Desde o dia 13-06-09 o meu mundo virou de cabeça pra baixo. De repente foi como se o chão tivesse aberto abaixo de mim. [...] (GPH virtual, 03/03/10)

Uma situação insolúvel aparece no depoimento a seguir e ameaça chegar à “aniquilação do ser”, manifestada pela possibilidade de ações de malquerer em choque com paixões de benquerer. (Greimas, 1993:68).

Mãe – [...] Desta terça-feira até sexta-feira, eu não saí da cama, eu chorei, eu gritei, eu chamei a morte, eu dizia “Deus me abandonou”. Foi o pior final de semana da minha vida, ficamos os 5 sem sair de casa, foi o inferno, eu avancei nele, eu quebrei todas as fotos dele pela casa, eu enlouqueci. Eu gritava como doida, meu marido no chão, meu mundo tinha caído, eu era a pessoa mais infeliz do mundo, ninguém sofria como eu, eu imaginava. Desde então, continuo gritando e chorando E, desde então, minha vida está um inferno maior, porque ao mesmo tempo que eu quero matar o João, ao mesmo tempo não posso abandoná-lo à própria sorte. Não sei o que fazer... (GPH virtual – 02/02/2010)

Mãe – Não sei se mato ou se morro. Não aguento mais isso, minha vida acabou! (GPH virtual, 18/11/2003)

Na origem da paixão da “decepção”, como relações sintagmáticas modais, temos o /querer/ /o crer/ e o /não poder/, causando desconforto, reações afetivas intensas do sujeito, tomado pelo desespero (/dever ser/, /querer ser/, /não poder ser/, /saber não ser/ (1993:67)), que aparecem muitas vezes em manifestações somáticas de diferentes paixões – enrubescimento, palidez, sobressalto, crispação, tremor, gagueira –, e/ou aparecem no comportamento observável nos casos de discriminação, rejeição, exclusão.

De acordo com Fontanille e Greimas,

O efeito de “irrupção” do somático a superfície do discurso que caracteriza de modo geral a emoção, decorre da reembreagem sobre o sujeito tensivo que postulamos para justificar a instalação do simulacro passional no discurso: convocando na cadeia discursiva, as modulações do sentir e do devir, a reembreagem prepara a irrupção somática da emoção; é exatamente nesse momento preciso do percurso passional que o sujeito-que-sente lembra que tem um corpo. (1993:154-5)

Na fase da descoberta pontualizada, em muitos depoimentos, há o relato de doenças, que provavelmente pertencem a essa “irrupção somática da emoção. Mas, por hipótese, esse fenômeno que liga a paixão ao “corpo” seria um tipo de vingança para compensar ou resolver a falta:

Mãe – *Há duas semanas fiquei sabendo que meu filho de 14 aninhos é homossexual. Conversei com ele e apesar de estar chorando muito, deixei claro que estaria ao lado dele incondicionalmente, mas que ele precisaria me dar um tempo para aceitar e entender esta nova situação. Continuo tratando-o com muito carinho, mas algumas conversas e brincadeiras que sempre fiz com ele, pois sempre tivemos uma relação aberta, estão bloqueadas.*

Não durmo mais, choro muito e estou muito triste. Sofro por ele e também por mim. Ontem vi que você estava sendo entrevistada (programa de TV), **mas não pude ouvir, porque estava no hospital, aonde passei a noite, com fortes dores de cabeça e choro compulsivo.** [...] Aguardo uma resposta sua com urgência. ESTOU ME SENTINDO MUITO SÓ, NESTA QUE ACREDITO SER A MISSÃO MAIS DIFÍCIL QUE DEUS ME DEU. (GPH virtual, 05/10/2008 – grifo nosso)

Mãe - *Infelizmente, após alguns probleminhas de saúde, comecei a ficar a cada dia mais angustiada, o peito começou a doer, arder e a respiração cada vez mais difícil...* (GPH virtual, 03/04/10)

Mãe- *Soube da homo do meu filho e aquele dia foi o mais triste de toda a minha existência, o meu mundo ruiu. Fui ao fundo do poço, Chorei todas as minhas lágrimas, vomitei, menstruei, tive diarreia por dias, entrei num luto profundo.* [...] (GPH virtual, 20/02/2009)

No exemplo,

Mãe – *Já tem um ano e pouco e eu não aceito isso. **Eu tenho uma dor de estômago horrível! Pensaram que era câncer. Fiz todos os exames... Não deu nada. Mas a dor não passa.** Acordo de madrugada de dor de estômago. Eu saio, sento na sarjeta e choro. Enche de gente... Eu digo: “É que sofro de depressão e venho aqui pra meu marido não ver...” E é verdade [...]* (MODESTO, 2009:91 – grifo nosso)

a raiva leva ao desespero e à somatização. Com a represália reflexiva, a autopunição, a mãe tenta diminuir a intensidade do seu sofrimento.

Há muitos depoimentos, principalmente de mães desesperadas, em que são relatadas manifestações externas emocionais. De acordo com Fontanille (2007:221), nas manifestações da emoção há algo de metassemiótico. Além disso, há uma insinuação cultural que não é da ordem do vivido, mas um *fazer-saber* que é da ordem do cognitivo. A mãe fica sabendo e faz saber que está sofrendo, seu sofrimento é sancionado por um observador: *Eu tenho uma dor de estômago horrível! Pensaram que era câncer. Fiz todos os exames... Não deu nada. Mas a dor não passa. Acordo de madrugada de dor de estômago. [...]*

Mãe – [...] *Tive raiva dele e do mundo. Não o reconheci como o meu filho de sempre. Não sabia como lidar com tanta sem-vergonhice. Sim, porque se ele poderia ser normal, porque ser diferente? Pq escolher o caminho mais difícil? Eu só vi uma solução: Deus ter pena de mim e me tirar do circuito, pois eu não saberia lidar com essa situação. Demorei um tempo até conseguir falar com ele. Não é falar de conversar, não. Falar oi e trivialidades, eu não conseguia. Mas aí eu me irritava, pq ele ficava só na Internet e no celular dele não parava de tocar. Ele ficava feito barata se escondendo pra falar. E me irritava. Irritava falar escondido, irritava porque eu sabia que ele falava com o namorado dele. Nossa, só de pensar que ele tinha um namorado, até eu poder escrever essa palavra (pq falar eu ainda não consigo, eu falo o amigo dele) demorou. E na minha garganta desce como um caco de vidro. [...]* (GPH virtual, 03/09/2008 - grifo nosso)

Em

*Demorei um tempo até conseguir falar com ele. Não é falar de conversar, não. Falar oi e trivialidades, eu não conseguia. Mas aí eu me **irritava**, pq ele ficava só na Internet e no celular dele não parava de tocar. Ele ficava feito barata se escondendo pra falar. E me **irritava**. **Irritava** falar escondido, **irritava** porque eu sabia que ele falava com o namorado dele.*

O discurso expressa a “irritação”. A dificuldade de se comunicar com o filho, a significação da ação de ficar irritada, várias vezes, a comparação do filho com uma “barata”, bicho nojento, faz crescer a tensão hostil que atinge o “rancor”, um “ódio” estendido e contido, do campo semântico da cólera, a um passo de atos de malquerer.

Na frase: *E na minha garganta desce como um caco de vidro* traz uma comparação que é um estímulo tátil poderoso para caracterizar um estado passional de completa “frustração” e “dor”. O esforço do destinador em convencer o destinatário do seu sofrimento está evidenciado na escolha dessa imagem disfórica. A figura do caco de vidro descendo na garganta significa a dor que sangra, conseqüente da traição, da ofensa, perpetuada pelo filho. “O estado de coisas” (o movimento do caco de vidro em movimento) relaciona-se “aos estados de alma” (dor e frustração pela traição do filho ao não cumprir o contrato), como no subtítulo do livro de Greimas e Fontanille “Semiótica das Paixões” (1993). Nesse caso, “o corpo que sente” é a base para que sejam apreendidos os conteúdos dessa frase.

De um fenômeno da realidade (um caco de vidro que desce cortando uma garganta), a imagem torna-se um modo de expressar a tensão do sofrimento do sujeito. Aqui, o que está em jogo é um ritmo tensivo que se inicia no nível profundo e se espalha por todo o percurso gerativo do sentido, até as relações manifestadas entre expressão e conteúdo.

A gradação da tensão também é expressa por relações entre as categorias de expressão e conteúdo, “concretizando sensorialmente” abstrações temáticas de conteúdo que reforçam o sentido de sofrimento dessa mãe. O som sibilante de “desce” expressa a /negatividade/ vs. /afirmatividade/ e a /duratividade/ vs. /pontualidade/ do movimento descendente e quase sentimos, através da categoria de significado tátil, a dor dessa descida cortante.

O sentido de movimento descendente de “desce”, categoria abstrata de conteúdo, articulada ao traço sibilante prolongado de /desce/, categoria de expressão, concretiza sonoramente o tema do movimento/sensação tátil dolorosa da ação cortante do caco de vidro na garganta.

4.3 Um duplo contrato: o filho deve ser heterossexual; o amor de mãe deve ser incondicional

Inspirando-nos em Fontanille, (1980)⁴¹, em sua análise semiótica de capítulo de “La Semaine Sainte”, de Louis Aragon, de 1958, distinguiremos dois papéis para dar conta do percurso cognitivo desses sujeitos (mães e filhos).

Numa primeira fase, as mães são privadas do “objeto valor”, isto é, são sujeitos pragmáticos virtuais, porque não podem comportar-se mais como mães de heterossexuais, mas também são sujeitos cognitivos virtuais, sob dois aspectos: a) são instauradas como sujeitos de saber que os filhos são homossexuais e; b) o que vem a ser a homossexualidade é um mistério para elas.

Sentindo-se enganadas, frustradas, desiludidas, para as mães só resta uma alternativa para reconquistar um mínimo de poder sobre os acontecimentos: compreender o que está acontecendo com seus filhos, assunto de próximo item.

Além disso, entram em jogo dois simulacros de contratos:

- a) O contrato do filho com a mãe, pelo qual o filho deve ser heterossexual;
- b) O contrato da mãe com o filho, pelo qual o amor da mãe deve ser incondicional.

Pelo primeiro contrato, todos os filhos devem ser heterossexuais. Pelo segundo contrato, mesmo se o filho não for heterossexual, isto é, se o primeiro contrato for rompido, a mãe deve amá-lo do mesmo modo.

a) O contrato pelo qual os filhos devem ser heterossexuais

Saber que filhos são homossexuais, como já visto, desencadeia paixões complexas decorrentes de uma “espera fiduciária” frustrada e de uma ausência de objeto valor que deixa os sujeitos insatisfeitos. As mães mantêm um contrato imaginário com seus filhos, pelo qual eles devem ser heterossexuais e lhes atribui

⁴¹ Fontanille, J. *Le désespoir ou Les malheurs du coeur e le salut d l'esprit*. DOCUMENTS du Groupe de Recherches Sémio-Linguistiques, n. 16, EHESC, Paris, France, 1980.

um /dever-ser/, /dever-fazer/. A manipulação pelo dever não funciona, porque os filhos não se sentem na obrigação de cumprir o contrato, o que deixa as mães se sentindo traídas.

Por exemplo:

Mãe – [...] *Eu não consigo vê-la mais como minha filha. Sei lá, **eu estou me sentindo traída**. Uma angústia muito grande tomou conta de mim...* (GPH virtual, 11/09/2009 – grifo nosso)

Lembrando que o contrato é paradoxal:

Filho (15 anos) – [...] *Eu bem que queria ser heterossexual! **Como vai ser pra minha mãe? Ela não vai me querer mais...** Quem quer ser discriminado, tratado como lixo? **Será que ela não entende que não consigo mudar o que eu sou?*** [...] (GPH virtual, 15/03/ 2009 – grifo nosso)

b) O contrato pelo qual o amor de mãe deve ser incondicional

No percurso dos filhos, além de eles serem privados de serem heterossexuais, orientação sexual, que a maioria dos mais jovens diz que preferiria, eles temem perder o “amor incondicional” de suas mães, um valor muito importante para eles, também produto de um contrato simulado. Saber que suas mães não os aceitam homossexuais, ou sentem dificuldade de aceitação, desencadeia nos filhos paixões complexas relacionadas à decepção fiduciária e ao descontentamento pela perda do objeto valor “amor incondicional” de suas mães.

Assim, do mesmo modo que as mães mantêm um contrato imaginário com seus filhos, pelo qual eles devem ser heterossexuais, que lhes atribui um /dever-ser/, /dever-fazer/, por outro lado, os filhos também mantêm um contrato imaginário com suas mães, pelo qual elas devem aceitá-los e amá-los do modo que forem e que atribui às mães um /dever-ser/, /dever-fazer/.

No percurso dos filhos, de modo geral, além de eles serem privados de um valor considerado positivo pela sociedade, “ser e agir como heterossexual”, eles também temem perder o “amor incondicional” de suas mães.

Por outro lado, vemos no percurso das mães, de modo geral, que elas se sentem privadas de seu valor considerado positivo, serem mães de heterossexuais, mas, quase todas, pelo menos por um tempo, rompem o contrato de “amor incondicional” por seus filhos, de modo a se colocarem em dúvida, se, realmente, esse é um valor coerente com a nossa “realidade sociocultural”.

Por exemplo:

Filho (18 anos) – [...] *A partir do momento em que eles souberam, e tendo tempo para **digerir a questão, eu realmente esperava uma atitude completamente diferente.*** (GPH virtual, 15/01/2010 – grifo nosso)

“Digerir”, nesse discurso, está com a acepção de “refletir, estudar um assunto difícil”. Nesse discurso, significa aceitar a homossexualidade do filho, mesmo que lhe seja difícil, pois o “amor incondicional” é um dever da mãe. Percebe-se a decepção do sujeito destinador-julgador, filho, em relação ao destinatário sancionado negativamente, sua mãe, em *eu realmente esperava uma atitude completamente diferente*. Fica implícita a pergunta: O amor de mãe não é incondicional?

De acordo com a maioria dos depoimentos, nessa fase do processo, o contrato social da heteronormatividade pesa mais e as mães não conseguem cumprir o contrato do “amor incondicional”, pois não têm o /querer/ suficiente, ou não tem o /poder/ necessário. No decorrer do processo de rejeição/aceitação, seus valores mudam e o quadro de valores se torna compatível com o “amor incondicional” das mães a seus filhos homossexuais.

Exemplo de mãe que confessa não ter cumprido o dever contratual de amor incondicional e se julga negativamente:

Mãe – [...] *Seus filhos são privilegiados. Tem uma mãe que realmente exerce o **amor incondicional**. [...] **Eu sou horrorosa**. Como eu disse, quando meu filho assumiu a sua orientação, eu o odiei.* [...] (GPH virtual, 03/09/2008 - grifo nosso)

A mãe, como autodestinadora-julgadora, sanciona-se negativamente por não cumprir o simulacro de contrato (sentir amor incondicional pelo filho): *Tem uma*

*mãe que realmente exerce o **amor incondicional**. [...] Eu sou horrorosa. Os seus sentimentos de ódio ao filho eram de malquerer. O sujeito (mãe) se culpa retrospectivamente, se comparando à outra mãe.*

Exemplo de mãe que cumpriu o contrato simulado de amor incondicional:

Mãe - Sabe, sofri demais no começo, e pior sozinha, fiz loucuras, tenho uma dívida grande com Deus, mas agora estamos tão bem, tudo passou, hoje vejo meu filho com os olhos do coração, ele é tão lindo, um pedaço de mim, ser gay é só uma característica, hoje sei que ele nasceu assim, pena que não percebi e o ajudei antes, mas... tudo no seu tempo né, tinha que ser assim.

Incrível que sei da Homo dele há 1 ano de 4 meses e parece que faz um tempão, falamos abertamente sobre o assunto, TODOS sabem, saímos juntos eu, ele, namorado, meu marido, não tenho vergonha, (veja bem foi o que mais senti no começo), pelo contrário, acho ele de uma coragem incrível, contou aos 15 anos.

Me lembro que um dia eu falei aos gritos, porque, vc é louco, isso é coisa da sua cabeça, porque falou agora, esperasse, conhecesse algumas mulheres, etc. Ele chorou muito e falou, “Mãe, vc me ensinou a vida inteira a falar a verdade, nunca mentir, ser transparente, que vc estaria comigo sempre, por pior que as coisas fossem, como poderia mentir para mim mesmo, enganar todos... Nossa, me doeu a alma, naquele momento vi o quanto ele precisava de mim.

*Ah!!! No **meu caso, o que falou mais alto sempre foi o amor. Ame incondicionalmente, amiga, e não esqueça ele precisa de vc.** (GPH virtual, 27/07/20210 – grifo nosso)*

No exemplo, está um percurso de rejeição/aceitação completo, com todas as suas fases, e observamos que o “amor incondicional” só apareceu no final do percurso passional da aceitação, mesmo que não tenha sido longo, como na maioria dos depoimentos. Isso nos mostra que o “amor incondicional” é um simulacro construído socialmente, mas que não tem fundamento na realidade, embora gerencie as relações entre mães e filhos.

O papel temático-social do actante sujeito “mãe” é amar incondicionalmente os filhos. Quando não realizado, deixa os filhos decepcionados com a quebra do

contrato e insatisfeitos com a perda do “objeto valor”, amor de suas mães, frustrando a expectativa dos filhos e trazendo-lhes muito sofrimento.

Exemplo de mãe que, de acordo com filho, não cumpriu o seu compromisso de “amor incondicional”:

Filho (16 anos) *Meu pai me agrediu... me bateu... eu consegui segurar o braço dele pra não socar o meu rosto... Ele me jogou em cima da cama e subiu em cima de mim, me bateu... me enforcou... **E minha mãe, trancada, escutou quietinha e não fez nada!** Agora acabou. [...]*

(GPH virtual, 06/07/2008)

O discurso enfatiza as modalidades do /fazer/ (intencional) em detrimento das modalidades do /ser/ (existencial), relatando ações intolerantes de extremo malquerer do pai. Trata-se principalmente do relato de ações de malquerer. Assim, o discurso mostra-se mais “intencional”, relacionado à modalidade do /fazer/, do que “existencial”, relacionado à modalidade do /ser/. O “pai” é o sujeito do fazer que espancou o “filho”. A “mãe” que deveria ser “adjuvante” do “filho”, já que seu contrato é de “amor incondicional”, se absteve o que deixou o sujeito ofendido, decepcionado.

Relato de uma mãe:

Mãe – *Quando ele me confessou a sua homossexualidade, ele ajoelhou aos meus pés e, chorando muito, me pediu perdão por ser homossexual e disse que eu seria a primeira pessoa a quem ele iria contar isso e que só seria um ser humano feliz se eu continuasse amando e acreditando nele, como sempre havia feito. Como eu poderia rejeitar meu filho? [...]* (GPH virtual, 25/10/2007)

Pela semântica narrativa, a homossexualidade do filho é atualizada como um valor distenso, em: “*Como eu poderia rejeitar meu filho?*” No entanto, o discurso nos mostra que, do ponto de vista ideológico (valor assumido e atualizado pelo sujeito mãe), a homossexualidade ainda era aceita positivamente pela escolha do verbo “confessar”.

A figura “*ajoelhou aos meus pés*” desencadeia a isotopia temática do respeito e amor extremado à mãe, aquela que nos dá a vida e nos educa, em um investimento relacionado às categorias /natureza/ vs. /cultura/. A escolha do verbo “confessar”, relacionada à figura do “ajoelhar-se aos pés da mãe, chorando e pedindo perdão”, desencadeia a isotopia religiosa, relacionada a Nossa Senhora, mãe de Jesus e investe o tema relacionado às subcategorias /religiosidade/ vs. /laicidade/. Pode-se reler o discurso no plano isotópico religioso, e o “confessar” leva ao pecado do desrespeito às leis divinas (a homossexualidade é condenada pelas escrituras sagradas). No plano isotópico laico, o confessar leva ao desrespeito às normas humanas (a homossexualidade ainda é condenada como doença, problema psicológico e, principalmente, uma escolha negativa).

O filho aparece como o pecador que pede perdão a Nossa Senhora de seus pecados e à mãe por transgredir a normatividade: *ajoelhou aos meus pés... chorou... pediu perdão...* Os traços figurativos confirmam nas duas leituras, as oposições de disforia vs. euforia, relacionadas respectivamente à “homossexualidade vs. heterossexualidade”. Além disso, manifestam-se a religiosidade vs. laicidade, respectivamente, figurativizadas no ajoelhar-se para confessar e para pedir perdão à mãe de Jesus, e no ajoelhar-se e pedir perdão à mãe heterossexual, recobrando a etapa narrativa da sanção, numa figuratividade semelhante à de um ritual.

Essa leitura é possível também pela relação intertextual que fazemos do Novo Testamento, com Nossa Senhora, mãe de Jesus, com as mães em geral, que, culturalmente, desaparecem como pessoas e só aparecem como mães, com a obrigação, entre outras, de santidade. Esse aspecto percebido do contexto, resultado das relações intertextuais, faz parte da formação ideológica geral que sustenta o discurso.⁴² A santidade é garantia do amor incondicional.

O que está em jogo não é, principalmente, a referência às duas classes objetivamente distintas de indivíduos, por exemplo, do ponto de vista estatístico, quantas mulheres brasileiras de tal faixa etária, tal nível sociocultural aceitam ou rejeitam seus filhos homossexuais; mas se trata de uma significação temática da

⁴² Da competência narrativa e discursiva do sujeito da enunciação, percebe-se a construção mítica da figura materna, um papel temático-social, tão forte que apaga o indivíduo. Quase sempre, quando os filhos enviam, a pedidos da nossa ONG, um perfil de suas mães, para que entremos em contato telefônico com elas, mesmo em mensagens enormes e detalhadíssimas, eles se esquecem de nos dizer os nomes próprios de suas mães.

maternidade, analisável, na nossa cultura, em termos de papéis estereotipados de mãe, papel esse que o recurso da oposição entre os dois polos de uma categoria semântica pressuposta projeta na relação intersubjetiva. Aqui, a oposição é entre papéis mães vs. filhos: os que precisam de amor e apoio vs. as mães que os amam, ou deveriam amá-los e dar-lhes apoio, (LANDOWSKI*, 1992:54-55).

E cabe a pergunta: por que as mães não conseguem cumprir um fazer que parece tão “natural”? Porque os dois contratos firmados “batem de frente”. O primeiro, o da heteronormatividade, faz parte do nosso quadro de valores. A homossexualidade para a maioria é, no mínimo, pouco bem-vinda. O segundo contrato, sobre o amor incondicional que devem a seus filhos, é um simulacro que, além do não poder, as mães não se sentem na obrigação de cumprir, já que a homossexualidade vai contra seus valores.

4.3.1 Negação da homossexualidade dos filhos

Depois da descoberta, após passarem por todas as paixões negativas que as acompanham, as mães entram na fase da negação, análoga à “fase de negação” dos filhos. Nessa fase, as mães não rejeitam a homossexualidade, elas negam que seus filhos sejam homossexuais ou acreditam que haja a possibilidade de reversão.

Como já visto, a consequência da ruptura do simulacro de contrato pelo qual os filhos seriam heterossexuais é um programa passional que se inicia com a surpresa de um acontecimento negativo e uma espera, a esperança de que tudo mude, que seja uma fase, um engano. A fase da negação funciona como uma “segunda espera”, já que a primeira não chegou a bom termo. A fase da “negação” das mães da homossexualidade de seus filhos é a busca de uma negação de que eles sejam homossexuais, manifestada de várias maneiras.

Decepcionadas, inconformadas com o rompimento do contrato de que seus filhos seriam heterossexuais, descontentes com a perda de seus objetos de valor – ainda esperançosas, ou já invadidas pelas paixões de falta, menos tensa ou mais tensa –, as mães usam de todos os tipos de manipulação contra seus filhos homossexuais: pelo saber, *seduzindo* e *provocando*, ou pelo poder, *tentando* e *intimidando*, para que eles se tornem heterossexuais, como elas tinham a certeza

de que eles eram (descoberta pontualizada), ou esperavam que fossem (na descoberta atenuada).

Os tipos de manipulação de mães a seus filhos, mais comuns, são a “intimidação” e a “provocação”, conforme vimos nos capítulos sobre os filhos:

A “negação” é uma forma de manipulação cognitiva e pragmática de reversão (pelo saber/não saber e pelo fazer/não fazer).

Há dois tipos principais de recursos de manifestação da negação da homossexualidade dos filhos:

- a) O silêncio como forma de negação do saber que os filhos são homossexuais;
- b) Programas narrativos (PNs) passionais de reversão da homossexualidade dos filhos, figurativizados por outros recursos de negação.

- **Negação pelo silêncio:**

*Mãe – Após minha filha ter revelado sua homo eu me escondi sob o silêncio com relação a esse assunto, por não tinha condições de falar nem de escutar nada, sabia que estava errando, mas não tinha forças. Vivi dias de total silêncio e vi o quanto eu esta atitude magoou e feriu minha filha. **Se eu não falasse não viraria realidade**, pq a realidade dói, é cruel, é triste para nós mães, mas eu percebi que não poderia jogar simplesmente fora o relacionamento tão bom que tinha com ela, **não poderia abandoná-la no meu silêncio**, a mãe era eu, não ela. (GPH virtual, 22/03/10) (grifo nosso)*

No discurso, há um período de conflito que envolve a narradora, mãe, e, por isso mesmo, está permeado de emoções. O actante sujeito, mãe, está definido pela incompetência estabelecida pelo /não-poder/ “falar”, nem “escutar”: *eu me escondi sob o silêncio com relação a esse assunto, por não tinha condições de falar nem de escutar nada*. A ideia de não comunicação relaciona-se ao não existir das coisas do mundo, remetendo ao conceito de que “as coisas do mundo só existem se forem faladas”.

A filha ser lésbica é um antipercurso, cuja perspectiva de realização paralisa essa mãe. E vemos o “silêncio” relacionado à “parada da narratividade”, como já foi constatado. Parar de falar e de ouvir – índices de “terminatividade” correlatos a esse actante sujeito –, se pensarmos na aspectualidade profunda, revelam que, para esse sujeito (mãe), foram reservados, nesse momento do texto, valores de “limite”. Isso significa não dar continuidade ao processo narrativo, e, no discurso em exame, é o sujeito não dar continuidade a um percurso narrativo passional de aceitação da homossexualidade da filha, porque essa homossexualidade não existe.

Há uma gradação de compreensão, que transcorre no tempo, e se iniciou no “limite” da parada. Do ponto de vista temporal, o parar de falar e de escutar constitui a “descontinuidade” que interrompe a “duração” da troca de ideias com a filha, a interrupção da comunicação entre os sujeitos. Essa atitude representa a incapacidade do sujeito, mãe, sua impotência para escolher qualquer alternativa que levasse adiante a vida em comum entre as duas. Do ponto de vista modal, a mãe é dominada por um dever social, já que ela assumiu os conceitos da sua comunidade.

Considerando a alta incidência nos depoimentos de mães do fenômeno tensivo a seguir, também um recurso de “negação” relacionado ao silêncio, resolvemos abrir um parêntese para pensarmos na tensividade –, onde operam as instabilidades passionais e oscilam os valores fóricos, disposição afetiva fundamental, negativa vs. positiva –, que, para nós, explica a significação do recurso que aparece nos exemplos a seguir:

Mãe - Numa outra época, se eu soubesse que o filho de uma amiga, de uma irmã, de uma cunhada tivesse um filho ou uma filha g..... (ah, eu não posso falar essa palavra!!!) Eu diria “credo que horror, também essa mãe não cuidou desse menino ou menina, como a mãe não viu uma tragédia dessa, que absurdo! [...] (GPH virtual - 07/02/2010)

Mãe - [...] Sim, foi pressão primeiro porque eu não suporto a ideia de ter um filho g..... (GPH virtual, 08/04/10)

Mãe – [...] me *preparar para ter um filho g..... como vc já me disse?*
Jamais, jamais. Meu filho não é gay. (GPH virtual, 08/04/10)

Os conceitos tensivos incidem sobre imagens figurativas do texto: “namorado do filho”; “gays” e “lésbicas” expressam valores intensos, mas sem camuflar a duratividade evidente que marca o processo de aceitação. A caracterização do sujeito, como alvo de perdas importantes, foi acrescida por um estado de apreensão que gerou o medo: “Se eu disser essa palavra, se eu escrevê-la, confirmar-se-á que meu filho é gay, que minha filha é lésbica”.

Mãe – *Eu não consigo nem pensar nessa palavra, quanto mais escrever... Se meu filho for isso mesmo eu morro!* (GPH virtual 05/08/2007)

Essa negação pelo silêncio tem uma representação semissimbólica. Justamente esse movimento de “distensão gradativa” – “não pensar, nem escrever; não falar, nem escrever; não falar, mas escrever; falar e escrever” – atenua a aflição por ter de lidar com uma mudança brusca, que é percebida como iminente. E é uma forma de negação.

A temporalidade em que se dá a mudança – dizer ou não dizer a palavra, escrever ou não escrever a palavra – expressa nuances de significação que se movimentam por um espaço tensivo modulado por mais ou menos tensão e extensão, expressos foricamente pela instância enunciativa. Um tempo e espaço profundos da “contensão” – parada da continuação e da “distensão”, parada da parada – manifestam-se como espacialidade e aspectualidade no nível discursivo. Nesses discursos, a contensão e depois a distensão se expressaram pela “parada”, manifestada pela impossibilidade de falar ou escrever as palavras “gay” e “lésbica” e pela “parada da parada” do reinício da “continuidade”, quando a mãe já começa a poder escrever e depois começa a falar as palavras “namorado”, “namorada”, “gay” e “lésbica”.

Aqui percebemos os valores de limite e os valores de gradação – *falar eu ainda não consigo, mas já consigo escrever* – significando um movimento de “menos” aceitação a “mais” aceitação da homossexualidade dos filhos gays e filhas lésbicas.

De acordo com Fiorin, o texto manifestado “sofre a coerção do material que o veicula.” (2008:57). Nos exemplos, além da linearização, o conteúdo manifesto verbalmente sofreu “paradas”, na manifestação e realização textual visual das palavras, recursos categoriais que significam.

Do ponto de vista da relação entre expressão e conteúdo, conforme Fiorin:

[...] há dois tipos de texto, aqueles que têm função utilitária (informar, convencer, explicar, documentar, etc.) e os que têm função estética. Se alguém ouve ou lê um texto com função utilitária, não se importa com o plano de expressão. Ao contrário, atravessa-o e vai diretamente ao conteúdo, para entender a informação. No texto com função estética, a expressão ganha relevância, pois o escritor procura não apenas dizer o mundo, mas o modo como se diz. [...]. (2008:57)

Os textos em exame têm uma função utilitária, sem dúvida, que é a de “informar, desabafar, convencer a si próprio e ao outro, explicar e documentar” que seus filhos não são homossexuais (fase da negação). Ao mesmo tempo, expressam a dificuldade e o sofrimento de aceitarem que seus filhos são homossexuais. Para isso, esses textos também usam o significado dos elementos de expressão, isto é, utilizam o sistema semissimbólico, usado na forma literária, por hipótese, porque são “textos apaixonados”, como os textos literários e expressam a significação com originalidade.

Conforme Barros (1983:54-55) e Fiorin (2008:58), os sistemas simbólicos realizam uma correspondência termo a termo entre o plano de expressão e conteúdo, numa conformidade total entre os dois planos, como se vê na cruz que representa as religiões cristãs. Já os sistemas semióticos não apresentam, conformidade entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. Além disso, a Semiótica criou o conceito de sistema semissimbólico, de que estamos falando, aquele que apresenta conformidade, não a partir de unidades, como no sistema simbólico, mas a partir da correlação entre categorias dos dois planos. Assim, na manifestação gráfica da expressão verbal, a categoria da expressão /ruptura/ vs. /continuidade/ da linearidade gráfica das letras das palavras correlaciona-se à categoria de conteúdo /negação/ vs. /afirmação/ da homossexualidade dos filhos: a “ruptura” correlaciona-se à “negação”.

Fiorin chama a atenção sobre os modos de presença no texto dessas categorias homologáveis e comprova que, considerando o fenômeno da catálise, nem sempre elas precisam estar efetivamente manifestadas, através de seus dois termos em oposição. No caso em exame, há uma substituição das letras por alguns pontinhos (muito maior número do que das reticências), significando que, embora haja somente uma letra, as outras foram substituídas por eles. De qualquer modo, o fenômeno da catálise estabelece um modo de presença dos termos da categoria. Esses nos são insinuados, isto é, temos um meio-termo entre ausência e presença, considerando a explicitação, através dos pontinhos, de que se trata de parte elíptica de uma palavra, mas somente graças às relações entre o contexto e a primeira letra, conseguimos pressupor de qual palavra se trata, (2008:62).

De acordo com Barros, “os sistemas semissimbólicos concretizam sensorialmente as abstrações temáticas do conteúdo, instaurando assim um novo saber sobre o mundo”. (1988:54)

Quando falamos de uma “fase de negação”, colocamos em primeiro plano o sujeito de estado e suas paixões, enfatizando as paixões relacionadas à existência modal do sujeito, pois o sujeito segue um percurso dinâmico de mudanças passionais, entre estados emocionais tensos/disfóricos e relaxados/eufóricos.

Esse tipo de negação das mães é um retrocesso, pois é a negação de um saber já adquirido de que o filho é gay. Essa negação é impulsionada por uma paixão de confiança. Há a volta ao /crer/ anterior, com a possibilidade de um filho heterossexual, portanto a crença na possibilidade ou na certeza de uma nova conjunção com o “objeto valor”. Para que essa conjunção se realize, o sujeito, geralmente impulsionado pelo desespero e pelo medo, inicia um “programa de uso” para a liquidação da falta. Desprezando a possibilidade de abertura para novas articulações do significado, com a busca de novos valores, ele reafirma valores antigos, e, como resultado ele passa por uma segunda “decepção”, “frustração” e “insatisfação”.

Assim, a “fase da negação” é o resultado de uma volta à “espera”, na tentativa de resolver a falta. Funciona como uma segunda espera, já que o resultado da primeira não satisfaz o sujeito. Nessa fase, há uma volta à confiança

no simulacro de contrato que determina a esperança, e a crença de que o filho será heterossexual.

Nesse tipo de negação, as mães sabem que os filhos não são heterossexuais, mas têm esperanças, crenças várias de que aquela característica irá se reverter. E mães recorrem a vários recursos para negarem a homossexualidade de seus filhos, decorrentes de duas crenças principais: “fase passageira” e “falta de limites”.

- **Fase passageira**

Além de negar a homossexualidade dos filhos pelo silêncio, as mães começam a afirmar que os filhos não são homossexuais, somente estão atravessando uma fase ruim. Esse tipo de negação está muito relacionada à “esperança”, uma paixão fiduciária de confiança.

Nos exemplos, a crença de que é uma confusão de um garoto muito novinho, alguém que “ainda não sabe o que quer”, um modismo, um comportamento para chamar a atenção sobre si:

Mãe – *Ele só tem 13 anos. É muito novinho **ainda não sabe o que quer** [...]*
(GPH – reunião de pais, março, 2008 - grifo nosso)

Mãe - *Não estou convencida de que ele nasceu assim, de dentro de mim, isso é alguma safadeza que ele aprontou, **uma moda**, uma coisa diferente pra fazer [...]* (GPH virtual, 22/03/2010 - grifo nosso)

Mãe – [...] *Quero falar dessa questão do sigilo. Por enquanto, eu não me sentiria bem participando de uma reunião na presença de todos. A verdade é que ainda tenho esperança de que essa situação venha se configurar como **apenas uma fase na vida dele, hoje tá tudo tão moderno...** e por isso não gostaria que ninguém soubesse de nada disso. [...]* (GPH virtual, 09/08/2006 - grifo nosso)

O discurso também expressa a vergonha, paixão que veremos adiante.

- **Falta de limites**

Outra forma de negação é crer em que a pretensa homossexualidade é uma escolha, por “falta de limites”:

Filho – *Me assumi há um mês para os meus pais e eles não me aceitaram, muito menos me respeitaram. **Me tiraram da escola, tiraram o meu celular, meu computador e tudo o que eu tinha. Me colocaram em outra escola e no psicólogo. Eles disseram que não vão devolver as minhas coisas até que eu mude de ideia...** Começaram a frequentar a igreja e falar que o que eu faço não é de Deus, que vou pro submundo, to no caminho do diabo. [...]* (GPH virtual, 23/04/2010 – grifo nosso)

Apoiadas na “esperança” de que os filhos não são verdadeiramente homossexuais, as mães realizam programas narrativos de reversão da homossexualidade dos filhos. A essas ações, denominamos: “atitudes de defesa”.

- **Atitudes de defesa**

Depois da descoberta, na fase da negação de que os filhos são homossexuais, as mães adotam atitudes de defesa, na verdade, recursos de reversão, que são ações de malquerer. O paradoxo é que muitas dessas ações passam por ser de benquerer, na opinião dos sujeitos, em contraposição com o que os filhos pensam e sentem:

- **Viagens:**

Mãe – [...] *Ainda hoje estou em choque, pensei que ia enlouquecer. Passei pela depressão, revolta, negação e hoje procuro não pensar no assunto, porque me dói demais. Tentei de tudo para minha filha esquecer esse assunto. Como tinha um caso com outra moça e dizia que era um compromisso sério, **eu e meu marido pensamos que se ficasse longe talvez resolvesse o problema.** Foi para a Suíça fazer um curso de hotelaria e passou 3 anos fora, só voltando ao Brasil nas férias. Não adiantou nada,*

quando vinha ao Brasil aprofundava ainda mais a relação. [...] (GPH virtual, 17/04/06 – grifo nosso)

- **Religião:**

*Mãe – Amo tanto meu filho, **que vou libertá-lo; com fé em Deus**, ele não será discriminado, nem humilhado, será um homem de Deus. Vc diz que não sabe pq Deus mandou essa prova pra nós e pra eles, mas eu sei o motivo da provação e é por isso que eu tenho tanta certeza que ele será libertado dessa maldição. (GPH virtual, 24/11/2006 – grifo nosso)*

- **Culpar a si própria:**

Mãe – No que foi que errei? Eu sempre tentei ser uma boa mãe... [...] MODESTO, 2008:92)

- **Culpar outras pessoas:**

*Mãe – É muito difícil tudo... Até falar sobre isso... Eu ainda tenho esperança (chorando). Não me conformo, não aceito... (chorando) Eu acho que tem alguma coisa de companhia... Eu já vi que isso é meio que desculpa, mas... Quando ele era criança, ele gostava de menininhas e criança é pura... Criança não tem que se explicar pra sociedade... Então ele nunca teve... **Foi companhia errada...** (GPH – reunião presencial de 30/03/08 – grifo nosso)*

- **Tratamentos médicos e psicológicos:**

*Mãe – [...] **No momento, meu filho me prometeu ficar sozinho e não ter nada com ninguém até que o tratamento com a psicóloga tenha mais um tempinho.** Fizemos um pacto, que, se a psicóloga achar que ele já não tem jeito e é mesmo homossexual eu ia aceitá-lo, em troca ele prometeu não buscar mais relacionamentos com ninguém até ter a certeza da psicóloga. Não sei se estou agindo bem com ele... mas tenho a esperança ainda de que ele só tenha uma **confusão de adolescente** e mude a sua ideia, talvez*

muitas mães tinham essa esperança e finalmente aceitaram a situação, mas eu ainda quero lutar contra isso. (GPH virtual, 23/10/2006 – grifo nosso)

Mãe – A médica hebiatra que acompanha meu filho desde 12 anos, me disse que **ele deveria esperar mais um pouco pra ter envolvimento amoroso**, pois o início da faculdade poderia abrir novos horizontes, pois ele me diz sentir atração pelos dois sexos... [...] (GPH virtual, 29/01/2007)

- **Tarólogas, rezadeiras:**

Mãe- [...] *Passado o choque inicial, procurei uma taróloga amiga que não o conhecia. Pediu-me uma foto, pois disse que conseguiria ter uma resposta com isso também. Eu sinceramente não acredito nisso, mas recentemente conheci um rapaz gay que me disse o mesmo. Enfim, **ela viu a foto e afirmou categoricamente que ele não é gay, mas que pode estar realmente influenciado pela companhias** e que com certeza terá de experimentar esse relacionamento para optar seu caminho.* (GPH virtual, 09/08/2006)

Mãe – **A rezadeira disse que vela de mel era para afastar!!!!** Eu tava tão desolada que foi o primeiro lugar que fui. Gastei 50 pilas em velas só no primeiro dia... (GPH virtual, 11/03/2010)

A fase da negação das mães de que seus filhos são homossexuais lembra recursos desse tipo de negação, a que os filhos também recorrem, conforme vimos no capítulo 3. A “fase da negação” é como se fosse uma segunda espera, já que a primeira não deu bons resultados.

4.4 A busca cognitiva: mães e filhos querem saber

Concomitante à fase da negação, as mães querem saber sobre a homossexualidade; os filhos também, mas, principalmente, eles querem saber como se assumirem para suas mães, sem perderem o seu amor.

De acordo com Fontanille:

La présence d'objets de savoir déterminés étant attestés, la quête peut commencer. [...] deux programmes s'entrecroisent: l'un s'y achève, dans le désespoir; [...] l'autre commence dans la fébrilité, s'est la prise de conscience. L'un aboutit à la virtualisation des sujets; l'autre commence par l'instauration. Le désespoir, entre l'effondrement d'un univers où règne le droit e la légitimité, e l'émergence d'un autre univers, où tout est question et contradiction, semble garantir la conversion d'un rôle actantiel à l'autre.⁴³ (1980-19)

Fontanille mostra a relação entre a instauração do “sujeito cognitivo” (mãe) e o “desespero”, graças ao sistema do /saber ser/, um primeiro programa. Depois da angústia, da negação, volta a ânsia (excitação) da tomada de consciência de que o filho é homossexual e a instauração de um sujeito que quer saber.

Graças à revelação, o sujeito desesperado (mãe) sabe que existe alguma coisa a saber sobre o objeto de valor que pensava compreender sem nenhum esforço. Instaure-se assim a “mãe” como um sujeito cognitivo em oposição ao que já se cunhou como “homoignorância”.

A condição dessa tomada de consciência, desse saber que há algo a saber, supõe uma modalização que tenha levado ao “desespero”. O /saber não-ser/ dando suporte à relação sujeito de estado/objeto de valor, isto é, a dupla transformação da /mentira/ em /verdade/ e do /segredo/ em /falsidade/ revela para o sujeito a presença do objeto saber e dá testemunho de sua existência.

⁴³ A presença de objetos de saber determinados estando garantidos, a busca pode começar. [...] dois programas se entrecruzam: um se encontra dentro do desespero; [...] outro começa, dentro da excitação, é a tomada de consciência. Um chega à virtualização dos sujeitos; o outro começa pela instauração. O desespero, entre os fundamentos de um universo onde reina o direito e a legitimidade, e a emergência de um outro universo, onde tudo é questão de contradição, parece garantir a conversão de um papel actancial em outro. (Fontanille, 1980:19 - tradução nossa)

conditions d'instauration du sujet cognitif
(conditions modales du "désespoir")

conditions de virtualisation du sujet cognitif
(conditions modales de l' "espoir injustifié")

A = /secret/ → /vérité/

B = /mensonge/ → /fausseté/

(FONTANILLE: 1980:21)

Essa formulação da modalização cognitiva pode servir como intermediária entre as modalidades veridictórias e as figuras passionais cognitivas, como “a ignorância”, “a curiosidade”, “a ilusão”, etc. E mesmo alertando para a dificuldade de construir um sistema passional, diretamente a partir da veridicção, Fontanille sugere o quadrado a seguir, a partir do /saber ser/:

(FONTANILLE: 1980:21)

Le “désespoir” apparaît comme une figure passionnelle complexe, dont la manifestation peut être dominée soit par la perte des illusions, soit par le désir

de comprendre; [...] Inversement, l'espoir injustifié est fait d'illusion et d'ignorance.⁴⁴ (1980:21)

As mães não sabem o que aconteceu com seus filhos e tentam reequilibrar sua situação cognitiva, procurando compreender o que se passou, sem que tenham se dado conta:

Mãe1 – ***Eu tenho lido muito sobre isso, pesquisado na Internet... Eu sei que deveria conversar com ele...***

Mãe2 – ***Certamente a causa é genética. Eu li na revista que os pesquisadores estão descobrindo, já comprovaram... É uma revista de pesquisa séria...*** (MODESTO, 2008: 134-135)

Mãe3 – ***[...] Minha filha fará 15 anos daqui a um mês e há um ano eu descobri que ela mantinha um namoro com uma menina. Sofri, sofro, chorei tudo que podia e ainda tenho lágrimas pra chorar. Mas lendo o livro, vi que não é escolha... isso é mais forte do que elas.. Me ajudou muito. Eu não sei como será o futuro, tb espero por um milagre... Não aceitei ainda, mas já começo a entender um pouco mais. Queria pra minha filha uma vida “normal”, pois me parece que essa vida não tem nada de fácil, deve ser um desafio diário, tanto pra elas, como pra nós...*** (GPH virtual 10/03/2010 – grifo nosso)

Os livros, revistas, as trocas de ideias, no grupo de pais presencial e pela Internet, são “locais de saber” onde as mães, sujeitos cognitivos além de pragmáticos, buscam adquirir conhecimento (aqui falamos de um saber do tipo sêmi-narrativo).

A busca cognitiva permite que as mães se sintam melhor, pois querem entender o processo:

Mãe – ***Eu descobri o quanto eu era ignorante e preconceituosa no assunto, já me sinto melhor.*** (MODESTO, 2008:135)

⁴⁴ O desespero aparece como uma figura passional complexa, cuja manifestação pode ser dominada, seja pela perda das ilusões, seja pelo desejo de compreender; [...] Inversamente, a “esperança injustificada” é feita de ilusão e de ignorância. (Fontanille, 1980:21 - tradução nossa)

Mãe – *O grupo veio me fortalecer mais... Encontrei outros pais, outras mães, vi que não estou sozinha, há uma troca de ideias, confidências, desabaços e um aprendizado de vida, de amor, de luta e solidariedade...* (MODESTO, 2008:29)

Mãe – [...] *Eu comecei a desconfiar... [...] Até que ele me revelou. Eu me senti aliviada, agora eu podia respirar, havia tirado um peso. Mas isso foi só o começo de uma longa história de sofrimentos...* (MODESTO, 2008:73)

Ainda de acordo com Fontanille, a privação não conduz automaticamente à busca do saber. Isso nos dá dois papéis assumidos pela modalidade do /querer/. Há um primeiro papel actancial que é o do sujeito virtualizado que não quer saber, não quer compreender:

Mãe – *Não adianta você querer fazer a minha cabeça, Eu não quero saber de nada! Não quero entender nada! Eu não acredito que é natural...* (GPH – grupo virtual 25/04/2010)

E distinguimos um segundo papel actancial que se articula ao primeiro. Aquele pelo qual mães e filhos, que sabiam ter o que saber sobre o assunto e não se interessavam por ele, agora são instaurados como sujeitos do desejo de saber, de compreender:

Mãe - *Eu não sabia nada sobre isso... Não me interessava. Os filhos dos outros, tudo bem. Nunca julguei mal, mas quando é na casa de gente é diferente... Agora estou lendo o seu livro, estou aprendendo, já me sinto melhor.* (MODESTO, 2008:135)

Fontanille chama a atenção para a diferença:

**Sujeito virtualizado
(não-querer saber)**

vs.

**Sujeito instaurado
(querer saber)**

(1980:17)

A mãe não queria saber, não se interessava pelo assunto, porque julgava não ser algo que lhe dissesse respeito. Era um sujeito virtualizado e esse papel actancial era correlativo à ausência do objeto. Quando descobriu sobre o filho, ou quando soube da possibilidade de não reversão, tornou-se um sujeito instaurado e, agora, sim, quis saber sobre o assunto. O papel de sujeito instaurado correlaciona-se à presença do objeto.

Ainda de acordo com o pesquisador, a diferença não parece estar limitada à dimensão volitiva. O /querer saber/ pressupõe um conhecimento mínimo do objeto-saber, sobre sua existência. A pessoa não encontra nada, a menos que saiba que há alguma coisa a encontrar. Como no exemplo, as mães estão desesperadas e desejam saber, porque supõem que há alguma coisa a compreender.

[...] Le sujet désespéré sait qu'il existe quelque chose à connaître e à comprendre⁴⁵ (1980:20)

Mãe – [...] *Hoje eu nessa doideira e **querer achar um motivo pra ele ser assim**, desse jeito, pensei, “pronto, foi isso.” Porque eu tenho de achar uma razão eu tenho, tenho, mas não encontro...* (grifo nosso)

Mãe – ***Isso tem de ser pesquisado. Tudo tem uma causa. Não há nada que não tenha uma causa... eu quero saber a causa disso.*** (Grupo presencial – 23/03/2010 - grifo nosso)

Mãe – *Eu olho pra frente e dou uma olhada lá no tempo que se foi, **eu tento encontrar um porque, não acho.** Ele sempre usou óculos e não gostava de esportes, e sempre era o primeiro da sala, era o nerd, mas não um nerd babaca, pq os amigos gostavam dele. E era o mais novinho da sala...* (GPH virtual, 06/02/2010 – grifo nosso)

As mães vão à busca do conhecimento, porque elas querem transformar o inesperado em rotina. Para isso, elas precisam achar uma causa biológica, psicológica, ou querem culpar alguém.

⁴⁵ O sujeito desesperado sabe que existe alguma coisa a conhecer, a compreender. (Fontanille, 1980:20 - trad. nossa)

Mãe – *Quando eu soube do Carlos, as perguntas não queriam se calar: “essa questão vai pra vida toda? Quando começou? Onde eu estava que não pude te salvar? E agora como é a vida de mãe de gay? E agora o que vai acontecer? Entre outras... É uma tortura interna que toma conta da gente...* (GPH virtual, 01/04/2010)

Nessa fase, as mães ainda acalentam sonhos, ilusões de que seja um engano, uma fase, mas, mesmo impulsionadas pela “esperança”, a insegurança as faz querer saber. No exemplo vemos a ligação entre a fase “negação” de que o filho é homossexual e o “querer saber” da fase da ânsia cognitiva:

Mãe – *Eu to no pé, eu quero perguntar, eu quero saber, eu quero uma resposta, eu quero, eu quero, eu quero... Ele não abre a boca!!!! Como vamos ajudar se não abrem aquela matraca, o meu aqui me olha e repete uma e outra e outra “Mamãe, eu não sei...” Que não sabe? Nunca sabe? Quem não sabe de nada sou eu! Eu tento me controlar, eu tento não pensar, eu tento cuidar da minha vida, mas está fora do meu alcance... Se eu souber essa resposta, eu vou aquietar a minha alma, pelo menos pelas próximas 36 horas... Que agonia essa minha... Eu já sei! Eu quero uma resposta concreta dele: “Mamãe, eu me enganei”, porque não adianta, eu não estou me preparando para o pior, eu tenho uma esperança aqui dentro, que ele vai me dizer: “Foi um engano”. (GPH virtual, 05/04/2010)*

4.5 Principais efeitos passionais decorrentes dos conflitos

No decorrer do percurso da rejeição/aceitação da homossexualidade dos filhos, as paixões de descoberta das mães sobre a homossexualidade de seus filhos continuam, sobretudo o desespero, embora, por sua natureza de alta tensividade, essa paixão nunca seja de grande duração. Mas há paixões que perduram durante todo o percurso e, na maioria dos casos, nunca irão desaparecer, como o “medo” e a “vergonha”, paixões relacionadas ao saber, que se mostraram muito importantes por sua constância nos depoimentos de filhos e mães.

4.5.1 O medo e a vergonha

De acordo com Fiorin, Lotman já aventava a possibilidade de uma tipologia das culturas com base em normas, “cuja transgressão é motivo de vergonha e normas cuja obediência é ditada pelo medo. Há uma relação de complementaridade entre esses dois sentimentos: uma norma que é submetida à esfera da vergonha não o é à do medo e vice-versa.” (1981: 237-40).

De acordo com o pesquisador, “o medo também é uma paixão da ordem do saber, mas, ao contrário da vergonha, que concerne ao saber que o outro sabe, ele refere-se ao saber do que o outro pode fazer, sendo o fazer uma conjunção com algo disfórico.”

Além disso, o pesquisador aponta dois tipos de medo: um derivado da possibilidade de uma sanção pragmática negativa – *medo dissuasório* – e outro de uma *performance* vista como ameaçadora. De acordo com o semiótico, “o medo não é um estado de alma que resulta apenas da possibilidade de uma sanção pragmática negativa, mas também uma paixão que acompanha um sujeito de estado na sua relação com um sujeito de fazer, cuja ação seja vista como ameaça.” (1992:57).

Como já visto, o maior medo dos jovens homossexuais em fase de “sair do armário” é o da mãe não os aceitar. No exemplo, temos o “pavor”, acompanhado de consequências físicas, e a “vergonha”:

Filho (15 anos) – *O grande motivo do meu sofrimento e que me motivou a buscar ajuda é que desejo contar à minha mãe sobre mim mas **só de pensar nesta hipótese tenho calafrios de medo de fazer minha querida mãe sofrer. Também tenho vergonha** e receio de que eu possa constrangê-la perante a nossa família.* (GPH virtual, 16/12/2009 – grifo nosso)

Conforme Fiorin (1981), as paixões da vergonha e do medo andam juntas. Ambas são paixões de sanção: a vergonha, fruto de uma sanção cognitiva, o medo, resultado de uma sanção pragmática, ambas negativas.

O sujeito passional sente um “medo dissuasório” que dificulta contar para a mãe que ele é gay: *desejo contar à minha mãe sobre mim, mas só de pensar nesta hipótese tenho calafrios de medo.* O sofrimento da mãe é a sanção negativa

pragmática que o sujeito teme. A transgressão às normas da heterossexualidade que a família espera ver cumpridas causa a vergonha, por antecipação, para o filho e, na opinião dele, também para a mãe. Esse rapaz sabe que está agindo em desacordo com o /dever fazer/ que lhe foi imputado e, de acordo com o seu autojulgamento negativo, seu castigo será o sofrimento de sua mãe. Como vimos anteriormente, trata-se de uma estratégia de manipulação social por intimidação, mas, no caso, a mesma manipulação de quando um sujeito é ameaçado de assistir a tortura de alguém que ele ama. Ele é o gay, mas a mãe é quem sofre e a culpa é dele.⁴⁶ Ao mesmo tempo, ele sente vergonha de que os outros saibam que ele é gay.

Em contraposição, há mães que também sentem medo de contar ao filho que descobriram que eles são homossexuais:

Mãe – Acho que estou medo da reação do meu filho ao saber que eu já sei de tudo... Tenho medo dele sumir de casa, de se matar, sei lá, me passa pela cabeça várias coisas que eu tento de todas as formas não pensar... (GPH virtual, 11/11/2010)

Por hipótese, a mãe avalia a autossanção negativa do filho, a exemplo da dela, como tão poderosa, que ele não aguentará a própria culpa e vergonha.

Por exemplo, pelo fato de a homossexualidade ainda ter origem desconhecida; pelo fato de a homossexualidade ser cercada de crenças negativas, a mãe sente medo, não sabe de onde ele vem, nem sabe do quê:

Mãe – Eu me sinto muito enfraquecida e com um medo terrível! Nem sei bem do quê... Medo de algo muito perigoso, ameaçador... Procuro a ajuda do grupo... (MODESTO, 2008: 100)

No exemplo a seguir, estão insinuados o “medo dissuasório” – medo do julgamento negativo das pessoas que o desvia do propósito de se revelar gay –, e o medo das *performances* intolerantes que o sujeito poderá sofrer por infringir a heteronormatividade que a pequena comunidade, em que ele vive, impõe.

⁴⁶ A relação entre a culpa e a vergonha será vista em capítulo próximo.

Filho (21 anos) - *Minha cidade é mto pequena. Eu não quero ser gay. Tenho 10 irmãos. Já tentei contar pra minha mãe mas ela não quis me ouvir. Não me envolvo com ninguém, tenho medo do que pode e vai acontecer. As coisas não são fáceis...* (GPH virtual, 19/10/2009)

No discurso a seguir, vemos a suposta transgressão das normas de comportamento social para os homens, realizada pelo filho, gerando “vergonha” para a mãe:

Mãe – *Para quem mais eu teria coragem de falar que às vezes tenho vergonha porque percebo nele alguns trejeitos? Pois é, aqui é o meu porto seguro, aonde eu encontro acolhimento e força para continuar minha batalha.* (GPH virtual, 28/08/2009)

No exemplo, a seguir, há o “medo” da sanção negativa de uma mãe que respeita a orientação religiosa e as normas da comunidade judaica:

Filha (19 anos) – *Eu até pensava em contar pra minha mãe, mas eu tinha medo e vc deve saber como são as mães judias e tudo mais, e minha mãe vem de uma família, onde seus avós eram religiosos e etc. etc. etc...* (GPH virtual, 27/10/2005)

No discurso, o garoto (filho1) tem medo de ser abandonado pela mãe:

Filho1 (15 anos) – *Eu não tenho forças pra contar pra minha mãe que sou gay. Eu queria muito ajuda pq não sei como contar a ela. Eu preciso contar, mas tenho medo dela me abandonar.* ((26/05/2010)

De certo modo, no exemplo a seguir, as consequências somáticas do medo (depressão) são imputadas à mãe, como sujeito de uma performance intolerante, por não dar apoio ao sujeito fragilizado, deixá-lo sozinho: [...] *tenho mto medo de ficar sozinho, sem apoio. Estou me sentindo muito impotente e desprotegido. Eu acho q vou enlouquecer.*

Filho2 – (20 anos) *Estou com um pouco de medo pq, antes de eu me aceitar eu entrei em depressão e estou sentindo q está voltando, tenho medo que aconteça algo, que eu volte a ter crises de pânico. Se minha mãe não me entender, eu não sei o que vou fazer. Estou pensando em estudar para ser padre pq assim terei q ser casto e não pensarei mais em sexualidade, tenho mto medo de ficar sozinho, sem apoio. Estou me sentindo muito impotente e desprotegido. Eu acho q vou enlouquecer.* (GPH virtual, 18/09/2006)

O depoimento também manifesta que o mesmo ator (filho) figurativiza dois actantes: ele é o sujeito de estado que está em relação com um sujeito de fazer (ele mesmo), cuja ação (ser e viver como homossexual) é vista como uma ameaça: *Estou com um pouco de medo pq, **antes de eu me aceitar** eu entrei em depressão e estou sentindo q está voltando.* E vemos que alguns filhos também somatizam as paixões negativas, como suas mães: *tenho medo que aconteça algo, que eu volte a ter crises de pânico.*

Se a mãe (destinadora-julgadora) não o aprovar como é, S2 pensa em ir para o seminário, para se proteger do perigo imaginário: *Estou pensando em estudar para ser padre pq assim terei q ser casto e não pensarei mais em sexualidade,* O sujeito construiu um simulacro do destinador da sanção (mãe) muito poderoso e capaz de dar-lhe apoio para ir contra a norma social que sabe existir. Se ele não tiver o /poder ser/ e /poder fazer/ dado pela mãe (destinador), o sujeito irá para o convento, abdicará de sua sexualidade, pode voltar a sofrer crises de pânico e pode enlouquecer.

Nesses discursos, fica patente que a “figura significativa” do homossexual, que está sendo construída – e que representa e reforça o estereótipo que foi construído no nosso espaço sociocultural –, é ainda fluida, mesmo para o próprio jovem gay (Filho2): é uma “figura marginal”, uma “identidade” bem longe da integração sociocultural. Nesse discurso temos a possibilidade da “negação da diferença” feita pelo próprio sujeito diferente. Ele mesmo planeja se esconder no convento, numa autosegregação.

Na fase de “sair do armário” o maior medo é a não aceitação das mães. Nos discursos a seguir, os sujeitos (filhas) temem a sanção negativa das mães (destinadoras):

Filha (21 anos) - *Eu tenho medo de me assumir pra minha mãe, pq ela é religiosa e vê homossexualidade como uma coisa abominável!* (GPH virtual, 09/04/2010)

No exemplo, a filha teme a sanção cognitiva negativa e a performance intolerante, da mãe:

Filha (18 anos) - *Tenho receio de procurá-la e ser maltratada por ela. Que ela me fale palavras grosseiras e iradas, tenho medo dela me maltratar, minha mãe tem a língua afiada e muita raiva pelo fracasso em ter uma filha que envergonha ela.* (GPH virtual, 29/08/2006)

Nesse segundo exemplo, o sujeito teme o julgamento negativo e as ações ameaçadoras. Como vimos a violência doméstica contra jovens homossexuais é muito frequente no nosso país.

No discurso a seguir, o sujeito sofre um medo tenso e extenso pois está sendo manipulado, e o discurso insinua uma manipulação cruzada, pela intimidação:

Filho (16 anos) - *Tenho muito medo. Medo porque quando contei, nós brigamos muito... e dela pra cá, é bem difícil olhar minha mãe nos olhos. É como se fôssemos dois desconhecidos íntimos. Ambos evitam olhar olho no olho e isso tem dificultado até as conversas mais banais. Enfim... prometo tentar conversar, mas eu ainda não perdi o medo de não ser aceito...* (GPH virtual, 03/04/2007)

Há um constrangimento que se percebe na relação entre os sujeitos. O filho teme perder o amor da mãe, ser rejeitado; a mãe sente o medo da tomada de consciência de algo negativo: o filho que ela ama é realmente homossexual. Nesse discurso, são retomadas as estratégias de negação, de ambos os lados: não somente não se falam, também não se olham.

Não olhar para as pessoas também surge como uma estratégia para não desvendar a verdade e não se expor à vergonha, por isso o constrangimento: a mãe, destinadora-julgadora, e o filho, destinatário, reflexivamente, sancionam-se cognitivamente de modo negativo, respectivamente, por ser mãe de um

homossexual, por ser um filho homossexual. Nessa interação, o filho construiu o simulacro da mãe como de uma destinadora da sanção negativa e de um antissujeito, que não o ama incondicionalmente, descumprindo o simulacro de contrato; a mãe construiu o simulacro do filho como o de um antissujeito que traiu o contrato simulado de heteronormatividade.

Mãe - [...] *Conversei com duas amigas... muito especiais... Mas que não tem filhos homossexuais... (chorando) Isso me constrange perante elas... Eu fico envergonhada... Estou pensando em me mudar da minha cidade... embora não seja uma cidade tão pequena... mas... eu não consigo olhar pras pessoas...* (GPH, encontro presencial, 30/03/2009)

No exemplo, a vergonha que a mãe sente por ter um filho homossexual, hipoteticamente pode apontar para uma culpa, seguramente para um sentimento de baixa autoestima: *Conversei com duas amigas... muito especiais... Mas que não tem filhos homossexuais... (chorando)* As amigas são melhores mães do que ela, pois seus filhos não se tornaram gays.

No discurso a seguir, temos o medo de uma *performance* vista como ameaçadora contra o filho.” A mãe teme o desconhecido: [...] *eu me sinto em perigo todo o tempo...*

Mãe – *Quando ele sai à noite, eu não durmo, enquanto não volta... É horrível! Eu sei que tem gente que bate, machuca e até mata eles... Eu me sinto em perigo todo tempo...* (MODESTO, 2008:100)

Mas o medo das mães também pode vir da possibilidade de um sujeito de estado (seu filho) na sua relação com um sujeito de fazer (outro gay), cuja ação seja vista como uma ameaça:

Mãe – *Certo dia, meu filho me pediu pra sair com um coleguinha da escola. Eu deixei, mas fiquei com medo que fosse alguém da Internet, alguém mais velho... Eu fiquei aterrorizada e o segui...* (MODESTO, 2008:101)

A mãe não confiou no filho, imaginou que ele a estivesse enganando. Nessa insegurança, o sujeito (mãe) assume o /saber/ negativo sobre o mundo gay e, desprovido de modalização contrária, sente-se inseguro e apavorado sobre possíveis performances intolerantes que o filho possa sofrer. O /não-saber/ gera insegurança e aumenta o medo:

Mãe - O temor que senti pode ter sido aumentado pelo desconhecimento do mundo gay. As mentiras e verdades que escutamos a vida inteira tomaram conta do meu pensamento de forma obsessiva, eu não conseguia pensar em outra coisa. (MODESTO, 2008:100)

A mãe se reportou ao preconceito anterior à descoberta de que seu filho é gay: *As mentiras e verdades que escutamos a vida inteira tomaram conta do meu pensamento de forma obsessiva, eu não conseguia pensar em outra coisa.* Esses medos estão muito próximos a uma reprovação implícita, uma sanção cognitiva, que gera a vergonha. (1992: 58-59). Não é só “vergonhoso ser apontado como ladrão, como corrupto, como sonegador, etc.”; também é vergonhoso ser apontado como gay e como mãe de gay.

Filho (22 anos) – Eu tinha vergonha de ser homossexual, eu tinha medo da reação das pessoas também. Ainda tenho. Com 5, 6 anos, eu já percebia que não era igual aos outros meninos. (MODESTO, 2006:78)

O filho tem vergonha porque se julga negativamente e medo de ações intolerantes.

Mãe – [...] Eu tinha medo de tudo. Meu medo era tão grande que eu achava que eu poderia cercar o mal se eu soubesse de cada passo dele. Hoje, vejo que quase o asfixiei com os meus medos, com a minha marcação exagerada. [...] (GPH virtual, 22/09/2009)

O “temor” da mãe, paixão menos tensa e mais extensa do que o medo, é produto das circunstâncias e está relacionado a acontecimentos difusos por vir, objetos de

saber que mobilizam a espera. Esse medo impulsionou ações que hoje ela sabe que não foram de benquerer.

No exemplo, o medo de que o filho fique efeminado:

Mãe – Tenho muito medo que ela descubra que não gosta de meninos e sim de meninas, sinceramente não sei o que vai ser de mim quando chegar esse dia. (GPH virtual, 31/03/10)

No discurso anterior, vimos o medo da “espera” de que a filha seja lésbica. Medo de algo que o sujeito suspeita que possa acontecer e sabe das consequências negativas disso. A angústia e o medo, muitas vezes, também andam juntas.

Mãe – [...] Eu fico observando com medo... Medo de que ele fique efeminado, tenha trejeitos... Por que isso, meu Deus? Quando vai passar? (GPH – encontro presencial em 03/05/2008)

No exemplo, o medo de performance negativa do filho (ser efeminado) e medo da vergonha se misturam.

A seguir, depois da aceitação, o medo que as mães sentem das DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis – e AIDS é muito grande, produto do preconceito, que as faz pensar que ser homossexual é ser promíscuo e descuidado.

Mãe – [...] Será que é paranoia minha? Toda vez que meu filho adoecer, me dá um gelo na barriga e só consigo pensar que ele está com a imunidade baixa pode ser... AIDS!!! (GPH virtual, 04/12/2009)

Elisabeth Harkot-de-La-Taille (1993), em seu trabalho sobre a vergonha, aproveita observações de Greimas e Fontanille (1991:89) sobre o sentimento do ciúme e diz que a construção da “vergonha” “requer, [...] antecipadamente, o estabelecimento dos microssistemas patêmicos, no fundo dos quais o seu dispositivo específico se delineia.”

Nessa construção de simulacros existenciais, a “vergonha” está na confluência de uma *paixão identitária* (a imagem virtual que tenho de mim; e

avaliação que faço dessa imagem) e uma *paixão coletivizante*, (a imagem que eu consigo projetar socialmente e a avaliação da sociedade que me influencia como pessoa). (1993:201-202). Assim, podemos dizer que a “vergonha” é uma paixão cognitiva, estreitamente relacionada a julgamentos intersubjetivos e sociais, isto é, à moralização. A vergonha é um sentimento que se relaciona à honra. Ter um filho diferente da maioria, principalmente quando a diferença é relacionada à sexualidade, é desonroso, na nossa cultura.

Inspirada nas duas formas de ciúme apontadas por Greimas e Fontanille (1991:89), ciúme *retrospectivo* e ciúme *prospectivo*, a pesquisadora afirma que “O percurso da vergonha tem como característica ser orientado pela perspectiva do sujeito patêmico: a vergonha pode ser vivida de duas formas diferentes, dependendo do acontecimento que a traz à tona ser-lhe anterior ou posterior”:

A primeira forma de se viver a vergonha prospectiva – viver esse sentimento de saber de uma desonra, por antecipação a um fato que a desencadeie – relaciona-se a um sentimento de inferioridade diante de alguém ou de um julgamento negativo em relação àquilo que o sujeito construiu pra ele como positivo.

Por exemplo:

Mãe – Hoje, pensando no passado, eu lembro que ele era diferente de outras crianças e teve um tempo que fiquei preocupada com isso. Mas logo me animei, pois ele parecia ter melhorado, estava mais parecido com os colegas... Me esqueci disso. (GPH virtual, 30/01/2008)

De acordo com a pesquisadora, a vergonha anterior ao acontecimento determina uma conduta emocional de receio de expor-se e de angústia pelo que pode acontecer ao sujeito (1999:26).

Nos discursos a seguir, as mães sentiram a o medo de sentir vergonha, isto é, perceberam a vergonha por antecipação, pois já sabiam que seus filhos eram homossexuais. Percebe-se aqui o receio de que aconteça com elas o que viram e sabem que pode acontecer. É o receio de serem expostas, de serem ridicularizadas pelos outros.

Mãe – *Contaram pra mim que viram meninas se beijando e que aquilo foi constrangedor, que foi feio e nojento assistir aquilo, eu ouvi calada e não consegui emitir sequer um comentário... não consegui defender a classe, me calei, me envergonhei, fiquem pensando, **imaginem quando souberem da minha filha dirão a mesma coisa...*** (GPH virtual, 04/12/2009 – grifo nosso)

Mãe – *Eu percebia nas atitudes... eu já sofria por antecendência, **já sentia a vergonha que ia passar...** Ele não gostava dos brinquedos dos meninos, gostava de bonecas, queria boneca. Veja o meu sofrimento... Eu comprei escondido uma boneca e dei pra ele brincar. Ele penteava o cabelo da boneca e eu chorava, depois guardava pra ninguém ver. Depois, cresceu e só tinha amigas. Ele dizia que as meninas são mais inteligentes... Depois veio a fase do namoro e ele arrumou uma namorada... Eu estava toda feliz, contando pra todo mundo que ele estava namorando... Esqueci rapidinho disso tudo. Hoje, dá um alívio poder dividir com vocês e não ter a vergonha de ser mãe de gay.* (GPH virtual, 25/08/2009 – grifo nosso)

No discurso, a mãe já desconfiava da homossexualidade do filho e ficava angustiada com a perspectiva de ser avaliada negativamente e ridicularizada pelas outras pessoas. Ela previa a vergonha que sentiria. Vemos aqui que esse sentido da vergonha vai se formando e essa paixão disfórica aparece como uma configuração patêmica simulada, uma paixão que vai sendo construída na interação entre os atores e que não são “relações intersubjetivas reais” e preexistentes ao ato de comunicação. (Fiorin, 1992:55).

No discurso a seguir, fica patente a angústia de se perceber inadequada socialmente (mãe de gay) e o medo da vergonha de ficar exposta à maledicência das pessoas:

Mãe – ***Eu acho que o pior de tudo é a vergonha! Acho que temos vergonha do que as pessoas vão falar por trás! Pq ninguém fará nenhum comentário na nossa frente! Acho que todos vão fazer cara de paisagem! E vão mostrar uma naturalidade que é de mentira e sabemos que quando virarmos as costas, nós e nossos filhos seremos um prato cheio pras fofocas!*** (GPH virtual, 24/08/09, grifo nosso)

Vários depoimentos mostram que a vergonha se forma no encontro de outras duas configurações (1999:27):

- Inferioridade – o sujeito não consegue alcançar a imagem positiva que criou para si;
- Exposição – o sentimento de estar exposto diz respeito à relação do sujeito com o seu universo socioletal.

De acordo com Elisabeth de La-Taille, essas “duas vergonhas” possuem em sua base uma mesma configuração passional, camuflada por variações de perspectiva. Nos discursos a seguir, vemos sujeitos fragilizados, angustiados, confusos com sentimentos de “inferioridade”, “medo” e “vergonha” da exposição.

O filho se mostrar efeminado publicamente exemplifica essa configuração em suas perspectivas: a angústia e humilhação da mãe, paixões relacionada a um sentimento de inferioridade, a vergonha dos outros e o medo da exposição:

*Mãe – **Fico em pânico** quando vejo meu filho falar com trejeitos na frente de pessoas preconceituosas, **tenho vergonha**, sim, prefiro que ele não fale, **fico aflita**. Uma vez vi um namorado da minha filha rindo do meu filho por causa dos trejeitos, **ai como me doeu**, tanto que fiquei muda, não falei nada diante da petulância dele. Ai como é difícil confessar isso, mas é o que sinto... Aliás, é muito difícil confessar que nossos filhos têm trejeitos, mas a verdade é que a maioria tem, só que não queremos ver, admitir. Eu acho que o meu filho tem trejeito, sim, e confesso que tenho vergonha. Que horror, preciso melhorar, preciso aprender a não ter vergonha disso, porque sei que não é de propósito, é uma característica. (GPH virtual, 26/05/2010 – grifo nosso)*

Alem disso, o discurso manifesta o sofrimento da mãe, pela pesada ação de malquerer (zombar com riso) do futuro genro.

O sujeito (mãe), no discurso a seguir, fala da relação sujeito/universo socioletal para justificar a própria vergonha:

Mãe – *Amigas, eu acho que não é uma vergonha estúpida que a gente sente, porque foi algo que nos foi passado desde que a gente anda por esse mundo. É natural o que a gente sente...* (GPH virtual, 24/05/2010)

No discurso a seguir, a mãe relata o percurso narrativo-passional que trilhou, externa o medo do que possa acontecer no futuro e relaciona a vergonha ao preconceito, mas o discurso manifesta um sujeito que escolheu o caminho da aceitação:

Mãe – *No primeiro momento, eu senti uma muita tristeza e muita raiva! Depois passou. No segundo momento, eu senti medo, muito medo do que ela poderia sofrer. Esse medo está passando! Ainda não passou totalmente, mas está passando! Pq sei que posso contar com vcs... Esses sentimentos estão à flor da pele! E é por isso que são os primeiros a chegar e também os primeiros a irem embora!!!!*

Mas os últimos sentimentos estão chegando agora! Demorou porque estavam escondidos no meu subconsciente e eu não os conhecia! São a vergonha e o preconceito! A vergonha de ser mãe de gay, eu penso que nasce com a gente! Estou feliz por eles estarem aflorando! Porque assim como a tristeza a raiva e o medo eles também irão passar! (GPH virtual, 27/08/2009 – grifo nosso)

No discurso, vemos claramente um percurso passional e, nele, a influência da relação entre o preconceito assumido (denotado) do sujeito vs. o preconceito que está de acordo com o /saber/ e /crer/ do nosso quadro de valores.

De acordo com Elisabeth de-La-Taille, a vergonha estabelece uma divisão interna do sujeito;

- a) Ele realiza uma *autossanção* negativa;
- b) Ele está sob a sanção do outro e a encampa.

O sujeito fica envergonhado, porque crê no modelo construído do que ele deve ser (uma imagem-fim), mas percebe que não consegue atingir aquela imagem virtual. Além do autojulgamento, ele “elege o juízo do outro como legítimo para julgar, negativamente, a imagem de si que consegue projetar.” (1999:25).

No entanto, a pessoa homossexual, sujeito destinador que se encontra num estado de não ser aprovado pelo destinador, é o filho. Por que os pais teriam vergonha? A autossanção negativa implica em culpa. E porque encampar a sanção de outro que não foi dirigida a ela? Mais uma vez encontramos essa ambiguidade subjetiva: mãe e filho, atores, se confundem como um só actante narrativo a ser sancionado negativamente por um arquidestinador-julgador. De acordo com o saber e crença comuns: se o filho for homossexual, a culpa é da mãe, a vergonha é da mãe. A mãe sanciona negativamente o filho; a sociedade sanciona negativamente os dois.

Por exemplo:

Mãe – *Meu filho foi estudar nos Estados Unidos. No fundo eu sei que quisemos ficar longe dele... Fazer o quê? É preferível isso do que a gente com esse problema na frente da gente o tempo todo... as pessoas falando...* (MODESTO, 2008:132)

Em:

Filho (17 anos) – *Eu sinto que minha mãe tem vergonha de mim, **vergonha de ter um filho diferente do padrão que ela sempre teve. Burro e viado, quem quer, né?*** (entrevista gravada e transcrita em 05/02/2010 – grifo nosso)

O garoto, sujeito discursivo, sabe que a vergonha que a mãe sente por ele ser gay é uma consequência dela estar de acordo com o quadro de valores vigente, isto é, a mãe concorda com as regras sociais da heteronormatividade e ele também: **Burro e viado, quem quer, né?**

4.5.2 A inveja

De acordo com Greimas e Fontanille (1993), se pensarmos na modalização dos sujeitos e, principalmente, naqueles sujeitos de estado que podem ser afetados pelas paixões, de início já perceberemos dois tipos de modalizações dos destinatários:

- Alguns foram modalizados em função de valores modais investidos nos objetos;
- Outros foram modalizados para que tenham competência para um fazer.

De acordo com os mesmos semioticistas, “É evidente, por exemplo, que o sujeito da ‘inveja’ é puro sujeito de estado que só se torna sujeito modal por intermédio do querer-ser veiculado pelo objeto de valor, ou mesmo, eventualmente, pela mediação do rival; não é necessário para compreender a inveja, contar com uma competência *stricto sensu*,” (1993:51).

Ainda com Greimas e Fontanille, há duas formas de se entender “inveja”: em primeiro lugar, a relação de objeto, isto é, um “sentimento de tristeza, de irritação ou de ódio que nos anima contra quem possui um bem que não temos”, um desejo de possuir o bem do outro e uma relação polêmica com o outro sujeito; em segundo lugar, “o desejo de gozar de uma vantagem, de um prazer igual ao de outrem” (1993: 176).

No discurso a seguir temos claramente a relação de objeto, isto é, o sentimento de decepção, tristeza e o desejo de possuir um bem que outros sujeitos possuem:

Mãe – [...] *Eu estava no auge da corujice (ele havia entrado na USP sem cursinho) quando ele me contou que era gay. Meu mundo caiu! Quando as pessoas vinham me dar parabéns, eu pensava: “De que adianta se ele é gay?” Era como se esse fato invalidasse todas as suas qualidades. De invejada, eu passei a invejosa, principalmente quando via os filhos das amigas namorando (meninas), mesmo que fosse aquele filho problema, não estudasse, não trabalhasse e ainda fumasse uma maconhinha* (GPH virtual, 13/05/2009)

A mãe deveria estar envaidecida (*corujice*) pelo filho ter entrado na USP sem cursinho. Mas o fato de ele ser homossexual “invalidou” que ela tivesse esse prazer. O prazer da mãe seria que o filho tivesse a qualidade de ser heterossexual, e como tal, “namorasse meninas”. Numa relação polêmica, ela queria ter o prazer que as amigas usufruíam e ela não. Nesse discurso já se

percebe a configuração genérica da “rivalidade”, “concorrência”, “competição” em [De invejada, eu passei a invejosa, principalmente quando via os filhos das amigas...].

De acordo com Greimas e Fontanille,

Notar-se-á a existência de uma relação polêmica arquetipal, eventualmente organizada em torno de um objeto (essa “alguma coisa”), mas, com mais frequência, em torno de uma qualificação dos sujeitos (a superioridade), que poderia ser interpretada como resultante de uma comparação entre competências modais. (1993:174)

E mais do que a rivalidade por um objeto, compara-se a competência entre os sujeitos. E o saber-ser/saber-fazer e poder-ser/poder-fazer das mães heterossexuais pode ser visto como “mérito”, no julgamento ético de suas competências.

De acordo com Greimas e Fontanille, “o mérito de um sujeito é apreciado no conjunto do seu percurso: avalia-se sua maneira de fazer, sua maneira de ser, sua conduta, e não apenas o resultado obtido”.

Assim definido, o mérito parece repousar nos mesmos efeitos modais que a paixão: ele é uma forma da competência, e não se esgota na realização da *performance*, não é reconstruído por pressuposição a partir da competência; aparece como “excedente modal” caracterizando o ser do sujeito alguém ou além da competência requerida pela realização do programa. (1993:175)

Desse modo, não se trata somente de uma rivalidade em que se vê delinear a heterossexualidade como um “ser” e “agir” positivos, um PN aprovado e desejado pelo sujeito. No dizer de Greimas e Fontanille, trata-se de uma “emulação”, uma rivalidade a que se mescla um componente ético, pelo qual o “ser” dos sujeitos é a questão central.

As questões que nos apareceram implícitas nos depoimentos foram: “Que filho é esse que é homossexual? Que mãe é essa que criou um filho homossexual?”

Assim, no discurso, manifesta-se uma rivalidade, uma competição, que não são tratadas como “situações”. No discurso analisado, o sujeito 2 (amigas) é o sujeito de referência, o modelo que S1 (mãe) precisa alcançar. Há um limiar de competência a atingir por S1 (mãe), demonstrando um processo incompleto, frustrado, o da mãe em relação ao das amigas, por isso altamente passional: “Como elas conseguiram um filho heterossexual e eu não?” Paralelamente, “Como esse garoto conseguiu ser heterossexual e meu filho não?”

No discurso a seguir temos paixões desencadeadas pela inveja:

Mãe - (...) *eu não consigo olhar pras pessoas... pra minha mãe... pra minha irmã... pros meus sobrinhos... (chorando) me dá raiva da minha irmã ter filhos com namorada... com netos... eu nunca vou viver isso... (chorando) estou MUITO, MUITO, MUITO, revoltada (chorando)... eu não vejo mais sentido em viver mesmo... não quero saber de mais NADA... Raiva dele [do filho], eu sinto... eu sinto pena... [...]* (GPH: encontro presencial, 30/03/08)

No discurso, aparecem os sentimentos de “irritação”, “raiva”, “revolta” “rancor” (um sentimento de raiva estendida) contra alguém (S2), que possui um bem que S1 (mãe) queria ter, mas não tem, a paixão da “inveja”. Ao mesmo tempo, ela sente a raiva do filho que descumpriu o contrato, mesclada ao sentimento de pena, entendida como piedade, compaixão, dó.

Outro exemplo:

Mãe – [...] *Nem falo de um adolescente que mora em uma das casas da rua, vive jogando bola, andando de bicicleta ou conversando com porteiros e seguranças. Estranhamente, peguei esse rapaz pra Cristo, tenho um sentimento de inveja e raiva dele. Inveja porque o meu filho nunca fez esse tipo machinho e raiva por ele ficar se exibindo pra mim que é um machinho, como eu gostaria que meu filho fosse. [...]* (GPH virtual, 07/01/2010)

O discurso acima enfatiza uma das formas da inveja: o sentimento de raiva de um sujeito pelo outro, que possui um bem que ele não tem. O sujeito mãe externa literalmente esse sentimentos, “inveja” e “raiva” e explica os motivos desses sentimentos: “[...] *tenho um sentimento de inveja e raiva dele. [...]* A “inveja” como

uma relação de objeto, isto é, a) um sentimento de inveja e raiva contra a outra mãe que possui o filho heterossexual que ela não tem, portanto um antissujeito, e b) o desejo de ter o orgulho e o prazer de ter um filho heterossexual, como ela tem. (1993: 176)

No discurso, o narrador (mãe) orienta a narração, pelo ponto de vista de S1 (filho) e focaliza o rival (o garoto do vizinho). Assim, focalizar o garoto e não a mãe dele diminui a inveja e aumenta a raiva; focalizar o prazer da outra mãe de ter um filho heterossexual aumenta a inveja e diminui a raiva. Há um dispositivo actancial subjacente instável e a intensidade da rivalidade ou do desejo do objeto oscilam entre si.

4.6 Percursos de rejeição das mães a seus filhos homossexuais

Os lexemas “rejeição”, “exclusão”, neste trabalho, fazem parte de um campo semântico relacionado a mães e a famílias de origem que não aceitam seus filhos e filhas homossexuais e passam por processos de rejeição, nem sempre reversíveis, e, finalmente, podem chegar à rejeição por exclusão desses filhos, atores discursivos. Vimos que mães também podem ser “seres malevolentes”.

A perda da confiança no destinador e de seus objetos de valor levam ao desespero. A mãe desesperada, sente uma falta tensa, e entra em fase de negação de que o filho é homossexual, tentando uma reversão. Como vimos, as ações de negação desconsideram o ser do sujeito, desrespeito que já as qualificam como ações de malquerença. A mãe, desesperada, sente “irritação”, “raiva”, “ódio”, como disposições hostis, que podem ser realizadas por palavras e outras ações de revolta e vingança. Assim, as paixões de malquerença levam a atos de intolerância. Na sua maior parte, as mães se arrependem do que fizeram⁴⁷ e poucas relatam atos de rejeição aos filhos.

Mãe – ***Passei do desespero, do choro, da frustração para a raiva e, com certeza, falei coisas das quais me arrependo. Falei palavras que eu nunca tinha dito...*** (Modesto, 2008:105 – grifo nosso)

⁴⁷ A culpa e o remorso serão vistos em item próximo.

Mãe – [...] *Certos de que era falta de limites, insubordinação, tiramos tudo que era dele, computador, celular, proibimos os amigos, sair de casa a não ser para a escola, vigiamos os amigos...* Eu nem posso me lembrar disso (chorando) (GPH presencial, 13/14/2006)

4.6.1 “Políticas de exclusão”

De acordo com o pensamento de Landowski⁴⁸, o que separa o grupo de heterossexuais, no caso, o grupo de referência, do grupo de homossexuais, como transviados,

não é pura e simplesmente, nem uma diferença de substância produzida por disfunções sociais, nem mesmo alguma heterogeneidade preestabelecida em natureza (com o risco de que as disfunções em questão tenham por efeito acentuá-la) e que, impondo-se como dados de fato, bastariam para demarcar as fronteiras entre identidades distintas. Na realidade, as diferenças pertinentes, aquelas sobre cuja base se cristalizam os verdadeiros sentimentos identitários, nunca são inteiramente traçadas por antecipação: elas só existem na medida em que os sujeitos as constroem e sob a forma que lhes dão. (2002:12)

A produção da diferença é um processo complexo que mobiliza dois planos. No caso dos homossexuais, o primeiro, de ordem referencial, seria descrito em termos biológicos e passionais (eles se sentem atraídos sexualmente e afetivamente por pessoas do mesmo sexo) e, em termos sociológicos, (eles são considerados pessoas de segunda classe). Mas essas diferenças “objetivas”, semioticamente, não bastam. Segundo Landowski, “é preciso, além disso, que as distinções “constatadas” se tornem, de uma maneira ou outra, *significantes*.” (2002:14) É isso que nos permite passar para um segundo plano propriamente semiótico. A figura do homossexual na nossa sociedade é construída por operações de seleção e investimento semântico dos traços diferenciais, escolhidos entre outros possíveis, a partir de trocas entre sujeitos ou trocas coletivas, vivenciadas no dia-a-dia, em casa, no trabalho, nas escolas, nas

⁴⁸ Ver o modelo de Landowski de “formas de interação com o outro”, nesta tese, em 1.3 Preconceito e Intolerância.

igrejas, através de fofocas, de piadas contadas nos bares, etc., com a ajuda das mídias, e que “estará em vigor temporariamente ou duradouramente no nosso espaço sociocultural” (2002:13).

O que faz com que os homossexuais sejam “os outros”, para alguns brasileiros, diz respeito às leis da genética: “a diferença é um fato da natureza, pois eles nascem assim.” Para a maioria, trata-se de um fato da sociedade: “eles fazem parte de um grupo de pessoas sem caráter, que escolheram ser safadas e produtos de um modo de educação, de socialização, defeituosos”. (ver anexos da introdução) E essas distinções tornaram-se *significantes*, passíveis de construir um universo de sentido e de valores, no qual os homossexuais foram estigmatizados. (Landowski, 2002:14).

De acordo com o pesquisador, um grupo social é formado pelo “nós”, cujos integrantes o pesquisador denomina “Sr. Todo Mundo”, e pelo “outro”, identificado por uma alteridade que o define e da qual ele se orgulha ou que renega. No caso de pessoas com diferente orientação sexual, podemos falar de dois grandes grupos: os heterossexuais, a maioria, portanto o “um”, aquele que é “como todo mundo”, e os homossexuais, a minoria, portanto “o outro”, o diferente. Esse “um” e o “outro” pelo que vimos são concebidos socialmente como oposições categóricas, isto é, os heterossexuais e os homossexuais, de modo geral, na nossa sociedade, ainda não admitem entre eles igualdade, semelhança ou acordo. (ver anexos da introdução)

Nesse caso, o que a maioria dos heterossexuais pode “dizer”, através das práticas semióticas – discursos e estratégias intersubjetivas – ao homossexual limita-se a discursos de “assimilação radical”, como todos que desenvolvem a temática da reversão: “você vai tornar-se alguém como nós”. E a reversão seria “conseguida”, no nível do parecer, através de terapias, tratamento psicológico, tratamento médico, religião, etc., estratégias que vimos expressas nos textos, na “fase da negação”, pelas mães de homossexuais.

Filho – (15 anos) [...] *Agora, todas as noites minha mãe vai para o meu quarto e me obriga a escutá-la lendo a Bíblia. Depois, liga a TV e me faz assistir o Show da Fé.* [...] (GPH virtual, 06/11/2006)

Filha – (16 anos) [...] *Me puseram na psicóloga e estão falando em tratamento de hormônios...* (GPH virtual, 25/07/2009)

Além disso, o que o heterossexual pode “dizer” ao homossexual e que está nos depoimentos de “rejeição”? “Fique no seu lugar, já que você nunca será como nós”. E o máximo de aceitação, que se vislumbra nos depoimentos, realizada por outra grande parte das pessoas, são as ações de “segregação”.

Como, por lei, na nossa sociedade, os homossexuais não são condenados à morte – apesar de, como vimos nos textos do “anexo”, um grande número deles ser assassinado, nos crimes de homofobia –, e não há guetos propriamente ditos para eles, há graus de exclusão e eles são figurativizados por graus de marginalização e outros castigos, nos discursos e nas práticas semióticas: jovens gays e lésbicas sofrem violência doméstica, física e psicológica, jovens são expulsos de casa, jovens são discriminados nas escolas, segregados nas ruas de gays, igrejas de gays; boates de gays; saunas de gays, etc.

Poucos são os discursos de “aceitação”, isto é, a aceitação por “agregação”, isto é, de respeito às diferenças, considerando que diferença não é desigualdade.

De acordo com Greimas, há zonas de transição, isto é de *passagem entre os contrários* denominados espaço dos “subcontrários”, portanto, estamos falando em processos. (s/data, 162 a 164) Essas “zonas de transição” são organizadas por políticas de “segregação”, que negam soluções extremas, como a “rejeição” por “exclusão” e fazem parte de uma “não rejeição”.

Ser diferente é um componente perturbador e faz com que o grupo de heterossexuais, de certa maneira, coloque à parte o grupo de homossexuais, gerando uma instabilidade tensiva entre os polos de “assimilação” e “rejeição”. É essa incerteza, essa sensação de ameaça, de quem tem de se manter na tensão entre as duas posições categoriais, *assimilação* e *rejeição*, que percebemos nos discursos das mães e dos filhos. Nos discursos das mães, no final do percurso passional, entre vários caminhos, o mais comum é vermos o jogo dos subcontrários: “não mais assimilar”, não querer mais tornar o filho gay um heterossexual, e “não mais rejeitá-lo”.

4.6.2 Paixões de malquerença e atos de intolerância

No exemplo a seguir, o sujeito apaixonado torna-se sujeito de fazer e o investimento figurativo irá proporcionar a isotopia na qual esse fazer se inscreverá. O discurso manifesta o processo entre os contrários “assimilar” e “excluir”, mas mais segrega, do que admite, e é eivado de sentimentos e atos de discriminação (intolerância). O sujeito (filho) está muito próximo da exclusão.

Tanto a “segregação” (afastar o diferente, aceitando que conserve suas características) ato de não malquerer, quanto a “assimilação” (tornar o diferente um igual à maioria), ato de não benquerer, são modos de “rejeição”.

Primeira parte:

Filho (26 anos) – Dois anos depois de ter contato a ela (mãe), contei aos meus dois irmãos, mais velhos do que eu (um médico e o outro engenheiro mecânico) que de início foram compreensivos também, aos poucos foram colocando restrições. Só para ilustrar, tive um namorado/companheiro por 3 anos e eles não admitiam que nós aparecêssemos diante deles, mesmo em ocasiões especiais como o Natal, “Dia das mães” ou nos dias em que eles se casaram. A “solução” encontrada pela minha mãe foi “permitir que eu escolhesse” um dia para almoçar ou jantar com ela, ficando o outro dia “reservado” para os meus irmãos... Desde então, a nossa relação tem se deteriorado bastante, uma vez que, do meu ponto de vista, já se passou tempo mais do que suficiente para eles aceitarem a ideia. Sim, é triste. Meu irmão do meio tem um filho de 2 anos que eu não conheço... [...]

Nessa primeira parte do depoimento, temos um exemplo claro de segregação. Esse fazer se inscreve no investimento da isotopia figurativa (festas, almoços, jantares, familiares) do tema da familiaridade:

- a) Os irmãos, não “admitiam” que o irmão homossexual e seu companheiro convivessem com eles, nem nas festas de Natal (festa importante para a família cristã.), separando-o da família.
- b) A mãe estipulou um dia para o filho homossexual almoçar ou jantar com ela e outro dia para os outros filhos, separando-o da família.

No depoimento, manifesta-se o regime da exclusão, com a triagem como operadora. O discurso produz uma confrontação tensa entre os filhos escolhidos (mais iguais) e o filho homossexual excluído (desigual). As grandezas se opõem como “superior”, para os “irmãos”, considerados iguais, inclusive pela mãe, e “inferior” para o filho homossexual, considerado desigual.

Segunda parte:

Minha mãe é uma mulher de personalidade e princípios fortes e eu nunca a vi se dobrar diante de uma questão que fosse contra as suas convicções. Essa é uma das razões pelas quais eu estou convencido de que ela tem dificuldade de lidar com a nossa questão, apesar de negar sempre. Se, durante os últimos 5 ou 6 anos ela tolerou calada que meus irmãos fizessem comentários homofóbicos na minha frente, se ela aceitou que meus irmãos me convidassem para o casamento deles SOB DETERMINADAS CONDIÇÕES (“caso contrário, era melhor que eu não fosse”), se ela cedeu diante da pressão deles para que eu não levasse meu ex-namorado na casa dela na presença deles, ela certamente o fez, porque, no íntimo, não lhes tira a razão. A impressão que eu tenho é que ela pensa como eles, mas o amor de mãe é maior do que o preconceito e a obriga a conviver com o “meu problema”; mas as convicções dela a impedem de dar “o tom”, como vc diz, para os meus irmãos.

Em relação a minha mãe, no entanto, eu me afasto mais e mais dela a cada dia que passa e sei que isso a faz sofrer imensamente. E é por isso que eu pedi ajuda pra vcs. Ela insiste que não tem preconceito e, em função disso se fecha nela mesma, remoendo os mesmos problemas e as mesmas respostas, sem jamais falar no assunto com ninguém. [...] (GPH virtual, 15/01/2010)

Na segunda parte do discurso, vemos que a segregação se reforça, tendendo para a exclusão: *durante os últimos 5 ou 6 anos ela tolerou calada que meus irmãos fizessem comentários homofóbicos na minha frente, se ela aceitou que meus irmãos me convidassem para o casamento deles SOB DETERMINADAS CONDIÇÕES (“caso contrário, era melhor que eu não fosse”), [...]*

O próprio sujeito sabe que está sendo “rejeitado” duramente (segregado): *se ela cedeu diante da pressão deles para que eu não levasse meu ex-namorado na casa dela na presença deles, ela certamente o fez, porque, no íntimo, não lhes tira a razão.*

Neste texto, o sentido é regido pelos dois simulacros de contratos estabelecidos entre mães e filhos, identificados por nós, e que se mostram não verdadeiros:

- Os filhos devem ser heterossexuais.
- O amor de mãe é incondicional.

Sugerimos que o segundo simulacro de contrato intersubjetivo foi construído com a ajuda da mitologia social pela qual “mãe” é uma personagem mítica, possuindo todo saber e todo poder, como uma personagem de histórias em quadrinhos: mãe é uma “mulher-maravilha”. Assim, essa significação do “dever” amar, apoiar e aceitar os filhos incondicionalmente, se deve à significação temática do “amor de mãe” construído socialmente e já estereotipado.

Assim, para o sujeito (filho), é impossível que a mãe não o ame, além disso, ela tem o dever de aceitá-lo como é, já que é sua mãe. E o sujeito compara as duas paixões, amor e preconceito: mais amor, menos preconceito em: ***mas o amor de mãe é maior do que o preconceito e a obriga a conviver com o “meu problema”.***

A escolha do lexema “problema” em “meu problema”, entre aspas, indica o conhecimento do sujeito do não reconhecimento positivo da homossexualidade pelas pessoas e revela o seu autopreconceito. Mas, apesar disso, sua mãe o ama e deveria aceitá-lo, já que há o contrato simulado do “amor incondicional”.

No discurso, a repetição da conjunção adversativa “mas” aponta e reforça o paradoxo e o estilo semiótico concessivo, marca dos textos mais emocionais:

[...] *A impressão que eu tenho é que ela pensa como eles (como os irmãos), mas o amor de mãe é maior do que o preconceito e a obriga a conviver com o “meu problema”; mas as convicções dela a impedem de dar “o tom” (de acolhimento e amor), como vc diz, para os meu irmãos.] (observações entre parênteses e grifo nosso)*

O discurso, paradoxal, constrói um sentido que não faz nenhum sentido. Vemos ainda que o filho homossexual seria admitido no casamento do irmão heterossexual, se ele se tornasse, *em certa medida, parte integrante, elemento constitutivo do “NÓS”* [...], portanto, se ele deixasse de ser ele mesmo, numa clara estratégia de assimilação, (LANDOWSKI, 2002:15).

O depoimento é muito tenso, apesar de o sujeito narrador tentar minimizar a tensão. Parece ser difícil constatar que a mãe o rejeita. Quando o sofrimento é excessivo, há a desculpa de que *“o amor de mãe é maior do que o preconceito”* para aliviar, um recurso de distensão, embora tudo no discurso justifique o contrário.

A afirmação *E sei que isso a faz sofrer imensamente* reforça o paradoxo. Podemos perguntar: se a mãe discrimina o filho, porque sofre? E tentamos responder: ela está entre a impossibilidade de aceitar o filho homossexual e a dificuldade de excluí-lo, porque é o filho dela e ela o ama, mesmo que não seja incondicionalmente. Poder-se-ia concluir que ela o ama, *“apesar de tudo”*, numa clara concessão.

O filho não consegue ser aceito, se frustra e sofre, por um lado, mas, por outro, crê que há um motivo para isso: o seu “problema” (ser homossexual).

No exemplo a seguir a mãe usa o julgamento negativo da “mentira”, como uma desculpa para a não aceitação da filha para sempre e a deixa infeliz e confusa:

Filha (21 anos) – [...] *Já tem mais de 2 anos que minha mãe sabe e ela odeia a pessoa com quem eu me relaciono, pois ela fala que não aceita a mentira, porque quando eu a levei em casa eu a apresentei como uma amiga e minha mãe diz que isso é imperdoável e que nós enganamos ela. [...]* (GPH virtual, 05/08/2010)

O paradoxo se apresenta: filhos não são aceitos como são, por isso se escondem, mentem, e são julgados negativamente pela mentira e pelo segredo. Por outro lado, as mães ficam entre o dever amar e aceitar seus filhos como são e o não poder aceitá-los. Como recurso de distensão do seu conflito, a mãe usou o recurso da manipulação pelo saber.

Não só as mães excluem seus filhos de suas vidas. Os filhos também excluem suas mães da vida deles, geralmente depois de um longo processo de manipulação para que elas os aceitem.

Por exemplo, outro trecho da mensagem da filha, enunciadora da mensagem anterior:

Filha (21 anos) – [...] *Tenho 21 anos e hoje eu ainda dependo financeiramente da minha família, mas sei que quando não depender mais eu simplesmente vou seguir com minha vida, **pois o mundo todo já nos condena, e ser condenado dentro de casa é a maior dor do mundo.** Eu não queria me afastar da minha família, amo muito eles, **mas não quero receber deles o desprezo que sei que alguns tem por mim.*** [...] (GPH virtual, 05/08/2010 – grifo nosso)

Nesse depoimento, o sujeito refere-se a paixões menos intensas do que o ódio, por exemplo, mas muito extensas, como o “desprezo” (/não querer não fazer/mal), que recebe de membros da família. Ela não quer ser apenas “tolerada” e argumenta com a aceitação amorosa que deveria haver dentro da família vs a rejeição do resto das pessoas. Não ser aceito, não ser amado pela família, para o sujeito, “*é a maior dor do mundo.*”

Nos depoimentos, os laços intersubjetivos dentro da família são muito valorizados. A família, para os jovens homossexuais, define-se como proteção, apoio, amor, actantes adjuvantes contra o preconceito da sociedade em geral. Nos discursos examinados, a mãe é o ator, cuja aceitação, amor e acolhimento são imprescindíveis. Mas as relações familiares positivas requerem um grande esforço de manipulação para serem conseguidas e, como a heterossexualidade é exigida, muitas vezes, o destinador (filho) fracassa.

Nota-se nos discursos que as relações intersubjetivas, principalmente com a mãe, tornam-se um objeto de valor que determina a boa ou má passagem daquele jovem para a vida adulta. Mesmo depois de adulto, a sua ligação com a família costuma permanecer como muito importante. Os “companheiros e companheiras”, namorados e namoradas, maridos, esposas, mesmo quando contratam entre si regras de relacionamentos não monogâmicos (“casamento

aberto”, por exemplo), são introduzidos na vida familiar, repetindo-se a temática da “familiaridade” heterossexual.

O discurso a seguir, de um filho, é uma das exceções, no rancor vingativo com que nega, para tentar minimizar o sentimento de falta, o “amor incondicional” das mães:

Filho – (26 anos) [...] **Fui educado acreditando no amor incondicional da mãe pelo filho** e vice-versa e que uma teve como objetivo primordial em relação ao outro, a felicidade (possível). Descobri que não são absolutamente assim. Muito pelo contrário. O amor maternal é tão condicional quanto qualquer outro e a felicidade (possível) do filho está subordinada à condição de ele, tanto quanto possível, adequar-se às idealizações da mãe, mesmo quando essas idealizações são confusas e conflitantes (por exemplo, ser casado, ter família estabelecida, mas se relacionar com a mãe como se ainda fosse solteiro, sem mulher ou filhos...) [...] (GPH virtual 19/09/2006 – grifo nosso)

No discurso a seguir, subjetivo, o tom também é hostil, hostilidade manifestada pela impaciência e irritação, desespero, tonicidade crescente (*preciso sumir da vida deles*). O depoimento tem um tom de revolta (*prefiro viver no cemitério*) de quem quer recuperar os objetos de valor perdidos. O jovem está perdendo as esperanças de ser aceito pelos pais, “em especial, pela mãe”, sente-se discriminado, rejeitado, e ameaça “sumir da vida deles”, um ato de autoexclusão que recuperaria a falta:

Filho – (26 anos) [...] *Simplesmente eu não sei mais o que fazer da minha vida em relação aos meus pais, em especial, minha mãe... vejo que não há lugar para nós dois neste mundo e eu preciso sair, preciso sumir da vida deles... eu quero ser feliz sendo eu, afinal, o que é uma família, senão concebida por laços de afetividade; quebram-se os laços e lá se vai uma família... acho que é disso que eu preciso: de uma cisão. **Se for para viver uma vida que não é minha, é melhor viver no cemitério...*** (GPH virtual, 03/02/10 – grifo nosso)

Chama a atenção o uso da “antítese”, uma figura de pensamento no final do texto, tornando o discurso mais hostil. Em “viver no cemitério”, “viver” é um verbo que se refere à categoria fundamental “vida”; “cemitério” pertence ao campo semântico da categoria fundamental “morte”. A partir dessa antítese é construída uma metáfora, pois se subentende uma comparação entre a “vida fingindo ser heterossexual” (“*uma vida que não é minha*”) com a “morte” (“*viver no cemitério*”).

A complexidade de a mãe ser um antissujeito, embora seja amada pelo sujeito (filho), está clara na hesitação do sujeito em relação ao “fazer”, em: *eu não sei mais o que fazer da minha vida em relação aos meus pais, em especial, minha mãe*; e em: *o que é uma família, senão concebida por laços de afetividade; quebram-se os laços e lá se vai uma família...*

O sujeito afirma: *eu preciso sair, preciso sumir da vida deles*. Mas em seguida duvida: *acho que é disso que eu preciso: de uma cisão*. O “acho” restringe a certeza dos predicados verbais anteriores, somado à frase: *eu não sei mais o que fazer da minha vida em relação a meus pais...* Assim, na confluência do papel actancial (sujeito que faz) e do papel actancial (sujeito que duvida sobre o que fazer), surge a figura de um ator passional, dividido.

O surgimento do lexema “cemitério”, na última frase, confirma a isotopia temática da “morte”, acenada em *vejo que não há lugar pra nós dois nesse mundo*, em oposição à isotopia temática da “vida”, principalmente em *eu quero ser feliz sendo eu*.

O lexema “cisão” mostra a descontinuidade de relacionamento entre o sujeito e sua mãe. Também se percebe a “parada”, como uma espera, pois, a competência é insuficiente (ele não sabe, duvida, não sabe o que quer) e ele aventa possibilidades.

No discurso o sujeito está delineado como marcado por perdas muito importantes que ocasionaram a “parada” para refletir sobre soluções: *eu não sei mais o que fazer*. Essa tensão crescente tem um limite quando o sujeito aventa a hipótese da “cisão”. Mas essa opção, causada pelo excesso (de falta de afetividade), soa mais como uma ruptura disfórica do que como um desagravo para retomada da continuidade.

Os conceitos tensivos, mais do que as figuras e mesmo a metáfora, mostram bem o momento de transição em que o sujeito se encontra. O conteúdo desse

discurso, mais do que um estado passional, é um estado de contensão vs. distensão, das continuidades e descontinuidades concomitantes.

Greimas e Fontanille (1993:62), exemplificando com a “impulsividade”, nos falam de um excedente passional, além do universo modal, que caracteriza as paixões. De acordo com os pesquisadores, há paixões que regem e patemizam a competência modal, além de assegurar sua atualização. “Tudo se passa como se, nesse caso, o excedente modal permitisse prever a aparição concomitante do /querer/ e do /poder/ e garantisse de algum modo a passagem ao ato.” Imaginamos que esse “excedente modal” seja a tensividade, que se apresenta, ora contida, ora na liberação tensiva dessa contensão, ora fluindo.

A “obstinação” das mães em não aceitar a homossexualidade dos/as filhos/as confirma e exemplifica a posição de Greimas e Fontanille:

Mãe – *Eu não quero mudar de ideia. Eu não aceito isso, não aceito. Ninguém vai fazer a minha cabeça. Eu sei que isso não é certo. Ele é meu filho e eu o amo, mas não vou aceitar nunca!* (GPH – por telefone, gravado e transcrito em 14/01/2010)

A mãe age por impulso. De acordo com Greimas e Fontanille, essa “impulsividade” pode ser traduzida como uma espécie de associação entre “querer-fazer” e “poder-fazer”, uma “maneira de fazer”. Ela não quer aceitar e o seu “pátrio poder” lhe dá a possibilidade (o poder-fazer) de agir por impulso. A mãe quer continuar no caminho que traçou, mesmo que haja obstáculos. Em *Eu não aceito isso, não aceito. Eu sei que isso não é certo*. Ele é meu filho e o amo... há também uma patente ambiguidade e um paradoxo:

Vemos a ambiguidade quando o ator “mãe” figurativiza dois actantes: o destinador-julgador que jamais vai aceitar o filho homossexual, em *Eu não aceito isso, não aceito. Ninguém vai fazer a minha cabeça.*, portanto sancionará o filho negativamente sempre, e a si mesma, como destinador-julgador que se autorreprova por essa avaliação negativa, em *Eu sei que isso não é certo. Ele é meu filho...*

Nesse discurso, percebe-se que o paradoxo está em que o amor, que ela diz sentir pelo filho, deveria impossibilitar essa não aceitação para todo o sempre. Mas a “obstinação” não é um simples querer-fazer, constitui-se por uma

modalização do ser. Se fosse somente um querer-fazer, o amor pelo filho faria com que a mãe abandonasse o percurso da rejeição, mas ela insiste nessa *performance*. E a obstinação vem antes do conflito. Aventamos a hipótese de que seja a contensão da tensividade que em seguida à liberação da contensão, explode: ao mesmo tempo que a mãe sabe da impossibilidade de não aceitá-lo – porque ele é seu filho e ela o ama –, a mesma mãe não abre mão de rejeitá-lo, mesmo percebendo que isso não faz sentido. E a “obstinação” é a paixão que advém dessa confrontação paradoxal (relações de não conformidade entre categorias modais).

Segundo Greimas e Fontanille, o excedente modal regente da “obstinação” é que garante o não abandono da empreitada. E é também esse excedente modal “que nos obriga a formular o dispositivo passional em termos de “organização modal do ser”, e não em termos de competência em vista do fazer.” “A “obstinação é uma paixão, de acordo com os semiotistas, que acumula paradoxos: um *querer-fazer* que sobrevive a um /não poder fazer/, que lhe serve até de reforço.”

Seria preciso supor aqui que os dois segmentos sintáticos, um concernente à sintaxe modal do fazer, o outro à sintaxe modal passional, sejam ao mesmo tempo autônomos e articulados um ao outro. Essa articulação manifesta-se também aí como uma forma aspectual – “continuar”, “resistir” -, traduzindo também um estilo semiótico graças ao qual o devir permanece aberto. (1992:63 e 64)

Fontanille nos fala da intensidade e quantidade, as determinações modais da paixão. De acordo com ele, nossas representações mais comuns da afetividade nos demonstram a intensidade, como uma energia sem controle. A extensão e a quantidade são desprezadas. Mas a quantidade e tamanho são importantes no processo passional, assim como diferenciam a avareza da mesquinhez. A quantidade diz respeito ao sujeito, quando se trata dele se recobrar, “juntar os pedaços”, como se diz comumente, e, ao objeto, quando o número é relevante significativamente. A quantidade também diz respeito ao desdobramento no espaço e no tempo. (2007:209)

Os exemplos a seguir, são algumas das mensagens de uma mesma mãe, de 01/02/2010 a 08/02/2010. Ela escrevia para o grupo de mães várias vezes por dia, obstinadamente. Esses discursos demonstram o excessivo número de ocorrências, com uma frequência insistente (ver dia e horário), no mesmo papel de vítima inconsolável, na mesma atitude passional de desespero.

01/02/2010 – 22:25h

*E se eu não aguentar? Se eu nunca mais conseguir coçar as costas do meu Carlos, ele gosta tanto... **Eu não aguento tanto sofrimento [...]***

01/02/2010 – 23:56h

*Eu queria, mas eu não posso, não posso ainda, meu coração, minha alma, minha cabeça não estão prontos... Fui falar com o meu diretor... sentei na frente dele e disse que não tinha condições e fazer o meu trabalho, porque vivia o pior momento da minha vida, e desatei num choro tão grande, mas tão grande que ele levou um susto, deve ter pensado meu **Deus essa pessoa vai morrer aqui na minha frente.***

03/02/2010 – 15:49h

*Pra mim, não entra na minha cabeça, porque pra minha cabeça, nesse momento, diz que meu filho tá no caminho errado, ele não conseguirá ser feliz assim. Deus que tortura!!!!!! [...] E eu aqui nessa moleza, nessa falta de concentração, nessa escuridão, nessa falta de paz dentro de mim que me faz só pensar nisso, só nisso... **Meu Deus, eu não vou aguentar!!! Eu quero ir pra casa, deitar na minha cama e olhar o teto, e ficar bem quieta no escuro...***

04/02/2010 – 09:18h

***Hoje eu vou morrer Nem é amanhã, é hoje,** porque hoje eu acordei com um aperto, uma vontade de vomitar, de ficar sozinha em casa, de avançar nele, se ele estivesse aqui comigo... Ah Deus que fria eu me meti!!!! Ah Deus que me deixou!!! Eu queria minha mãe, mas ela não atende o telefone... Um beijinho, agora eu vou morrer.*

04/02/2010 – 09:53h

*Eu deixo a foto dele virada de costas pra não olhar Só tem essa, porque as outras fotos dele que tinha pela casa eu quebrei em cima dele quando soube. **Daí alguém vai lá e vira a foto, eu vou lá e desviro a foto**, que pecado, mas até olhar pra cara dele que tá tao feliz na foto, me dá um pânico, me dá vontade de socar ele (eu nunca bati nele, aliás em nenhum filho, mas se tivesse coragem, **hoje batia até ele cair.**) Eu tenho medo de mim. Agora estou no meu escritório, eu preciso dar conta do trabalho, mas queria era colocar esses processos todos numa fogueira e cair nela junto com todos esses papéis...*

04/02/2010 – 12:43h

*Que agonia. [...] Meu Senhor da Glória, eu estou querendo morrer a cada dia... Quando penso, hoje vou estar um pouco melhor, eu fico sempre um pouco pior Hoje **se eu estivesse com o meu filho aqui eu o espancaria até ele cair**, juro. Penso em não dizer mais isso, em não pensar mais nisso, mas, amigas, eu estou sem chão, eu to sem vida, eu estou infinitamente infeliz.*

04/02/2010 – 13:02h (grifo nosso)

Eu estou hoje no pior dos meus dias, desde aquele maldito 13 de outubro do ano passado Não sei explicar, Mas essa dor vem, essa dor vai, e essa dor está me matando... Fiz uma quebradeira na minha cozinha, agora a pouco [...] Meu Deus por que me abandonou assim? Eu penso o que Deus me reserva depois????

*Hoje eu não sei mais rezar. **Eu estou tão dilacerada, eu estou sem norte, eu estou sem chão, sem vida, sem Deus no coração, eu só chamo a morte e ela não vem.*** (grifo nosso)

04/02/2010 – 13:11h

Eu sabia que hoje o dia não ia ser fácil, quando eu fiquei andando pela casa de madrugada e olhando pela janela. Aí eu fui na minha cozinha e quebrei o que o que vi pela frente. Hoje, tem uma coisa dentro de mim que parece coisa do além (eu nem acredito nisso) mas parece que hoje eu não vou me recompor nunca mais!!! Tadinho do meu filho... Eu não posso fazer nada por ele agora E poderei quando?

*No fundo, **eu quero morrer, hoje eu acordei assim, pior do que ontem, eu hoje to péssima, fiquei andando de madrugada** pela casa, olhando para fora da janela, esperando um milagre. Eu pensei em trazer ele*

*pra cá estudar esse ano... não posso fazer isso a escola não tem o mesmo nível de uma capital Também não posso fazer isso, temos que nossa vida será um inferno, eu não conseguiria olhar para ele todos os dias. **Nesse momento eu não gosto mais dele.** Eu tenho de aprender a gostar dele de novo, eu só não sei como se faz pra gostar de um filho outra vez. (grifo nosso)*

06/02/2010 – 14:18h

*Como não sofrer? Eu não saio da cama. Eu estou no meu quarto, encostada com o meu computador no colo... **Pelo menos eu abri a janela do meu quarto,** mas estou muito dolorida, é muito recente, de outubro pra cá, esse grupo tem sido o chão que eu perdi...*

06/02/2010 – 20:02h

Não dá pra ficar assim, eu estou me enganando aqui, eu não vou dar conta disso. Acho que baixou um santo em mim agora Ah, meu Senhor! Eu não merecia isso... Eu já nem quero saber se o meu filho merecia isso.

*Ah, se ele ficasse por lá, juro que gostaria, **nesse momento eu gostaria que ele não voltasse. Eu vou pra frente, eu volto.** Quando eu penso que pronto, acabou [...] qdo eu vejo desmoronei. E quando me sinto assim, vem uma vontade de esganar ele de não acreditar que ele procurou isso. Não, esse não é o meu filho, não pode ser o meu filho que eu amei tanto, que eu brinquei, que eu contei histórias, que eu ensinei a ler antes que ele fosse à escola, que eu cantei pra dormir, que eu levava pra todo lugar, feliz e orgulhosa dele.*

*Não, esse não é o meu menino. Ah, senhor que agonia!!! Que vida essa nossa, de todas nós mães, acredito ainda que isso é verdade... **Eu, eu, eu, sempre eu.** Mas é assim que sinto: **eu sem filho.** (grifo nosso)*

07/02/2010 – 19:48h

*Numa outra época, se eu soubesse que o filho de uma amiga, de uma irmã, de uma cunhada **tivesse um filho ou uma filha g.... (ah, eu não posso falar essa palavra!!!)** Eu diria “credo que horror, também essa mãe não cuidou desse menino ou menina, como a mãe não viu uma tragédia dessa, que absurdo!*

Mas eu quero dizer que jamais, mas jamais imaginei na minha vida, no meu mundinho tão fechado eu iria sonhar (como qq uma de nós) que isso ia cair de presente na minha mão. Logo na minha? Oh agonia!!!!

08/02/2010 – 18:31h (grifo nosso)

Eu não aceito e pronto!!!

Você disse que entende e até já aceita. Eu não. Eu to longe disso, bem longe... Um dia eu acordo e penso “bom, já passou, eu estou pronta pra aceitar e estou com vergonha da raiva que tive dele”... No outro dia eu acordo e esqueço de tudo isso, que estou pronta

Estou pronta nada

Estou em pedaços Eu quero meu filho de volta.

Ah, eu magoei tanto o meu filho... Eu disse coisas muito feias, muito duras. Eu não cuspi nele, só avancei, mas não muito, pq ele é bem maior do que eu e meu marido socorreu ele. Eu disse que eu não queria que ele convivesse com o irmão, disse que ele não fazia mais parte da nossa vida, foi o mesmo que expulsar ele de casa, não é???

Não pensava na hora “isso é preconceito.

Que preconceito, o que... pensava sim “Carlos vc é um fdp”. Quando saí pela casa quebrando todas as fotos dele, eu ia quebrando e dizendo “Ah eu odeio você, Carlos”. [...] Eu não estou podendo com mais nada. Meu Deus, eu chamo Deus o dia todos, fiquei mais feia (não que eu fosse a miss da cidade) mas to feia, mal arrumada, chorando o dia todo, igual agora, escrevo e choro, do nada, meus olhos se enchem de água, é assim o dia todo, não me controlo, mas se falarem um tiquinho assim do meu filho, eu vou estar lá, com um estilingue na mão para atacar em quem não o deixar em paz.

Mas não sou como vocês, já deu pra perceber? Um dia vou ser???? Quem saberá a resposta? O tempo? O meu amor? A revisão dos meus conceitos?

Mais do que obstinada, essa mãe está obcecada, alucinada, desvairada. Por isso, percebe-se uma total desorganização modal do ser: ela quer, ela não quer, ela sabe, ela não sabe, ela crê, ela não crê, ela ama e odeia ao mesmo tempo. Ela insiste nessa atitude oscilando entre o amor e o ódio, obtendo no limite uma

saturação temporal que não deixa lugar a nenhum outro papel, a nenhum outro estado afetivo além de um fazer obstinado.

Aqui, a “quantidade” diz respeito ao número de ocorrências. A combinação da duração e do número de ocorrências (extensão) forma o ritmo passional da repetição. A mãe – muito confusa entre o amor que transparece sob a culpa em *Ah, eu magoei tanto o meu filho, e o desatino do ódio no fazer passional de Quando saí pela casa quebrando todas as fotos dele, eu ia quebrando e dizendo “Ah eu odeio você, Cacá”* –, é extremamente redundante, repete-se indefinidamente. No papel actancial de Destinador, ela focaliza apenas aspectos negativos do sujeito (seu filho), demonstrando “decepção”, “raiva”, “ódio”, “desgosto” e “amargura”.

A “identidade” do sujeito mãe torna-se incoerente, pois seus papéis são incompatíveis. Funciona como se o actante sujeito (mãe) tivesse se desdobrado. Mas é um desdobramento sentido como um /não-poder/ assumir uma única posição. Ela diz: *nesse momento, eu não gosto mais dele...* Mas também diz: *mas se falarem um tiquinho assim do meu filho, eu vou estar lá, com um estilingue na mão para atacar em quem não o deixar em paz.*

Por outro lado, a “identidade” do filho, para a mãe, também parece ter se desdobrado. Há dois filhos, o de antes de outubro, heterossexual, e o de depois de outubro, homossexual. A mãe rejeita o filho de depois de outubro e o compara com o filho de antes de outubro, demonstrando seu estranhamento com a mudança:

Não, esse não é o meu filho, não pode ser o meu Carlos que eu amei tanto, que eu brinquei, que eu contei histórias, que eu ensinei a ler antes que ele fosse à escola, que eu cantei pra dormir, que eu levava pra todo lugar, feliz e orgulhosa dele.

Ele sempre usou óculos e não gostava de esportes, e sempre era o primeiro da sala, era o nerd, mas não um nerd babaca, pq os amigos gostavam dele. E era o mais novinho da sala...

Hoje eu fui lá, arrumei as camisetas que ele deixa em casa, mexi numa gaveta dele que tem coisas de criança guardada, e fiquei pensando nele pequeno, tão bonitinho, tão amigo...

O ódio da mãe pelo filho é uma paixão, pois a paixão do ódio gerencia duas dimensões incompatíveis: de um lado a intensidade das explosões que a mãe expressa como um “todo” e, do outro, a extensão (duração e quantidade) das medidas de represália a adotar ou adotadas, mas sempre atenuadas de alguma maneira: *eu disse coisas muito feias, muito duras*, diz ela, demonstrando culpa; *Eu não cuspi nele, só avancei, mas não muito, pq ele é bem maior do que eu...* diz, ela, atenuando os atos intolerantes; *Eu pensei nele vir para cá, mas...*, demonstrando seu desejo momentâneo de aceitar.

Os constituintes modais da identidade do sujeito, mãe, são invocados no discurso: *Eu não aceito e pronto!!!* (A mãe não quer) *Eu não estou podendo com mais nada.* (A mãe não pode) *Não sou como vocês, já deu pra perceber? Um dia vou ser????* (A mãe não crê ser como as outras mães, mas gostaria de ser) *Quem saberá a resposta?* (A mãe quer saber como aceitar seu filho).

O sujeito apaixonado descreve seu sofrimento. A explosão emocional do discurso vai culminar numa ação de revolta. O “eu” sofreu uma perda importante, cuja consequência é estar “dilacerada”, estar “sem norte”, “sem chão”, “sem vida”, “sem Deus no coração”. Do ponto de vista tensivo, trata-se de uma “parada”. Mas além de insinuar a parada, metonimicamente, há um movimento progressivo e cadenciado das perdas com rima (*eu estou sem norte, eu estou sem chão, sem vida, sem Deus no coração...*), atuando no aumento da tensão emocional. A tensão progride até o seu limite: “*eu só chamo a morte e ela não vem.*”

Esse é um discurso que prima pelo excesso, na expressão e no conteúdo. Por exemplo, a perda deixa o enunciador em frangalhos: *dilacerado*, desnorteado, desequilibrado e sem fé.

O sentido da perda inicial abala o emocional do enunciador (mãe), e sua evolução levaria à ruptura. Por isso, há uma continuação da “parada. O conteúdo do discurso é a apresentação de um estado passional e, como todos, ele apresenta “um movimento para...”. Em “eu só chamo a morte e ela não vem” está

uma contensão desse movimento, fazendo com que o discurso traga em si, concomitantemente, a *continuidade* e a *descontinuidade*.

Logo depois do “acontecimento inesperado”, o ser do sujeito encontra-se fora de controle. Ele está entre o ser organizado de antes do acontecimento e o ser desorganizado de depois dele. E o sujeito prefere a continuidade desse estado passional de agora, do que enfrentar algo que lhe é desconhecido. Por isso ele cultiva a desaceleração do processo, tornando-se incompetente: “sem norte”, “sem chão”, “sem vida”.

(TATIT, 2002:138)

Considerando o quadrado que articula os modos de existência proposto por Greimas e Fontanille em “Semiótica das Paixões, com alterações em “Tensão e Significação” (1993:52 e 2001:134), e com a modificação proposta por Tatit (2002:138), vemos que o sujeito nesse discurso, entre a falta e a perda, até a *vacuidade*, lança mão da hipérbole para simular um estado de *vacuidade*, a menor densidade existencial que um sujeito pode experimentar, dentro de seu percurso existencial.

Ao modo do parecer, o enunciador (mãe) se projeta no texto como quem sofreu um processo de esvaziamento modal e emocional e encontra-se perdida, sem coragem, sem nenhum saber, nem querer, e o único resquício de desejo é o de morrer. Ela faz parecer que está em estado de inanição total.

No nível discursivo, chamam a nossa atenção as escolhas discursivas da função predicativa narrativa relacionada à noção de ser: “*sem rumo, sem norte, sem chão, sem vida, sem Deus.*” É um processo de não-ser de uma continuidade iterativa de tematização centrada na função de ser despossuído de tudo. E o sujeito ainda consegue pedir socorro, mas não é atendido: *eu só chamo a morte e*

ela não vem. No discurso em exame, vimos que um sujeito em condição de vacuidade existencial entra no nível narrativo apartado de seus valores, de suas modalidades.

No exemplo, a mãe é “obstinada”, porque quer um filho heterossexual, embora saiba da impossibilidade e não quer um filho homossexual porque sabe das dificuldades que isso acarreta para ele, mas, principalmente, para ela. A mãe teme que a homossexualidade do filho seja irreversível, mesmo assim ela o quer heterossexual. E orienta-se por um projeto de “fazer”, embora o dispositivo modal da paixão “obsessão” seja constituído por modalizações do “ser”: ela é obcecada.

No entanto, somente um /querer-fazer/, ou mesmo um /dever-fazer/, não bastaria para explicar a insistência dessa mãe nesse fazer, apesar dos obstáculos. De acordo com Greimas, é o “excedente modal” regente que garante a insistência na *performance*, apesar das dificuldades (1993:63), nesse exemplo, num ritmo passional repetitivo e orientado ao máximo – uma maior intensidade e menor extensão –, que caracteriza, mais do que a “obstinação”, a “obsessão”. Como se diria popularmente, “o obstinado” tem “uma grande força de vontade”; o “obcecado” “só pensa naquilo”.

Com Greimas e Fontanille, sugerimos que, na “obsessão”, assim como na “obstinação”, teríamos dois segmentos sintáticos: um da sintaxe modal do fazer e outro da sintaxe modal passional, ao mesmo tempo, autônomos e articulados um ao outro.

Dizem os referidos pesquisadores:

[...] está claro que as modalizações do ser próprias da configuração passional não são diretamente as modalizações da competência para fazer, mas constituem-se mais numa “representação”, numa “imagem virtual”, isto é, num simulacro; no que chamamos o simulacro passional da obstinação, o obstinado quer “ser aquele que faz”, o que não equivale a “ele quer fazer”. (1993:64)

Examinando a organização sintática das modalidades expostas acima, vemos que as confrontações traduzem incompatibilidades e elas apontam para contradições internas do sujeito.

Greimas fala de dois tipos de conflitos modais: as contradições internas podem ser do tipo “paradoxal”, se a modalidade regente for afetada pelas outras; as contradições internas podem ser do tipo “conflitual”, se a modalidade regente não for afetada pelas outras. O dever do “obsessivo” tornou-se – por causa do saber sobre a dificuldade, sobre a impossibilidade –, um “dever e querer resistentes”. Quanto maior o obstáculo, quanto mais for impossível ultrapassá-lo, paradoxalmente, mais o sujeito obsessivo irá atrás.

Já o dever (querer) do “desesperado” não muda por causa do saber da impossibilidade. O “desespero comporta” um dispositivo modal de tipo “conflitual”, em que o /dever ser/ e /querer ser/, por um lado, e o /saber não ser/ e /não poder ser/, de outro, convivem, sem se modificarem reciprocamente. São universos modais incompatíveis, duas identidades modais independentes, a do “fracasso” e da “frustração”, por um lado, e da “confiança” e “expectativa”, de outro. Elas se contradizem, se contrariam, “provocando a ruptura interna do sujeito.” (1993:67-68).

Tanto a mãe desesperada, quanto a mãe obsessiva estão em conflito. Mas, se para a mãe desesperada, o conflito não tem solução, para a mãe obsessiva, o conflito se resolve pela escolha do sujeito do querer, o que supõe modificação, adaptações das modalidades *dever-ser* e */saber-não ser/* e */não poder-ser/* em presença. Apesar de estar em conflito, paradoxalmente, para a mãe obsessiva, ela ter conhecimento das dificuldades estimula o seu sentimento de /dever/ e /querer/. Greimas diz que as modalizações pressupostas produzem ou nutrem as modalizações pressuponentes. Justamente porque há obstáculos, mais a mãe se torna teimosa e insistente na sua resistência.

Assim, de acordo com Greimas e Fontanille,

Isso levaria a provar que os efeitos de sentido passionais não podem encontrar explicação satisfatória apenas no seio do nível sêmio-narrativo. Os dispositivos modais pertencem de direito ao sêmio-narrativo; constituem “realisáveis” do esquema semiótico, mas as paixões que deles se nutrem constituem-se de fato no seio do nível discursivo. (1993:68 e 69)

Como para a “obstinação”, a “obsessão” também é de natureza aspectual e “remete a um estilo semiótico favorável ao desdobramento do devir, o que não é o

caso do “desespero.” Para essa mãe, a “escolha” da “obsessão” abre uma esperança de conciliação e equilíbrio, abre-lhe uma porta para o futuro.

Como vemos em:

Mas não sou como vocês, já deu pra perceber? Um dia vou ser???? Quem saberá a resposta? O tempo? O meu amor? A revisão dos meus conceitos?

Da emoção da descoberta aos sentimentos experimentados pela mãe no período, à medida que a extensão temporal aumentou, a intensidade deveria ter diminuído. Mas, no caso da “obsessão”, que essa mãe demonstra, a repetição não acarreta a diminuição da intensidade, pelo contrário, a duração da obsessão é uma indicação de maior tensão, de uma grande potência afetiva.

A mãe ainda é abalada por expressões somáticas da emoção que expressam o que ela sente, tanto para os outros, quanto para si mesma, com duratividade: *Eu passo os dias com as mãos tremendo sabe, até pra escrever, pra dirigir, para tudo eu estou tremendo fisicamente, e por dentro então...*

Ela sente a “raiva”, “decepção”, sabe que está abalada. Como já visto, nas manifestações emocionais (manifestações da emoção) há algo de metassemiótico. Além disso, há uma insinuação cultural que não é da ordem do vivido, mas um *fazer-saber* que é da ordem do cognitivo. Diz Fontanille: “o caráter “codificado” dessas expressões somáticas resulta do uso”. Como a sua principal função é tornar a paixão sentida reconhecível para si mesmo e para outrem, cada expressão somática é “sancionada” por um observador, (2007:221).

A “decepção (falta fiduciária) e/ou “insatisfação” (falta do objeto valor) também podem gerar percursos de liquidação da falta, caracterizando os estados de hostilidade e gerando ações decorrentes das paixões de cólera e rancor – *raiva, ódio, aversão, indignação* –, que instauram a virtualidade do fazer, como vingar-se, revoltar-se, rejeitar, provocada ou inspirada por um outro sujeito, responsável pela decepção e pela falta.

O sujeito que provocou o malquerer pode ser:

- a) O actante destinador, quando o querer-fazer-mal se integra a um PN de “revolta” contra o destinador e a busca de um novo quadro axiológico;

- b) O actante antissujeito, cujo querer-fazer é o ponto de partida de um PN de “vingança”.

Como vimos no capítulo 1.2 “Teoria e Metodologia”, a “exclusão” e a “concentração” são as duas principais direções capazes de ordenar os sistemas de valores. A “triagem” opera o “regime de exclusão – relacionado aos “valores de absoluto” – e a “mistura” opera o “regime de participação” – relacionado aos “valores de universo”. (GREIMAS e FONTANILLE, 2001:29). A paixão do preconceito tem como resultado um alto índice de triagem na nossa cultura.

O discurso a seguir mostra a defesa de valores de absoluto: a predominância da valência do fechamento (o sujeito nega o direito de realizarem a Parada do Orgulho GAY) sobre a da abertura e a predominância da valência da triagem (o sujeito defende a exclusão dos homossexuais pela morte) sobre a da mistura.⁴⁹

Mãe - Tem gente que escolhe viver nos esgotos da vida, ele é desses. Eu gostaria que a avenida explodisse quando tem essa tal de Parada e essa gentinha toda morresse estraçalhada. Eu plantei uma árvore e todos os frutos são podres [...] (GPH – gravado e transcrito em 25/02/2010)

O depoimento acima é um discurso de rancor e ódio que prenuncia a vingança. Aliás, a rejeição através dessas palavras, já é uma vingança.

No exemplo de rejeição extremada do discurso a seguir, vemos o poder de modalização deôntica realizada pelo destinador social. Os pais amavam o simulacro de filho construído de acordo com o dever-ser social e rejeitaram o filho, construído de acordo com o que é condenado pelas regras sociais:

Filho – [...] Escutei uma coisa horrível dos dois [conversando] no quarto. Eu falei pra eles que depois da praia tudo se resolvia... até eu achar uma saída... Eles acham que eu vou me matar nesse passeio... Eu fui criado com todo o amor do mundo, eu estou me sujeitando a viver preso e não contrariar eles. Eles acham que eu vou me matar e escutei eles dizendo “melhor assim não dá mais trabalho...” Foi humilhante isso, acho que preferem eu morto mas

⁴⁹ A pedido do filho, entramos em contato com essa mãe.

isso vai ser a última coisa eu posso ir até morar nas ruas, mas ainda tenho força de viver e coragem... eu não sou um monstro... [...] (GPH virtual, 19/10/2009)

A “conversa” que o filho ouviu, mesmo tendo sido um desabafo de pais desesperados, é de um enorme malquerer, embora a rejeição seja verbal. Na ânsia de reparação da falta, os pais, desesperados, angustiados, só tem o querer romper com aquela situação, mas não o poder, e sancionam positivamente o antissujeito que, pelo pseudo suicídio, resolveria tudo nesse atentado reflexivo, passando a destinador dos valores.

Retomando, no discurso da mãe, manifesta-se um devir de “participação”, não só pelo fato de nos ter procurado:

Ah, eu magoei tanto o meu filho... Eu disse coisas muito feias, muito duras. Eu não cuspi nele, só avancei, mas não muito, pq ele é bem maior do que eu e meu marido socorreu ele. Eu disse que eu não queria que ele convivesse com o irmão, disse que ele não fazia mais parte da nossa vida, foi o mesmo que expulsar ele de casa, não é??? [...]

Muitas mães manifestam sua rejeição ao filho, como o que se vê no discurso a seguir, com ações intolerantes e um desabafo realizado em momento de intenso “rancor”:

Mãe – Eu nem sinto mais vontade de ser mãe do meu filho... Não consigo mais olhar pra ele... (MODESTO, 2008:111)

Mãe – Eu quebrei todos os porta-retratos em cima dele, avancei nele, eu atirei pratos, eu disse coisas que nem me lembro... (GPH virtual, 07/04/10)

E o desespero desembocou na malquerença da “revolta” mantida pela certeza/incerteza de um não sujeito prospectivo, incompetente para cumprir o contrato pelo qual o filho seria heterossexual. A “desconfiança” da traição leva o sujeito a um “estado de hostilidade” que gera o “rancor”, a “cólera”, paixão que leva a atos intolerantes e pode levar a atos de exclusão: Mãe1 - [...] *ficamos os 5*

sem sair de casa, foi o inferno, eu avancei nele, eu quebrei todas as fotos dele pela casa, [...]

A “cólera” levou a mãe a atos intolerantes, como agredir fisicamente com as mãos, atirar objetos, numa tentativa de liquidação da falta e inicialização de novos contratos, novos Programas Narrativos (PNs).

O “desespero” “sugere o sujeito”, isto é, vê-se no nível discursivo, que essa paixão articula no nível narrativo o movimento de virtualização/instauração do sujeito pelo /querer/: *vontade de morrer, de matar, de não ter nascido, de voltar atrás no tempo...*

Nos discursos em exame, “matar”, “morrer”, “enlouquecer”, são formas extremas de compensar a falta do filho heterossexual, PNs que contradizem o segundo contrato – “amor materno incondicional”. Esse encontro cria uma estrutura paradoxal e angustiante: o filho deveria ser heterossexual; o amor de mãe deveria ser incondicional. O paradoxo se manifesta no discurso visto, em *porque ao mesmo tempo que eu quero matar o (nome do filho), ao mesmo tempo não posso abandoná-lo à própria sorte.*

Mães e pais agredem os/as filhos/as, física e psicologicamente, tal o seu “rancor”, em percursos de tentativa da liquidação da falta. Daí todas as ofensas e ameaças de um possível projeto de vingança contidos em: *Eu não o considero mais meu filho! Rasguei todas as suas fotos... Nem posso olhar para a cara dele! Esse não é o meu filho! Ele morreu pra mim! [...]*

Neste trabalho, no encontro para “medir forças” entre os dois actantes figurativizados no plano discursivo como mães e filhos, de acordo com os depoimentos examinados, não há dúvida de que a posição dominante pertence às mães e, para os filhos, sobra a posição de dominados. A posição de dominação dos pais já está assegurada pelos nossos valores culturais e por nossas leis⁵⁰. Quando há alguma transferência de valores, quase sempre, é a da desapropriação de “valores descritivos e modais” dos filhos.

No depoimento a seguir, a mãe é um exemplo da maioria das mães, que se sentem no direito de vasculhar tudo o que é dos filhos, de invadir a privacidade deles, sem lhes dar nenhuma satisfação:

⁵⁰ MODESTO, Edith. *Jovens homossexuais e o poder familiar*. IN: **Direito e Diversidade Sexual**. Revista da ESA- Escola Superior de Advocacia - OAB/SP, ano II, n.5, 2010 (www.oabsp.org.br/Esaj).

Filha (18 anos) - *Minha mãe só descobriu porque eu **deixei o computador ligado e ela foi mexer**, pois já desconfiava de algo, como ela mesmo disse. Eu estava atrás dela quando vi que ela mexia nas minhas mensagens para a minha companheira. Para que ela não lesse eu contei que gostava de meninas. **A primeira reação dela foi me virar a mão no meu rosto. Me bateu, me xingou, arrancou o meu computador da parede mesmo, saiu arrebrandando tudo.** Eu comecei a chorar, me desesperar...* [...] (GPH virtual – 15/05/2010 – grifo nosso)

Inúmeros depoimentos de filhos trazem relatos de mães que “vasculham”, “mexem” em pertences dos filhos, numa demonstração de poder, uma invasão de privacidade que desrespeita qualquer ética. A explicação de muitas mães é que a mãe deve procurar saber, para educar. Na verdade, os discursos dizem que “vasculhar” é um recurso de distensão para as mães aflitas, angustiadas.

Assim, essas são relações cognitivas que determinam as regras de convivência sociocultural entre mães e filhos. Não se trata somente de “ver”, mas de “procurar”, “de mexer”, de “vasculhar”, para “enxergar”, um fazer intencional, com o propósito de saber sobre o outro, mesmo que sejam cartas pessoais, bilhetes, diários...

A dominação do sujeito (mãe) se manifesta no discurso de dois modos:

- a) Dominação na forma de modalidades de presença: ela é a vencedora que teve a presença mais forte. A presença da mãe no campo é muito intensa e a da filha escolhe ficar numa posição “sombreada”, humilhante, para não sofrer o constrangimento de ter, mais ainda, invadida a sua privacidade.
- b) Dominação na forma de modalidades de competência. O /poder fazer/ e /saber fazer/ do sujeito (mãe) prevalece sobre o /poder fazer/ e /saber fazer/; do sujeito (filha): *Me bateu, me xingou, arrancou o meu computador da parede mesmo, saiu arrebrandando tudo. Eu comecei a chorar, me desesperar...*

No exemplo a seguir, as agressões são psicológicas, como em *foi ao meu colégio, onde eu estudo e fez um escândalo...* e físicas: *Minha mãe me deu surras brutais... fiquei toda roxa, puxou meu cabelo, me agrediu fisicamente.*

Filha – [...] *minha vida se tornou um inferno. **Minha mãe me deu surras brutais... fiquei toda roxa, puxou meu cabelo, me agrediu fisicamente. Depois disso, foi ao meu colégio, onde eu estudo e fez um escândalo...** me ameaçou de tirar do colégio... Enfim, tornou a minha vida um caos. [...] Sei que minha mãe é capaz dos atos mais baixos pra acabar com a minha felicidade. Ela quer que eu me “conserte” porque diz que a **homossexualidade é nojento** e que não é normal e sim um desvio. [...]* (GPH virtual, 07/09/2008 – grifo nosso)

No discurso, a cólera desencadeou um PN de vingança com atos extremamente agressivos. Mãe e filha tornaram-se antissujeitos, e a filha (como destinadora-julgadora) julga a mãe negativamente: *Sei que minha mãe é capaz dos atos mais baixos pra acabar com a minha felicidade.*

A mãe manifesta seu desgosto [*quer que eu me “conserte” porque diz que a **homossexualidade é nojento** e que não é normal e sim um desvio*] – desprezo pela filha, aversão pela homossexualidade –, avaliação negativa de profundo descontentamento (*não é normal, é um desvio*), com alta tensividade. Não contente de punir a filha com a “privação de bens”, ela pune a filha com humilhações e agressões físicas: *foi ao meu colégio, onde eu estudo e fez um escândalo; me deu surras brutais... fiquei toda roxa, puxou meu cabelo, me agrediu fisicamente.*

Se escolhermos a leitura sociopolítica do discurso, fica gritante a fragilidade do jovem à mercê de adultos, com raiva e ódio, que, por lei, possuem direitos sobre ele.

E essa constatação nos permite levantar hipóteses, que se mostram coerentes, também sobre a fragilidade da minoria homossexual, principalmente quando jovens, frente à maioria de indivíduos heterossexuais, preconceituosos.

O exemplo que vimos comprova isso:

Filho (16 anos) – *Eles não aceitaram e muito menos respeitaram. Me tiraram da escola, meu cel., tudo o que eu tinha, me colocaram em outra escola e psicólogo. Eles disseram que não vão devolver as minhas coisas até que eu mude de ideia ou coisa parecida começaram a frequentar a igreja e falar que o que eu faço não é de Deus, que vou pro submundo, to no caminho do diabo.* (GPH virtual, 23/04/2010)

No discurso, aparece com ênfase a manipulação pela intimidação, com as ameaças: *Me tiraram da escola, meu cel., tudo o que eu tinha, me colocaram em outra escola e psicólogo. **Eles disseram que não vão devolver as minhas coisas até que eu mude de ideia** ou coisa parecida.*

O percurso temático e figurativo da violência doméstica está claro e recorrente nos depoimentos:

- a) Tiraram o filho da escola (para afastá-lo dos amigos);
- b) Tiraram o celular (para que não conversasse com os amigos);
- c) Ameaçaram de só devolver os objetos-valor do filho se ele se tornasse heterossexual;
- d) Intimidaram o filho com o castigo divino.

Como, no excesso de autoritarismo, a raiva transparece, por hipótese, percebemos nesse discurso um PN de intolerância, camuflado como um percurso de benquerer. No modo do “parecer” está o educar; no modo de ser trata-se de desapropriar de bens de valor, intimidar, humilhar, desapropriar de direitos e de poder.

E é dentro desse contexto dialético entre aceitação vs. rejeição que, algumas vezes, o percurso narrativo-passional pode terminar na exclusão de filhos homossexuais, como no exemplo a seguir:

Mãe - *Pra mim, meu filho morreu. Esse idiota que está aí não é o meu filho! Esse, eu não quero mais ver e, se ele vier, a porta não se abrirá. Ele escolheu viver nos esgotos da vida, ele é um cafajeste, ele não presta! O quarto do meu filho está fechado, ninguém entra, é o quarto de um filho que morreu. E ninguém faz a minha cabeça! Eu não aceito isso e nunca aceitarei! Eu fiz de tudo, ele teve bons exemplos e que não me venha de volta com essa merda escorrendo pelas pernas... Ele é um psicopata! Não é meu filho! Eu gostaria*

que ele tivesse morrido! Eu não acredito que não é escolha... Tem gente que escolhe viver nos esgotos da vida, ele é desses. Eu gostaria que a avenida explodisse quando tem essa tal de Parada e essa gentinha toda morresse esstraçalhada. Eu plantei uma árvore e todos os frutos são podres [...] (GPH – gravado e transcrito em 25/02/10)

Esse foi um dos depoimentos de maior malevolência do nosso *corpus*. A cólera dessa mãe se manifesta num percurso figurativo terrivelmente negativo, escatológico: *e que não me venha de volta com essa merda escorrendo pelas pernas... Tem gente que escolhe viver nos esgotos da vida, ele é desses [...]*

O sujeito (mãe) foi modalizado por um dispositivo modal conflitual em que o /querer-ser/, de um lado e o /saber não-ser/ e o /não-poder ser/ de outro, convivem e não se modificam reciprocamente. Eles se contradizem, vão um contra o outro, provocando consequências como a se vê nesse discurso. Essa mãe é odienta e vingativa na sua recusa de aceitar o filho.

O /saber/ sobre a impossibilidade de aceitar o filho, aliado ao /não querer/ aceitá-lo, determinaria o final do programa narrativo com a “exclusão” definitiva desse filho. No entanto, tanto rancor e ódio, mostram que o programa narrativo não terminou.

Além disso, percebe-se novamente a questão da identidade colocada como uma desdobramento actancial. Há um /saber/ sobre a impossibilidade de aceitar o filho, por um lado, e, ao mesmo tempo, um forte querer bem ao filho, mas a um filho que não é aquele: *Pra mim, meu filho morreu. Esse idiota que está aí não é o meu filho! Esse, eu não quero mais ver e, se ele vier, a porta não se abrirá.*

Aqui percebe-se o não abandono da empreitada, referido por Greimas, que perdura nessa mãe, o simulacro de um “rancor” eterno pela perda do filho heterossexual, que não é aquele, numa duplicação: *O quarto do meu filho está fechado pra sempre, ninguém entra, é o quarto de um filho que morreu. E ninguém faz a minha cabeça! Eu não aceito isso e nunca aceitarei!*

Expulsar o filho de casa e não aceitá-lo de volta seriam atos de liquidação da falta, mas isso não acontece, pois o desespero e o ódio continuam.

No último parágrafo, um “estilo semiótico” – “modulações tensivas estereotipadas, captadas e congeladas pelo uso socioletal” – é selecionado e percebe-se uma diferente programação discursiva, uma aspectualização temporal

da paixão do “rancor”, como “ressentimento” que perdura no tempo” e que rege, no nível discursivo, e, no nível narrativo, uma potencialidade de fazer, uma “disposição”, uma mudança de “atitude”: rejeitar e excluir definitivamente o filho: *Eu plantei uma árvore e todos os frutos são podres.* (1993: 61-75)

No discurso a seguir, temos um exemplo de “exclusão” da mãe, realizada pelo filho, que compararemos ao depoimento anterior:

Filho (26 anos) – *Para mim, infelizmente, a minha mãe morreu em janeiro de 2004, quando se negou a me levar para a praia porque descobrira e eu confirmara que o filho dela, eu, o Caio, é gay. Essa mãe ideal morreu para sempre. Não tem volta. Demorei muito tempo a entender isso, a acreditar nisso, descobrir o que fazer com isso. Mas, essa é a verdade. A mãe que eu tinha se foi para sempre. Acabou a idealização e ela se tornou a pessoa que é, a Teresa, não idealizada, mas real. E quer saber mais? Pra mim isso é bom, pois ando preferindo a verdade, do que idealizações enganadoras. Minha vida tem ido nessa direção já há algum tempo. Infelizmente o “filhinho” morreu também, não existe mais... Restou apenas o Caio, esse aqui que não vai mudar e com quem ela não consegue conviver. Eu não acredito mais quando ela me diz: “Eu te amo muito, vou te amar sempre, você é sempre o meu filhinho”... Hoje me parecem palavras vazias que tentam resgatar algo que não existe mais na prática: o relacionamento entre uma mãe idealizada e um filho idealizado, Só ficaram a Teresa e o Caio. [...]* (19/08/2006)

Observa-se que, do mesmo modo como fez a mãe, no discurso anterior – “duplicar” o sujeito (filho), para que um fosse excluído, mas o outro não:

Mãe - [...] **Esse idiota que está aí não é o meu filho! Esse, eu não quero mais ver e, se ele vier, a porta não se abrirá.** Ele escolheu viver nos esgotos da vida, ele é um cafajeste, ele não presta! **O quarto do meu filho está fechado, ninguém entra, é o quarto de um filho que morreu.**

O mesmo recurso foi usado no discurso desse filho:

Filho – [...] *Não tem volta. Demorei muito tempo a entender isso, a acreditar nisso, descobrir o que fazer com isso. Mas, essa é a verdade. **A mãe que eu***

tinha se foi para sempre. Acabou a idealização e ela se tornou a pessoa que é, a Teresa, não idealizada, mas real. E quer saber mais? Pra mim isso é bom, pois ando preferindo a verdade do que idealizações enganadoras.

Comparando: no discurso do filho também sobressaem a amargura, a tristeza contida, com toques de rancor. Aqui também se percebe o não abandono da empreitada, referido por Greimas. Perdura no ator, filho, o simulacro de um “rancor” eterno pela perda daquela “mãe, cujo amor seria incondicional”: *Essa mãe ideal morreu para sempre. Não tem volta. Demorei muito tempo a entender isso, a acreditar nisso, descobrir o que fazer com isso. Mas, essa é a verdade. A mãe que eu tinha se foi para sempre.*

“Matar a mãe para sempre”, como qualquer ato intolerante de liquidação da falta, é um ato simulado, mas, para o sujeito decepcionado, amargurado e rancoroso como esse filho, essa falta nunca será compensada, pois, a que foi morta foi a mãe idealizada, não foi a Teresa. Esse filho continua decepcionado, triste, amargurado, rancoroso.

O discurso do filho e o discurso da mãe são muito semelhantes, nos recursos sêmio-narrativos. A diferença aparece no nível discursivo no nível discursivo passional e nas escolhas do sujeito da enunciação. A mãe manifesta um *éthos*⁵¹ altamente emocional e hiperbólico – pelos inúmeros pontos de exclamação e xingamentos com que figurativiza um ódio que extravasa; o filho manifesta um *éthos* firme, seguro, aparentemente racional, que prima pela contensão de um surdo rancor que se manifesta, principalmente, no último parágrafo: *Hoje me parecem palavras vazias que tentam resgatar algo que não existe mais na prática: o relacionamento entre uma mãe idealizada e um filho idealizado, Só ficaram a Teresa e o Caio.*

A seguir, temos o depoimento de um adolescente que foi excluído do convívio familiar, mas foi aceito em outra família:

Filho (14 anos) – ***Saí da casa dos meus pais com 14 anos, por ser gay, meus pais não me aceitaram e mesmo minha mãe sendo professora, ela***

⁵¹ [...] *Éthos* constituinte do efeito de sujeito de uma totalidade. DISCINI, 2003:35.

Efeito de sujeito, porque não se trata de sujeito *a priori* ao discurso, mas um efeito de construção do próprio discurso. É uma figura do discurso que o leitor (re)constrói, portanto. DISCINI, 2003:112, Nota 4.

*não me aceitou. Fiquei um mês e duas semanas num abrigo daqui da cidade e, mesmo na minha família, um tio gay e uma tia lésbica, eles não fizeram questão ai eu fui adotado por uma senhora aqui da cidade que eu conhecia do Bingo daqui da cidade onde eu trabalhava e ela tem 62 anos, minha família são pessoas bem estabilizadas todos trabalham, tem faculdade, essa senhora é muito pobre que tem 7 filhos, 14 netos e 2 bisnetos são pessoas pobres no começo foi mt difícil... Naquela casa não tinha quase nada pra me oferecer, só uma cama e um prato de comida... Passei 4 anos da minha vida muito sofridos, mas m felizes pq **naquela casa havia uma coisa que tinha lá e na minha casa não havia felicidade e amor...** (GPH virtual, 16/05/2010 – grifo nosso)*

Perpassa por todo o discurso a mágoa do garoto, por ter sido rejeitado, expulso de casa por seus pais: [...] *minha mãe sendo professora, ela não me aceitou; [...] mesmo na minha família, um tio gay e uma tia lésbica, eles não fizeram questão...*

O garoto, excluído, argumenta com a competência da mãe professora para aumentar o valor tensivo da exclusão. É como se ele dissesse: “Há exclusões e exclusões. Há a exclusão de uma mãe que não tem o saber e a exclusão realizada por uma mãe professora e que ainda tem irmãos, ou cunhados, homossexuais.” Esse dado aumenta “o valor do valor” (1993:24).

4.7 Aceitação

Como visto, no percurso narrativo~discursivo a que denominamos “processo de rejeição/aceitação de filhos homossexuais por suas mães”, há um início de rejeição, na época da descoberta, que pode se tornar definitivo: o nível discursivo pode manifestar paixões e ações intolerantes que culminam em atos de “rejeição por exclusão”, como vimos.

No entanto, há a possibilidade de que o percurso passional tome outro rumo e, após a decepção, a tensão diminua e os sujeitos sejam tomados por paixões e ações de benquerença: aceitação (agregação), com tolerância, aprovação ou valorização.

As paixões de falta menos tensa das mães, que veremos agora, marcam (ou não) o início do colocar em dúvida as crenças em que as pessoas devam ser heterossexuais, pois só há duas possibilidades:

- a) A saída de atenuação possível, iniciando-se a crença na possibilidade de existir a diversidade de orientação sexual. Como a crença na heterossexualidade é legítima, pois está de acordo com a norma, quando algo a contradiz, inicia-se a conversão do sujeito de um quadro axiológico a outro. O que impulsiona essa mudança são as paixões de benquerença, nesse caso, principalmente o amor que a mãe sente por seus filhos, levando o sujeito a ações de aceitação.
- b) A agressividade em graus de um percurso de liquidação da falta. O sujeito fica preso ao seu quadro axiológico anterior e, apesar de amar os filhos, a sensação de dever respeitar as normas socioculturais e as paixões de preconceito são insuperáveis e pode levá-lo à ações de rejeição (intolerantes).

Os lexemas “tolerância” (conformação e resignação) e “aceitação” vão aparecer nos discursos, na possibilidade de falta menos tensa, com a continuação dos percursos narrativos que, nos percursos em exame, embora se iniciem com a rejeição, se transformam em discursos que manifestam sujeitos de aceitação tolerante, aceitação que aprova, até aceitação que valoriza.

Essas transformações extensivas de mães “malevolentes” em mães “benevolentes” são resultados do processo de mudança de valores que acontece em graus de aceitabilidade das diferenças, impulsionada pelas paixões do campo semântico do amor. Esses PNs, que enfatizam a “etapa da aceitação” – que manifestam transformações do ser que finalizam euforicamente –, são os PNs de que trataremos a seguir.

4.7.1 Início do processo de aceitação

Nos exemplos, a aceitação se inicia como uma saída do desespero, raiva, ódio, pela diminuição ou substituição da sensação de falta, com a ajuda do tempo:

Mãe – Sabe, eu cheguei a falar pra minha filha um dia que eu jamais aceitaria isso e só depois que eu estivesse morta ela poderia ir morar com a menina...

mas isso já passou, essa fase já foi. Tudo bem, ainda não estou aceitando, mas o tempo passa e cura todas as feridas. (GPH virtual, 13/04/2010)

No início da etapa da aceitação, a vergonha começa a diminuir, a verdade começa a aparecer, em detrimento da mentira, da falsidade. É um processo lento, como manifestam os discursos das mães nessa troca de mensagens:

Mãe1 – [...] *Eu não vejo nenhum motivo pra sair dizendo pra todo mundo que temos um filho gay! Que preconceito é esse? Nós saímos por aí dizendo que temos filhos héteros? O que nós temos de fazer é combater todo tipo de preconceito! E nossos filhos não precisam dizer que são homos! Por acaso nós dizemos aos outros que somos héteros? Concordam comigo? (GPH virtual, 19/08/2009)*

Mãe2 – [...] *no momento eu me sinto mais livre. Pelo menos eu te garanto que **a vergonha dele ser gay eu estou superando**. Não vou ficar falando para todo mundo, isso pertence a ele, não vou rotulá-lo, mas quando eu sentir que devo, eu falarei sem vergonha. Eu aprendi que a mentira é comprida, você tem de inventar sempre uma outra... A verdade é uma só e surpreende as pessoas... Claro que, se tiver alguém ridicularizando os gays, eu não vou ser idiota de falar nada, primeiro pq aquela pessoa não vai entender; segundo pq vou me envolver na sintonia dela e nada vai adiantar... Isso seria diferente de defender a causa legítima, que seria o respeito pelo próximo. Bater boca não leva a nada. **O meu ponto de vista é um pedacinho da verdade...** (GPH virtual, 19/08/2009 – grifo nosso)*

Na enunciação, em desembreagem enunciativa, a mãe1 (mãe de uma filha lésbica e os Destinatários sabem disso), só fala sobre a filha no masculino plural genérico (... *que temos um filho gay!... E não precisamos dizer que nossos filhos são héteros...*). O sujeito Destinador imprime um distanciamento do Destinatário, pois fala em tese, defendendo uma ideia. Além disso, ela usa e abusa dos pontos de exclamação e interrogação, construindo um *éthos* aflito, nervoso, inseguro, quando defende que não devemos falar que nossos filhos são homossexuais para ninguém.

A mãe², afirma que já está superando a vergonha e implicitamente afirma que a mãe¹ não superou ainda. Temos todo um jogo de mais vergonha (mais mentira, fingimento), para menos vergonha (menos mentira, fingimento) que se desenvolve no tempo, no processo de aceitação.

Por exemplo, no discurso a seguir, características da fase da aceitação:

Mãe – *Falando em aceitação, no meu caso, eu não me sinto com aceitação plena. Acho que, nesse estágio não existem mais os porquês e eu ainda tenho muitos. Além de tudo, acho que quando se aceita plenamente não existe mais vergonha de que os outros saibam. Tudo vem com naturalidade... Humm... O que eu acho é que existe um grande esforço pra encarar as coisas com naturalidade, de uma forma mais amena. [...]* (MODESTO, 2008:163)

Para facilitar a aceitação, muitas vezes a manipulação, sobretudo a si mesma, é pela sedução:

Mãe – [...] *fomos escolhidas a dedo para ser mães de gays, por isso mesmo é que precisamos depois do baque nos reerguermos, pois só assim **podemos ver como somos capazes e fortes, quanto amor temos dentro de nós**, que, talvez, nem sabíamos como demonstrar e aproveitar esse amor. É verdadeiro quando dizem que Deus não nos dá um fardo que não possamos carregar. [...]* (GPH virtual, 01/09/2009 – grifo nosso)

No exemplo a seguir, temos a metáfora da saída do armário, significando a autoaceitação dos filhos e a aceitação dos filhos por suas mães. Nesse movimento, os sujeitos começam a construir semioticamente o direito à diferença.

Para isso, recorrem a recursos, os mais complexos. Por exemplo, muitas mães aceitam seus filhos, desde que eles as compensem pela decepção:

Mãe – [...] *Hoje, depois de muito e muito sofrimento, de chorar rios de me desesperar até o fim, estou bem melhor, mas sei que existe um diferencial muito difícil de ser contornado. Penso, às vezes, que exijo demais dele, como se dissesse: “**Olha, vc tem um defeito de fábrica, então, se supere em***

***tudo mais.”** E isso não é justo pra ele, mas é mais ou menos algo inconsciente, que tenho de me policiar. Ele já me falou exatamente isso, que ele tem de ser o melhor, o que não é justo. (GPH virtual - 18/08/2006 – grifo nosso)*

Assim, muitas vezes, há um preço pela aceitação, uma compensação. É um “toma lá dá cá”: um programa de doação do filho, como sujeito, e, em troca, um programa de renúncia, da mãe como sujeito.

Quando a mãe entra definitivamente na etapa da aceitação, paulatinamente, vão diminuindo: a fase do “querer saber” e o sentimento de vergonha:

*Mãe – Falando sobre a aceitação, bem, no meu caso, eu não me sinto com uma aceitação plena. Acho que, quando se chega a esse estágio, **não existem mais os “por quês”**, e eu, infelizmente, ainda tenho muitos. Além de tudo, quando se aceita plenamente, **não tem mais a vergonha de que os outros saibam**. Tudo vem com naturalidade [...] (GPH virtual, 25/08/2006 – grifo nosso)*

Muitas mães usam de recursos para se convencerem (automanipulação) de separar suas expectativas das expectativas dos filhos:

Mãe – É claro que o amor por nossos filhos é muito maior do que a nossa dor! Aprendi que tudo o que eu pensava que deveria acontecer com ela, tipo casar, ter marido, filhos, etc., eram expectativas minhas e não dela. Isso ajudou... (GPH virtual, 28/10/2009)

No exemplo,

Mãe – Rogo a Deus pra que Ele me transforme, que eu seja mais generosa, que eu ame sem restrições, sem preconceitos, sem julgamentos. Sou fraca, imperfeita, e fico muitas vezes ressentida comigo mesma porque ainda não consegui dar a volta por cima e reaprender a ser feliz. (Modesto, 2008:138)

temos um programa narrativo em que o foco é o valor investido no objeto modal e no percurso passional. Trata-se de um programa de competência. A mãe atorializa o sujeito de estado, e pede ao destinador mais poderoso (Deus) para

lhe dar o poder de realizar um programa de transformação de competência e alteração de estados passionais para que ela possa ser feliz.

PN = F (mudar/ser feliz) [S1 (Deus) → (S2 (mãe) $S \cap Ov$ (poder fazer))].)

Na verdade, o que ela quer é mudar o seu quadro de valores, assim modificando seu percurso passional para ser feliz.

Além disso, o destinatário (mãe) ocupa o papel actancial de destinador-julgador e julga-se ainda sem o poder-fazer para essa mudança: *Sou fraca, imperfeita, e fico muitas vezes ressentida comigo mesma porque ainda não consegui dar a volta por cima e reaprender a ser feliz.*

Outro exemplo, agora jocoso, de um sujeito (mãe) do /querer saber/, e /querer poder/ mudar seu quadro de valores:

Mãe1 – *Cá estou eu de volta na jornada q porra q bosta mil putas parindo ao mesmo tempo não queria isso pra mim nem pra minha filha mas rezo por aceitação porque faz toda diferença não aceitar piora muito gera tristeza confusão brigas rejeição é isso, gente.* (GPH virtual, 15/12/2009)

Na mensagem a seguir, vemos uma alegoria bem humorada, que, com simpatia, “fala” do medo e vergonha de se assumir mãe de homossexual:

Mãe2 – *Eu também vivo brigando com o armário, paro dou uma espiada e de repente corro e tranco a porta, rsrsrsrs não sei até quando vai essa vida, um dia eu disse que o GPH é uma janela do meu armário onde eu abro e fico toda à vontade, converso, rio e me sinto a pessoa mais feliz do mundo, mas quando penso que o mundo aqui fora não é feito só de mães do GPH, eu corro e fecho até a janela...* (GPH virtual, 06/06/2010)

No discurso, a metáfora do armário nos propõe a alteração, no percurso narrativo da aceitação, de uma espacialidade hermeticamente fechada para uma posição atenuada de somente entreaberta, finalizando com a espacialidade aberta, num restabelecimento espacial, até a exacerbação do escancarado, da aceitação total. (Zilberberg, 2006:187).

Usando também a metáfora do “armário”, temos:

Mãe3 – [...] *Apesar de ter superado toda dor e conviver bem com o meu filho, ainda vivo no armário, não sei quando vou sair ou se vou sair... Mas, agora, 3 anos depois, eu me sinto bem comigo mesma e com a vida, claro que, às vezes, me dá uma tristezinha mas passa logo...* (GPH virtual 09/03/10)

Nos três últimos discursos o tom mudou. Percebemos que o humor quebrou o ritmo do discurso, não só porque ele mudou o tom ou o registro, mas, sobretudo, por que o humor impôs um novo equilíbrio entre o sensível e o inteligível. Essa mudança é processada desde a foria, uma “categoria diretora de primeira ordem”, que nos permite aceitar a afetividade, sob o nome de tensividade como regente do par “intensidade” e “extensidade”. (Zilberberg, 2006:169).

O sujeito da enunciação (efeito de sujeito dos discursos) colocou em discurso valores sociais e individuais, desenvolvendo o mesmo tema – aceitação da homossexualidade dos filhos –, de outra maneira, deixando vislumbrar o *parecer do ser* do sujeito já modificado em relação ao início do percurso de aceitação, propriamente dito.

Os três discursos mostram a mãe, como ator, num percurso dinâmico que se fundamenta numa paixão sobremodalizada afirmativamente: /querer-ser/, /querer fazer/, /dever ser/, /dever fazer/, mesmo ainda não podendo e não sabendo ser e fazer contra o que o sistema lhe impõe. Dessa situação paradoxal, temos um sujeito volitivo, mas, às vezes, ainda parcialmente envergonhado e amedrontado.

Percebe-se que o sujeito ainda avalia a homossexualidade como um antiobjeto – *não queria isso pra mim nem pra minha filha* – já que não mudou ainda seu quadro de valores, embora já esteja manipulado pelo /dever mudar/ e /querer mudar/: *mas rezo por aceitação porque faz toda diferença*.

Ao mesmo tempo, o sujeito quer e ele não quer. Ou melhor, ele quer, “apesar de”: *Apesar de ter superado toda dor e conviver bem com o meu filho, ainda vivo no armário, não sei quando vou sair ou se vou sair...; [...]*

4.7.2 A culpa e o remorso

No dicionário Aurélio eletrônico, “culpa” tem as acepções:

culpa [Do lat. *culpa*.] Substantivo feminino.

1. Conduta negligente ou imprudente, sem propósito de lesar, mas da qual proveio dano ou ofensa a outrem.
 2. Falta voluntária a uma obrigação, ou a um princípio ético.
 3. Delito, crime, falta: “Não blasfemeis contra Deus, minha mãe, que é enorme culpa.” (Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, II, p. 37.)
 4. Transgressão de preceito religioso; pecado.
 5. Responsabilidade por ação ou por omissão prejudicial, reprovável ou criminosa:
A criança não tem culpa de haver esquecido os livros em casa;
A moça não tem culpa de ter despertado tão grande paixão.
 6. Jur. Violação ou inobservância duma regra de conduta, de que resulta lesão do direito alheio.
- [Cf. *dolo*¹.]

De acordo com Elisabeth de-La-Taille,

A culpa diz respeito à sanção que o sujeito se aplica, o foco reside nela, na sanção, não no ser e nas suas transformações de estado. A culpa não caracteriza uma paixão. (1999:23)

O discurso a seguir é um dos incontáveis exemplos de mães que se perguntam: “Onde foi que eu errei?”

Mãe – *Tenho diversos amigos, conhecidos, parentes homo, mas meu FILHO... caramba, onde foi q eu errei? Fico me perguntando onde foi que eu errei! O q deixei de fazer? Tenho certeza de que minha vida vai se tornar um inferno. Tenho vontade de me esconder para não ser apontada como a mãe daquele viadinho, pq sei que é assim que as pessoas irão se referir a ele.* ((GPH virtual, 24/10/2009 – grifo nosso)

Ao mesmo tempo, a mãe sente vergonha por antecipação (prospectiva), por ter um filho gay: *Tenho certeza de que minha vida vai se tornar um inferno. Tenho vontade de me esconder para não ser apontada como a mãe daquele viadinho, pq sei que é assim que as pessoas irão se referir a ele.*

No dicionário Aurélio Eletrônico, “remorso” está com os sentidos de:

1. Inquietação da consciência por culpa ou crime cometido; mordimento, remordimento; bicho-da-consciência. (Holanda, Aurélio. Novo Dicionário Aurélio, eletrônico, versão 5.0)

Consideraremos neste trabalho o “remorso” como uma comoção passional que vem da culpa, que, por sua vez, é consequente de uma sanção negativa.

O “remorso” é uma paixão retrospectiva, em que o sujeito está em sincretismo com o destinador julgador que o sanciona negativamente. O sintagma passional do remorso diz respeito sempre ao passado e é um sentimento que vem do /saber/ de quem fez, ou imaginou fazer, algo em desacordo com o que deveria fazer ou pensar, isto é, em desacordo com a deontologia social.

Consideraremos o “remorso” como uma paixão advinda da “culpa”. A “vergonha” e o “remorso” podem derivar de uma sanção cognitiva. Nos dois casos, estabelece-se para o sujeito o /dever ser/ e /dever fazer/ correlacionados a um /não poder não fazer/ e /não poder não ser/. Se o sujeito não agir em conformidade com essa modalidade deôntica, ele receberá uma sanção cognitiva negativa, será considerado culpado, poderá sentir remorso e vergonha. No remorso, ele receberá uma reprovação em que o destinador está em sincretismo com o sujeito de fazer.

Por exemplo:

Mãe – Estou me sentindo a pior mãe do mundo, por nunca ter notado que meu filho era diferente, me culpando por ele ser assim, não sei o que fiz de errado, pois nos esforçamos para dar o melhor em educação, um casamento tranquilo, ele cresceu feliz em um lar normal, onde tem uma irmã em que os dois se adoram. Conversei com ele, mas meu entendimento é que tinha de ter um motivo para isso, perguntei se ele tinha sido violentado na infância, ele disse que não e tb disse que ele não escolheu se assim e que já pensou em se matar por isso, eu não consigo entender esse mundo homossexual, estou assustada.

Pela primeira vez eu não sabia o que dizer a meu filho, simplesmente chorei, olhava para ele, mas parecia que eu não o conhecia, me senti traída, disse “pq vc não me falou... Ele só dizia que não escolheu ser assim. [...] (GPH virtual, -3/05/2010)

A “vergonha” pode ser tensa, no caso da vergonha retrospectiva, e menos tensa, no caso da vergonha prospectiva. O “remorso”, sentimento tenso ou distenso, sempre será retrospectivo.

Para a vergonha, o sujeito aceita que praticou algo que o simulacro de um membro desse grupo social não deveria ter praticado ou imaginado. Se o sujeito não aceitar esse simulacro como um modelo a atingir, ele não será afetado pela culpa (sanção negativa) e nem pelo sentimento do remorso.

No exemplo, temos o remorso por não ter dado ao filho “um modelo masculino”:

Mãe – *Eu achava que era erro de criação meu, falta do pai que morreu, enfim, só melhorei esse **sentimento de culpa**, quando tive certeza de que não foi escolha, nem opção, ele simplesmente nasceu assim.* (27/10/2009 – grifo nosso)

No discurso, a mãe fala em “sentimento de culpa”. Aventamos a hipótese de que o “sentimento de culpa” seja o “remorso”. Entendemos que a mãe, como destinadora julgadora se sancionou culpada e sentia remorso porque não soube criar bem o filho, porque não lhe deu um pai para que ele tivesse um “modelo masculino”.

No exemplo:

Filho – Minha mãe foi humilhada várias vezes por causa disso, infelizmente é verdade. Eu não sofri sozinho, não, ela pagou o preço pela minha conduta na escola e em outros lugares. [...] Então, sinceramente, eu estar vivo hoje é um grande milagre e ter minha mãe é outro. Minha mãe adoeceu de tanto sofrer com isso. Ela tem uma doença que segundo os médicos tem origem emocional, que é a endometriose. Teve anos de a minha mãe ser submetida a 3 ou 4 cirurgias no mesmo ano, todas com anestesia geral. (GPH virtual, 13/01/2009)

O filho se julga culpado pelo sofrimento da mãe e por suas doenças e sente remorso: *Eu não sofri sozinho, não, ela pagou o preço pela minha conduta na escola e em outros lugares. [...] Minha mãe adoeceu de tanto sofrer com isso.*

Fácil de perceber, nesse discurso está a *autossanção* do filho, como *destinador julgador*, que se condena, se culpa, sente “remorso”.

Para o sujeito/destinador julgador ter se julgado com esse rigor, percebe-se que ele age e sente de acordo com o mesmo simulacro do que é ser homossexual em que a mãe e o seu grupo social creem.

Como no exemplo a seguir:

Filho – *A primeira vez que saí com uma pessoa do mesmo sexo foram apenas beijos e eu me senti muito mal depois de tudo, fiquei quase 1 semana péssimo, me sentindo a pior pessoa do mundo, o pior filho do mundo. Eu que sempre fui honesto com minha mãe, já não estava mais sendo...* (GPH virtual, 07/01/2007)

No discurso, o sujeito se julgou culpado. Dessa *autossanção* negativa, lhe veio um sentimento de “remorso” de grande intensidade e duração: *eu me senti muito mal depois de tudo, fiquei quase 1 semana péssimo, me sentindo a pior pessoa do mundo, o pior filho do mundo.*

No exemplo, o remorso das mães é pela atitude de rejeição, quando souberam da homossexualidade dos filhos, portanto é um início de aceitação:

Mãe1 – [...] Não posso me lembrar do que aconteceu, ele chorando no chão da rua pedindo meu colo, implorando a minha atenção e pedindo o meu amor. Eu estou no chão, agora nem é com todo o tsunami que se abateu na minha vida, **agora estou no chão pela minha atitude impensada**, tão maluca que eu fui... **Que tristeza eu estou sentindo por ter sido tão estúpida, como estou arrependida do que fiz, do que disse...** Não sei por onde recomeçar, preciso estar ao lado do D... mais do que nunca. Ainda bem que consegui pedir desculpas e dizer que o amo, que vou ouvi-lo e que estarei com ele pra sempre. [...] (GPH virtual – 21/02/2010 – grifo nosso)

Mãe2 – [...] quero ser para a minha filhinha a melhor mãe que eu puder, dentro do quadro... Falo assim, pq só consigo ver isso hoje, 2 anos depois... Eu a expulsei... Ela mora numa peça e um banheiro... deve passar horas difíceis... **só hoje percebo o que fiz...** preciso reaproximá-la de mim... com certeza ela vai viver melhor... **coitadinha dela... coitadinha de mim...**

cordeiro de Deus, tende piedade de nós... sofro muito ainda... acordo no meio da noite... tenho um vazio imensooooo dentro de mim... (GPH virtual – 03/01/2008 – grifo nosso)

Mãe3 - [...] *Confesso que, num turbilhão de emoções cheguei a pensar que se ele morresse, talvez fosse melhor (olha que absurdo! Peço perdão a Deus cada vez que me lembro dessa passagem). Sei que pensei uma coisa horrível [...]* (GPH virtual – 25/10/2007)

Nos exemplos, as mães se julgam culpadas e sentem remorsos. O remorso impulsiona uma reparação da falta, já na fase das paixões de aceitação: Mãe1 - *Ainda bem que consegui pedir desculpas e dizer que o amo, que vou ouvi-lo e que estarei com ele pra sempre*; Mãe2 - *preciso reaproximá-la de mim... c certeza ela vai viver melhor...* Mãe3 – *Peço perdão a Deus cada vez que eu me lembro...*

Para que o sujeito sinta remorso, é necessário que ele vá contra o /querer ser/, /dever ser/, /querer fazer/, /dever fazer/ que sua comunidade escolheu como certo e se sinta culpado. Se o sujeito agir contra a norma do seu grupo e não se sentir culpado, não sentirá remorso, mas será julgado socialmente como alguém sem ética, sem caráter.

Filho (22 anos) – *Quantas noites eu fui dormir chorando, tentando encontrar uma resposta, uma solução e nunca chegando a resultado algum. Na primeira vez que sai com um garoto da mesma idade que eu, na época eu era catequista de uma comunidade perto de casa (sou católico apostólico romano), depois do acontecido não me sentia mais digno de estar ali ensinando um pouco da palavra de Deus para crianças que tinham 9 e 10 anos. Afinal, que exemplo era eu????!!! Nesse mesmo ano, [...] no mês de setembro deu um recado para os meus catequizandos que estava terminado o ano letivo de catequese por motivos pessoais, avisei o responsável da igreja e os pais das crianças e nunca mais voltei a ser catequista. Me afastei da igreja muito, pois todos sabemos o que a igreja, não só a Católica, mas todas, o que pensam em relação à homossexualidade. ... Me sentia péssimo mentindo para minha mãe e ao mesmo tempo enganando uma garota com quem mantinha um namoro de fachada.* (GPH 09/01/2007)

A própria mãe relata, às vezes, maus tratos físicos e psicológicos aos filhos; os filhos praticamente não relatam maus tratos a suas mães, embora saibamos, pelas mães, que esse fazer existe, embora, comparativamente, em muito menor gravidade e quantidade.

4.7.3 Conformação e resignação

Conforme já dissemos, por hipótese, o preconceito é uma paixão de malquerença que impulsiona prováveis percursos discursivo-passionais. Nesses percursos, o sujeito pode chegar a dois tipos de falta: a falta menos tensa, que leva a paixões de não malquerença (insatisfação, por exemplo) ou paixões de não benquerença (como o desespero), mais tensas como a raiva, o rancor, ódio.

A benquerença (aceitação e agregação) é originária da satisfação. Há fases de aceitação: a aceitação tolerante, aceitação com aprovação e aceitação com valorização.

A tolerância se mostrou nos depoimentos com duas fases: a “conformação” e a “resignação”. Há, portanto, a tolerância conformada e a tolerância resignada. Esses são os graus mais baixos dos tipos de aceitação e é onde o sujeito do depoimento a seguir quer chegar, depois de ter rejeitado a filha, expulsando-a de casa:

*Mãe – Quero que vcs acreditem no amor que tenho pela minha filha. Eu a amo demais. Mas no meu momento de loucura **mandei-a embora de casa e fui buscá-la menos de 24 horas depois [...]** Me deem um tempo. Vcs disseram que passamos por fases. **Deixa eu chegar, pelo menos na fase da conformação.** Eu vou sim procurar um médico, vou me cuidar, vou me amar, mas eu preciso de um tempo para isso. [...] (GPH virtual, 23/09/2009 – grifo nosso)*

O sujeito, no exemplo, está em busca da tolerância. Tanto tolerância quanto aceitação fazem parte da “agregação”, de que fala Landowski; a pessoa é aceita, conservando suas características, ela se agrega às outras como ela é.

A aceitação aparece em graus: a aceitação em que o sujeito aceita, mas não aprova – tolerância –, a aceitação com aprovação e aceitação com valorização.

Cada discurso impõe às paixões propriedades e sentidos próprios a ele, no limite, dependentes de uma história e de uma cultura. Os discursos a seguir expressam o início da aceitação. As duas mães estão na fase da tolerância (aceita, mas não aprova), um dos tipos de conformação:

Mãe – Confesso que **de vez em quando penso em como eu seria mais feliz se ela não fosse homo**. Amo minha filha mais do que tudo na vida e nada é melhor do que ver a alegria dela com nosso esforço na aceitação dela com a namorada. [...] Mas tenho de confessar que hj mandei revelar umas fotos (que eu vou guardar bem escondidas comigo) de minha filha com o ex namorado, lindos, tão felizes, e me deu uma tristeza de ver... Tb quem mandou procurar chifre em cabeça de boi? Achei. (GPH virtual, 01/09/2009 – o grifo nosso)

Mãe – Sabe que minha filha está usando uma pulseirinha (tipo aquelas do Bonfim, da Bahia), com as cores do arco-íris? Confesso que quando vi não gostei, achei que ela estava se expondo e o que ela me respondeu? “Ah, mãe não te nada a ver”... E dias depois, imagine, ela comprou uma camiseta com as cores do arco-íris. Acho que ela está mesmo querendo sair do armário, ai, ai... Me dá aquela dorzinha lá no fundo, aquela que eu não queria sentir, mas aparece, sabe? Por outro lado, fico feliz, se ela quer mostrar é pq está mais resolvida com ela mesma, não é? Sei lá, acho que embaralhei tudo, não? Mas acho que é **aquela coisa de eu aceito, mas ainda não me conformo...** (GPH virtual, 22/04/09 – grifo nosso)

Nessa segunda etapa do percurso passional, a “etapa da aceitação”, surge outro “estilo semiótico” – “modulações tensivas estereotipadas, captadas e congeladas pelo uso socioletal” – que foi selecionado. Nesse estilo semiótico, se manifesta a aspectualização temporal da “conformação” e “resignação”, duas maneiras de resolver a falta, como um princípio de reinvenção do sujeito, em modos discursivos de concessão. A conformação é o grau mais baixo dos tipos de aceitação, um sentimento que perdura no tempo, mas que pode ser negada pela não conformação. Assim, possibilita-se a abertura para a tolerância, ou para a intolerância.

Mãe— Eu jamais me revoltei contra a vontade de Deus, de ter me escolhido para ser mãe de uma lésbica. Sempre pedi e peço que Ele me dê conformação para tolerar essa difícil prova. (GPH virtual, 10/07/2006)

Aqui, a conformação está explícita, no seu sentido do mais baixo grau de aceitação, como um ato tolerante, desvelando-se como uma pseudoaceitação. A conformação é instigada pelo destinatário maior, Senhor de todo o saber e poder. Se Ele mandou o filho homossexual, nada mais se tem a fazer além de *tolerar essa difícil prova*.

Por exemplo:

Mãe – [...] Hoje eu não sei o que me aconteceu, amanheci inconformada. Será que vai ser sempre assim? Eu estava tão bem... (GPH virtual, 03/09/2009)

A “tolerância” aparece como uma emoção tensa, mas contida em favor da “amargura”, paixão de temporalidade estendida. Ela pode estar no final do percurso da aceitação (tolerância conformada), mas não é necessariamente o final do percurso passional. No exemplo, a mãe está em tensão entre a tolerância conformada e a tolerância inconformada.

A seguir, o discurso manifesta o segredo e a mentira, a exemplo dos discursos dos filhos. A tolerância aparece como um início de aceitação.

Mãe – Se precisar, **eu finjo que aceito**, mas não quero perder o meu filho querido. (MODESTO, 2008:137 – grifo nosso)

No discurso a seguir, a mãe está, mais do que conformada, resignada, e cede à manipulação, pois teme que a filha se afaste dela:

Mãe - Já chorei demais, já fiz tudo que estava ao meu alcance para mudar essa situação, pedi tanto a Deus e nada... Não depende de mim. **Só me resta aceitar**. Não quero me afastar da minha filha... (MODESTO, 2008:138 – grifo nosso)

O discurso da mãe, a seguir, manifesta um sentido de “aceitação da filha como uma injunção, uma consequência de manipulação deontica (dever fazer). Uma aceitação concessiva: “Já que não tem jeito mesmo...”

Mãe – *Eu tenho esperança de que o meu estado de espírito mude com o tempo. **Espero ser novamente feliz apesar de... A aceitação vem quase como uma imposição ou como um mecanismo de defesa contra a loucura, um basta ao desespero, pelo cansaço de tanta luta em vão...** A aceitação ainda não é verdadeira no meu coração, soa falsa, é fruto do meu egoísmo por não poder ficar longe da minha filha, por ansiar pelos seus carinhos, pelo seu abraço.* (MODESTO, 2008:138 – grifo nosso)

Novamente o processo de aceitação aparece concessivo: “Embora eu não quisesse, sou obrigada a aceitar. E o destinador manipulador é a filha.

As mães, na maioria das vezes, aceitam seus filhos homossexuais, pois seu quadro de valores mudou, mas nem tanto: elas ainda concordam com o valor maior da heterossexualidade.

Por exemplo, o discurso de uma mãe que já aceita seu filho e quer ajudar a outra:

Mãe – [...] Amiga, *pode deixar que vamos rezar com você, vamos torcer muito para que seu filho não seja homossexual, para ser uma fase...* [...] (GPH virtual, 03/02/2009)

Nos discursos, até aqui, tivemos a descontinuidade, demarcando na aspectualização discursiva disjunções narrativas entre sujeito e objeto. Dentro da complexidade das relações intersubjetivas, temos finais prematuros e não tão eufóricos, dos PNS de aceitação, com a conformação, resignação. Pelos discursos analisados, tudo indica que a maioria das mães só se conformam. Elas amam seus filhos e os aceitam como são, mas a tensão entre a conformação e a não conformação reaparece constantemente.

O que vemos nos discursos acima são posições modais que se modificam e aparecem como diferentes formas de “esperança” (de não perder o filho), “de conformação” com o programa negativo, uma fase possivelmente temporária de

aceitação da homossexualidade do filho, de passagem para a aceitação com aprovação, ou, como uma passagem para a “resignação”, um final de percurso de tolerância muito próximo da “submissão”, de imposições, como, por exemplo, aceitar pelo medo de perder o filho para sempre.

Nos discursos, com o /saber não-ser/ (heterossexual), o sujeito modal susta o curso dos acontecimentos para que intervenha um outro estilo semiótico regido pelo /querer/ o amor dos filhos, ou pelo /não-querer/ perder o amor dos filhos. Essa é uma modulação de abertura que substitui a necessidade (o dever) de ter filhos heterossexuais. (GREIMAS e FONTANILLE, 1993:74).

Essa complexidade de sentidos é explicada com as relações de contrariedade, contradição e complementaridade do quadrado semiótico greimasiano, em sua concepção dinâmica, origem da versão tensiva, (TATIT, 2002:23-24).

O termo complexo, que contém dentro de si as tensões da continuidade e descontinuidade, é o que marca o “universo passional”. A partir dele, consideramos a “tristeza” e a “felicidade” ao mesmo tempo, pois a complexidade determina que a noção de “tristeza”, por exemplo, só fará parte desse universo passional, se encontrar um parâmetro de equilíbrio com a noção de “felicidade”, independentemente do grau de participação de uma paixão ou de outra. (2002:23-24). Por hipótese, com a conformação/inconformação acontece o mesmo. Independentemente do grau de conformação, haverá sempre uma noção de inconformação, determinada pela complexidade que marca o universo passional

No discurso a seguir, vemos que a alegria e tristeza relacionam-se termo a termo à conformação e não conformação pela homossexualidade do filho e aparecem em iteratividade, ora uma, ora outra:

Mãe – [...] *Confesso que ainda sinto tristeza de vez em quando... É duro, é difícil, mas a gente sobrevive... Meu Deus, quanto desperdício, mas a vida é assim, nos prega algumas peças... Há dias em que me sinto até alegre...*
(GPH virtual, 27/02/2010)

Nessa mensagem também se percebe um sentido de “resignação”, uma emoção tensa, mas contida em favor da “amargura” em *É duro, é difícil, mas a gente*

sobrevive... , além de o sujeito (mãe) se sentir enganado pela vida: a vida é assim, nos prega algumas peças...

No exemplo a seguir, a paixão da resignação:

Mãe – Se Deus acha que eu mereço... Eu escolhi essa prova, tenho certeza, para me tornar uma pessoa melhor. (MODESTO, 2008:137)

A partir do caminho menos tenso, depois da negação, já temos manifestações emocionais mais contidas em favor de sentimentos de “medo”, “vergonha”, “amargura”, “ressentimento”, levando à “conformação” e “resignação”, formas incipientes de aceitação em que se nota uma diminuição da tensão emocional.

E tudo isso nos leva aos sentidos de *tolerar*. No dicionário:

tolerar [Do latim *tolerare*]. Verbo transitivo direto.

1. Ser indulgente para com: Tolerou as injúrias com perfeita resignação.
2. Consentir tacitamente: O governo tolera a prostituição.
3. Suportar, aguentar: Não tolerava o ronco do marido.

Vemos o sentido de resignação em “Tolerou as injúrias...” Vou tolerar porque não vejo outra alternativa, o sentido concessivo é o que mais aparece nos depoimentos examinados.

Na segunda acepção, há o sentido do consentimento camuflado de alguém que se dá por vencido, como vimos em muitos depoimentos.

Na última acepção, no sentido de aguentar: “Eu não tolero esse tipo de gente.”. Esse sentido está no limite de não aprovar que algum sentimento ou ato de aceitação aconteça, está entre as paixões de não malquerer e de não benquerer, e aparece muito nos depoimentos de rejeição à homossexualidade dos filhos.

Entretanto, percebemos que, de modo geral, em “tolerar”, há um sentido importante de benevolência, um “não malquerer”, um permitir que algo aconteça, em oposição à “intolerância”, que não permite que manifestações de aceitação aconteçam.

Por exemplo:

Toleraremos que seus amigos gays sejam convidados.

Por outro lado, percebemos em “tolerar” uma possibilidade de “não tolerar, pois o sujeito que tolera é um destinador fraco e, como destinador-julgador, estando em posição hierárquica superior, teria de tolerar ou não. Assim, em tolerar, há sempre um risco, um perigo para o sujeito destinatário sancionado.

Os três primeiros sentidos de “tolerar” – o de resignação, o de aguentar que alguma coisa aconteça, e o de um aceitar subentendido, em oposição à intolerância – foram os mais encontrados nos depoimentos examinados. Eles relacionam-se a um “ser contido”, desacelerado, o sentido menos intenso da tolerância, que, como no caso da intolerância, é uma figura que pode apresentar diferentes graus de intensidade/extensidade, dependendo do discurso.

Por hipótese, em muitos casos, o tolerar relaciona-se a estender o tempo, em relação ao discriminar (ato intolerante). O sujeito de tolerar é um ser precavido, num sentido tensivo de prudência, conformado, pois, aumentando o grau de intensidade da tolerância, pode-se chegar à aceitação. Maior intensidade ainda, pode-se chegar à aprovação, à valorização da diversidade sexual, que quase não apareceu nos discursos do nosso *corpus*. Mas, “tolerar” é ficar “na zona de conforto”.

As mães religiosas têm maior dificuldade de aceitação, de modo geral. Costumam iniciar o percurso com muita rejeição e terminá-lo prematuramente, com a conformação, resignação:

Mãe1 – [...] Eu sei o motivo dessa provação e é por isso que eu tenho certeza de que meu filho será libertado dessa maldição. A libertação dele ocorrerá independentemente dele querer ser gay ou não. Deus vai tocá-lo e, sem que ele perceba, será um homem de Deus. (GPH virtual, 26/11/2006)

No início do percurso, essa mãe evangélica, destinadora julgadora, avalia a homossexualidade do filho como um duro castigo imposto ao filho e a ela (*provação, maldição*) por um pecado (*motivo da provação*) que ela diz saber qual é. A crença é em que o sujeito foi “tomado pelo demônio”. Por isso, a escolha da expressão “*libertação*”. Deus é o herói, o demônio é o vilão que se apoderou do

filho dela. Deus fará o milagre de tocá-lo para que ele se transforme em um “homem de Deus”, isto é, um homem heterossexual.

Mãe2 - [...] Eu e meu marido criamos nossos filhos dentro da Igreja Católica, éramos orgulhosos da nossa família. Todos atuantes e participantes da Igreja em várias pastorais. Éramos considerados o casal exemplo, um dos casais convidados pela Cúria de São Paulo a receber o Papa João Paulo, no Rio de Janeiro, em 1997, no encontro mundial da família. De repente, meu mundo caiu! Meu filho se confessou gay e 1998, com o apoio dos irmãos. Sozinha, eu chorava feito criança, ficava na maior depressão. [...] (GPH virtual, 10/07/2006)

Mãe3 – [...] A realidade é que estou sentindo de volta o carinho e atenção do meu filho, depois de longos anos sentindo-o afastado de mim, apesar de ter em boa parte culpa por não ter sabido lidar com as duas coisas ao mesmo tempo: minha religião evangélica ortodoxa e a homo do meu filho. Graças a Deus e a vocês, que Ele colocou no meu caminho, estou me sentindo a mesma mãe de anos atrás. Continuarei firme servindo a Deus, onde caminho há mais de 40 anos, e procurando entender meu filho que Ele me mandou por algum motivo. [...] (GPH virtual, 07/10/2006)

A manipulação reflexiva que as mães usam para aceitar os filhos é crer que Deus os mandou (uma prova negativa) como uma missão para que elas se tornem pessoas melhores.

Desse modo, a mãe continua amando o filho e aceitando a heterossexualidade como um valor positivo e a homossexualidade, como um valor negativo (um castigo) que deve ser aceito porque é a vontade de Deus. É o sentido concessivo que permanece na maioria dos depoimentos que não sejam de exclusão.

Mãe4 – Ele me contou dia 13/04/09, três dias antes de fazer 16 anos, quase morri, aliás, tentei me matar, não acreditava... meu marido ficou péssimo, doente, descobriu depois disso que tinha diabetes, entrou em parafuso, foi internado, a diabetes a 700, o meu filho mais velho queria matar a pessoa com quem o irmão estava saindo, minha mãe entrou em depressão, ficou péssima,

literalmente piramos, e, além disso ainda temos o problema da religião. Somos evangélicos da Presbiteriana pensei que era espiritual e eu orava 24 h e até briguei com Deus. Ele nunca demonstrou NADAAAAAAA, pelo contrário detestava os GAYS, criticava muito, mas hoje sei que era uma maneira de fugir [...]

*Amiga, **só pessoas especiais tem filhos especiais, se Deus nos mandou eles é porque é a nossa missão, e nada mudará isso**, o melhor mesmo é amá-los ainda mais, entendê-los e aceitá-los... Sei que não é fácil e tem o seu tempo determinado. A única certeza que eu tenho hoje é que ele é espetacular, trabalha comigo, é lindo, meu caçula, o filho amado que eu gerei com tanto amor, e não é a orientação sexual dele que vai mudar o que eu sinto.* (GPH virtual – 30/10/2009 – grifo nosso)

Na mensagem, a aceitação da mãe já expressa um grau de valorização, pois ela crê em que Deus escolheu a eles e ao filho, porque são *pessoas especiais* e tiveram a honra de serem escolhidas por Ele, para essa missão. No entanto, também há o sentido de /dever/ aceitar, já que foi uma escolha de Deus. Além disso, ela também aceita, porque *ele é espetacular, trabalha comigo, é lindo, meu caçula, o filho amado que eu gerei com tanto amor, e não é a orientação sexual dele que vai mudar o que eu sinto*.

Implícitas, estão em conflito: a) uma aceitação implicativa: Foi Deus quem nos escolheu, temos de aceitar, pois foi uma honra; e b) uma aceitação concessiva: “Embora meu filho seja gay”, ele é *espetacular, lindo*, etc. Embora ele seja gay, foi *Deus quem nos mandou, porque é a nossa missão, e nada mudará isso*

Durante o percurso narrativo discursivo de rejeição/aceitação, as mães pensam somente nelas. O sofrimento não lhes dá espaço para pensarem nos filhos. No final do processo de aceitação, as mães pensam mais nos filhos do que nelas.

4.7.4 Mães “saindo do armário”

Como no ditado, “quando o filho sai do armário, a mãe entra.” No processo de aceitação, as mães enfrentam desafios, entre os quais está “sair do armário”.

Como seus filhos, elas precisam se assumir, no caso delas como “mães de homossexuais”.

Depois da fase da aceitação da homossexualidade dos filhos, ou ao mesmo tempo, do mesmo modo que seus filhos, as mães também enfrentam o desafio da revelação para as outras pessoas, isto é, a mãe “sai do armário”.

Revelar para o pai

Mãe – Tenho ensaiado contar para o meu marido. Acontece que eu sou uma cagona. Toda vez que penso em falar, eu travo. E nunca consigo... Também a verdade é que a minha vida está muito atribulada e não tá dando pra trazer mais esse problema para o meu marido no momento. Ou será que é só mais uma desculpa pra não contar? (GPH virtual, 23/02/2010)

Mãe - Minha relação com o meu marido está horrível... Tentei por diversas vezes conversar com ele sobre a B, mas cada vez mais ele se fecha... estamos afastados um do outro... Sinto que, de uma maneira ou de outra, eu estou agressiva com ele, querendo mais, na verdade querendo colo, apoio, um ombro pra chorar... (GPH virtual, 16/04/2010)

Irmãos

Mãe – Parece que os dois irmãos estão até mais próximos e amigos. Saem juntos, conversam e os amigos acabam sendo em comum. Mas meu caçula tem apenas 10 anos. Estou ciente que darei o tom, mas não posso negar que passamos muito preconceito pra ele. Mas não acho justo termos este segredo dele, afinal já faz mais de um ano que vivemos essa situação... (GPH virtual 08/03/2010)

Avós

Mãe – Os avós não sabiam de nada e nem desconfiavam da minha filha, mas como resolvemos contar na sexta-feira, eu disse antes que ela havia passado uma fase m difícil e que iríamos conversar com eles [...] No dia seguinte ligamos e fomos lá conversar com eles. Quando chegamos, minha filha começou a falar que precisava falar com eles, enrolou mais um pouco e empacou... tadinha, ela ficou com aquele olhão azul parado... eu já sabia que a coisa ia demorar pra mim ela demorou quase uma hora pra falar, quase enlouqueci... com o irmão mais de meia-hora... gente, é um sufoco... Aí eu

disse a eles: É o seguinte, ela é gay e isto que ela quer contar e precisamos do apoio e amor de vcs. Falamos que poderíamos esconder, não contar, mas que eles não mereciam isto, pois SP estiveram ao nosso lado e que não havia motivo nenhum para esconder nada, pois nada havia de errado, apenas uma situação diferente. Daí tudo se desenrolou e começamos a falar sobre a homossexualidade, que não é uma opção, e etc. etc. Falei sobre os livros que li, sobre o grupo, quer dizer falei de vcs... rs. rs... sobre a minha própria dificuldade inicial e que ainda hoje, mtas famílias têm m dificuldade de aceitar seus filhos e filhas, depois jantamos juntos, conversamos sobre outras coisas e tudo ficou muito bem. (GPH virtual, 26/04/2010)

Em todos os exemplos, percebe-se a dificuldade das mães para informarem sobre a homossexualidade dos filhos.

Observa-se no percurso temático-figurativo dos exemplos uma desconstrução de estereótipos, trata-se de um depoimento de aceitação em processo que caracteriza todo o tempo um ator pouco acelerado. Antes, as mães estavam em conjunção com a mentira e o segredo, como seus filhos e filhas, com as paixões do medo e da angústia, da vergonha:

- O filho é heterossexual ao modo da mentira, porque parece heterossexual, mas não é; o filho é homossexual ao modo do segredo, pois é um homossexual, mas não parece;
- A mãe é mãe de um heterossexual ao modo da mentira, porque parece que ela é mãe de um heterossexual, mas não é; a mãe é mãe de um homossexual ao modo do segredo, pois é mãe de homossexual, mas não parece.

Agora, nos discursos, temos o predomínio da “cena englobante” (Mainqueneau: 2005), que se abre para a família próxima, parentes, escola, trabalho. A preferência é de temas concernentes à vida familiar, amigos e colegas de escola e de trabalho. O percurso temático-figurativo enfatiza o processo de abertura para a aceitação, a desconstrução de estereótipos, de preconceitos simbolizados pela afirmação da mãe, a seguir: *acho que o armário está se desmantelando aos poucos.*

Mãe – *Eu trabalhei na Parada, num posto médico [...] passei o dia saindo do armário. Assim que cheguei fui logo contando pros colegas q eu sentia q dava... Tinha uns 20 médicos trabalhando... Os mais jovens, uma graça, me apoiaram. Quando rolava piada de gay, eles me olhavam com solidariedade... Consegui falar pra vários, fiquei aliviada com isso, arejar o armário faz m bem pra alma [...]*

Gente, **acho que o armário está se desmantelando aos poucos...** Logo, logo, espero que ele se desmanche totalmente... (GPH virtual – 07/06/2010)

Cunhada (tia)

Mãe – [...] *Resolvi contar para minha cunhada (irmã do meu marido) sobre a homossexualidade de minha filha, claro que com autorização dela, mas, no fundo, eu esperava que ela se abrisse comigo sobre a filha dela, pois eu sempre tive a impressão de que minha sobrinha era homossexual. Veja como são as coisas... eu desconfiava de minha sobrinha e não via nada na minha filha! Maluco isso, não? Não só ela se abriu sobre a filha dela, como me contou sobre a homossexualidade de outra sobrinha, outra irmã do meu marido. Vejam, querida, na mesma família 3 casos de homossexualidade, cada irmão teve uma filha homossexual e, o mais incrível, elas não cresceram juntas... [...] Ter essa oportunidade de estarmos juntas e contarmos umas com as outras é uma dádiva de Deus, sabe?* (GPH virtual, 03/03/ 2010)

Podemos perceber que a evolução do estado emocional está indo no sentido de evolução emocional positiva do sujeito da enunciação. A direção desse desenvolvimento também tende à finalização, deixando entrever um novo sentido, para a retomada da evolução, agora externa, para fora da família de origem.

Revelar-se socialmente

Mãe - *Por mim, eu não contaria pra ninguém sobre essa condição da minha filha, guardaria esse segredo eternamente, já que ela tem modos femininos e nunca teve interesse por coisas de menino... mas, quando eu me dei conta muita gente já sabia... Na escola, a história se espalhou, dali foi como um rastilho de pólvora. Quando eu sentia confiança em alguém a ponto de dividir o meu sofrimento, começava a contar pra pessoa e eu notava só pelo olhar que a pessoa já sabia de alguma coisa. E muita gente me disse que tinham*

medo que eu não soubesse e tinham mais medo ainda de me contar. (GPH virtual, 10/03/2010)

Mãe – ***Parece que eu estou num universo paralelo.*** *Outro dia eu estava no plantão tinha um médico gay estava um certo mal estar por isso eles eram todos jovens eu era a tia dali. A gente falava de baladas eles perguntaram das minha filhas e eu disse como se nada fosse minha filha só vai pra balada gay porque ela **É GAY**. E continuei tocando como se tivesse dito que ia sair para tomar um café. É divertido, me sinto meio subversiva, haha, mas com desconhecidos é mais fácil, né? (GPH virtual, 15/04/2010 – grifo nosso)*

Essa mãe dizer que está num “universo paralelo” é uma metáfora para mostrar a perplexidade por estar mudando o seu quadro de valores, pela aceitação da filha.

Revelar-se no trabalho

Mãe – [...] *Realmente, querida, não tenho grandes necessidades de abrir a homossexualidade do meu filho no meu trabalho, porque não convivo com essas pessoas na minha vida pessoal, mas, ao mesmo tempo, penso que, se isso acontecesse, me pouparia de ouvir besteiras como a que ouvi hoje. [...]* (GPH virtual, 19/08/2009)

Aceitação dos relacionamentos dos filhos

Além de assumir que os filhos são homossexuais para as outras pessoas, outra grande dificuldade das mães é aceitarem os relacionamentos afetivos e/ou sexuais dos filhos.

No exemplo, a mãe dá um testemunho de aceitação:

Mãe – *Sabem, eu no início só de pensar no meu filho com um namorado me dava nojo (escrevi bem pequeno pq morro de vergonha de ter sentido isso), mas consegui levantar, sacudir a poeira e dei a volta por cima. É óbvio que não quero amassos em excesso, beijos tipo saca-rolhas mas estalinhos, mãozinhas dadas, carinhos e dengos, hoje em dia, não me fazem mais mal. Mas quem acompanhou por aqui sabe como foram as primeiras vezes. Penso que tudo é uma questão de tempo. A gente vê tanto carinho, tanta parceria entre eles, e, também vê que existe afeto de verdade, que esquecemos de*

tudo que foi passado e vemos com os olhos do coração. [...] (GPH virtual, 18/12/2006)

O enunciador (mãe) relata o “início” do processo de aceitação do filho. As marcas temporais distinguem uma época da outra. O aspecto pretérito do verbo indica o passado em oposição ao aspecto do tempo presente: “Hoje em dia...” O “tempo” é um adjuvante valorizado pelo sujeito.

Mãe – Depois que conheci minha genra, parece que as coisas estão melhorando na minha cabeça e na do meu marido tb. [...] (GPH virtual, 23/08/2009)

4.7.5 Mães e filhos “fora do armário”

O discurso a seguir mostra sentidos da aceitação:

Mãe – Quanto à vergonha do filho homo na família, já passei por isso também. Eu torcia para que o meu filho [gay] não quisesse ir a algum evento familiar. Falava de cara: “Se vc não quiser, não tem importância, eu explico que vc ficou estudando, ou que vc saiu...” Agora, pelo contrário, eu fico doida pra que ele vá... Quero mais é mostrar que ele é como qualquer rapaz da minha família, só que tem orientação diferente... Eu já aceito numa boa a homo dele... (GPH virtual, 09/04/2010)

Temos o simulacro de um sujeito (mãe), pleno, volumoso e forte *Agora, pelo contrário, eu fico doida pra que ele vá...* O sujeito substituiu o seu programa narrativo “esconder a homossexualidade do filho” por um novo programa: “exibir ser mãe de um homossexual”, mas ainda está implícita a necessidade de aprovação social.

O enunciador está valorizando o cenário da aceitação em contraste com as situações já vividas. No plano profundo, ele resgata os valores de limite da não aceitação e acena com a participação de valores de transgressão. No plano narrativo, o sujeito se vangloria de um fazer convocado depois de um percurso de grande sofrimento que acompanhou a modalização do seu ser.

Os valores intensos acabaram por ativar um sistema de denegação desses mesmos valores e, ao mesmo tempo, a recuperação dos valores extensos. Os valores recusados – relativos à heteronormatividade – são desvalorizados. Justamente os valores desprestigiados no início desse percurso narrativo-passional – “etapa da descoberta” – é que são convocados, nessa fase da “etapa da aceitação”: *Quero mais é mostrar que ele é como qualquer rapaz da minha família, só que tem orientação diferente... Eu já aceito numa boa a homo dele...*

O estado de insuficiência modal do sujeito converte-se em predisposição para ação de acolhimento, aceitação, realizada na frase: *Quero mais é mostrar que ele é como qualquer rapaz da minha família*. Com a ênfase na modalidade do querer, é a recusa dos valores anteriores.

Partimos de valores de absoluto, em que a triagem e o fechamento intervieram como operadores, tendo como resultado o preconceito, e a intolerância, oriundos da heteronormatividade, beneficiando a *concentração*, para chegar aos valores de universo do respeito e aceitação da diversidade sexual, com a mistura e abertura, beneficiando a *expansão*, das paixões de confiança, acolhimento e amor, e os atos de agregação e aceitação, (2001:47).

triagem → fechamento → abertura → mistura

Em

Mãe – *Sou grata, não por meu filho se gay, mas por ser gay e ser feliz, ele é alegre, tem uma autoestima lá em cima, pensa no futuro, e tem um coração enorme, generoso e consciente da vida e dos problemas, enfim e meu filho é um ser humano incrível, portanto o fato dele ser gay, ou não, não me atinge mais [...]* (GPH virtual - 27/06/2010)

a mãe, sujeito do discurso, aceita o filho com muita ênfase, “*independentemente dele ser gay ou não*”, mas a determinação de parâmetros para a aceitação (ser feliz) e a escolha do verbo “atingir” em “*não me atinge mais*” abre a possibilidade de uma leitura ainda concessiva da aceitação. Embora ele seja gay, é uma ótima pessoa, e, por ele ser feliz, *um ser humano incrível*, foi aceito. A aceitação tem, então, um sentido de compensação.

4.7.6 Aprovação e valorização

Os discursos em que se manifesta a aprovação e a valorização são pouquíssimos. Se a aceitação exige a mudança de contratos sociais, é necessária a adoção de um novo quadro de valores, a valorização da diversidade, mais ainda.

Escolhemos os três primeiros discursos para delinear o contexto discursivo em que a valorização da diversidade de orientação sexual se manifestaria. Analisaremos o terceiro.

No discurso a seguir, a mãe se julga positivamente, não só por ter aceitado sua filha lésbica, mas também por “ter se tornado uma pessoa melhor”, pois agora é menos preconceituosa. Há um percurso de o sujeito se perceber preconceituoso, de se julgar negativamente por essa paixão e de querer mudar esse seu estado de ser apaixonado:

Mãe – *Do fundo do coração, não era o que eu queria para o meu filho, mas a vida nos escolheu para viver essa situação diferente da maioria. Resolvi, então, que eu teria que caminhar pra ver o meu filho feliz, porque ele não tem culpa de absolutamente nada. Sei, também, **que me tornei uma pessoa melhor**, menos crítica, mais paciente, mais compreensiva com as pessoas.*
[...] (GPH virtual, 19/10/2007 – grifo nosso)

No discurso a seguir, a mãe fala do sentimento do amor como aquele algo a mais que impulsiona a aceitação dos filhos homossexuais. O amor entre as duas garotas lésbicas resgatou o amor da mãe pela filha e o objeto valor dessa mãe, hoje, é a felicidade de sua filha, acima de tudo. Isto é, a felicidade de sua filha é a sua felicidade:

Mãe – *O amor transforma mesmo! A primeira vez que observei a Ma com a companheira dela e vice-versa, pensei: Poxa vida! E eu não querendo aceitar!!! Foi a coisa mais linda que vi entre elas, e lembrei também de quantas vezes eu tinha visto esse olhar com a primeira namorada da Ma, eu não querendo ver!! E odiando aqueles olhares que hoje admiro, pq é puro afeto, cumplicidade, Amor, quem sou eu pra não gostar? E isso,*

AFETIVIDADE, e a vejo feliz, e isso pra mim não tem preço... FELICIDADE...
[...] (GPH virtual, 04/11/2006)

No exemplo a seguir, a mãe resume as duas fases do processo de rejeição/aceitação:

Mãe – [...] *O que me salvou numa noite de desespero foi o CVV – Centro de Valorização da Vida. Mas graças a DEUS, superei essa fase, pois amo, amo, amo o meu filho lindo e maravilhoso, tem as melhores qualidades que um ser humano pode apresentar. **Tenho certeza de que ele vai vencer na vida e vai ser muito feliz, pois, no que depender de mim ele vai conseguir.*** (GPH – Grupo virtual, 24/10/2010 – grifo nosso).

Nesse depoimento, temos um discurso já de aceitação com aprovação. Na fase da aceitação, instaura-se um movimento progressivo que aponta para a divisão dos sentimentos entre outros sujeitos e consequente diminuição da tensão emocional das mães.

Em,

Mãe – *Não devo nada a ninguém e me orgulho muito das minhas filhas. [Uma delas} é muito delicada nos gestos, é uma menina de fala doce, sua voz é baixa e suave, porém é um menino no quesito roupas e sapatos! E acredite, hoje ela é muito vaidosa ao se arrumar. Usa perfumes masculinos deliciosos, sapatos, camisas... Ela é extremamente andrógina e é confundida com homem o tempo todo, já foi inclusive retirada de banheiro feminino... (os seguranças quase morreram de pedir desculpas depois). E ela não é uma transexual, adora ser mulher, não se sente interiormente um homem, nada disso.*

Já a minha caçula é o oposto de tudo isso, patricinha, extremamente vaidosa, sapatos altos, maquiagem sempre, cabelos longos... Respeito o modo de ser de cada uma das minhas filhas, entendo que cada uma delas tem que ser como é, caso contrário estaria se violentando. E não é isso que queremos para os nossos filhos? [...] Para mim é uma alegria imensa ver minhas duas meninas nos mostrando quem são, amadurecendo suas personalidades, seus estilos, suas características. (GPH virtual, 16/04/2010)

o sujeito (mãe) começa o discurso com valores de distensão. Ele denega os valores antigos e seu antigo destinador: *não devo nada a ninguém e me orgulho muito das minhas filhas*, revelando-se um sujeito orgulhoso (e não mais envergonhado), que se mostra por meio de um corpo de presença plena e segura.

Em *não devo nada a ninguém* está implícita uma luta, uma narrativa na qual, para exercer sua liberdade de aceitação, esse sujeito combateu forças antagonistas, cuja presença no passado é, na maior parte do tempo, insinuada no texto. Sabemos que nesse percurso houve empecilhos. No discurso há o relato de interdições, conflitos, que tiveram de ser superados: *já foi inclusive retirada de banheiro feminino...* Em: *os seguranças quase morreram de pedir desculpas depois* há uma continuidade proposta no nível tensivo. Há um momento sintático de parada em *já foi inclusive retirada de banheiro feminino...* para em seguida, entre parênteses, haver uma negação da parada, uma distensão, em (*os seguranças quase morreram de pedir desculpas depois*).

Essa é a “história” de um sujeito que está construindo um percurso de competência e fazer para caminhar de forma livre, independente dos preconceitos ainda vigentes contra a homossexualidade.

O discurso retrata um sujeito feliz, sem nenhum problema de aceitação pela filha lésbica. Do ponto de vista da semântica discursiva, o tema e as figuras configuram uma visão de mundo do sujeito e a desconstrução de estereótipos. A figura da mãe aparece valorizada, no seu carinho e solidariedade, na sua aceitação precursora da filha masculinizada.

O enunciador implícito foi orientado por um novo sistema de valores e quebra os estereótipos comportamentais. Temos presentes durativos “nos mostrando”, “amadurecendo”, no final do discurso, com a aspectualidade de continuação do processo: *Para mim é uma alegria imensa ver minhas duas meninas nos mostrando quem são, amadurecendo suas personalidades, seus estilos, suas características*

Falando no plural da filha homossexual e da filha heterossexual, em igualdade de condições, o sujeito recusa o tratamento “partitivo”, de um relacionamento maternal dirigido pela “triagem”, que se manifestaria com um sentido de ruptura. Ao contrário, aqui temos um sentido de, “mistura”, um sentido

de igualdade na diferença: *o modo de ser de cada uma das minhas filhas, entendo que cada uma delas tem que ser como é...*

Se considerarmos essa paixão do ponto de vista do processo controlado pelo “modo de existência” o sujeito alcançou a plenitude realizante, isto é, a felicidade, (2001:220).

No nível narrativo, percebe-se facilmente uma plena conjunção do sujeito com o seu objeto valor, ser feliz vendo suas filhas felizes, explicitado no nível discursivo, na frase: *Para mim é uma alegria imensa ver minhas duas meninas nos mostrando quem são, amadurecendo suas personalidades, seus estilos, suas características*. A seleção de valores durativos e átonos, no nível tensivo, mostra que o enunciador não respeita imposições sociais. Essa mãe torna-se destinador e sujeito das suas próprias ações, representadas nessa afirmação final.

No nível discursivo também é interessante considerar a “figura” de cada uma das filhas, enfatizando o estilo “andrógino” (masculinizada) de uma que se contrapõe ao estilo “patricinha” (feminina ao extremo) da outra. O ator, mãe, no nível narrativo no papel actancial de destinador, julga positivamente as duas, independentemente de suas diferenças.

Temos nesse ator um estado de segurança narrativa: *Não devo nada a ninguém e me orgulho muito das minhas filhas*. E fazendo parte dessa “segurança” da conjunção contínua, inclui-se um desejo de /querer não-ser/ de acordo com a conformação, resignação, submissão ao quadro de valores, mas um desejo de /querer ser/ de acordo com a mudança, com a soberania, o desejo de ser uma mãe precursora. Esse ator se configura com um *éthos*, forte e corajoso.

Como enunciadora, a mãe insinua a produção de novos valores e novas ideologias, em substituição àquelas relacionadas à heteronormatividade, usando o plural, em primeiro lugar, em, *E não é isso que queremos para os nossos filhos?* e, finalmente declarando sua comunhão com o objeto, como modelo positivo, em: *Respeito o modo de ser de cada uma das minhas filhas [...]*

No discurso, temos um sujeito constituído pelo /querer/ e por um /poder fazer/, resultando daí um sujeito satisfeito, um sujeito feliz: *para mim é uma imensa alegria ver minhas duas filhas...* Aí temos o valor do valor, manifestado pela actualidade do sujeito. A mãe está segura e está satisfeita com o que faz

e com como pensa o mundo, supõe um observador social ético que faz esse estado do sujeito significar. Sob a ética da responsabilidade, essa voz constrói um novo modo de pensar e agir.

Considerando o discurso como um todo – um sistema gerativo de manifestação de valores – percebe-se a negação dos valores heteronormativos antigos e a afirmação de novos valores.

CONCLUSÃO

Afastada por mais de vinte anos dos estudos acadêmicos, confesso o esforço que foi, para mim, tentar recuperar o desenvolvimento da teoria semiótica que deixei de acompanhar por todo esse tempo. Mesmo que eu não tenha sido competente o suficiente para auxiliar no desenvolvimento da teoria, tentei fazer o meu melhor e foi um prazer aliar o estudo do discurso, que sempre me atraiu, ao meu trabalho em favor da diminuição do preconceito contra os homossexuais.

Os objetivos desta tese estão mencionados na introdução. Analisei depoimentos de mães heterossexuais e de filhos homossexuais e o resultado me surpreendeu. Eu sempre suspeitei, baseada no ativismo que desenvolvo na ONG que presido, que o difícil percurso passional de aceitação da homossexualidade fosse semelhante para mães e filhos, mas não imaginei que fosse tanto!

Para justificar as conclusões a que cheguei e os comentários que farei, lembro que a teoria semiótica permite que conciliemos a análise interna do discurso e o contexto sócio-histórico, por meio da enunciação. Na análise semiótica, tratamos de simulacros, analisamos “paixões de papel”. Mas o enunciador e enunciatário, respectivamente, persuadem e interpretam, fazendo com que o discurso manifeste valores. E as várias centenas de depoimentos examinados constituíram o contexto do discurso, que comentarei nesta “conclusão”.

Mães e filhos passam por uma decepcionante descoberta, pois todos somos preconceituosos em relação à diversidade de orientação sexual, aparência e comportamento de gênero. A diferença de efeitos da descoberta, para mães e para filhos, provém de que a descoberta da homossexualidade para os filhos é realizada através de um processo que se estende no tempo, e, para suas mães, o processo é, geralmente, pontual.

Tendo em vista essa diferença de orientação discursiva, entendi com mais clareza o motivo pelo qual a maioria dos filhos sabe e considera que as mães vão passar por dificuldades de aceitação. Eles sabem por experiência própria.

Por outro lado, eles creem no “amor incondicional” de suas mães e esses vários saberes desenvolvem paixões intersubjetivas intensas, que os orientam na escolha de recursos de persuasão para que as mães os aceitem. Em

contrapartida, as mães, sem nenhuma experiência da questão, nem consideram o difícil período de aceitação de seus filhos, a não ser no final do percurso passional, pois, na sua maioria, não conseguem manifestar o “amor incondicional” que lhes é exigido. Desse modo, considero comprovado que o “amor incondicional” das mães por seus filhos é um simulacro de contrato, construído socialmente, que não tem nenhum fundamento na realidade, embora gerencie as relações entre mães e filhos, acarretando paixões negativas para ambos. Para complicar, os jovens homossexuais, de modo geral, mais do que os outros, em grande parte em razão do preconceito que sofrem, prezam sobremaneira o carinho e apoio de suas mães.

Em meio a tantos desencontros, ou por causa deles, mães e filhos manipulam-se mutuamente, usando recursos de persuasão semelhantes. Por exemplo, é comum que tanto uns quanto outros ameacem tirar a própria vida como recurso de manipulação e/ou de compensação do “sentimento de falta”. No entanto, as mães são acometidas por doenças somáticas mais frequentemente do que os filhos, enquanto os levantamentos de suicídio entre jovens homossexuais brasileiros, é avaliado, como muito alto.

Trabalhei com depoimentos da última década (2001 a 2010) e, assim, embora não tenha sido um dos objetivos desta tese a pesquisa numérica, pudemos contrapor depoimentos mais antigos a mais recentes, também contando com a idade dos depoentes. O que eu não esperava foi constatar que os filhos mais jovens (a partir de 12 anos) e os mais velhos (aproximadamente de 30 a 54 anos) enfrentam conflitos semelhantes, quando se trata de relacionamento familiar.

Embora a análise dos depoimentos mostre que um maior número de jovens, atualmente, já assume a sua homossexualidade, apesar de a dificuldade doméstica ser praticamente a mesma, os homossexuais mais velhos, na maioria, ainda vivem “vida dupla”, para a família e/ou sociedade.

Para explicar essa diferença, avento a hipótese de que a sociedade, atualmente, apesar de preconceituosa, quer ser “politicamente correta”. Assim, quando o filho homossexual é de outra pessoa, “tudo bem”.

Um triste resultado foi ter certeza de que a “violência doméstica” ainda é enorme e os jovens homossexuais não têm como se defenderem dela. O

preconceito ainda reinante manifesta-se com toda a sua força dentro da casa da família, com paixões de malquerer e atos de intolerância.

Os depoimentos apontaram para que as mães religiosas, de modo geral, são as que mais passam por dificuldades de aceitação. Essas mães creem que elas e seus filhos foram “escolhidos por Deus” e, ou excluem definitivamente os filhos, ou se conformam, realizando uma pseudoaceitação.

Espero que esta contribuição, embora pequena, dê frutos, incentivando pesquisadores a trabalharem com o assunto, para que se construa uma ponte entre a pesquisa acadêmica e o social, que possa ajudar na mudança desse *status quo* vergonhoso que ainda perdura em relação à diversidade sexual.

BIBLIOGRAFIA

- AMOSSY R. (Org.) (2005) *Imagens de si no discurso – A construção do éthos*. São Paulo, Contexto.
- ASSIS SILVA, I. (Org.) (1996) *Corpo e sentido – A escuta do sensível*. São Paulo, Editora da UNESP.
- BAKHTIN, M. (2007) *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____ (1998) *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. São Paulo, Hucitec.
- BARROS, D. L. P. (2003) Interação entre anúncios publicitários. In: *Interação na fala e na escrita*. Org. Dino Prety, 2ª edição. Projetos Paralelos – NURC/SP/USP, Humanitas/FFLCH/USP.
- _____ (1995) Preconceito e separatismo no discurso: um discurso separatista gaúcho. *Organon*, 23.
- _____ (1990) *Paixões e apaixonados: Exame semiótico de alguns percursos*. In: *Cruzeiro Semiótico* n. 11/12. Porto, março, p. 60 a 73.
- _____ (1990a) *Paixões e Apaixonados: exame semiótico de alguns percursos*. In: *Revista Cruzeiro Semiótico*, Associação Portuguesa de Semiótica, Revista semestral n.11 - 12, Porto, p. 60 a 83.
- _____ (1988) *Teoria do Discurso – Fundamentos semióticos*. São Paulo, Atual.
- _____ (1985) *A festa do discurso – Teoria do Discurso e Análise de Redações de Vestibulandos*. Tese de Livre-Docente em Linguística. São Paulo, FFLCH – USP (Xerox).
- BERTRAND, D. (1986) *L'énonciation passionnelle. Etude de cas*. Paris, Actes Semiotique, Bulletin XI, 39, p. 43 a 56.
- BORGES, Klecius (2009) *Terapia afirmativa*. São Paulo, SP, Summus.
- CHARAUDEAU, P. e D. MAINGUENEAU. (2006) *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo, Contexto.
- CHURCHILL, G. (1998) *Marketing research; methodological foundations*. 2ª ed. The Dryden Press.
- DISCINI, N. (2005) *Comunicação nos textos – Leitura, produção, exercícios*. São Paulo, SP, Contexto.

- _____ (2004) *Intertextualidade e conto maravilhoso*. 2ª ed., São Paulo, Humanitas.
- _____ (2003) *O Estilo nos textos*. São Paulo, Contexto.
- DITCHE, E., J. FONTANILLE e P. LOMBARDO. (2005) *Dictionnaire des Passions Littéraires*. Paris, Belin.
- FÁVERO, L. L. e M. L. ANDRADE OLIVEIRA. (1999) *Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas*. In: *Estudos da Língua Falada – Variações e confrontos. Projetos Paralelos – NURC/SP*, Dino Pretti (org.), 2ª ed. Humanitas, FFLCH.
- FERREIRA, A. B. de H. (2004) *Novo Dicionário Aurélio*. Versão 5.0 – Edição revista e atualizada. Dicionário Eletrônico. Positivo Informática.
- KINNEAR, T. C. e J. R. TAYLOR. (1995) *Marketing research; an applied approach*. McGraw Hill, 1979. p. 186; Aamer, D.; Kumar, V. & Day, G. *Marketing research*. John Wiley & Sons, Inc.
- FIORIN, J. L (1988). *O regime de 1964: discurso e ideologia*. São Paulo, Atual.
- _____ (1992) *Algumas considerações sobre o medo e a vergonha*. Associação Brasileira de Semiótica. *Revista Cruzeiro Semiótico* n. 16, janeiro, Assoc. Portuguesa de Semiótica, Porto, Portugal. 55 a 64.
- _____ (1996) *As astúcias da Enunciação – As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ática.
- _____ (2003) O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia* (PUC-SP). , v.5, p.19 - 52.
- _____ (2003) *O contrato de veridicção no romance*. In: *Perfiles Semióticos – Greimas em América Latina: Bifurcaciones*. Grupo de Investigaciones Semiolinguísticas (GIS) Univ. de LOS Andes, Venezuela.
- _____ (2004) *O pathos do enunciatário*. Alfa (ILCSE/UNESP). v. 48, p. 69-78.
- _____ (2005) O éthos do enunciador In: *Razões e sensibilidades*. 1ª ed. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2004, p. 117-138
- _____ (2005) *Elementos de Análise do Discurso*. 13ª ed., São Paulo. Contexto.
- _____ (2005) Gêneros e tipos textuais In: *Ensaio sobre leitura*. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora da PUC Minas, p. 101-117.

- _____ (2008) A crise da representação e o contrato de verificação no romance. *Revista do GEL* (Araraquara)., v.5, p.197 - 218.
- _____ (2008) *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo, Contexto.
- FONTANILLE, J. (2008) *Ética e práticas semióticas*. Textos base p/ palestras nas Letras, FFLCH – USP, maio.
- _____ (2007) *Semiótica do Discurso*. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo, Contexto.
- _____ (1986) *Le tumulte modal – De la macro-syntaxe a la micro-syntaxe passionnelle*. In: Bulletin. Actes sémiotiques. *Les passions*, Paris, XI, 39. September, p. 13 a 30
- _____ (1980) *Le désespoir ou Les malheurs du coeur et le salut d'esprit*. Documents de Recherche. II. 16, Paris, EHESS - CNRS.
- FONTANILLE, J. e C. ZILBERBERG. (2001). *Tensão e Significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo. Discurso Editorial, Humanitas – FFLCH- USP.
- GALEMBECK, P. de T. (2005) Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. IN: *O discurso oral culto*. Dino Pretti (Org.). Projetos Paralelos – NURC/SP 2 (Núcleo USP). 3ª. ed. Humanitas.
- FAIRCHILD, B. e HAYWARD, N. (1996) *Agora que você já sabe*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Record.
- & FONTANILLE, J. (1993) *Semiótica das Paixões*. São Paulo, SP, Editora Ática.
- _____ (1990) *A propôs de l'avarice*. In: *Cruzeiro Semiótico*. Porto, março, p. 16 a 36.
- GREIMAS, A. J. (1987) *de l'imperfection*. Paris. Pierre Fanlac, Périgueux.
- _____ (1986) *De la nostalgie. Etude de semantique lexicale*. IN: *Les passions*. Bulletin XI, 39 septembre, p 5 a 11.
- GREIMAS, A. J. e E. LANDOWSKI (1986) *Análise do discurso em ciências sociais*. Trad. Cidmar Teodoro Pais. São Paulo, Global.
- GREIMAS A. J. J. COURTÉS (1986) *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Vol. II Paris, Hachette.
- _____ (1984) *Dicionário de Semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima, Diana L. P. de Barros et. Ali. São Paulo, Cultrix.
- GREIMAS, A. J. (1983) *Du Sens II – Essais Sémiotiques*. Paris, Éditions du Seuil

- _____ (1982) *Le défi*. In: *Figures e la manipulation*. Paris. Bulletin – Actes Semiotiques, V, 23, septembre.
- _____ (1981) *De la colère. Études de sémantique lexicale. Actes Sémiotiques. Documents*, Paris III (27).
- _____ (1981a) *Semiótica e Ciências Sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo, Cultrix.
- _____ (1976) *Semântica Estrutural – Pesquisa e Método*. Trad. Haquiera Osakabe e Isidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix/USP.
- _____ (1975) *Sobre o Sentido – Ensaio semióticos* RJ, Vozes.
- _____ (1974) *L'énonciation: une posture épistémologique*. In: Significação – Revista Brasileira de Semiótica, n.1, Centro de Estudos Semióticos A.J. Greimas, Ribeirão Preto (SP) p. 9 a 25.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. (1999) *Ensaio semiótico sobre a vergonha*. São Paulo. Humanitas – FFLCH-USP.
- HENAULT, A. (1986) *Structures aspectuelles Du rôle passionnel*. In: Actes Semiotiques - Bulletin, Paris, XI, 39 septembre, p. 32 a 42.
- LANDOWSKI, E. (1997) *Présences de l'autre. Essais de Socio-Sémiotique II*. PUF - Presses Universitaire de France.
- _____ (1994) *Foi Greimas semioticista?* Entrevista de Eric Landowski para a Revista Santara, Vilnius, 1993. Trad. Ana Cláudia Oliveira In: Algirdas Julien Greimas – Testemunhos. PUC-SP/USP.
- _____ (1992). *A sociedade refletida: ensaios semióticos*. São Paulo, EDUC/Pontes.
- _____ (1990) *A carta como ato de presença*. In: Cruzeiro Semiótico. Porto. p. 93 a 98.
- _____ (1981) *Jeux optiques – Exploration d'une dimension figurative de la communication*. In: EHESS - Paris. Documents, III, 22.
- LA TAILLE, Yves de. (2006) *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre, Artmed.
- LOPES, Edward. (1990) *Paixões no espelho: sujeito e objeto como investimento passionais primordiais*. Porto, março, p. 154 a 160.

- LOPES, Ivã Carlos. (2005) Extensidade, intensidade e valorações em alguns poemas de Antonio Cicero In: *Semiótica, objetos e práticas*. Org. Ivã Carlos Lopes e Nilton Hernandes. São Paulo, Contexto.
- _____ (1992) *A performance como comportamento e a classificação ideológica do discurso*. Associação Brasileira de Semiótica. *Revista Cruzeiro Semiótico* n. 16, janeiro, Assoc. Portuguesa de Semiótica, Porto, Portugal. 55 a 64.
- LOPES, Ivã Carlos e N. HERNANDES (org.) (2005) *Semiótica – Objetos e Práticas*. São Paulo, Contexto.
- MAINGUENEAU, D. (2005) *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti, Curitiba, Criar Edições.
- _____ (2005a) *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4ª. edição. Cortez.
- _____ (1997) *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. Freda Indursky, Campinas, SP, Pontes/UNESP.
- _____ (1995) *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo, Martins Fontes CRIAR Edições, Curitiba, PR.
- MANCINI, C. R. (2006) *Dinamização dos níveis do percurso gerativo: canção e literatura contemporânea*. Tese de doutorado. Orient. Luiz Tatit, FFCL-USP.
- MARSCIANI, F. (1984) *Les parcours passionnels de l'indifférence*. Paris. Actes Sémiotiques, Documents VI, (53).
- MATTAR, F. (1996) *Pesquisa de marketing*. Edit. Atlas.
- MODESTO, Edith. Jovens homossexuais e o poder familiar IN: *Direito e Diversidade Sexual* - Revista Científica Virtual da ESA – Escola Superior de Advocacia – OAB, ano II, 2010, n. 5 - www.oabsp.org.br/esa
- _____ (2009) *Entre mulheres – Depoimentos homoafetivos*. Summus Editorial – GLS.
- _____ (2008) *Mãe sempre sabe? Mitos e Verdades sobre pais e seus filhos homossexuais*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Record.
- _____ (2006) *Vidas em arco-íris – Depoimentos sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Record.
- _____ (1988) *Contribuição à análise semiótica de textos poéticos e visuais bidimensionais*. Dissertação de mestrado. Orient. Diana L. P. de Barros, FFLCH – USP.

- MOTTA A. R. e L. SALGADO (Org.) (2008) *Éthos discursivo*. São Paulo, Contexto.
- MOTT, Luiz. (2003) *Crônicas de um gay assumido*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Record.
- OLIVEIRA, A. C. (Ed.) (1994) *Algirdas Julien Greimas – Testemunhos*. Colóquio Unidade e Pluralidade: Em torno da obra de A. J. Greimas, PUC-SP/USP.
- PARRET, H. (1982). *Eléments pour une typologie raisonnée des passions*. Paris. Actes Semiotiques, Documents IV, 37.
- TATIT, L. (2001) *Análise semiótica através das letras*. São Paulo. Ateliê Editorial.
- PRETI, D. (Org.) (2008) *Cortesias verbal*, Projetos Paralelos – NURC – USP/SP, n. 9, Humanitas/FFLCH.
- _____ (2006) *Oralidade em diferentes discursos*. Projetos Paralelos – NURC – USP/SP, n. 8 Humanitas/ FFLCH.
- _____ (2005) *Diálogos na fala e na escrita*. Projetos Paralelos – USP/SP, n. 7, Humanitas/FFLCH.
- _____ (2003) *Léxico na língua oral e na escrita*. Projetos Paralelos – NURC – USP/SP n. 6, São Paulo, Humanitas/FFLCH – USP.
- _____ (2003a) *Interação na fala e na escrita*. Projetos Paralelos – NURC – USP/SP, n.5, 2ª ed., Humanitas/FFLCH.
- _____ (2001) *Fala e escrita em questão*. Projetos Paralelos – NURC – USP/SP, n. 4, 2ª. ed. Humanitas/FFLCH.
- _____ (1999) *Estudos de língua falada – Variações e confrontos*. Projetos Paralelos – NURC – USP/SP n. 3, 2ª. ed. Humanitas/FFLCH.
- _____ (1997) *O discurso oral culto*. Projetos Paralelos – NURC – USP/SP, n.2 FFLCH.
- _____ (1993) *Análise de textos orais*. Projetos Paralelos – NURC – USP/SP, n.1, FFLCH - USP.
- _____ (1977) *Sociolingüística – Os níveis de fala. Um estudo sociolingüístico do diálogo literário*. 3ª. ed., São Paulo, Cia. Editora Nacional.
- PICAZIO, Claudio. (1998) *Sexo secreto*. São Paulo, SP, Editora Summus.
- _____ (1998b) *Diferentes desejos*. São Paulo, SP, Editora Summus.
- TREVISAN, João S. (2002) *Pedaço de mim*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Record.
- _____ (1998) *Seis balas num buraco só – A crise do masculino*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Record.

- ZILBERBERG, C. (2008) *Eléments de grammaire tensive*. Limoges, France. Pulim.
- _____ (2006a). *Razão e poética do sentido*. Trad. Ivã Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo, EDUSP – Edit. da Univ. de São Paulo.
- _____ (2006b). Síntese da Gramática Tensiva. In: *Significação – Revista Brasileira de Semiótica*. AnnaBlume/USP, 25, junho, p. 164 a 201.

ANEXOS

Anexos à Introdução

Anexo 1

[Intolerância à diversidade sexual](#)⁵²

Revista Teoria e Debate nº 78 - julho/agosto 2008

Pesquisa das Fundações Perseu Abramo e Rosa Luxemburg revela que por trás da imagem de liberalidade o brasileiro é extremamente preconceituoso em relação à população LGBT

Por Gustavo Venturi*

“Deus fez o homem e a mulher [com sexos diferentes] para que cumpram seu papel e tenham filhos”

(Frase popular, anônima, que tem a concordância de 11 em cada 12 brasileiros/as)

Acaba de sair do forno a mais recente pesquisa social do Núcleo de Opinião Pública (NOP), intitulada Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil, Intolerância e respeito às diferenças sexuais nos espaços público e privado – uma realização da Fundação Perseu Abramo, em parceria com a alemã Rosa Luxemburg Stiftung.

Com dados coletados em junho, de 2008², a pesquisa percorreu processo de elaboração semelhante ao de estudos anteriores do NOP³, tendo sido convidados pela FPA para definir quais seriam as prioridades a investigar entidades e pesquisadores dedicados ao combate e ao estudo da estigmatização e da discriminação dos indivíduos e grupos com identidades sexuais que fogem à heteronormatividade – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT).

Com o intuito de subsidiar ações para que as políticas públicas avancem em direção à eliminação da discriminação e do preconceito contra as populações LGBT, de forma a diminuir as violações de seus direitos e a facilitar a assunção e afirmação de suas identidades sexuais, buscou-se mensurar tanto indicadores objetivos de práticas discriminatórias em razão da orientação sexual das pessoas, quanto as percepções sobre o Finame- no (indicadores subjetivos, portanto) e manifestações diretas e indiretas de atitudes preconceituosas. A pesquisa cobriu assim um amplo espectro de temas, de modo que o relato que segue constitui tão-somente uma leitura preliminar – entre muitas que certamente os dados obtidos permitirão – e sobre parte dos resultados que, à primeira vista, parecem mais relevantes.

O preconceito dos outros

⁵² Revista Teoria e Debate nº 78 - julho/agosto 2008

Indagados sobre a existência ou não de preconceito contra as pessoas LGBT no Brasil, quase a totalidade da população responde afirmativamente: acreditam que existe preconceito contra travestis 93% (para 73% *muito*, para 16% *um pouco*), contra transexuais 91% (respectivamente 71% e 17%), contra gays 92% (70% e 18%), contra lésbicas 92% (para 69% *muito*, para 20% *um pouco*) e, tão freqüente, mas um pouco menos intenso, 90% acham que no Brasil há preconceito contra bissexuais (para 64% *muito*, para 22% *um pouco*). Mas perguntados se são preconceituosos, apenas 29% admitem ter preconceito contra travestis (e só 12% *muito*), 28% contra transexuais (11% *muito*), 27% contra lésbicas e bissexuais (10% *muito*, para ambos) e 26% contra gays (9% *muito*). (Gráficos 1a e 1b)

O fenômeno de atribuir os preconceitos aos outros sem reconhecer o próprio é comum e esperado, posto que por definição a atitude preconceituosa é politicamente incorreta.

Existência de preconceito contra LGBT no Brasil

Gráfico 1a

Existência de preconceito pessoal contra LGBT

Gráfico 1b

No entanto, chama a atenção, neste caso, as taxas relativamente elevadas de pessoas que admitem ter preconceitos contra os grupos LGBT: na pesquisa Idosos no Brasil, em 2006, 85% dos não-idosos (16 a 59 anos) afirmaram que há preconceito contra idosos na sociedade brasileira, mas apenas 4% admitiram ser preconceituosos em relação aos mais velhos; e na pesquisa Discriminação Racial e Preconceito de Cor no Brasil, em 2003, 90% reconheciam que há racismo no

Brasil, 87% afirmaram que os brancos têm preconceito contra os negros mas apenas 4% dos de cor não preta assumiram ser preconceituosos em relação aos negros.

Certamente, é preciso aprofundar a investigação sobre o fato de o preconceito contra a população LGBT ser mais admitido. Mas duas hipóteses, não necessariamente excludentes, parecem concorrer para explicar esse contraste: tomando o dado em sua “literalidade” (como em geral convém, até prova em contrário), a maior admissão de preconceito contra LGBT seria expressão de um preconceito efetivamente mais arraigado, mais assimilado e menos criticado socialmente. A alta disseminação de piadas sobre “bichas” “veados” ou “sapatonas” por exemplo, e sua aceitação social, como atesta a presença cotidiana de personagens caricaturais em novelas e programas na TV, considerados humorísticos, também seriam evidências disso.

A segunda hipótese é que a maior admissão de preconceito contra LGBT tem a ver com a “natureza” da identidade sexual, para muitos vista como uma opção ou preferência – em contraste com as identidades “raciais” ou etárias que, de modo mais evidente, independem das escolhas individuais, sendo assim não passíveis de crítica (ao menos deste ponto de vista) e, conseqüentemente, mais incorreto discriminá-las. De fato, 31% discordam (25% *totalmente*) que “ser homossexual não é uma escolha, mas uma tendência ou destino que já nasce com a pessoa” e 18% concordam apenas *em parte* (só 37% concordam *totalmente*) com isso. Ora, se acho que é gay (ou lésbica) quem quer, posso considerar sua opção um erro e punir (discriminar) quem a faz.

É sintomático a esse respeito que, diante de duas alternativas, se “os governos deveriam ter a obrigação de combater a discriminação contra homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais” ou se “isso é um problema que as pessoas têm de resolver entre elas” 70% concordem com a segunda alternativa, contra apenas 24% que entendem que o combate contra a discriminação da população LGBT deve ser objeto de políticas de governo. Em contraste, em 2003, 36% avaliaram que “os governos deveriam ter a obrigação de combater o racismo e a discriminação racial” contra “apenas” 49% que consideraram que “isso é um problema que as pessoas têm de resolver entre elas, sem a interferência do governo”.

O preconceito dissimulado

Como na pesquisa sobre a questão racial, nesta também partimos do pressuposto que a maioria não admitiria os próprios preconceitos. Assim, antes de qualquer referência explícita à temática da discriminação e do preconceito, o questionário tratou de captar manifestações indiretas de intolerância com a diversidade sexual. (Gráfico 2)

Grau de aversão ou intolerância a grupos de pessoas (estimulada e única, em %)

Gráfico 2

Inicialmente, solicitou-se a cada entrevistado que dissesse o que sentia normalmente ao ver ou encontrar desconhecidos de diferentes “grupos de pessoas”: “(1) repulsa ou ódio, não gosta nem um pouco de encontrar; (2) antipatia, não gosta muito, prefere não encontrar; (3) indiferença, não gosta nem desgosta, tanto faz encontrá-los ou não; ou (4) satisfação, alegria, gosta de encontrá-los” Considerando-se a soma de (1) e (2) como indicador de aversão ou intolerância, dentre 28 grupos sociais sugeridos – grupos raciais, econômicos, em conflito com a lei, étnicos, religiosos etc. – as identidades sexuais que discrepam da normalidade heterossexual só perderam em taxa de intolerância para dois líderes incontestes: ateus (42% de *aversão*, sendo 17% de *repulsa ou ódio* e 25% de *antipatia*) e usuários de drogas (respectivamente 41%, 17% e 24%).

Dizem não gostar de encontrar transexuais 24% (10% de repulsa/ ódio, 14% de antipatia), travestis 22% (respectivamente 9% e 13%), lésbicas 20% (8% e 12%), gays e bissexuais 19% cada (ambos 8% e 11%) – praticamente igualados em taxas de aversão, por exemplo, a garotos de programa (25%), prostitutas (22%), ex-presidiários (21%) e ciganos (19%); acima, por exemplo, de mendigos (11%), judeus (11%) e muçulmanos (10%) e “gente com aids” (9%), e ainda muito acima de índios (3%), negros ou orientais (2% cada) e brancos (menos de 1%).

A seguir definiu-se homossexuais como “pessoas que se interessam afetiva e sexualmente por pessoas do mesmo sexo” e foram faladas frases – “coisas que costumam ser ditas sobre os gays e as lésbicas, que algumas pessoas acreditam e outras não” –solicitando-se a cada entrevistado que manifestasse seu grau de concordância ou de discordância com as mesmas. (Gráfico 3)

Gráfico 3

A frase epígrafe “Deus fez o homem e a mulher com sexos diferentes para que cumpram seu papel e tenham filhos” tem a concordância, em algum grau, de 92% (sendo 84% *totalmente*), contra apenas 5% que discordam; e concordam que a “homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus” 66% (58% *totalmente*), contra 22% que discordam (17% *totalmente*) – dados que revelam o tamanho da colaboração religiosa para a intolerância com a diversidade sexual. E a contribuição do discurso médico não fica muito distante: 40% concordam (29% *totalmente*) que “a homossexualidade é uma doença que precisa ser tratada” embora 48% discordem (41% *totalmente*).

São claras as expressões de preconceito também as concordâncias majoritárias com a idéia de que “as pessoas bissexuais não sabem o que querem, são mal resolvidas” (57% concordam, sendo 44% *totalmente*, contra 27% de discordância), e com a afirmação de que “quase sempre os homossexuais são promíscuos, isto é, têm muitos parceiros sexuais” (45% concordam, contra 36% que discordam). Há ainda o apoio a potenciais medidas discriminatórias, manifestadas nas frases: “casais de gays ou de lésbicas não deveriam andar abraçados ou ficar se beijando em lugares públicos” (64% de concordância, sendo 52% *totalmente*, contra 27% de discordância), e “casais de gays ou de lésbicas não deveriam criar filhos” (47% concordam, 38% *totalmente*; 44% discordam, 35% *totalmente*). Por fim, 37% concordam que “a homossexualidade é safadeza e falta de caráter” e 34% que “os gays são os principais culpados pelo fato de a aids estar se espalhando pelo mundo”.

Em suma, a primeira leitura desta pesquisa dá números ao que já se suspeitava: por trás da imagem de liberalidade que o senso comum atribui ao povo brasileiro, particularmente em questões comportamentais e de sexualidade há graus de intolerância com a diversidade sexual bastante elevados – coerentes, na verdade, com a provável liderança internacional do Brasil em crimes homofóbicos. O que indica que há muito por fazer, em termos de políticas públicas, para tornar realidade o nome do programa da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, criado em 2004, Brasil sem Homofobia – ele mesmo, segundo a pesquisa, conhecido por apenas 10% da população (2% dizem conhecê-lo e 8% já ouviram falar).

Outros temas foram abordados no levantamento, inclusive de políticas contra a discriminação LGBT para as áreas de educação, saúde, emprego, justiça, cultura e direitos humanos, mas não há espaço aqui para tratá-las. Se lembrarmos ainda que os resultados gerais aqui expostos (médias nacionais) podem acobertar contrastes importantes num país como o nosso, atravessado por desigualdades de classe social, de gênero, raciais e regionais, fica o convite aos interessados para aprofundarem a análise desta introdução, buscando mais dados da pesquisa Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil, em breve disponíveis no portal da FPA e em futura publicação da Editora da FPA.

***Gustavo Venturi**, doutor em Ciência Política e mestre em Sociologia pela USP, é coordenador do NOP e diretor da Criterium Assessoria em Pesquisas.

Notas:

1 Colaboraram Rita Dias e Vilma Bokany, analistas do Núcleo de Opinião Pública (NOP) da Fundação Perseu Abramo.

2 Levantamento quantitativo (*survey*) com amostragem probabilística nos primeiros estágios (sorteio de municípios, setores censitários e domicílios) e controle de cotas de sexo e idade (IBGE) para a seleção dos indivíduos (estágio final). Total de 2.014 entrevistas com população acima dos 15 anos de idade (todas as classes sociais), dispersa nas áreas urbanas de 150 municípios (pequenos, médios e grandes), em 25 UFs, nas cinco macrorregiões do país (Sudeste, Nordeste, Sul, Norte e Centro-Oeste). Abordagem domiciliar, com aplicação de questionários estruturados (versões A e B, aplicados a duas sub amostras espelhadas), somando 92 perguntas distintas (cerca de 250 variáveis), com duração média das entrevistas em torno de uma hora. *Margens de erro* de até ± 3 pontos percentuais, com *intervalo de confiança* de 95%. Coleta dos dados entre 7 e 22 de junho de 2008.

Anexo 2

Mensagem enviada pela web, por Toni Reis, presidente da Associação Brasileira de Gays, Bissexuais, Lésbicas, Transexuais, Travestis e Transgêneros (ABGLT), a todas as ONGs e ativistas afiliados.

Nela estão copiadas as matérias sobre o “levantamento de opinião” dos jornais “O Globo” do Rio de Janeiro, e Folha de S. Paulo, veiculadas em 08/02/2009.

From: [Toni Reis](#)

To: afiliadasabglt@yahoogrupos.com.br

Sent: Sunday, February 08, 2009 12:39 PM

Subject: Homofobia - Folha de São Paulo e O Globo repercutem pesquisa
Fundação Perseu Abramo

Pessoal:

Vejam os números da pesquisa da Fundação Perseu Abramo contra nossa comunidade LGBT (reportagens completas abaixo):

99% têm preconceito contra gays

49% se disseram contra união entre mesmo sexo

Homossexualidade é pecado para 58%

Só 1% dos brasileiros maiores de 16 anos não têm preconceito contra homossexuais

Com esses dados temos que nos organizar muito mais, aglutinar mais pessoas aliadas e promover um Brasil sem Homofobia.

Nunca desistam dos seus sonhos, lutem sempre para que eles se realizem, mais vale a vitória de ter lutado, do que a derrota de não ter conseguido!

Um abraço e bom domingo.

Toni

Folha de S. Paulo – 08/02/2009

49% se disseram contra união entre mesmo sexo

DA REPORTAGEM LOCAL

Tema controverso, a legalização da união civil entre pessoas do mesmo sexo teve 49% dos entrevistados pela Fundação Perseu Abramo com opinião contrária (40% "totalmente contra" e 9% "em parte contra") e 32% favoráveis (25% "totalmente a favor" e 17% "em parte favor") (veja quadro).

A prevalência da opinião contrária já tinha sido verificada pelo Datafolha, em pesquisa divulgada em abril de 2008: 45% das pessoas disseram ser contra a união civil. Foi o primeiro levantamento do tipo feito pelo órgão. Os dados mostraram que 39% eram favoráveis e 14% se disseram indiferentes.

A opinião foi mais dividida entre as mulheres: 42% foram a favor da união e 41% contra. Já os homens tiveram posição mais claramente contrária: 49% ante 36%.

Homossexualidade é pecado para 58%, aponta pesquisa

Estudo mostra que 28% dos brasileiros admitem ter preconceito contra homossexuais

Para Gustavo Venturi, um dos coordenadores da pesquisa, religiões e a cultura machista no Brasil favorecem a discriminação

MÁRCIO PINHO

DA REPORTAGEM LOCAL

Uma pesquisa sobre sexualidade e homofobia – aversão a homossexuais – mostrou que 58% dos brasileiros consideram a homossexualidade um pecado contra as leis de Deus e que 29% a apontam como uma doença a ser tratada.

O estudo foi conduzido pela Fundação Perseu Abramo e pela fundação alemã Rosa Luxemburgo Stiftung, que entrevistaram 2.014 adultos nas cinco regiões do país, escancarando o preconceito direto ou velado contra os homossexuais.

Machismo, falta de leis e discriminação na mídia são apontados como favorecedores dos números, recebidos com apreensão pela comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais).

Segundo os organizadores, o "primeiro estudo a mapear de forma tão ampla" a homofobia deixou claro a facilidade de o brasileiro confessá-la. Isso porque 28% disseram "admitir" ter preconceito contra LGBT, enquanto outra pesquisa também da Fundação Perseu Abramo, de 2003, mostrou que o preconceito assumido contra negros -problema histórico no país- era de 4%.

"Há a contribuição das religiões na nossa população de maioria católica e evangélica. Muitas igrejas continuam fechadas para comportamentos que fogem da "heteronormatividade". Além disso, a cultura machista no Brasil facilita que o preconceito seja admitido com mais facilidade. Diferentemente da questão racial, não houve até agora uma legislação criminalizando a homofobia", afirma Gustavo Venturi, um dos coordenadores do estudo e professor de sociologia da USP.

Um projeto que pretende mudar esse quadro -transformando a homofobia em crime- tramita no Senado, após ter sido aprovado na Câmara.

Preconceito

A pesquisa mostra manifestações de preconceito em diferentes situações. A maioria não gostaria de ter um filho GAY, mas procuraria aceitar. Houve um número razoável (23%) de defensores da tese de que mulher "vira" LÉSBICA porque não conheceu homem de verdade. Os maiores níveis de aversão foram no Norte e no Nordeste.

Para Venturi, o grande problema é que, mais do que nas relações pessoais, a discriminação tem participação institucional. Nas empresas, por exemplo. Contudo, reconhece que, nesse quesito, aparece um dos itens em que o brasileiro

se mostra mais aberto à diversidade -70% dizem que não se importariam de ter colega de trabalho GAY ou LÉSBICA.

Mas isso é pouco na visão de Cezar Xavier, coordenador de comunicação da APOGLBT -associação que coordena a Parada GAY em São Paulo. Para ele, a pesquisa mostrou que a luta contra o preconceito é um desafio maior do que se intuía.

"Vivemos um estado homofóbico. A televisão tem personagens fixos para fazer chacota da homossexualidade. Para o movimento HOMOSSEXUAL isso é algo perverso. Afeta desde a criança na escola até o adulto", afirma. Ele lamenta existir preconceito entre os próprios homossexuais, em relação a si mesmos ou entre grupos.

Para Xavier, existe também uma matriz religiosa forte por detrás da homofobia, que reforça uma visão já existente de que a homossexualidade é uma opção. Ele afirma que essa matriz influi inclusive na falta de leis.

"Temos um lobby religioso no Congresso que dificulta a aprovação da lei do crime de homofobia. Ela é essencial. Vivemos num país de grande violência contra homossexuais."

Religião

Além da ideia de pecado, o estudo revelou que 84% dos brasileiros concordam completamente com a ideia de homem e mulher foram criados por Deus para cumprirem a função de ter filhos, o que é considerado um preconceito velado.

Frei Antonio Moser, professor de teologia moral, diz que a Igreja Católica tem suas convicções de relação entre homem e mulher criados por Deus, mas busca acolher os homossexuais. "A homossexualidade não existe. O que existem são pessoas. Não podemos padronizar, colocar todos em uma mesma bacia de heterossexuais ou homossexuais. Nossa grande preocupação é a acolhida, a orientação. Nós [a Igreja] respeitamos e pedimos que a pessoa busque sua identidade. Mas também não nos peçam a bênção para imitar o casamento."

Jornal O Globo – 08/02/2009

Pesquisa: 99% têm preconceito contra gays

Maioria não assume e só demonstra intolerância de forma velada; a cada 3 dias, país registra um crime por homofobia

Soraya Aggege

SÃO PAULO. Só 1% dos brasileiros maiores de 16 anos não têm preconceito contra homossexuais.

Entre 26% e 29% - mais de um quarto da população- assumem não gostar de gays, lésbicas, travestis ou transexuais.

Os demais até disfarçam, mas 99% caíram na malha fina de uma pesquisa nacional feita pelas fundações Perseu Abramo, ligada ao PT, e Rosa Luxemburg.

O governo federal usará o levantamento para planejar novas políticas, e alerta que já detectou um desdobramento sombrio de tanto preconceito: a intolerância.

A cada três dias de 2008, foi detectado pelo menos um crime de ódio por orientação sexual no país, segundo o programa federal Brasil Sem Homofobia.

Dentro de instituições públicas, principalmente nas polícias, a intolerância tem sido detectada.

Além da violência física, o preconceito tem criado barreiras na educação e na saúde públicas.

- O que mais chama a atenção na pesquisa é a quantidade de brasileiros que admitiu preconceito contra homossexuais.

Em duas pesquisas anteriores, 4% admitiram ter preconceito contra negros (2003) e também 4% contra idosos (2006) - disse o professor de sociologia da USP Gustavo Venturi, coordenador das três pesquisas.

A pesquisa sobre homofobia, que ouviu 2.014 brasileiros em 150 cidades, fez um retrato do preconceito em três dimensões: o assumido, o disfarçado e o "dos outros". Entre os preconceituosos assumidos, 16% admitiram ter forte preconceito, ao ponto de considerarem os homossexuais como "doentes", "safados" ou "sem caráter".

Os preconceituosos disfarçados negaram, mas, ao longo das entrevistas, de mais de uma hora, acabaram dando respostas no mínimo politicamente incorretas sobre todos os segmentos.

Mesmo quando diziam não ter nada contra a opção sexual de outras pessoas, admitiam, por exemplo, que não gostariam de trabalhar, ou ter um vizinho, ou se relacionar com um médico ou professor HOMOSSEXUAL.

Já no momento de analisar a sociedade em que vivem, entre 91% e 93% consideraram que o brasileiro é preconceituoso com os homossexuais e transexuais.

Mais de 70% consideraram que esse preconceito é forte.

Para 66%, homossexualidade é pecado contra as leis de Deus As expressões de preconceito foram detectadas na escolha, em diferentes graus de concordância, de frases como "Deus fez o homem e a mulher com sexos diferentes para que cumpram seu papel e tenham filhos" (92% concordaram), ou "A homossexualidade é um pecado contra as leis de Deus" (66% de concordância) e

ainda "A homossexualidade é uma doença que precisa ser tratada" (40% admitiram pensar assim).

As manifestações de preconceito partem de todas as faixas de escolaridade, de renda, de todas regiões do país e de diferentes religiões: católicos, evangélicos, umbandistas. Para 70% dos entrevistados, o governo não deve se envolver na situação.

- Não há como não se envolver, porque a intolerância tem se manifestado em crimes, inclusive cometidos por agentes de Estado - disse Paulo Biagi, coordenador do programa Brasil Sem Homofobia, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos.

Segundo Biagi, com a pesquisa - custeada principalmente pela Fundação Perseu Abramo - a base do governo no Congresso está se rearticulando em torno do projeto de lei número 122, que transforma a discriminação a homossexuais e transexuais em crime inafiançável, nos moldes da Lei do Racismo.

Em maio, o governo lançará o Plano Nacional de Promoção da Cidadania LGBT. Serão várias ações, centradas principalmente em saúde, educação e justiça.

Além disso, ainda neste semestre, o Brasil participará, com mais dez países latinos, de uma campanha de combate à homofobia em rádio e TV.

quinta-feira, 14 de maio de 2009 14:56

Quase metade dos brasileiros tem preconceito contra homossexuais

Do Diário OnLine Com Agência Brasil

Um total de 45% dos brasileiros assume que tem preconceito contra homossexuais. É o que revela uma pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo e divulgada nesta quinta-feira durante o "6º Seminário Nacional pela Cidadania LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros)", na Câmara dos Deputados.

O levantamento também aponta que 25% das pessoas se classificam como homofóbicos, aqueles que têm ódio ou não toleram homossexuais. Desses, 19% admitem uma homofobia média e 6% assumem uma homofobia forte. "É um preconceito bastante elevado", comentou o coordenador da pesquisa e professor de sociologia da USP (Universidade de São Paulo), Gustavo Venturi.

Mais de 2 mil pessoas foram entrevistadas em diferentes regiões do País para realização da pesquisa.

Plano Nacional LGBT - Durante o seminário, foi divulgado o Plano Nacional

LGBT, com sugestões de ações e políticas públicas de combate ao preconceito e à homofobia. Entre as principais reivindicações, estão a criminalização da homofobia, a legalização da união estável e a regulamentação do nome social - direito que a pessoa tem de ser tratada de acordo com o sexo que se reconhece e não com o nome da certidão de nascimento.

O projeto também sugere a criação de campanhas para esclarecimento da população, além de ações conjuntas com ministérios para cursos de capacitação e ações específicas no combate à homofobia. "Não queremos passagens aéreas, nem castelo, nem aposentadoria especial. Só queremos ser tratados como qualquer pessoa, como se trata qualquer ser humano", disse o presidente da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros), Toni Reis.

[HTTP://www.tdgabc.com.br/News/5744387/quase-metade-dos-brasileiros-tem-preconceito-contra-homossexuais.aspx](http://www.tdgabc.com.br/News/5744387/quase-metade-dos-brasileiros-tem-preconceito-contra-homossexuais.aspx)

Anexo 3

Homofobia

De: Luiz Mott

Para: abgltafiliaadas

Enviada em: sexta-feira, 05 de março de 2010

Para divulgação livre.

ASSASSINATO DE HOMOSSEXUAIS NO BRASIL: RELATÓRIO ANUAL

O Grupo Gay da Bahia (GGB), divulga o Relatório Anual de Assassinato de Homossexuais (LGBT) de 2009. Foram assassinados no Brasil no ano passado 198 homossexuais, 9 a mais que em 2008 (189 mortes), um aumento de 61% em relação a 2007 (122). Dentre os mortos, 117 gays (59%), 72 travestis (37%) e 9 lésbicas (4%). O Grupo Gay da Bahia, que há 30 anos coleta informações sobre homofobia em nosso país, cobra do Presidente Lula mais ação e menos blábláblá: apesar do programa federal "Brasil sem Homofobia", nosso país continua sendo o campeão mundial de homicídios contra LGBT, com 198 mortes, seguido do México com 35 e dos Estados Unidos com 25 mortes anuais.

A cada dois dias um homossexual é assassinado no Brasil, vítima da homofobia. O risco de uma travesti ser assassinada é 262 vezes maior que um gay devido à diferença de tamanho das duas populações. Nos dois primeiros meses de 2010 já foram documentados 34 homicídios contra homossexuais. Bahia e Paraná são os estados mais homofóbicos: 25 homicídios cada um, sendo que na Bahia os gays foram mais numerosos (21), enquanto no Paraná predominaram as travestis (15 mortes). Curitiba, cidade modelo de urbanidade, foi a metrópole brasileira onde mais homossexuais foram assassinados, 14 vítimas, seguida de Salvador com 11 homicídios. Pernambuco, que nos últimos anos liderava esta lista de assassinatos, registrou 14 mortes, (4º lugar) o mesmo número de São Paulo e Minas Gerais, embora SP tenha população cinco vezes maior. Alagoas é proporcionalmente o estado mais violento para a comunidade LGBT: 11 mortes para 3 milhões de habitantes, surpreendentemente mais crimes do que o Rio de

Janeiro (8 homicídios), cinco vezes mais populoso que Alagoas. Faltam informações sobre Acre e Amapá. Três travestis brasileiras foram assassinadas na Itália. Segundo Luiz Mott, antropólogo e fundador do GGB, "estes números são apenas a ponta de um iceberg de sangue e ódio, pois não havendo estatísticas governamentais sobre crimes de ódio, nos baseamos em notícias de jornal e internet, uma amostra assumidamente subnotificada."

"O Brasil é o campeão mundial de crimes contra LGBT: um assassinato a cada dois dias, aproximadamente 200 crimes por ano, seguido do México com 35 homicídios e os Estados Unidos com 25." De 1980 a 2009 foram documentados 3196 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil, concentrando-se 18% na década de 80, 45% nos anos 90 e 37% (1366 casos) a partir de 2000. O Nordeste confirma ser a região mais homofóbica: abriga 30% da população brasileira e registrou 39% dos LGBT assassinados. 21% destes crimes letais ocorreram no Sudeste, 15% no Sul, 14% no Centro-Oeste, 10% no Norte. O risco de um homossexual do Nordeste ser assassinado é aproximadamente 80% mais elevado do que no sul/sudeste! 39% destes homicídios foram cometidos nas capitais, 61% nas cidades do interior.

41% dos LGBT assassinados eram jovens de até 29 anos, dos quais 6 tinham menos de 18 anos. A vítima de menor idade foi uma travesti com 16 anos, Jeferson Santos, baleada no centro de Belém do Pará. O mais idoso, o aposentado Zigomar Belo, 72 anos, foi morto a marretadas no interior do Maranhão.

Em dezembro ocorreu o maior número de homicídios, 29 (15%), e Agosto o mês menos violento, 7 casos (3%). Não há regularidade na frequência mensal de assassinatos nos últimos anos, observando-se, contudo maior criminalidade à noite, em fins de semana e dias festivos. As vítimas exerciam 40 diferentes profissões, de profissionais liberais a trabalhadores braçais, predominando, como nos anos anteriores 28% de travestis profissionais do sexo, 10% de professores, 7% de cabeleireiros. Entre as vítimas, 7 pais de santo e 4 padres católicos. Tais sacerdotes constam no site da CNBB, contudo omitindo-se terem sido assassinados por rapazes de programa.

Persiste a tendência de que a maioria destas vítimas foi executada com arma de fogo (34%), seguido de arma branca (29%), espancamento (13%), asfixia (11%). As travestis estão mais expostas a serem atingidas por tiros (47%), muitos destes crimes ocorridos na "pista", enquanto reduz-se para 20% os gays vítimas de arma de fogo. O padrão predominante é o gay ser morto a facadas ou estrangulado dentro de sua residência, enquanto as travestis morrem alvejadas por tiros. Outra característica dos assassinatos homofóbicos é sua condição de "crime de ódio", incluindo muitos golpes, múltiplos instrumentos e tortura: 5 vítimas foram degoladas e 10 tiveram seus corpos queimados. A travesti Karina Alves, 26, foi morta com 13 tiros em Belo Horizonte, enquanto o idoso gay Jonas Terêncio de Souza, mecânico de Tocantins, levou mais de 60 golpes de faca; outro gay, Walmir Silveira Ponciano, 38, cartomante, morreu em Corumbá, MS, com 37 facadas.

[...]

Quanto aos autores destes crimes, chama a atenção que aproximadamente 80% das ocorrências têm "autor desconhecido", ou por terem sido praticadas altas horas da noite, em locais ermos, ou pela omissão de testemunhas, que devido ao preconceito anti-homossexual, não querem se envolver com vítimas tão desprezíveis. Metade destes criminosos praticou latrocínio, roubando eletrodomésticos, cartão de crédito e o carro da vítima. Também chocante é predominância de assassinos bastante jovens: mais da metade dos homicidas de gays e travestis tinham menos de 21 anos, o mais jovem apenas com 13 anos, vários agindo em grupo. "É uma falha principalmente da escola. [...]"

Tabela completa sobre assassinato de homossexuais nos sites <http://www.ggb.org.br/dossier%20de%20assassinatos%20de%20homossexuais20em%202009.HTML>

http://www.ggb.org.br/imagens/TABELA_GERAL_2009_assassinatos_de_homossexuais

Para maiores informações e entrevistas: (71) 3328.3782 - 9989.4748 - 9128.9993

Luiz Mott luizmott@oi.com.br⁵³

Anexo 4

Revista A Capa

[Ataques homofóbicos](#) | [Brasil](#) | [Direitos](#) | [Especial](#) | [Mercado](#) | [Mundo](#) | [Paradas](#) | [Política](#) | [Stonewall](#)

Jovem gay é assassinado por skinheads em São Gonçalo

Por Redação 24/6/2010

12:47

Na madrugada de domingo para segunda-feira (21/06), o adolescente gay Alexandre Ivo, 14, foi sequestrado por um grupo de jovens enquanto esperava o ônibus. A vítima foi espancada, torturada e asfixiada até a morte, segundo laudo do Instituto Médico Legal (IML). O crime aconteceu em São Gonçalo (RJ) e pode ter sido motivado por homofobia.

⁵³ De acordo com informação da mesma fonte, no ano de 2010, até 01/09, foram assassinados no Brasil, 140 LGBTs.

Alexandre havia saído no domingo para assistir ao jogo do Brasil na casa de um amigo, onde ele e os colegas se envolveram em uma briga. A vítima e seus amigos deram queixa na delegacia e depois voltaram para a festa. Às 2h30, Alexandre resolveu voltar para a casa. Enquanto esperava o ônibus, o garoto foi sequestrado, assassinado e seu corpo jogado em um terreno baldio.

O delegado Geraldo Assed, da 72ª DE (Mutuá), que está cuidando do caso, disse suspeitar que o crime tenha sido praticado por skinheads e motivado por intolerância. Graças a denúncias anônimas, três suspeitos foram identificados como possíveis assassinos do jovem.

Telefonemas anônimos informaram que um Corsa branco de placa KQH 4119, que é de um dos suspeitos, rondava o local onde o corpo de Alexandre foi encontrado. Segundo o delegado, eles descobriram que os suspeitos pregam o ódio contra homossexuais nas redes sociais.

A Justiça decretou a prisão dos suspeitos na última quarta-feira (23/06). São eles: Eric Boa Hora Bedruim, Alan Siqueira Freitas e André Luiz Cruz Souza, todos os rapazes com 23 anos de idade. Os três suspeitos estão sendo acusados de praticar homicídio duplamente qualificado por motivo torpe.

[...]

Anexo 5

[Descubra quais são os 78 direitos negados aos Homossexuais](#)

Pelo menos 78 direitos são negados aos casais Homossexuais atualmente no Brasil. Você pode não pensar neles, mas ao se casar, você ganha algumas dezenas de benefícios. É por isso que continuaremos lutando diariamente até conseguir conquistar cada um deles e atingir a igualdade plena de direitos com o héteros.

Confira a lista dos direitos aos quais casais Gays ainda não têm acesso.

01. Não podem se casar.
02. Não têm reconhecida a união estável.
03. Não adotam sobrenome do parceiro.
04. Não podem somar renda para aprovar financiamentos.
05. Não somam renda para alugar imóvel.
06. Não inscrevem parceiro como dependente de servidor público.
07. Não podem incluir parceiros como dependentes no plano de saúde.
08. Não participam de programas do Estado vinculados à família.
09. Não inscrevem parceiros como dependentes da previdência.
10. Não podem acompanhar o parceiro servidor público transferido.
11. Não têm a impenhorabilidade do imóvel em que o casal reside.
12. Não têm garantia de pensão alimentícia em caso de separação.
13. Não têm garantia à metade dos bens em caso de separação.
14. Não podem assumir a guarda do filho do cônjuge.
15. Não adotam filhos em conjunto.
16. Não podem adotar o filho da parceira.
17. Não têm licença-maternidade para nascimento de filho da parceira.
18. Não têm licença maternidade ou paternidade se o parceiro adota um filho.
19. Não recebem abono-família.
20. Não têm licença-luto, para faltar ao trabalho na morte do parceiro.
21. Não recebem auxílio-funeral.

22. Não podem ser inventariantes do parceiro falecido.
23. Não têm direito à herança.
24. Não têm garantida a permanência no lar quando o parceiro morre.
25. Não têm usufruto dos bens do parceiro.
26. Não podem alegar dano moral se o parceiro for vítima de um crime.
27. Não têm direito à visita íntima na prisão.
28. Não acompanham a parceira no parto.
29. Não podem autorizar cirurgia de risco.
30. Não podem ser curadores do parceiro declarado judicialmente incapaz.
31. Não podem declarar o parceiro como dependente do Imposto de Renda (IR).
32. Não fazem declaração conjunta do IR.
33. Não abatem do IR gastos médicos e educacionais do parceiro.
34. Não podem deduzir no IR o imposto pago em nome do parceiro.
35. Não dividem no IR os rendimentos recebidos em comum pelos parceiros.
36. Não são reconhecidos como entidade familiar, mas sim como sócios.
37. Não têm suas ações legais julgadas pelas varas de família.
38. Não têm direito real de habitação, decorrente da união (art.1831 CC).
39. Não têm direito de converter união estável em casamento.
40. Não têm direito a exercer a administração da família quando do desaparecimento do companheiro (art.1570 CC).
41. Não têm direito à indispensabilidade do consentimento quando da alienação ou gravar de ônus reais bens imóveis ou alienar direitos reais (art.235 CC).
42. Não têm direito a formal dissolução da sociedade conjugal, resguardada pela lei.
43. Não têm direito a exigir que cesse a ameaça, ou a lesão, a direito da personalidade, e reclamar perdas e danos na hipótese do companheiro falecido (art.12, Par. Único, CC).
44. Não têm direito a proibir a divulgação de escritos, a transmissão da palavra, ou a publicação, a exposição ou a utilização da imagem do companheiro falecido ou ausente (art.20 CC).
45. Não têm direito a posse do bem do companheiro ausente (art.30, par. 2º C)
46. Não têm direito a deixar de correr prazo de prescrição durante a união (art.197, I, CC).
47. Não têm direito a anular a doação do companheiro adúltero a seu cúmplice (art.550, CC).
48. Não têm direito a revogar a doação, por ingratidão, quando o companheiro for o ofendido (art.558, CC).
49. Não têm direito a proteção legal que determina que o companheiro deve declarar interessa na preservação de sua vida, na hipótese de seguro de vida (art.790, parág. Único).
50. Não têm direito a figurar como beneficiário do prêmio do seguro na falta de indicação de beneficiário (art.792, CC).
51. Não têm direito de incluir o companheiro nas necessidades de sua família para exercício do direito de uso da coisa e perceber os seus frutos (art.1412, par. 2º, CC).
52. Não têm direito de remir o imóvel hipotecado, oferecendo o valor da avaliação, até a assinatura do auto de arrematação ou até que seja publicada a sentença de adjudicação (art.1482 CC).
53. Não têm direito a ser considerado aliado aos parentes do outro pelo vínculo da afinidade (art.1595 CC).

54. Não têm direito a demandar a rescisão dos contratos de fiança e doação, ou a invalidação do aval, realizados pelo outro (art.1641, IV CC)
55. Não têm direito a reivindicar os bens comuns, móveis ou imóveis, doados ou transferidos pelo outro companheiro ao amante (art.1641, V CC).
56. Não têm direito a garantia da exigência da autorização do outro, para salvar os bens comuns, nas hipóteses previstas no artigo 1647 do CC.
57. Não têm direito a gerir os bens comuns e os do companheiro, nem alienar bens comuns e/ou alienar imóveis comuns e os móveis e imóveis do companheiro, quando este não puder exercer a administração dos bens que lhe incumbe (art.1651 do CC).
58. Não têm direito, caso esteja na posse dos bens particular do companheiro, a ser responsável como depositário, nem usufrutuário (se o rendimento for comum), tampouco procurador (se tiver mandato expresso ou tácito para os administrar) – (art.1652 CC).
59. Não têm direito a escolher o regime de bens que deseja que regule em sua união.
60. Não têm direito a assistência alimentar (art.1694 CC).
61. Não têm direito a instituir parte de bens, por escritura, como bem de família (art.1711 CC).
62. Não têm direito a promover a interdição do companheiro (art.1768, II CC).
63. Não têm direito a isenção de prestação de contas na qualidade de curadora do companheiro (art.1783 CC)
64. Não têm direito de excluir herdeiro legítimo da sua herança por indignidade, na hipótese de tal herdeiro ter sido autor, co-autor ou partícipe de homicídio doloso, ou tentativa deste contra seu companheiro (art.1814, I CC).
65. Não têm direito de excluir um herdeiro legítimo de sua herança por indignidade, na hipótese de tal herdeiro ter incorrido em crime contra a honra de seu companheiro (art.1814, II CC).
66. Não têm direito a Ordem da Vocação Hereditária na sucessão legítima (art.1829 CC).
67. Não têm direito a concorrer a herança com os pais do companheiro, na falta de descendentes destes (1836 CC).
68. Não têm direito ser deferida a sucessão por inteiro ao companheiro sobrevivente, na falta de descendentes e ascendentes do companheiro falecido (art.1838 CC).
69. Não têm direito a ser considerado herdeiro “necessário” do companheiro (art.1845 CC).
70. Não têm direito a remoção/transferência de servidor público sob justificativa da absoluta prioridade do direito à convivência familiar (art.226 e 227 da CF) com companheiro.
71. Não têm direito a transferência obrigatória de seu companheiro estudante, entre universidades, previstas na Lei 8112/90, no caso, ser servidor público federal civil ou militar estudante ou dependente do servidor.
72. Não têm direito a licença para acompanhar companheiro quando for exercer mandato eletivo ou, sendo militar ou servidor da Administração Direta, de autarquia, de empresa pública, de sociedade de economia mista ou de fundação instituída pelo Poder Público, for mandado servir, ex-officio, em outro ponto do território estadual, nacional ou no exterior.
73. Não têm direito a receber os eventuais direitos de férias e outros benefícios do vínculo empregatício se o companheiro falecer.

74. Não têm direito ao DPVAT (Seguro Obrigatório de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Vias Terrestres, ou por sua Carga, a Pessoas Transportadas ou Não), no caso de morte do companheiro em acidente com veículos.

75. Não têm direito a licença gala, quando o trabalhador for celebrar sua união, podendo deixar de comparecer ao serviço, pelo prazo três dias (art.473, II da CLT) e se professor, período de nove dias (§ 3º., do art. 320 da CLT) .

76. Não têm direito, de oferecer queixa ou de prosseguir na ação penal, caso o companheiro seja o ofendido e morra ou seja declarado ausente (art.100 § 4º CP).

77. Não têm direito as inúmeras previsões criminais que agravam ou aumentam a pena contra os crimes praticados contra o seu companheiro.

78. Não têm direito a isenção de pena no caso do crime contra o patrimônio praticado pelo companheiro (art.181 CP) e nem na hipótese do auxílio a subtrair-se a ação da autoridade policial (art.348 § 2º CP).

[através de email](#)

Central de Notícias Gays no Yahoo:

<http://br.groups.yahoo.com/group/centraldenoticiasgays>

Central de Notícias Gays no Orkut:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80033349>

Anexo 6

Homofobia no mundo

Atos homossexuais ilegais (76 países)

Africa

Argélia, Angola, Botsuana, Burundi, Camarões, Comores, Egito,115 Eritréia, Etiópia, Gâmbia, Gana, Guiné, Quênia, Lesoto, Libéria, Líbia, Malauí, Mauritânia (pena de morte), Maurício, Marrocos, Moçambique, Namíbia, Nigéria (pena de morte em alguns estados), São Tomé e Príncipe, Senegal, Ilhas Seychelles, Serra Leoa, Somália, Sudão (pena de morte), Suazilândia, Tanzânia, Togo, Tunísia, Uganda, Zâmbia, Zimbábue

América

Nenhum

do Norte

América Latina e Caribe

Antígua e Barbuda, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Jamaica, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente & Granadinas, Trinidad e Tobago

Ásia

Afeganistão, Bangladesh, Butão, Brunei, Burma, Irã (pena de morte), Kuwait, Líbano, Malásia, Maldivas, Omã, Paquistão, Qatar, Arábia Saudita (pena de morte), Cingapura, Sri Lanka, Síria, Turcomenistão, Emirados Árabes Unidos, Uzbequistão, Iêmen (pena de morte), assim como a Faixa de Gaza, na região da Palestina

Europa

República Turca do Chipre do Norte (não reconhecida internacionalmente)

Oceania

Kiribati, Nauru, Palau, Papua Nova Guiné, Samoa, Ilhas Salomão, Tonga, Tuvalu; assim como as Ilhas Cook, associadas à nova Zelândia

Atos homossexuais com status legal indefinido (3 países)

África

Djibuti

América

Nenhum

do Norte

América Latina e Caribe

Nenhum

Ásia

Barein, Iraque

Europa

Nenhum

Oceania

Nenhum

Atos homossexuais puníveis com pena de morte

(5 países e partes da Nigéria e Somália)

África	Mauritânia, Sudão, assim como 12 estados do Norte da Nigéria e partes do sul da Somália
América do Norte	Nenhum
América Latina e Caribe	Nenhum
Ásia	Irã, Arábia Saudita, Iêmen
Europa	Nenhum
Oceania	Nenhum

Homofobia do Estado – Maio de 2010 ILGA - Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexos - www.ilga.org

Capítulo 1

Anexo 1

As uniões homoafetivas frente a Constituição Federal Maria Berenice Dias

[...] Mesmo quando a Constituição inseriu no conceito de entidade familiar o que chamou de “união estável”, houve resistência em migrar as demandas para o âmbito do Direito das Famílias. Apesar dos protestos da doutrina, as uniões continuaram sendo vistas como sociedades de fato e julgadas segundo o Direito das Obrigações. A dificuldade de as relações extramatrimoniais serem identificadas como entidades familiares revela tendência de sacralizar o conceito de família. Mesmo inexistindo qualquer diferença estrutural com os relacionamentos oficializados, a sistemática negativa de estender a esses novos arranjos os regramentos do direito familiar, nem ao menos por analogia, mostra a tentativa de preservação da instituição da família dentro dos padrões convencionais. Porém, como adverte Paulo Lôbo, *não há necessidade de degradar a natureza pessoal de família convertendo-a em fictícia sociedade de fato, como se seus integrantes fossem sócios de empreendimento lucrativo*. [...]

http://www.mariaberenice.com.br/uploads/as_uni%F5es_homoafetiva

[...] O primeiro Estado a mudar isso foi o Rio Grande do Sul, a terra de Maria Berenice, onde a jurisprudência já reconhece como união estável, sem fazer analogia a outros casos. Lá, ela afirma que vêm sendo garantidos todos os direitos da união estável a homossexuais, mesmo sem o reconhecimento do Superior Tribunal Federal (STJ), que ainda não reconheceu a união estável, mas já acolheu alguns direitos.

Jornal “O Liberal”. Belém –PA n32061, mar 2008, p.6.